

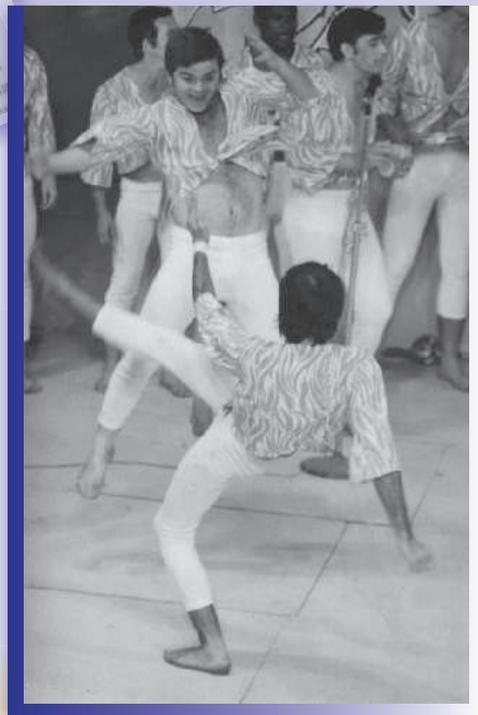
História da Capoeira em Sorocaba

No cartaz, espetáculo clássico de capoeira, inédito em Sorocaba



CAPOEIRA: UM NÔVO ESPORTE PRATICADO EM NOSSA CIDADE

Uma luta praticada entre indígenas africanos, trazida ao Brasil pelos negros escravizados, acabou conquistando, aos poucos, Estado por Estado, a população brasileira, mas assumiu características diferentes, transformando-se em esporte praticado por mocas e rapazes da alta sociedade. E esse esporte também a Sorocaba, onde existe um...



Wellington Tadeu Figueredo
Sandra Ayumi Oshiro

“O Jorge, indiscutivelmente, foi um homem pioneiro, arrojado... e continua sendo. Ele está aí, ao vivo, para quem quiser ver. Escreve livros e é um homem muito importante para nossa cultura”.

JOSÉ DESIDÉRIO DA SILVA

“A liberdade humana e autêntica, meu amigo, nenhum mercador oferece a escravos que explora e dos quais depende, e muito menos com tanta publicidade! Ao contrário, ela é conquista da mente que raciocina sobre o que realmente significa a liberdade humana”.

JORGE MELCHIADES CARVALHO FILHO

“Foi coisa marcante para Sorocaba e para muitas outras cidades, porque foi aí que se deu o conhecimento da capoeira, que antes não tínhamos. Diziam que tinha na Bahia...

Mas nós não tínhamos acesso às informações como temos hoje.

A televisão não mostrava”.

JOSÉ CARLOS BARBOSA

“Um dia o Maurício deu um soco num sujeito, num bar em Brigadeiro Tobias e um dente do cara ficou encravado na mão dele. Teve de ir na Farmácia Rodrigues, dos irmãos Lilo e Lula, na esquina da Rua da Penha com a Cel. Benedito Pires, para tirar”.

HUMBERTO DEL CISTIA

Wellington: A senhora já havia visto capoeira em Sorocaba, antes da apresentada pelo mestre Jorge?

“Não. Ele foi o primeiro mesmo, né? Acho isso porque meu interesse pela capoeira vinha de antes dele e eu saberia, se tivesse algum outro na época”.

JANICE VIEIRA

“Aliás, foi com ele que vim a conhecer a capoeira. Eu sabia que ela existia na Bahia e Rio de Janeiro, mas ainda não conhecia”.

NASSIB STÉFANO

“(...) porque aonde ele chega dá o ar da sua combatividade e provoca muitas reações intelectuais nas pessoas sem preconceitos contra o ato de pensar”.

CLODOALDO RODRIGUES NUNES

Adriana: Durante todo esse tempo trabalhando com informação, algum dia viu ou ouviu se existia Capoeira na cidade, antes de 1969 ou do Jorge Melchiades? “Nunca”.

ADEMAR ADADE

“O sonho continua...! A gente passa, mas a idéia, o incentivo para os que virão depois, continua”.

CÁRMINE ATÍLIO GRAZIOSI

ISBN 978-85-7464-313-7



9 788574 643137

“O Jorge se empenhava em criar para a capoeira uma imagem boa, desvinculada da malandragem barata, mantida como um ícone sagrado por muitos. Ele, como poucos mestres esclarecidos, aconselhava a característica da mandinga, do molho, da manha, da malandragem, dentro do jogo, dentro da roda, não na vida. Na roda a gente desenvolve um ritual criado no passado e está numa espécie de palco de teatro, representando as relações do negro oprimido com o feitor ou capitão do mato. A gente representa a vida do negro numa cultura arcaica, atrasada, e a nossa realidade é diferente. Então, essa característica do Jorge, de ser muito responsável em tudo o que faz, já começou a se destacar em minha visão na época”.

CELSO BERSI

“Sabe-se que a capoeira era esporte de negros, porque os africanos é que a teriam desenvolvido, mas **os negros daqui não a conheciam**. Fomos nós, eu e o Juraci, que começamos a ensinar alguma coisa para alguns associados do Clube 28 de Setembro, coisa que achei muito gratificante”.

JOEL AUGUSTO RUFINO

“Foi um cara que chegou, pegou todos aqueles artistas marginais e reuniu numa federação e daí foi discutir com a classe dominante a estética de fazer teatro, as novas fórmulas de fazer teatro, o novo papel do teatro e o novo conteúdo que o teatro devia ter. Então, sendo ele muito importante para a época, sua atuação só devia ser polêmica. Até hoje a sua atuação histórica nesse período continua muito polêmica. Mas é porque ele tinha consciência do que estava defendendo e muitos de nós não”.

BENEDITO AUGUSTO DE OLIVEIRA

“Durante todo o tempo de tensão e nervosismo que enfrentávamos o Jorge era muito amoroso e falava: 'Vamos com calma e em frente que a gente chega lá... A gente consegue'. E realmente, conseguimos”.

ISMAEL DOS SANTOS HERGEZEL

História da Capoeira **em Sorocaba**

Wellington Tadeu Figueredo
Sandra Ayumi Oshiro

1ª Edição/2007

OTTONI[®]
EDITORA

A REPRODUÇÃO TOTAL OU PARCIAL SÓ É PERMITIDA MEDIANTE
AUTORIZAÇÃO EXPRESSA DOS AUTORES.

CRÉDITOS

CAPA: SANDRA AYUMI OSHIRO
REVISÃO ORTOGRÁFICA: CARMEN TERESA ALMEIDA

FICHA CATALOGRÁFICA:

F493h Figueredo, Wellington Tadeu.
História da capoeira em Sorocaba / Wellington Tadeu Figueredo
e Sandra Ayumi Oshiro. – Itu (SP): Ottoni Editora, 2007.
228 p. : il.; 21,5 cm.

Artigos publicados originalmente no informativo “Nossa
Posição” do NUPEP, no período de 2003-2005.
Referências Bibliográficas, p. 225.
ISBN 978-85-7464-313-7

1. Capoeira. 2. Esportes (Sorocaba). I. Oshiro, Sandra Ayumi.
II. Título.

CDD 796.8

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA POR MARIA CRISTINA MONTEIRO TASCA – CRB 8ª 5803

DIAGRAMAÇÃO E IMPRESSÃO:

OTTONI[®]
EDITORA

Rua Garcia Moreno, 60 – Centro – CEP 13300-095 – ITU/SP
Fones/Fax: (0xx11) 4022-5309 / 4022-5312 / 4023-0197
www.ottonieditora.com.br – e-mail: ottoni@ottonieditora.com.br

Agradecimentos

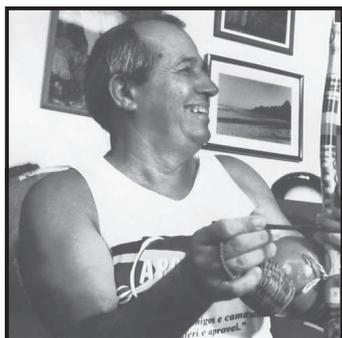
Agradecemos aos entrevistados e amigos, que colaboraram direta ou indiretamente para a feitura deste livro.

Com especial carinho agradecemos à família nupepiana e aos
nossos pais,
senhor Orlando de Figueredo
senhora Antonia Parra Figueredo
senhor Hitaro Oshiro
senhora Hideko Oshiro

Com admiração e reconhecimento pela dedicação amiga, ao
mestre Jorge Melchiades Carvalho Filho.



Prefácio do mestre Suassuna



Sinto-me honrado em escrever o prefácio deste livro, embora fique meio embaraçado ao fazê-lo, principalmente porque se refere a fatos muito emocionantes de minha vida. Ele discorre sobre o estabelecimento da primeira filial do grupo “Cordão de Ouro” e me lembra da primeira turma de capoeiristas que formei, amigos inesquecíveis aos quais sou grato por muitas alegrias que me deram. Entre eles estavam o aluno legítimo, Celso Bujão, e o

adotado, o Jorge Melchiades, que também formei.

Em razão do contato com Jorge Melchiades, passei a visitar a cidade de Sorocaba, no início do ano de 1970, para jogar capoeira no zoológico, nas praças, ruas e clubes. Depois da intensa atividade daquele ano, voltei outras tantas vezes, em todos os anos que se seguiram, até hoje. E sempre fui muito bem recebido por sua gente hospitaleira.

Nessa cidade vi a capoeira iniciar jornada gloriosa e um dos meus primeiros alunos, o Celso Bujão, se casar, constituir família e se enraizar. Nunca vi nem conheci capoeirista de Sorocaba, antes do Jorge e do Jorginho começar a prepará-los, auxiliados pelo Bujão e os saudosos Paulo Limão e Silvestre. Também nunca vi nem conheci, em tempo algum, jogador de pernadas dessa cidade. Aliás, quando ouço algumas pessoas dizerem que pernada é capoeira, reafirmo o de sempre: jogador de pernadas é sempre alguém que gostaria de treinar capoeira e não conseguiu.

Seja como for, encaro o trabalho desenvolvido na feitura deste livro, pelo Wellington Tadeu Figueredo e Sandra Ayumi Oshiro, uma epopéia comparável a que viveu o negro capoeira Ciríaco, quando foi levado, em 1908, pelos acadêmicos de Medicina do Rio de Janeiro, a enfrentar o lutador de Jiu-jitsu, o japonês Sada Miako, em grande espetáculo público. Dizem que quando o juiz autorizou a luta e o japonês se curvou, como manda o hábito elegante de sua gente, para saudar o brasileiro, levou um violento

rabo-de-arraia que o prostrou a nocaute sem a menor possibilidade de reação.

Na minha versão, a luta fica mais excitante e dramática, pois o Ciríaco colocou uma navalha entre os dedos do pé, sem que ninguém visse... E o japonês, que era muito maior e mais forte que o franzino brasileiro, conseguiu agarrá-lo e levantá-lo acima da cabeça para bater várias vezes com ele no solo. Em dado momento, Miako parou de espancar o chão com o Ciríaco e perguntou: *“Chega? Você quer parar? Desistir?”*. E o negro respondeu: *“Eu paro quando você permitir, dizendo sim com a cabeça”*. O japonês achou esse costume dos lutadores brasileiros bem bobo, mas como já estava cansado de bater, balançou a cabeça e ela caiu a seus pés, totalmente separada do pescoço.

A minha história pode não ser muito boa, nem verdadeira, mas dessa, o Jorge, o Celso e outros alunos da minha primeira turma de formados gostavam muito, quando eu a contava nos espetáculos que dávamos.

Lembrar de coisas boas junto com velhos amigos sempre é muito bom, não é?

Reinaldo Ramos Suassuna

Mestre Suassuna

Fevereiro de 2007



Prefácio do mestre Cuco



É muito gratificante, para mim, verificar que um formado meu se destaca, não só por levar o ensino e a prática da capoeira dentro da linha profissional e técnica que orientei, como também por produzir, em parceria com Sandra Ayumi Oshiro, um livro sobre a “História da Capoeira em Sorocaba”, rico em informações documentadas.

Trata-se de um trabalho de fôlego, que respeita a profissão da capoeira e dignifica o profissional bem formado, exatamente como temos feito no grupo “Mundo Inteiro”, ao preparar professores que hoje ensinam em vários estados do Brasil e em outros países.

Os autores, ao mesmo tempo que conduzem o leitor a uma agradável jornada, por entre depoimentos muito interessantes e em relação direta com velhos recortes de jornais e fotos, também fazem uma defesa firme da expressiva originalidade do sistema técnico, das músicas e rituais da capoeira, cuja complexidade demanda anos de ensino por profissional competente e não pode ser confundida com nenhuma outra manifestação como pernada, tiririca, batuque ou samba, que são coisas bem diferentes e podem até ter virtudes, mas nunca a mesma qualidade, agilidade, beleza e graça apresentada numa roda de capoeira.

Manoel Troiano dos Santos

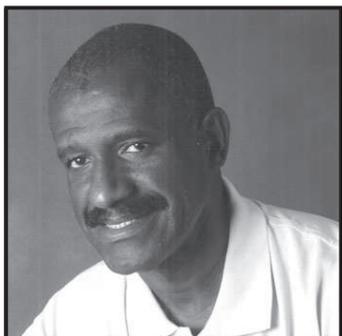
Mestre Cuco

Professor de Educação Física

Fevereiro de 2007



Prefácio do capitão João Brotas



A capoeira é um legado dos negros ao nosso país, do tempo da escravidão. Foi criada no Brasil e aqui se desenvolveu, enquanto dança-luta que nas últimas décadas alcançou dimensão internacional. Tornando-se um produto de exportação, passou a ser também, objeto de cobiça de pessoas oportunistas, que passaram a apresentá-la “pintada com as matizes” dos mais variados interesses escusos. Especialmente, há as que requisitam a paternidade dela para sua região, defendendo que ela nasceu e se desenvolveu na sua cidade, ou bairro, e afrontando a proposta até hoje coerente de que, ela tenha nascido e desenvolvido na Bahia. Negam aos baianos a paternidade, para atribuí-la aos cariocas, aos paulistas ou aos mato-grossenses... Porém, na dificuldade de provar suas afirmativas de modo idôneo, começam a chamar de “capoeira” qualquer atividade que tenha ocorrido em seu território.

Essas pessoas, posando de “pesquisadores” ou de “historiadores”, descaracterizam a capoeira de seus traços específicos e de sua identidade. Apresentam a capoeira, na verdade, como “órfã de pai e mãe”; como uma prática bastarda, que pelo seu valor ativa a cobiça estrangeira. Seguindo a mesma linha oportunista, os franceses, por sua vez, também podem se candidatar à “paternidade” e passar a afirmar que a capoeira é francesa, porque teria se desenvolvido do Savate. Os chilenos, igualmente, diriam que a capoeira nasceu no Chile, porque lá tem uma atividade na qual as pessoas dançam e fazem acrobacias. Os mexicanos podem reclamar também, os alemães, os asiáticos, os australianos, e assim por diante.

Aqueles que querem retirar a paternidade da capoeira da Bahia e levar para outra região, todavia, devem apresentar provas insofismáveis sobre o nascimento, o desenvolvimento e a evolução da capoeira no seu reduto, do mesmo modo que os historiadores já demonstraram como isso aconteceu na Bahia, tendo descido para o Rio de Janeiro, no final do século XIX e avançado para São Paulo no século XX, a partir dos anos 50, mais

propriamente na década de 60, com o trabalho dos mestres Suassuna, Gilvan, Paulo Gomes, Pinatti e outros. Os inúmeros documentos e provas apresentados pelos autores deste livro dizem de sua chegada a Sorocaba.

Há, porém, em Sorocaba, uma certa corrente antagônica que, nos moldes mencionados, levanta uma possível existência de capoeiristas, que não convence ninguém por falta de provas idôneas e de coerência lógica com todos os outros fatos nela ocorridos. Não há coerência com o que eu vivi e conheci, por exemplo. Nasci em Sorocaba em 1952 e passei toda minha infância e adolescência, vendo a cidade crescer. Acompanhei e vivi intensamente os anos 60 e 70, curtindo minha juventude e participando ativamente de sua vida cultural e social. Desfilei, como passista, no carnaval de rua, pela “Escola de Samba III Centenário” (vide foto), do falecido mestre



João Brotas, passista de escola de samba
Jornal Cruzeiro do Sul
13/02/1986 - pág. 14

Mesmo debaixo de chuva, a bateria de cada escola souu forte, e os passistas deram vida ao samba.

Lazinho. Fui sócio e freqüentador assíduo do extinto “Clube Atlético Scarpa” que, foi o primeiro clube sorocabano a possuir piscina. Fui sócio e igualmente freqüentador do “Estrada Futebol Clube”, do Clube “União Recreativo” e da “Sociedade Cultural e Beneficente 28 de Setembro”. Este, sempre um clube muito bem freqüentado, particularmente pela comunidade negra de Sorocaba e região, promovia determinados eventos distintos e característicos, tais como o concurso de “Miss Colored”, e o tradicional baile da “Aparecidinha”, sem falar da famosa escola de samba. Pois bem, antes de 1970, em momento algum assisti apresentações de capoeira no 28 de Setembro, e nem tampouco dança ou algum ritual folclórico que tivesse o nome de “Pernada”. Os eventos ocorridos no “Clube 28 de Setembro” eram sempre abertos aos sócios e freqüentadores, e nunca soube que havia sigilo em alguma de suas atividades. Também nunca presenciei prática de capoeira ou de “Pernada” em outro local, os quais eu constantemente freqüentava.

Por isso tudo, é de extrema importância este livro, escrito pela Sandra Ayumi Oshiro e Wellington Tadeu Figueredo, pois o mesmo tem a finalidade de elucidar e apresentar fatos que comprovam e retratam a verdadeira “História da Capoeira em Sorocaba”.

João Francisco Rodrigues Brotas

Capitão do Exército e Oficial de Relações Públicas da 14ª CSM – Sorocaba.
Tem coluna permanente na Folha Nordestina e no Informativo Nossa Posição.

Escreve, a título de colaboração, crônicas e artigos para os jornais,
Cruzeiro do Sul, Diário de Sorocaba, Bom Dia e Folha de Votorantim.

Março de 2007



Prefácio da Autora



Sendo integrante do NUPEP, acompanhei no informativo “NOSSA POSIÇÃO”, a “História da Capoeira em Sorocaba”, escrita até então por Wellington Tadeu Figueredo. Empolguei-me tanto com seu trabalho que comecei a auxiliá-lo nas pesquisas e na organização do material encontrado. O resultante de nosso trabalho conjunto foi tão bom, que os responsáveis pelo informativo “NOSSA POSIÇÃO” nos convidaram para escrever uma coluna denominada “Memórias e Documentos”. Assim, nosso trabalho intensificou-se e o Wellington também me convidou para ajudá-lo na confecção do material ilustrativo deste livro e para viabilizar outros detalhes mais técnicos de sua publicação. Aceitei, e é com muita honra e alegria que participei da produção deste livro.

Sandra Ayumi Oshiro

Formada em Matemática

Bancária

Programadora de Computadores

Fevereiro de 2007



Prefácio do Autor



Este livro foi escrito por etapas que representaram as publicações da “História da Capoeira em Sorocaba”, no informativo do NUPEP, um tablóide com o nome de “NOSSA POSIÇÃO”, de modo que procurei manter, em parte, a seqüência na qual ia descobrindo e expondo fatos. Algumas alterações, porém, foram necessárias.

Como eu exercitava atividade profissional para sobreviver, restava-me pouquíssimo tempo para realizar as entrevistas e pesquisas necessárias, e muito do material que veio ilustrar este livro foi descoberto apenas nos momentos finais das edições publicadas no informativo, quando fui auxiliado pelo excelente trabalho de Sandra Ayumi Oshiro, sem o qual este livro não teria a qualidade que tem e talvez nem fosse editado.

Para a confecção deste livro eu havia decidido dar ênfase à história do pioneirismo e de seu pioneiro: o mestre Jorge Melchiades de Carvalho Filho, visto seu brilhante papel no enaltecimento da capoeira e de outras áreas do desenvolvimento humano, onde atuou e ainda atua. E o fiz, graças a Deus, assumindo total e integralmente, a responsabilidade, pela VERDADE de tudo aquilo que aqui foi defendido, como autor e pesquisador.

Wellington Tadeu Figueredo

Contramestre de Capoeira Mística
Programador de Computadores
Pesquisador de Capoeira
Fevereiro de 2007



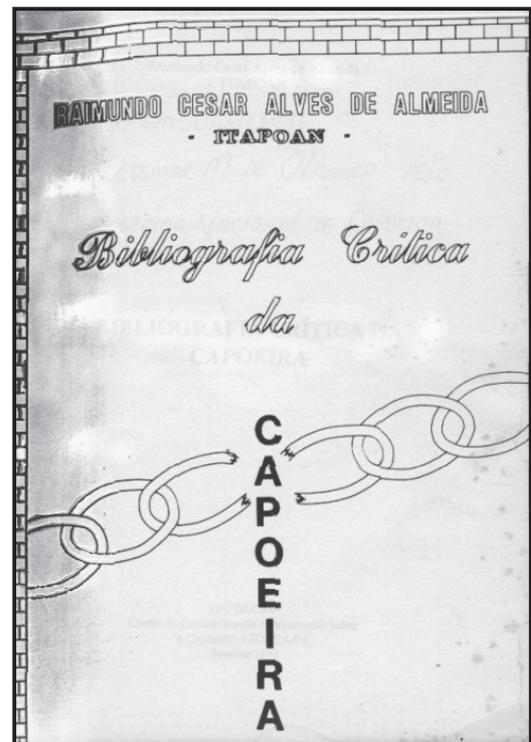
1. NOSSA POSIÇÃO Nº 4

Janeiro / 2003

Desde criança tive grande interesse por artes marciais e quando conheci a capoeira me encantei. Não me bastava, porém, praticar essa linda arte folclórica de modo cego, inconsciente e alienado. Precisava saber sua história, filosofia e segredos, razão pela qual comecei a colecionar materiais escritos, sonoros ou em vídeo e a fazer perguntas, muitas vezes inconvenientes, aos que a praticavam. Como também desejava saber do seu início e desenvolvimento em Sorocaba, terminei aturdido diante de vários praticantes reivindicando para si a primazia pioneira. Eu sabia, entretanto, que a capoeira só conseguiu alcançar o apreço das multidões e o prestígio internacional de hoje, graças ao trabalho e esforço de **MUITOS** do passado, sendo assim, não estava disposto a me deixar enrolar pela fanfarronice de alguns **POUCOS** e opacos astros individualistas, querendo ocupar lugar das inumeráveis estrelas no firmamento dos que se esforçaram.

Eu tinha conhecido a “Bibliografia Crítica da Capoeira”, volume editado em Brasília com recursos do governo federal em **1993**, pelo Centro de Informação e Documentação sobre a Capoeira. Foi compilado e organizado por **César Alves de Almeida**, respeitável capoeirista baiano, conhecido nacional e internacionalmente como **mestre Itapoan**. Ele, um dos raros discípulos formados pelo saudoso **mestre Bimba**, criador da Capoeira Regional, citou Sorocaba nas páginas 11 e 30, como sendo, talvez, a primeira cidade do interior do Estado de São Paulo a ter uma escola da luta, pois registra matérias de 1969, do grande jornalista já falecido, **Alcir Guedes**, no Diário de Sorocaba, dando conta de apresentações realizadas pela “Academia de Ginástica Nacional”, do **mestre Jorge Melchiades**.

Nessa época, a Capoeira só era privilegiada na Bahia e muito pouco no Rio



(1) Capa do livro do mestre Itapoan

No cartaz, espetáculo clássico de capoeira, inédito em Sorocaba



Sexta-feira, à tarde, o jovem mestre capoeirista Jorge Melchiades Carvalho Filho, instrutor da Academia de Ginástica Nacional (rua Arlindo Luz, 98, em Sorocaba), esteve na redação do DIÁRIO e informou que a sua Escola irá realizar um espetáculo de capoeira até o próximo dia 10 de dezembro, num dos clubes da cidade, em benefício do Natal dos Pobres da Casa Transitória André Luiz, de Sorocaba. O diretor da Academia, Jorge Melchiades, adian-

tou-nos que a apresentação vai girar em torno do «Batismo» — um espetáculo eclético e clássico de capoeira inédito em nossa cidade e que, pelo seu alto conceito, deverá atrair bom público. A música será ao vivo, a nativa, com berimbaus, atabaques e tudo mais. Emoldurando o espetáculo, haverá danças coreográficas, com motivos brasileiros, mormente folclóricos, sob um espírito artístico elevado.

(2) Capa do jornal Diário de Sorocaba
09/11/1969 – original 137 x 210 mm

de Janeiro, sendo que os mestres mais antigos do Estado de São Paulo lutavam renhidamente para instalar sua prática na capital.

Atônito, por esses fatos terem sido esquecidos na nossa cidade, busquei mais esclarecimentos nos arquivos dos jornais, “Cruzeiro do Sul” e “Diário de Sorocaba” e encontrei nesse ano, notícias de uma apresentação beneficente realizada pelo “jovem mestre **Jorge Melchiades**”, seus alunos e outros mestres, em prol da “Casa Transitória André Luiz”, no “Clube União Recreativo”, do centro, cujas dependências foram minúsculas para acomodar o grande público que **pagou, para conhecer** a tão temida prática dos negros e malandros.

Além de outras matérias sobre apresentações nas praças Frei Baraúna e Coronel Fernando Prestes, anúncios de cursos para executivos,

batizados, etc., da academia que funcionava na rua Arlindo Luz, perto do antigo Cine Líder, também encontrei reportagem sobre acontecimento de enorme relevância para a Capoeiragem de São Paulo e do Brasil. A Academia do Jorge Melchiades levou, em maio de 1970, uma apresentação de repercussão nacional, no programa “cidade contra cidade”, do apresentador Sílvio Santos, na antiga TV Tupi, Canal 4, ocasião em que fez, de modo inédito, praticamente todos sorocabanos delirarem em torcida frenética (consegui a gravação de áudio desse acontecimento - disponível no site: www.nupep.org), pelos capoeiristas que representavam Sorocaba para todos os rincões do Brasil que a transmissão alcançava. Os outros cidadãos daqui, que lá se apresentaram em várias modalidades artísticas, foram capitaneados pelos valentes e saudosos guerreiros conterrâneos, como Salomão Pavlovsky (fundador da Rádio Vanguarda), Luiz de Freitas Júnior (empresário, intelectual, produtor e diretor sorocabano do filme “Não Matarás”) e Pedrinho Salomão (ator premiado do teatro e diretor “vitalício” do Clube União Recreativo).

Para que se tenha uma noção da ignorância de então, sobre a Capoeira, basta mencionar que Sílvio Santos apresentou o grupo como “os dançarinos do Supiriri” e que dos jurados emocionados, que deram a nota máxima ao espetáculo, apenas dois já tinham visto a Capoeira, na Bahia. Esse grupo ajudou a trazer, para o serviço de atendimento público de Sorocaba, vencedora de Votuporanga, uma ambulância novinha em folha e equipada com os últimos avanços tecnológicos da época. O internacionalmente prestigiado **mestre Suassuna**, reconhecendo o enorme valor daquele evento para a Capoeira de São Paulo e do Brasil, contou orgulhoso, para a revista “**Praticando Capoeira**”, ano 1, número 06, na página 44, que nele participou, tendo exibido na reportagem uma foto da ocasião, em que jogou com a navalha no pé e o facão na mão, “contra” o admirável e saudoso **mestre Paulo Limão**.

Foi um feito memorável e importante, que nunca deveria ser esquecido, pois os consagrados mestres **Suassuna, Brasília e Pinatti**, entre os poucos que a partir de 1967 tentavam introduzir a Capoeira na capital paulista, são unânimes em afirmar que, na década de sessenta e início dos anos setenta, era muito difícil divulgar essa atividade, tendo em vista que ela era desconhecida fora da Bahia e associada de modo negativo à prática religiosa do terreiro e da malandragem. Pois bem, fiquei indignado com esse esquecimento e decidi resgatar o respeito negado a essa brava gente. Tomei como um desafio pessoal, entender, porque se tentou apagar da história da Capoeira sorocabana, aquele que ora aparecia como um verdadeiro pioneiro. De qualquer modo, eu também sabia que História se



(3) Programa Sílvio Santos - TV Tupi - maio 1970

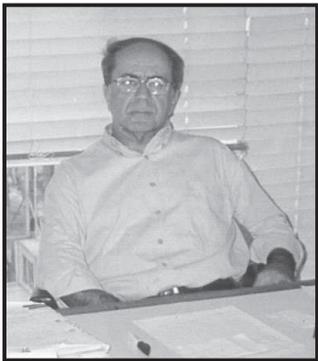
narra não com “conversa mole para boi dormir” e sim cientificamente, com fatos e documentos capazes de provar a VERDADE da narração, por isso, além de documentos, colhi depoimentos:



(4) Lucas e Suassuna

JOSÉ LUCAS NETO (entrevista: 05/10/2002).

Professor de Capoeira e atual representante da Associação **Cordão de Ouro** em Sorocaba diz: “Iniciei na Capoeiragem em **1984**, como aluno do mestre Falcon e depois de formado comecei trabalho próprio. Conheci **Jorge Melchiades** em 1982, em razão de suas atividades no recém formado Partido dos Trabalhadores de Sorocaba, mas só ouvi comentários de que ele tinha sido capoeirista importante para o desenvolvimento da Capoeira na cidade”.



(5)

JURACI BENEDITO MARTINS (entrevista: 07/10/2002).

Delegado de Polícia aposentado, hoje advogado. Veterano praticante de capoeira e um dos responsáveis pela elaboração da lei municipal que instituiu o dia 20 de Novembro, como o dia da Capoeira em Sorocaba. Ele acrescentou: “Iniciei a prática em Sorocaba, no final da década de sessenta, com o **Jorge Melchiades** e seu irmão **Jorginho**. Naquela época tudo era muito difícil para ambos, complicado mesmo. Havia muito preconceito e os alunos eram raros”.

Informou-me ainda, esse dinâmico advogado, que antes de ensinar Capoeira o Jorge Melchiades havia criado e ensinado uma luta chamada **Tudoeira**, que antecipava em quase 30 anos as modalidades do *Street Fight* e do Vale Tudo, hoje em voga no mundo todo. Finalizou mencionando um outro aluno e colega de aprendizagem, o Dr. **Joel Augusto Rufino**, médico do trabalho com quem desfilou para o clube 28 de Setembro no carnaval de 1970. Foram os primeiros capoeiristas a desfilar em escola de Samba em Sorocaba e o fato foi registrado no Jornal Cruzeiro do Sul de 12/02/1970.

Em entrevista posterior, de 08/03/2006, o Dr. Juraci declarou: “Há até uma pequena coincidência que eu gostaria de destacar. No mês de fevereiro de **1970** eu completava 28 anos de idade, número que coincide com a escola que desfilamos, a gloriosa 28 de Setembro, que se sagrou campeã do carnaval naquele ano. Fomos bastante aplaudidos na Rua São Bento, onde tinha um palanque de autoridades e o saudoso radialista

Salomão Pavlovsky, conclamava a todos para aplaudir a dupla de capoeiristas que era a **primeira** a se apresentar em desfile de escola de samba na cidade. **Naquela época a capoeira era completamente desconhecida** e as únicas pessoas que davam aula dessa arte em Sorocaba eram o **Jorge Melchiades** e o **Jorginho**, ligados então ao Grupo Cordão de Ouro do Mestre Suassuna. Foi a partir do funcionamento da academia deles e por demonstrações como estas que fazíamos nas ruas de Sorocaba que a capoeira começou a tomar algum vulto. Hoje, o número de capoeiristas e de academias em Sorocaba é muito grande e a última a ser inaugurada por estes dias, a do **mestre Ouriço**, está muito distante da primeira, de 1969, da qual temos boas lembranças até hoje. Com relação ao Clube 28 de Setembro, pelo qual desfilamos com muita honra, eu e o Dr. Joel chegamos a dar lá uma orientação dos princípios básicos a alguns dos associados do clube, que nos recepcionaram muito bem. Naquela época, porém, a capoeira era tida como dança de malandros. O mestre Jorge conseguiu transmitir para os alunos a filosofia da capoeira enquanto arte marcial e entretenimento, e sem dúvida, os primeiros ensinamentos dele e mais o nosso trabalho, dos seus alunos, contribuiu bastante para a divulgação e desenvolvimento da capoeira em Sorocaba e região”.



(6)

JOEL AUGUSTO RUFINO (entrevista: 08/03/2006). Médico do trabalho com consultório nesta cidade, lembra com carinho o desfile que realizou junto com o Dr. Juraci, pelo Clube 28 de Setembro, em fevereiro de 1970. “É com prazer que falo da minha vida como esportista, que começou aí por 1968, quando participei da inauguração da Academia Central, que hoje está na Rua Cesário Mota, 405. Era do **professor Nenê**, e nessa época condicionamento físico era chamado halterofilismo. A Academia Central no ano de 2008 vai fazer 40 anos. A freqüente até hoje. Mas, naquela época eram poucas as pessoas que praticavam esportes na cidade e o mestre Jorge Melchiades tinha uma academia na Rua Rodrigues Pacheco, onde ensinava Tudoeira, uma luta em que valia tudo. A luta envolvia Judô, Capoeira, Jiu-jitsu, Caratê, enfim, tudo o que era possível agregar para uma defesa pessoal eficiente. O Jorge tinha uma visão ampla e já naquela época queria uma luta que englobasse todas. E ele falava para nós, coisa que confirmei mais tarde, que o melhor lutador é o que sabia um pouco de cada luta. O Jorge preparou várias pessoas que até hoje se dedicam a artes marciais e são mestres. Tem o **Pascoto**, eu fiz Caratê e Capoeira, e ainda levei esta arte para a

faculdade de Medicina de Jundiaí e para o Clube 28 de setembro, além da Praça da República em São Paulo.

Quando o professor Jorge Melchiades começou a treinar Capoeira passou a dar aulas dessa arte para nós, em academia que abriu na Rua Arlindo Luz e todos os sábados à tarde ajuntava ali muitas pessoas, principalmente para ver o **mestre Paulo Limão** dar verdadeiros shows de capoeira. Mestre Limão foi um verdadeiro artista, um dos melhores capoeiristas e atletas que conheci até hoje. Era perfeito e ensinava a todos, nas rodas da Academia da Rua Arlindo Luz. Por inúmeras vezes nos expusemos em locais públicos para divulgar a capoeira, acompanhados do mestre Paulo Limão e do **mestre Suassuna**, mais um pessoal de São Paulo. Na praça, por exemplo, num domingo a noite fizemos uma apresentação ao som de atabaque, berimbau e pandeiro. **Sorocaba nunca tinha visto isso**. Eu participava sem ter muita habilidade, mas muitas pessoas me ligavam para saber como era aquela luta. O mestre Jorge Melchiades também promoveu uma apresentação no Recreativo Central, com muitos capoeiristas de São Paulo e foi uma coisa incrível para Sorocaba.

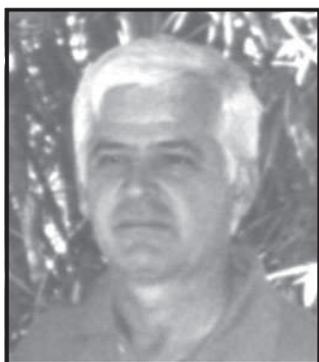
Pois bem, fomos convidados pelo Sr. Aparício, um diretor muito simpático do Clube 28 de Setembro, para fazermos uma ala no bloco de carnaval. Foi uma coisa linda que aconteceu na minha vida. Nós ensinamos os golpes básicos para alguns rapazes, que completaram a coreografia da ala, e arrasamos no desfile. Mostramos que capoeirista não era uma pessoa que apenas dava rasteira ou chute na canela dos outros. Nós dávamos chutes frontais, laterais, para trás, cabeçadas, saltos de aú e macaco, golpes de mão e tudo com muita flexibilidade e ginga. O Clube 28 ganhou o primeiro lugar, e inclusive nós tiramos a nota máxima dentro das alas. E o mestre Jorge Melchiades, obviamente foi o âncora de todo esse início, trazendo mestres para cá e removendo a idéia de que capoeira era só de malandro e de vagabundo.

Sabe-se que a capoeira era esporte de negros, porque os africanos é que a teriam desenvolvido, mas **os negros daqui não a conheciam**. Fomos nós, eu e o Juraci, que começamos a ensinar alguma coisa para alguns associados do Clube 28 de Setembro, coisa que achei muito gratificante.

Um dia, uma figura muito notável na cidade, que ninguém esquece, o Sr. **Salomão Pavlovsky**, o dono da rádio Vanguarda, nos convidou para o programa Cidade contra cidade, do **Silvio Santos**. Nesse programa demos uma apresentação rápida para os jurados e Sorocaba ganhou a ambulância. E as pessoas começaram, pela linguagem e explicação do

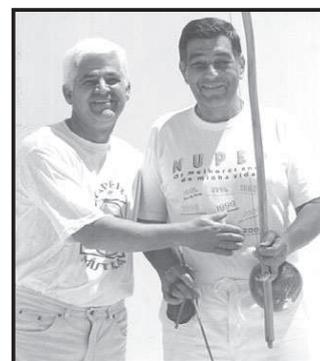
mestre Jorge Melchiades, a entender essa luta genuinamente nacional, que era praticada principalmente na Bahia e tinha o **mestre Pastinha** como um dos seus maiores mentores. Em São Paulo tinha o **mestre Suassuna**.

Em 1973, quando entrei na faculdade de Medicina teve um abusado que a pretexto de me dar o trote extrapolou. Apliquei uma chapa giratória no peito dele e ao levantar do tombo que levou, dei-lhe uma rasteira. O pessoal veio me perguntar se eu era lutador e falei que era capoeirista. Um dos colegas que ali estavam era mestre de caratê e, como não tinha capoeira em Jundiá, ele me convidou para praticar na academia dele. Aceitei, e como eu conhecia o **mestre Tarzan** e o **mestre Galo**, que tinham ido a Campinas, arrumei dois dias na semana para a capoeira, no prédio que era do Carlos, um médico de família muito conhecida em Jundiá. Com o tempo levei à faculdade de Medicina um grupo de São Paulo que deu um show para os estudantes. A faculdade ficou de pé para aplaudir e muitos começaram a praticar capoeira. Então, eu treinava com o Tarzan e o Galo e, nos outros, dias treinava caratê. Assim foi durante os seis anos de medicina. Eu aconselho a prática de um esporte porque os vícios, de álcool, droga, cigarros e más companhias não combinam com o esporte. Formei-me em 1978 e continuei praticando caratê, no estilo Kiokushim kay kan. Também pratiquei capoeira em várias academias e com mestres como **Suassuna, Brasília, Galo, Tarzan, Celso Bujão**... Enfim, foi uma história muito linda e nós conseguimos fazer com que a bola fosse rolando até a vinda de outros capoeiristas. Uma coisa que me deixou muito contente também é que a capoeira foi propagada no mundo inteiro, e estou muito feliz porque faço parte da história pioneira da capoeira em Sorocaba e, se alguém me perguntasse se faria tudo outra vez, eu responderia que sim”.



(7)

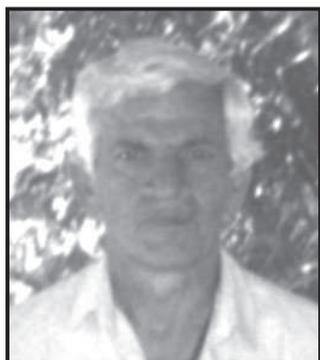
SÉRGIO ROBLES POIATO (entrevista: 22/10/2002). Bombeiro da Cia Nacional de Alumínio e morador do bairro Mineirão. Eis o que declarou: “Comecei a praticar Capoeira adolescente, com o **Jorge Melchiades** e seu irmão **Jorginho**, lá pelos idos de **1968** e foi com grande orgulho que em **1970** representei Sorocaba no ‘Silvio Santos’, ao lado de meus professores, do colega **Rogério**, do **Celso Bersi** e de grandes mestres como **Suassuna, Almir das Areias, Paulo Limão, Freguesia**...”. Cedeu-nos uma foto do acontecimento, esclarecendo que nesse tempo só



(8) Sérgio e mestre Jorge em 2005

existia pugilismo e Judô na cidade e que, por isso, quando faziam apresentações em praças, escolas e em outras cidades da região, por desconhecimento e preconceito, muitas pessoas afastavam-se intimidadas, pensando que era briga, “e os brigadores de rua, que eram muito comuns na época, nos provocavam, querendo brigar também”.

Após falar sobre isso Sérgio me surpreendeu, ao relatar que junto com o irmão Mauro, jogavam no time de futebol que o Jorge dirigia, e que em certa partida realizada em Brigadeiro Tobias, no antigo campo do Bandeirantes F.C., alguém atacou o goleiro do time, um moço muito pacato chamado **Ari**. Jorge teria ido em sua defesa e foi cercado por vários jogadores adversários dispostos a agredi-lo. Defendeu-se derrubando alguns, socando outros e até mandando um grandalhão para o hospital. Apenas o Jorginho e o Celso Bersi foram ajudá-lo, tentando retirar do cerco quantos podiam, com sopapos e golpes de capoeira. Perguntei ao Sérgio por que não entrou também para ajudar? Ele me respondeu que não foi preciso, pois os três deram conta do recado.



(9)

MAURO ROBLES POIATO (entrevista: 22/10/2002). Motorista profissional, também residente no Mineirão. Entusiasmou-se ao lembrar do tempo em que jogou futebol no Santos da Vila Amélia e como ponta esquerda no time do Jorge, A Musical F. C.. Ofereceu para publicação algumas fotos do time, ao mesmo tempo em que identificou nelas o irmão Sérgio, o **Jorge**, o **Jorginho**, Dr. **Enio Landulfo** (na época delegado de

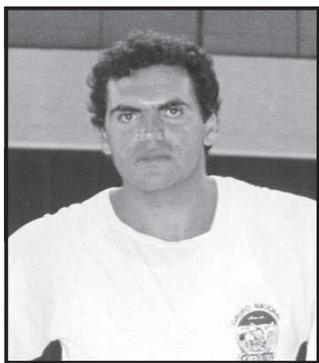


(10) Da esquerda para direita Celso Bersi, Ari, Mauro, Zé Antônio, Edgard Moura.

Abaixados: Jorge Melchiades, Artur, Enio Landulfo, Jorginho e Sérgio. (1971)

Polícia), **Edgar Moura** (hoje empresário e ex-presidente do São Bento), **Celso Bersi** (capoeirista da primeira turma de formandos do Suassuna), **Jurandir Alves dos Santos** e seu irmão **Juarez** (proprietários de uma antiga loja de usados chamada Portão Vermelho), mais os estimados radialistas, **José Desidério** e o falecido **Valdir Gentil**. Depois, falou que o acontecimento em Brigadeiro Tobias foi coisa séria. “Disputávamos a melhor de três

e estávamos para ganhar a taça, quando começou o quebra-pau. O pessoal de nosso time fugiu da raia porque alguns matutos da torcida entraram na briga ameaçando com foices e paus. O policial em serviço no campo chegou a dar tiros para o alto com a finalidade de detê-los e de fazer cessar o tumulto, mas ainda assim a briga continuava... Jorge estava cercado, desferindo socos e pontapés para todo lado para não ser linchado. Celso e Jorginho batiam nos que o cercavam, tentando dar uma folga ao Jorge. Um indivíduo com o dobro do tamanho do Jorge conseguiu prendê-lo por trás e certamente ia imobilizá-lo para que os outros batessem. Com pontapés, Jorge afastou os que tentavam socá-lo pela frente e com um arqueado de corpo, acho que um golpe de *Jiu-jitsu*, derrubou o que o agarrava, quebrando suas costelas. O ruído que se ouviu, saído da garganta do ferido foi tão dramático que aí sim, todos pararam de brigar para socorrê-lo. Só então puderam tomar consciência que na verdade eram quase todos colegas e que só brigaram por causa do calor exaltado da competição e da cabeça quente”.

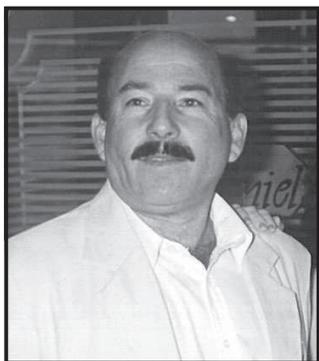


(11)

PAULO BATISTA (entrevista: 06/10/2002).

Salva-vidas no Sesi de Sorocaba, há vinte anos. É mais conhecido como Tainha. “ Iniciei na Capoeira com o mestre Falcon, no início da década de 80, no antigo Sorocabinha e, na mesma década, representei a modalidade em campeonatos abertos de artes marciais. Em 1986 fui vice-campeão da categoria dos absolutos, em torneio organizado por **Pedro Gataz**, professor de caratê. Conheci o **Jorge Melchiades** quando ele militava no Partido dos Trabalhadores, mas só tinha ouvido comentários de que ele criou uma luta do tipo briga de rua, chamada Tudoeira. **Aliás, em certa ocasião, o mestre Falcon me contou que o viu brigar no centro da cidade, na rua Monsenhor João Soares, com um sujeito enorme e vencê-lo”**.

Mais uma briga do pioneiro da Capoeira sorocabana! Teria ele sido mais um bruto? Mais um truculento?



(12)

JURANDIR ALVES DOS SANTOS (entrevista:

06/11/2002). Músico de profissão. Disse: “Conheci o Jorge Melchiades em 1971 ou 1972. Trabalhava numa farmácia vizinha a uma das suas lojas e, devido ao meu interesse por música, tornei-me seu amigo e passei a jogar futebol em seu time. Ele era um empresário bem sucedido, de grande visão e sua rede de lojas se

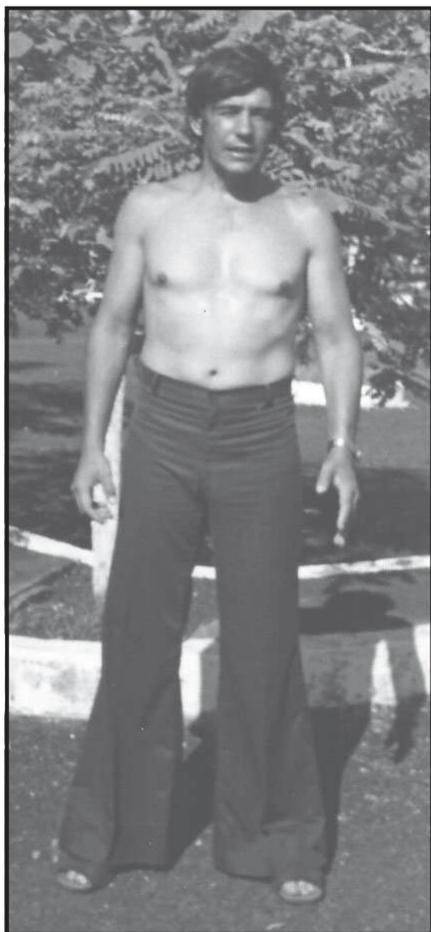
expandiu para várias outras cidades. Embora fosse um praticante de lutas, sempre foi muito educado, sério e preocupado com o bem estar dos amigos. Nunca o vi fazer bravatas, fanfarronice, instigar ou provocar ninguém e o que aconteceu em Brigadeiro Tobias foi uma fatalidade que ninguém desejou, nem o Jorge. Ele tinha uma certa presteza ética”.



2. NOSSA POSIÇÃO Nº 5

Abril / 2003

Sobre o Jorge Melchiades sobram documentos e depoimentos,



(13)

talvez pela sua incrível mobilidade em diferentes atividades na cidade. Mas, eu não estava satisfeito. Queria mais detalhes do início da capoeira na cidade... Logo, precisava de mais depoimentos, porque as notícias dos jornais costumam ser genéricas e um pouco formais. Com esse propósito, iniciei nova onda de pesquisas e foi como um galardão que recebi de uma leitora, que prefere continuar anônima e a qual muito agradeço, fotos de 1974, do Jorge ensinando Capoeira a um principiante, num hotel em Foz do Iguaçu (fotos 13, 14 e 15). Em uma delas, ele parece um "pau pereira", nome dado na capoeiragem, ao sujeito valente e pronto para brigar. Aliás, essa foi a imagem que fiz dele, quando soube de suas brigas. E teria ficado assim, se não tivesse localizado matérias no Diário de Sorocaba, edições de primeiro de Janeiro de 1970 a 1976, homenageando-o como um dos melhores empresários do ano. Nos anos de 1975 e 1976, encontrei-o fazendo palestra sobre Comunicações Sociais em curso promovido pelo

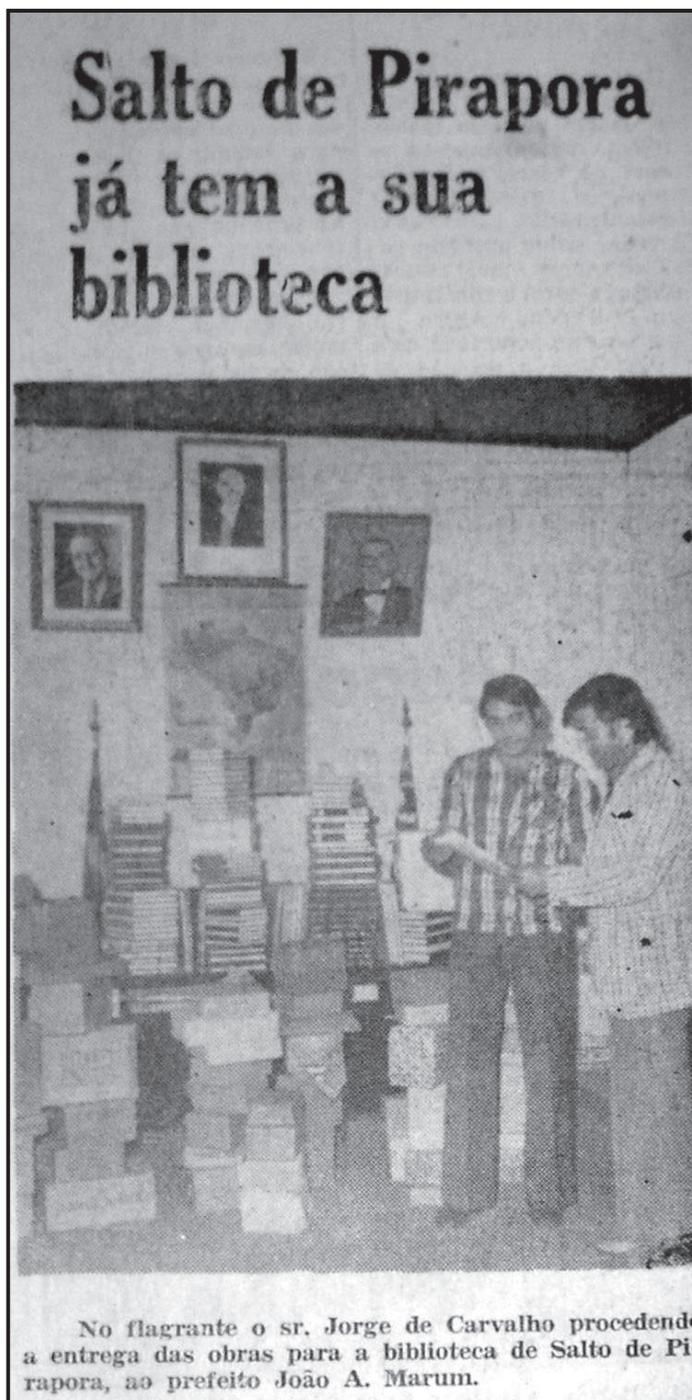


(14 e 15) Mestre Jorge num Hotel em Foz do Iguaçu (1974)

Interact Club (foto 18) e dando Cursos de Vendas para empresários e lojistas. Também há notícias de sua participação na montagem de Bibliotecas Públicas em cidades vizinhas, aparecendo numa delas, em foto com o senhor **João Abdala Marun**, prefeito de Salto de Pirapora (01/09/1976 - foto 16). Por outro lado, de pessoas que contatei superficialmente, mas que ainda irei entrevistar, soube que apresentava um programa na Rádio Cacique do **Rubens Bismara**, que desenhava muito bem, fazia esculturas em madeira e pintava quadros a óleo, além de dirigir time de futebol... Ufa! Desconcertado por não conseguir “enquadrar” o pioneiro da capoeira, no perfil característico dos que normalmente a ensinam, continuei a pesquisar e a colher depoimentos.



(17)



No flagrante o sr. Jorge de Carvalho procedendo a entrega das obras para a biblioteca de Salto de Pirapora, ao prefeito João A. Marun.

(16) Jorge montando Biblioteca Pública
jornal Diário de Sorocaba - 01/09/1976 - pág. 9
90mm x 210mm

NESTOR CLAUDIO DOS SANTOS (entrevista: 07/03/2003). O mestre **China**. É Guarda Municipal e iniciou-se na capoeira com o mestre Pedro Feitosa, no Grupo Cativeiro, na década de 80, e com ele formou-se em 1993. Não conheceu o Jorge Melchiades. Apenas **ouviu falar do seu pioneirismo**.

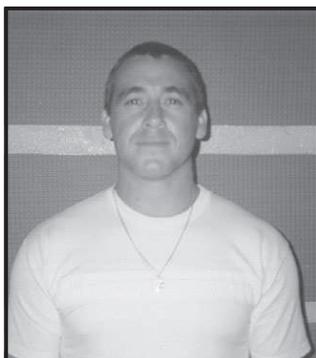
Interact Club abriu curso de Comunicações Sociais



Teve início, no último sábado, o curso de Comunicações Sociais que está sendo promovido pelo Interact Clube desta cidade, dele participando empresários, estudantes, professores e pessoas das mais variadas atividades profissionais.

A primeira aula, ministrada pelo sr. José Melchiades, versou sobre «Técnica de Vendas». As aulas são aplicadas de quinze em quinze dias, sempre aos sábados e no auditório do Salão Nobre da OSE. Não há inscrições abertas, podendo frequentar o curso todos que por ele se mostrem interessados.

(18) Jorge ministrando aula promovida pelo Interact Club
jornal Diário de Sorocaba
05/11/1975 - pág. 3
Original: 160mm x 180mm



JÚLIO CÉSAR OLIVEIRA ALVES (entrevista: 07/03/2003). Policial militar que atende por mestre **Risadinha**. Iniciou a prática na Academia Casa do Engenho, na década de 80, com o professor Escravo. Com relação ao Jorge Melchiades, disse que apenas ouviu falar do seu pioneirismo.

(19)



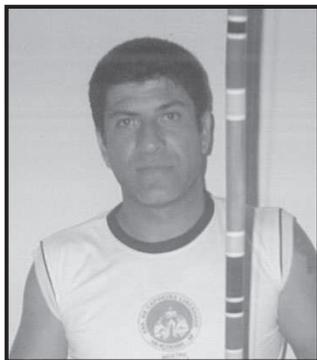
JAIME BALBINO DA SILVA (entrevista: 29/01/2003). O mestre Jaime, diretor técnico da Associação de Capoeira Liberdade. Ele disse ter iniciado em 1981 com mestre Pedro Feitosa, no grupo Cativeiro e se tornado professor em 1990. Disse que recebe da Bahia o autêntico pau biriba, com o qual confecciona os berimbau que vende.

(20)



JOSÉ APARECIDO MENDES (entrevista: 29/01/2003). O mestre **Cupim** contou que começou em 1980, na **Academia Netos de Luanda, do mestre Sabugo**. Formou-se professor em 1990, com mestre Pedro Feitosa, no grupo Cativeiro e tornou-se mestre no grupo Liberdade. Disse não conhecer Jorge Melchiades e que apenas **ouviu que implantou a Capoeira em Sorocaba**.

(21)



(22)

JEOVÁ SILVA DO NASCIMENTO (entrevista: 29/01/2003). O mestre Jeová contou do seu início com **mestre Sabugo, na Academia Netos de Luanda**. Foi formado por Pedro Feitosa, no grupo Cativoiro e tornou-se mestre em 1999 no grupo Liberdade.

Nestes últimos depoimentos, tive a grata satisfação de encontrar menção ao mestre Sabugo, o **terceiro professor de capoeira** a surgir no cenário sorocabano, conforme constatei na seqüência jornalística. Foi pelos idos de 1977 e depois de Jorge Melchiades e Jorginho.



(23)

IARA BERNARDI (entrevista: 18/03/2003). Tornou-se Deputada Federal pelo PT, depois de ter sido reeleita vereadora seguidamente, na cidade. Reconhecida competente, portanto, essa atuante parlamentar é autora de projetos importantíssimos, como o que criminalizou o assédio sexual. Iara foi uma das primeiras mulheres na cidade a treinar Capoeira, e o fez na primeira metade da década de 80, na Academia de Ginástica Nacional, na Rua da Penha 219,

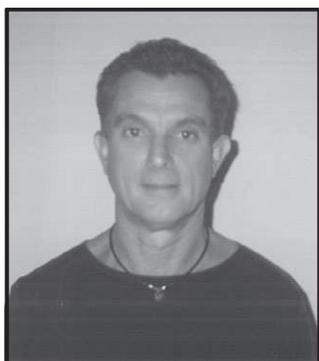
com o então professor Falcon. Disse ter conhecido Jorge Melchiades quando freqüentou as reuniões iniciais de fundação do Partido dos Trabalhadores em Sorocaba, e que ele foi um companheiro, entre aqueles que fundaram o partido na cidade. Aliás, Jorge cedia sua escola, o **Cursos MAGNUS**, para que nela se realizassem os encontros dos primeiros militantes. Lembra ainda que, o Jorge Melchiades formou o primeiro time de futebol feminino da cidade, que teve repercussão no estado de São Paulo. Ressaltou, que inicialmente a **escola MAGNUS** esteve na Rua da Penha 219 e depois na Mons. João Soares 158, e foi **um importante centro cultural da cidade**, pois nela eram promovidos eventos de teatro, cinema, lançamento de livros, encontro de intelectuais, etc.



(24)

WILSON CHELLES (entrevista: 21/01/2003). O **Cheba** é professor de Inglês e foi da primeira turma de formados do professor Falcon. Disse que só começou a praticar Capoeira porque aproveitou uma promoção da Escola Magnus, em 1980. Queria fazer um curso na área de metalurgia e, se o fizesse na ocasião, receberia outro curso inteiramente grátis.

Escolheu a Capoeira como brinde e começou a treiná-la com o professor Falcon, **que deu seqüência ao trabalho pioneiro de Jorge Melchiades na Academia de Ginástica Nacional**, que funcionava na escola. Foi nessa escola que conheceu Jorge Melchiades, o seu diretor. “Era muito sério, parecia sempre muito ocupado”. Daí, conheceu também o **mestre Sabugo**, que tinha entre seus seguidores o Pedro Feitosa e o Escravo.



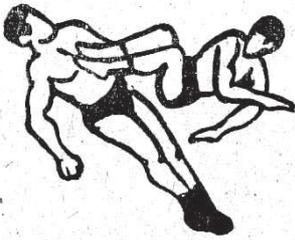
(25)

NATALE ZUANETTE FILHO (entrevista: 27/01/2003). Um vendedor de drogas... Ops! Pegou mal. Desculpem. Foi uma brincadeira sem graça... Mas perdoável, não é? Afinal, ele tem uma drogaria! Ah, ah, ah... Natale treinava fisiculturismo na Academia do **Darci Medeiros**, no largo do Mercado e tinha um amigo chamado **Antonio Pascoto**. “Era um rapaz de físico avantajado, que no final da década de 60 ganhou muitos campeonatos na modalidade, inclusive dois primeiros

lugares no campeonato paulista e um terceiro, do Brasil. Pascoto também era faixa marrom de Judô e um dia, em **1967**, entusiasmou-se com a prática de uma luta que empolgava a cidade: a Tudeira. Embalado, abandonou o Judô e matriculou-se na academia do Jorge Melchiades. Daí, acabou me levando também pra lá.

A academia ficava em frente ao hospital Samaritano, na Rua Rodrigues Pacheco, e a luta era um tipo de defesa pessoal contra valentões, arruaceiros e briguentos, abundantes numa época em que era raro o uso de armas brancas ou de fogo, nas desavenças. Era briga de rua pura, pois combinava socos, pontapés, cabeçadas, joelhadas, cotoveladas, unhas e até dentadas, golpes de arremesso e de solo. Também treinavam comigo o **bombeiro Zunir**, os policiais militares **Meireles e Ezequiel Mena**, o **Celso** e outros. Como divertimento, o Jorge ainda ensinava luta livre de exibição, pra que nos sentíssemos como o **Ted Boy Marino**, galã argentino, que integrava os “trapalhões” na televisão e lutava telecatch, fazendo grande sucesso entre as garotas. O pessoal fez várias apresentações dessa luta, sendo que eu participei de uma em Tatuí e outra em Rio Claro”.

DEFESA PESSOAL
FISICO ATRAENTE: Karatê,
Judô, Aikidô, Luta Livre e etc.

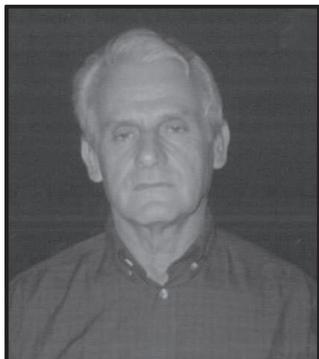


PARA QUALQUER IDADE OU SEXO; AULAS
EM CONJUNTO, OU PARTICULARES.
MATRICULAS ABERTAS DAS 9 AS 11
HORAS NA
APA - R. Rodrigues Pacheco, 140
(Travessa da 15 de Novembro)

(26) Propaganda que saía 3 vezes por semana (28/04/1968)

Diário de Sorocaba - 85 mm x 80 mm

Natale seguiu caminhos diferentes dos da luta, mas continua esbelto e elegante, garantindo que goza de excelente saúde, porque pratica musculação até hoje. Mas, adverte que não teria a mesma sorte, se tivesse usado drogas anabolizantes. “Na minha época não tinha nada disso, era tudo na raça, na base do arroz com feijão...”.



(27)

EZEQUIEL DE ASSUNÇÃO MENA

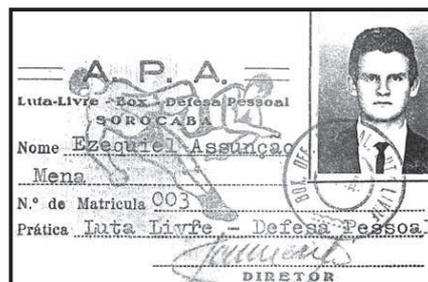
(entrevista: 14/02/2003). Policial militar que antes de reformar foi músico na excepcional banda da Polícia Militar. Com um sorriso de satisfação fez questão de mostrar; vejam que incrível: carteirinha (foto 28) surpreendentemente bem conservada, apesar de ter 36 anos, com foto e tudo, da APA, ou Associação dos Praticantes Amadores de boxe, luta livre e defesa pessoal, nome da academia do Jorge, que existiu de

1966 a 1968, antes de ser substituído por Academia de Ginástica Nacional, porque no final de 1968 o Jorge começou a ensinar Capoeira.

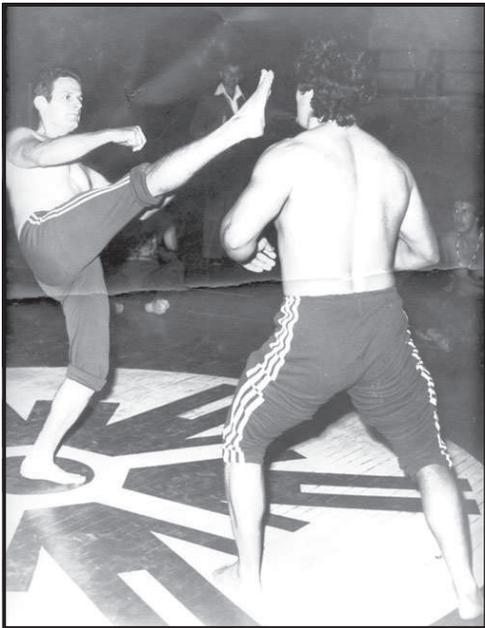
Ezequiel contou ainda que, entre os anos de **1964 e 1965**, ele e o irmão **Esdras** trabalharam como vendedores de livros para o Jorge Melchiades. Passou a treinar com ele, porém, em **1967**. Por ter sofrido forte influência do pai, o pastor evangélico, **Carlos de Assunção Mena**, que havia praticado luta greco-romana na juventude, desejava praticar alguma luta parecida. Essa oportunidade surgiu quando soube que o Jorge tinha aberto a APA. Entre os amigos da academia lembra de **Antonio Pascoto, Abdala Dipsie, Toninho Galvão, Valter Barbosa, Guilherme Grams, Paulo Fontana Guariglia** e seus irmãos: o **Zé Eduardo e o Serginho “Crika”**.

Com Antonio Pascoto reencontrou-se na Polícia Militar e juntos passaram a realizar exposições de luta livre, sendo que em uma delas surpreenderam o policial que atuava na série brasileira de televisão, “O Vigilante Rodoviário”, filmando-a e se declarando empolgado com o espetáculo que davam. Como outra curiosidade, relatou que após algum tempo praticando Tudoeira, o Antonio Pascoto participou de um campeonato interno de Judô da Polícia Militar, entre judocas de faixas marrom e preta, sagrando-se campeão e recebendo a sua faixa preta. Entende que os treinos de Tudoeira deram condições para Pascoto vencer o campeonato.

“A labuta da vida nos separou, mas sempre acompanhei as peripécias do Jorge Melchiades pelos jornais, como empresário,



(28) Carteirinha da APA



(29) Ezequiel e Zurir



(30) Exibição pública de luta livre: Ezequiel x Pascoto

capoeira, advogado, teatrólogo, futebolista, escritor de livros... Ele marcou minha vida enquanto uma pessoa ética, inteligente e ponderada, sempre aconselhando o uso das técnicas da luta, somente em última necessidade, em caso de legítima defesa própria ou de outros. Procurava passar para seus alunos o respeito aos semelhantes, autoconfiança e autocontrole, qualidades que muito me favoreceram no trabalho de policial, quando, em algumas ocasiões tive de usar um pouco de força”.



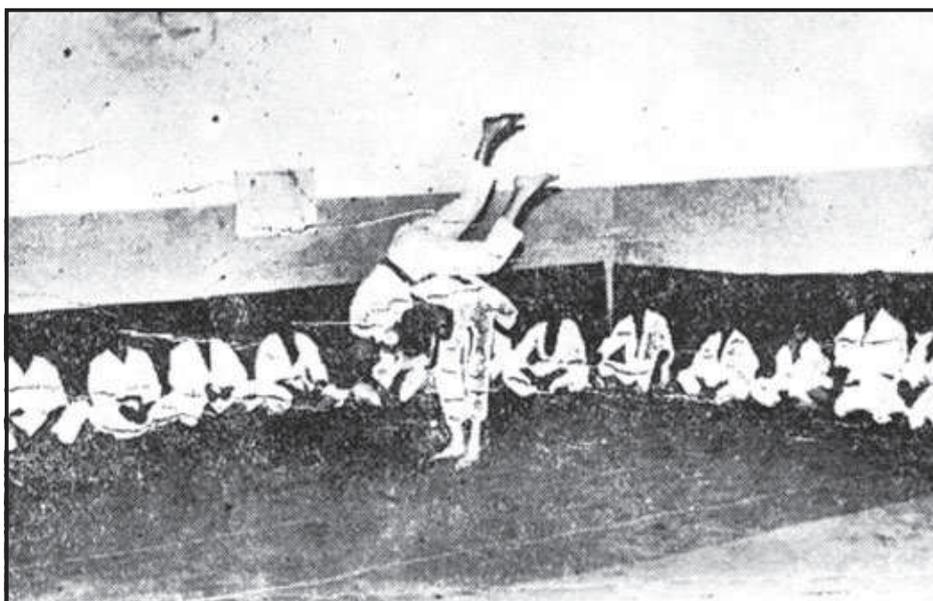
(31)

NELSON MENA (entrevista: 04/03/2003).

Professor de música que já tocou na banda da Polícia Militar, na Orquestra Sinfônica de São Paulo e hoje ensina música evangélica, na Igreja Assembléia de Deus Independente, no bairro Vitória Régia. Lutou telecatch e serviu no 2RO 105, de Itu, com o Jorge, em **1959**. Lembra que nem bem haviam se alojado no quartel, quando ouviu na BSS, bateria onde estava lotado, um boato que alguém havia “peitado” o soldado Melchiades, na BCR (bateria onde servia), e sido nocauteado com uma cabeçada que lhe quebrou o nariz. Por causa disso, alguns soldados passaram a chamá-lo de “bodinho”.

“Em outra ocasião, arranjaram uma luta dele com um sujeito extremamente forte, que se exibia levantando a frente ou a traseira de um jipe, não me lembro bem. Não valia socos, nem pontapés. E o outro, apesar de aplicar muita força sobre o corpo do Melchiades, bem menor e mais

fraco, nada conseguiu. A luta terminou empatada, porque a corneta tocou anunciando hora do rancho e ninguém quis perder a refeição. Eu soube que participou de outros entreveros, antes de se fazer respeitado por soldados e até por um sargento em especial, conhecidos pela fama de duros brigões. Apesar disso, sempre se defendeu. Nunca soube dele ter provocado ninguém. Até hoje considero o Melchiades um amigo querido, sempre disponível aos que integram seu rol de chegados, sem interesse algum e com uma presença filosófica respeitável. Sei que ele também me quer bem, pois já demonstrou isso”.



*** EFEITO DA FOTOGRAFIA, SEGUE-SE A IMPRESSÃO CAUSADA.**

— Se você ao passar em frente do numero 140 da rua Rodrigues Pacheco, ou vir gritos estridentes (KIAI) e baques surdos de corpos que caem, não se assuste. E' que estão treinando. Eles nasceram com tendências agressivas, a faixa diaria as acumula ainda mais, em exercicio eles tem a oportunidade de polarizar esta energia e consumi-la, fazendo assim realmente uma HIGIENE MENTAL.

Pediatras, medicos e psiquiatras recomendam este esporte.

Crianças e adultos encontram nele maior equilíbrio emocional ao lado correspondente desenvolvimento

físico. Isto porque não é como pode parecer uma competição de força e violencia mas sim, de inteligencia, conhecimentos técnicos e raciocínio.

Por sua delicadeza e eficiencia é também praticado pelo sexo feminino, que nele vêm a pratica ideal para manter as formas esbeltas (alem de defesa pessoal).

Estou falando do que esses moços e meninos praticam é o Judô e Tudosieira, o

primeiro muito conhecido e o segundo uma modalidade

de defesa pessoal adequado para o brasileiro. Para todos os objetivos das atividades físicas, a agilidade, extra personalidade, firmeza, controle emocional. Tudo para que o Brasil cresça intelectualmente.

São os instrutores Nishimura e Carvalho, para toda informação da

Estou falando do que esses moços e meninos praticam é o Judô e Tudosieira, o

primeiro muito conhecido e o segundo uma modalidade de defesa pessoal adequado para o brasileiro.

São os instrutores Haruo Nishimura e Jorge de Carvalho, para toda e qualquer informação das 9 às 11.

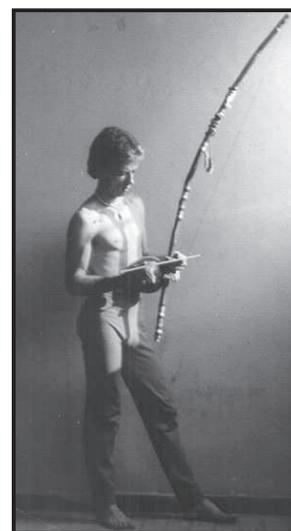
(32) Jornal Diário de Sorocaba 10/03/1968 - pág. 2
Original: 172 mm x 130 mm

3. NOSSA POSIÇÃO Nº 6

Junho / 2003

Para desvendar a VERDADEIRA História da Capoeira em Sorocaba, tive de colher documentos e depoimentos, sendo que, sobre o pioneiro na região, encontrei ambos, em abundância. **Jorge Melchiades**, durante os anos de **1966 a 1968** teve academia na Rua Rodrigues Pacheco, onde ensinou luta livre e “Tudoeira” (um estilo livre que criou), a muitos senhores eminentes da cidade. Depois, ele fundou a Academia de Ginástica Nacional e com o irmão **Jorginho** passou a ensinar Capoeira. Apesar das dificuldades, próprias do pioneirismo e preconceitos da época, os irmãos realizaram apresentações inéditas na cidade e região, bem como, uma de grande valor nacional, no programa do Silvio Santos, na TV Tupi, canal 4, em 1970. Quase uma década mais tarde, o Cruzeiro do Sul, de 18/02/1978, noticiou que o professor **Luiz Carlos Rafaldini**, representando a Associação de Capoeira Nova Luanda, havia iniciado, em Outubro de 1977, o ensino da arte num clube da rua Campos Salles. Surgia, então, no cenário capoeirístico da cidade, um novo mestre. Ao que parece, veio preencher a lacuna deixada pela Academia de Ginástica Nacional, que desapareceu em 1973, depois de mudar várias vezes de endereço. Tudo indica que, embora continuassem treinando aqui e ali, a Capoeira não foi atividade prioritária na vida dos irmãos. Apesar disso, Jorge Melchiades continuou notícia nos jornais, dirigindo time de futebol, em disputa do campeonato varzeano da cidade (1974-1975), montando bibliotecas públicas em cidades da região, dando cursos e palestras de vendas para o comércio em geral (1975/1976) e em atividades político partidárias, pelo antigo MDB (1976).

Em **1977**, importante mudança ocorreu na **HISTÓRIA DA CAPOEIRA** na cidade, pois, ao contrário de Jorge e Jorginho, que treinavam e ensinavam Capoeira apenas nas horas vagas, a alunos que também viam na prática apenas um hobby, “Sabugo” exemplificou aos jovens a dedicação integral a ela, ou a possibilidade de torná-la profissão. Ele próprio, porém, não conseguiu viver muito tempo só da Capoeira, mas preparou, tanto quanto seus antecessores, o caminho para a profissionalização de outros. Seu trabalho junto aos clu-



(33) Sabugo

bes, órgãos públicos, escolas e veículos da mídia, imprimiram impulso sem precedentes na prática da Capoeira na cidade, pois com ele surge o primeiro grupo organizado inteiramente na cidade. Sobre ele fala com carinho e respeito, seu discípulo.

A Associação e Grupo de Capoeira Nova Luanda de Sorocaba, localizada à rua Campos Salles, 1259, foi instalada na cidade há quatro meses e já conta com 60 alunos inscritos e 30 que treinam assiduamente.

Conforme diz o mestre da associação de Sorocaba, Luiz Carlos Rafaldine, "a capoeira é um esporte, defesa pessoal e um bom espetáculo do folclore brasileiro.

(34) Recortes do jornal Cruzeiro do Sul 18/02/1978 - pág. 12



(35)

MARCUS SÉRGIO MONTEIRO PRESTES

(entrevista: 04/02/2003). Artista plástico renomado e músico, que tornou-se, na época, uma espécie de ídolo da juventude local, ao dar excelentes exibições acrobáticas em seu jogo de capoeira. Disse: "Eu era praticante

de Kung Fu, até iniciar na capoeira com o **mestre Sabugo**, assim que começou a dar aulas na cidade. **Depois vieram os outros alunos**, como os dois filhos do Peralta, guarda civil famoso na época, o **Baianinho**, o **'Escravo'**, o **Pedro Feitosa**, o **Ganso**, o **Peru**, o **Gilson**, etc. Mais tarde, juntou-se a ele também, o **Falcon**, que já veio com jogo aprendido em outra parte. Em razão de ser seu aluno mais antigo e ter facilidade em aprender, logo me tornei uma espécie de contramestre, participando com Sabugo de diversas apresentações em Sorocaba e região". Aproveitei a deixa do entrevistado para

**Capoeira: esporte
a serviço
da saúde**

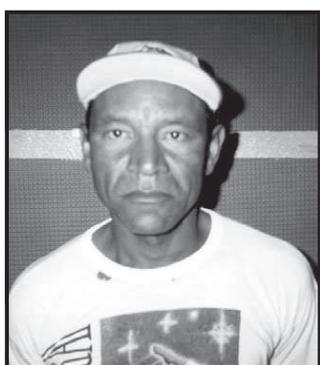
EXECUTIVOS ESTÃO ENTRANDO NA CAPOEIRA

Em Sorocaba, ao lado de outras entidades, funciona o «Cordão de Ouro», à rua da Penha, 219 sob a responsabilidade local de Marcus Sérgio e Jorge de Carvalho, o primeiro cuidando da ala jovem, o segundo dando assistência aos chamados «executivos», onde se situam gerentes de bancos, chefes de repartições públicas, cartorários, homens de atividades liberais, todos procurando, pelo esporte, manter o equilíbrio saudável do corpo, o que é possível pela Capoeira. O chefe assistente do «Cordão de Ouro» é o categorizado mestre Suassuma, residente em São Paulo.

A escola de Capoeira «Cordão de Ouro» atende no horário comercial, onde os interessados recebem todas as instruções, optando pelo período mais conveniente para a prática desse esporte.

(36) Contracapa do jornal Diário de Sorocaba 22/09/1978 - Original: 180mm x 90mm

perguntar sobre matéria no Diário de Sorocaba, em 22/09/1978 (foto 36), anunciando que Marcus Sérgio passou a dar aulas para jovens na Escola Magnus, da Rua da Penha, ao lado do Jorge Melchiades, que ensinava executivos... Ele respondeu. “É verdade! O Jorge Melchiades tinha montado uma escola e voltado para a Capoeira. Ele cursava duas faculdades simultaneamente e, sabendo que eu era muito popular entre os jovens, convidou-me para ajudá-lo, assumindo, como seu sócio, no curso de Capoeira. Mas, antes disso, logo que o conheci, levou-me a uma loja de roupas que tinha na rua Monsenhor Soares, arrastou as araras e no vazio que se fez entre elas, disse que ia mostrar-me que seu boxe era melhor do que a Capoeira acrobática que eu praticava. Não sei porque cargas d’água fui abrir a boca para duvidar... Ele calçou um par de luvas de boxe e fechando arditosamente todo meu espaço de ação, encheu a minha cara de alegria... Ah, ah, ah. Depois disso fui trabalhar com ele e treinamos juntos. Jorge tinha uma capoeira manhosa e com muito jogo de corpo. Era angoleiro e muitas vezes deixava o outro sem ação apenas com a ginga, o que muito me admirava. Com ele aprimorei o jogo de dentro e a eficiência dos golpes. Lá no centro esportivo do Jardim Simus, ele amparou meu corpo muitas vezes, enquanto me ensinava a fazer o mortal parafusado, movimento raro na capoeiragem da época. Nunca, porém, houve qualquer rompimento entre eu e mestre Sabugo, até porque ele com seus alunos vinham freqüentemente jogar nas rodas que promovíamos na Escola Magnus. Continuamos amigos e sempre o respeitei”.



(37)

CARLOS ANDRADE (entrevista: 18/03/2003).

O “**Baiano Velho**”. Ensina Capoeira e é funcionário público municipal. Disse: “Iniciei na Capoeira, no Rio de Janeiro e procuro jogar em rodas e batizados de todos os grupos e locais. Por esse meu jeito livre de ser, colaborei com muitas apresentações e também fui arrojado algumas vezes por capoeiristas que me julgaram atrevido. Todavia, só buscava a paz e mostrar minha técnica. Conheci Jorge Melchiades logo que cheguei em Sorocaba e fui um dos poucos privilegiados a treinar com ele; **o pioneiro da Capoeira na cidade**. Isso foi no final da década de 70, lá na Rua da Penha, no Cursos Magnus. Lembro que além de capoeira, Jorge também ensinava defesa pessoal a algumas pessoas... Mas o fato que marcou sua presença em minha memória aconteceu em 1980, numa festa da sua escola, no Clube Recreativo. Nela, além de formaturas de outros cursos, também aconteceu um batismo com a

presença dos mestres **Suassuna, Joel, Tarzan** e outros. Eu relutava em jogar, porque não estava com calça apropriada e não conhecia quase ninguém. Mas, o Jorge me acolheu carinhosamente e me incentivou. Entrei e ele ficou gritando: “vai Baiano!” só para me dar moral. Joguei bem nesse dia e minha apresentação foi muito aplaudida pelo público”.

A festa mencionada por Baiano Velho



(38) (1980) Baiano jogando no Clube Recreativo sob o olhar atento do mestre Suassuna e do Falcon (sobre o ombro esquerdo do Baiano)



(39) Discoteca Zarabatana (1979) da esquerda para a direita: Biro-Biro, mestre Suassuna (de roupa comum e no berimbau), Pipoca, Escravo (atrás do Pipoca), mestre Joel (com o pandeiro), Falcon (atrás do mestre Joel e do tocador de atabaque), Pedro Feitosa atrás do Sabugo (no berimbau) e Jorge Melchiades (de terno)

aconteceu em 21/06/1980, no Recreativo do centro, quando então, quem ajudava o Jorge no curso de Capoeira já era o mestre Falcon. Curiosamente, não foram apenas o Baiano Velho, o Marcus Sérgius e o Falcon, os atraídos pela acolhedora personalidade de Jorge Melchiades. Verifiquei que o próprio mestre Sabugo, seu mais direto concorrente e seus alunos, colaboraram graciosamente em suas apresentações. Isto é muito significativo no meio da capoeiragem! Dessa **UNIÃO** resultou magníficos espetáculos, entre os quais há menções elogiosas sobre um, no Clube Venâncio Aires, de Itapetininga e de outro, na discoteca ZARABATANA, da Rua Artur Gomes (29/10/1979), quando era o PIPOCA que ajudava o Jorge.



(40)

HAMILTON PEREIRA (entrevista: 12/05/2003).

O Deputado Estadual pelo PT declara: “Eu trabalhava na Metalúrgica Nossa Senhora Aparecida e freqüentei com alguns companheiros o curso de capoeira do Professor **Luiz Sabugo**, no clube união Recreativo (Jornal Cruzeiro do Sul - 09/04/1978). Treinando Capoeira conheci Falcon, Biro-Biro, Petróleo, Geraldinho, Jesuíno e outros. Era garoto quando assisti Cidade Contra Cidade, programa do Silvio Santos, em que Sorocaba apresentou, como uma de suas mais fortes atrações, a Capoeira. Posteriormente, soube que o responsável por essa apresentação foi o Jorge Melchiades. Por outro lado, eu ainda fazia o SENAI, quando trabalhei algum tempo no departamento de vendas domiciliares de Lojas A MUSICAL e era o Jorge que nos ensinava técnicas de vendas. Assim, um dos meus primeiros empregos foi vender álbuns de discos para ganhar comissão. Com Jorge aprendíamos a abordar educadamente as pessoas para conquistar clientes para a loja. Posteriormente, voltei a encontrar o Jorge no PT, início da década de 1980, quando fui convidado a me filiar ao partido. Houve uma plenária que discutia a campanha daquele ano e posicionei-me contra a proposta que o Jorge havia apresentado. Ele sempre foi preocupado com a educação e entusiasta da Capoeira. Cheguei a conhecer a Escola Magnus, na rua da Penha e inclusive me lembro do círculo pintado no chão, onde se dava o jogo. (...) Antes de terminar, gostaria de congratular-me com você, Wellington, com a população da cidade e com TODOS capoeiristas, que recebem este valioso trabalho de pesquisa sobre a História da Capoeira, atividade muito querida e popular na cidade. A busca por conhecimento da verdade é um trabalho sublime...”

Nota: Doravante, a inicial **W** indica que o autor faz pergunta ao entrevistado.



(41)

EDUARDO ALVES DOS SANTOS

(entrevistas: 06/10/2002 e 21/05/2003). O mestre **Falcon**, titular da **Academia de Ginástica Nacional**, cujo nome foi gradualmente sendo modificado entre os anos de 1982 a 1984, conforme anúncios no jornal Cruzeiro do Sul (28/12/1982, 28/01/1984, 16/04/1984) e que atualmente é Associação de Capoeira Ginástica Nacional, disse: “Minha base veio do **mestre Joel**, mas também treinei com Professor **Antonio**, um formado

do mestre **Gilvan**. Logo que cheguei de São Paulo conheci o **Luiz Sabugo** no bairro Barcelona e participei de alguns eventos com ele, no ano de 1978. Mas, um dia fiquei sabendo que havia outra academia na cidade e fui assistir um treino lá. Era uma filial da Cordão de Ouro do mestre Suassuna, com o nome sorocabano Academia de Ginástica Nacional e funcionava na rua da Penha, 219. Foi quando conheci o **Jorge Melchiades**, dando aula para alguns alunos e auxiliado por **Marcus Sérgio**. Fiquei sabendo que levava um trabalho desde 1968. Comecei a treinar com eles e não me lembro quando o Jorge substituiu o Marcus Sergio (que tinha ido para a capital estudar e trabalhar), pelo capoeirista baiano conhecido por “**Pipoca**”. Sei que passei a treinar também com ele até que voltou para a academia do Suassuna, em São Paulo. Foi quando o Jorge me pediu que o substituísse inteiramente, pois não poderia mais dedicar-se a ela, já que seus compromissos de estudo e trabalho o impediam. Aceitei e o Jorge me apresentou ao mestre Suassuna, com o qual tive de fazer um estágio, pois ia substituir o comandante da filial da Cordão de Ouro em Sorocaba.

No segundo semestre de 1982, eu levava a Academia de Ginástica Nacional em outro local, quando cursos Magnus mudou para a Rua Monsenhor João Soares, 185. Jorge deixou-me o prédio da Rua da Penha 219 e para lá voltei, fazendo espetáculos de capoeira, maculelê e danças afro. Junto com a atriz de teatro, Matilde Santos, por exemplo, fizemos cursos para manequins, de danças e espetáculo teatral. A Academia de Ginástica Nacional teve seu apogeu nesse endereço, onde ensinei capoeira durante quase uma década. Saí ao mudar para a Rua Hermelino Matarazzo”.

W - Fale sobre a briga do pioneiro que presenciou. Sorriu e falou: **“Esse é mais um aspecto curioso do pioneiro sorocabano, que conheci sempre brigando por justiça, coerência e lealdade.** Lembro que naquela noite, um rapaz que parecia ter mais de dois metros de altura, muito forte e talvez com uns 23 anos de idade, cismou de desafiar o Jorge e não sei por qual razão, chamá-lo para brigar nos fundos de um estacionamento que ficava ao lado do Hotel Sorocaba. Só eu tinha percebido o fato e quando

vi o Jorge atender seu convite e seguí-lo em direção ao lugar ermo, acompanhei-os. Chegando nos fundos do estacionamento o rapaz vociferava, dizendo que ia esfacelar a cara do Jorge com um murro e fazendo muitas ameaças e desafios”.

Jorge, que diante do outro parecia quase um anão, andava fumando nessa época e estava destreinado. Tinha ganho peso e já estava com mais de 40 anos. Ainda assim, muito calmo tirava baforadas do cigarro e tentava argumentar pacificamente com o outro, no sentido de demovê-lo da pretensão belicosa. O rapaz não quis saber de nada e de repente avançou para socá-lo. “ O Jorge atirou o cigarro em seu rosto e aproveitando a breve confusão do agressor, atirou-o ao chão e foi para cima. Cobria-o de murros e tapas. Eu apenas observei, sem intervir, porque meu amigo Jorge controlava a situação e pediu que não me intrometesse em seus assuntos”. Essa briga só não acabou pior porque alguns alunos da escola do Jorge viram a cena da sacada do prédio e correram apartar. Vários seguraram o rapaz e foi uma beleza vê-lo, muito forte, arrastando-os de um lado para outro. Lembro que ao ajudar segurá-lo tive a infeliz impressão de ver que minha cabeça não passava muito da altura de sua barriga...

Comentei com mestre Falcon sobre o **Celso Bersi**, formado na primeira turma do mestre Suassuna, em 1969, e ainda aproveitei pedir para que falasse sobre a CAPOEIRA MÍSTICA. “Devido minha amizade com o Jorge terminei conhecendo o **Celso Bujão**, também seu amigo de longa data. A **CAPOEIRA MÍSTICA** é um novo trabalho vitalizante, energético e terapêutico idealizado por Jorge e que logo estará à disposição do povo sorocabano de qualquer idade, sexo e condições físicas. Mais não posso revelar porque ainda é segredo...”.



4. NOSSA POSIÇÃO Nº 7

Setembro / 2003

Decidi escrever a história da Capoeira na cidade, depois de verificar que muitos praticantes a ignoravam. Essa ignorância, porém, decorria de boatos “históricos” que certos professores, aproveitando-se da ausência dos pioneiros, espalhavam entre os alunos das novas gerações, para posarem de “primeiros”. Em respeito ao trabalho e méritos de TODOS, desprezei os boatos e pesquisei os fatos. Colhi documentos, fotos e filmei depoimentos, tendo tudo revelado que o pioneiro dessa prática na cidade foi Jorge Melchiades, um empresário que, em 1966, ensinou uma modalidade de luta igual ao Vale-tudo atual. A Capoeira apareceu ligada a ele na cidade, a partir de **1969**, quando criou a Academia de Ginástica Nacional, que mais tarde representou a Cordão de Ouro da capital, do conceituadíssimo mestre baiano, **Suassuna**. Seu irmão, **Jorginho**, o acompanhou nessa aventura pioneira e o que tudo indica, se dedicavam à Capoeira como lazer. Fecharam a academia por volta de 1973, embora continuassem praticando-a e ensinando-a, aqui e ali.

Em Outubro de 1977, surgiu, em Sorocaba, um TERCEIRO professor da arte, **Luiz Carlos Rafaldini**, que dedicava-se integralmente a ela. Representava a Academia Nova Luanda, de Santo André, e ficou conhecido na cidade como mestre “Sabugo”. Jorge Melchiades, logo em seguida, nos meados de 1978, montou a escola Magnus, na Rua da Penha 219, onde voltou a ensinar Capoeira em um de seus cursos. A ele associou-se um ex-aluno do “Sabugo”, o acrobático “ídolo” da juventude, **Marcus Sérgio**. Depois, passou a ajudá-lo o endiabrado “Pipoca”, um vigoroso capoeira baiano. Em 1979, surgiu o **Eduardo Alves dos Santos**, praticante que também juntou-se ao Jorge Melchiades e depois foi formado por Suassuna. Em 1982, o Jorge está afastado novamente e o Eduardo, agora professor “Falcon”, tornou-se o novo titular da Academia de Ginástica Nacional e o segundo credenciado da Cordão de Ouro, em Sorocaba.

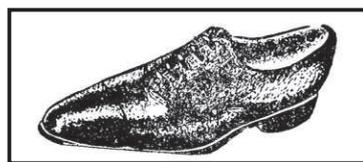
Em 30 de maio de 1982, o jornal Cruzeiro do Sul divulgou a vinda de novo instrutor de Capoeira para a cidade: o **mestre Miguel Machado**, do Grupo Cativoiro, com academia na rua Sete de Setembro e, ao qual vinculou-se Pedro Feitosa, ainda aluno. Fosse com Falcon, Sabugo ou Miguel, estavam instaladas na cidade as condições propícias para o desenvolvimento dos mestres e professores da atualidade. Entre eles, **Biro-biro, Lucas** (que

depois tornou-se o terceiro credenciado da Cordão de Ouro), **Tainha, Pedro Feitosa, Cuco, Escravo, Cupim...** Escravo funda o grupo Casa de Engenho e leva seu trabalho na década de oitenta, iniciando o **Risadinha**, entre outros, antes de mudar da cidade.

PEDRO FEITOSA DE ALMEIDA (entrevista: 17/08/2003). *Com notificação via cartório datada de 26/09/2003, solicitou que não reproduzíssemos neste livro, o seu depoimento, publicado no Nossa Posição nº 7, de setembro /2003.*

Depoimentos e documentos indicam que quando o mestre Pedro Feitosa se desvinculou do grupo Cativeiro para criar o grupo Liberdade, foi acompanhado por **China**, iniciado do Escravo, mais o Cupim e o **Jeová**, iniciados do Sabugo. Mestre Feitosa também iniciou e preparou o **mestre Jaime** e outros, antes de afastar-se e retornar após quase dez anos, conforme matéria publicada no jornal Cruzeiro do Sul, de 03/05/1998, página 20.

Neste momento é preciso esclarecer que o conteúdo fundamental da história da capoeira na cidade, vem dos documentos que atestam sua veracidade. As coincidências nos relatos das pessoas de caráter ilibado e isentas de suspeita complementam os documentos, além de ilustrar e dar colorido à narrativa. Mas, são provas de fidedignidade apenas nas coincidências com documentos, porque de resto, produzem algumas discrepâncias entre si, geralmente de importância desprezível, pois a memória falha quanto a datas e fatos antigos. O depoimento que apresenta teor inédito, embora possa ser atraente, do ponto de vista literário, não tem valor histórico nenhum.



(42) Alguns desenhos do Jorge, feitos em 1960 para o jornal Diário de Sorocaba, usados para ilustrar anúncios até 1970

Então, desde o início das pesquisas, ao filmar depoimentos e vasculhar páginas de jornais antigos, dei ao pioneiro especial atenção porque é o mais antigo e mostrou singular personalidade e especial mobilidade na cultura da cidade. Sobre ele há abundantes depoimentos e notícias nos jornais. Além de capoeira, foi empresário conceituado, apresenta-

dor de programa de rádio, palestrante em comunicação e vendas, pintor de quadros, escultor em madeira e desenhista. Dirigia time de futebol masculino e feminino, militava de modo expressivo na política partidária local, estudava Psicologia e Direito... e ainda podia ser bom de briga, ao se defender. Decidi discorrer sobre ele, enquanto uma curiosidade paralela à história da Capoeira.



(43)

MATILDE SANTOS (entrevista: 26/05/2003).

Fez espetáculos de Capoeira, Maculelê e danças afro, no antigo Teatro Fantoche, com o mestre Falcon. Ela contou que foi professora de dança na academia do Falcon, na Rua da Penha, onde o Jorge teve escola.

W – Conheceu o mestre Jorge? “O conheci quando foi formada a FESTA (Federação Sorocabana de Teatro Amador). Ele foi seu primeiro Presidente e como ocupei um cargo nessa primeira gestão, nos tornamos amigos. Ele conheceu meu trabalho de atriz e convidou-me para encenar uma peça com texto de sua autoria e direção, chamada ‘Beijos da Traição’, espetáculo com o qual ganhei prêmio de melhor atriz em festival que se encerrou no teatro municipal de Sorocaba”.

W – Como foi a atuação do dramaturgo e teatrólogo Jorge, como presidente da FESTA...? “Ele era enérgico. E digamos que na época colocou a casa do teatro amador em ordem. Também sei que foi um dos primeiros da Capoeira em Sorocaba... Depois do Jorge chegaram outros, o Cuco, o Falcon, o Caju, que é um discípulo do Cuco, né?”.

W – Na minha pesquisa constatei que após a criação da FESTA (1983) o teatro amador de Sorocaba ganhou impulso inusitado e até passou a ser mais divulgado... “É verdade! Foi muito boa essa época, porque a gente trazia personalidades importantes do teatro nacional para dar workshops, palestras... Faz falta uma federação de teatro na atualidade. Após o encerramento da FESTA em 1990, ninguém mais em Sorocaba aglutinou os artistas de teatro. Na época, Jorge abraçou a federação sem nenhum apoio dos órgãos públicos. Quando saiu, nós continuamos. Depois eu fui presidente da federação em várias ocasiões”.



(44)

JESSÉ LOURES DE MORAES (entrevista:

22/05/2003). Vereador e importante porta voz dos capoeiristas na Câmara Municipal. Diz ele: “Comecei na Capoeira logo após o meu irmão, no início da década

de 80, na Academia Cordão de Ouro, da rua da Penha, com **mestre Falcon**. Cheguei até o cordão amarelo, na época uma graduação diferente da de hoje. Em 1997 conheci o trabalho do **mestre Cupim**, através do professor **Pintado**, ambos da Liberdade. Auxiliado pelos mestres **Jeová, Jaime** e mais recentemente o **Ouriço**, faz um trabalho de grande mérito”.

W - E sobre o projeto da Capoeira em escolas municipais? “A Capoeira sempre teve a discriminação branca... Ninguém fala, mas tem gente achando que capoeira é tudo, menos um esporte nacional. Me comprometi a defendê-la no legislativo e no executivo e com trabalho firme, persistente, conseguimos fazer aprovar na câmara, por unanimidade, uma lei fixando convênio da Prefeitura com a ASCA. Só fui saber quem foi o pioneiro na cidade pelo informativo do NUPEP, mas sei que teve o mérito de levar a Capoeira numa época bem mais difícil, devido o preconceito. Aliás, esse trabalho de resgate histórico é muito importante. Posso dizer que tenho orgulho de ter em meu gabinete o símbolo da capoeira, um berimbau que me foi presenteado pelo mestre Jaime, que gravou na cabaça o brasão da Câmara Municipal de Sorocaba. Agora, também faço questão de ressaltar o trabalho de meu irmão **Josué Loures** junto aos capoeiras, inclusive cedendo um salão para o pessoal do Grupo Liberdade praticar. E aproveito o ensejo para render homenagens a todos capoeiristas da cidade, para expressar meu contentamento pelo espaço que NOSSA POSIÇÃO abriu para a capoeira e para dar meus sinceros cumprimentos ao pioneiro, senhor **Jorge Melchiades**”.

Em 27/10/2006, o jornal do município publicou concessão da Câmara Municipal de Sorocaba de título de **CIDADÃO EMÉRITO** ao Prof. Jorge Melchiades, por indicação deste ilustre parlamentar.



(45)

JOSÉ DESIDÉRIO DA SILVA (entrevista: 16/05/2003). Pessoa querida demais em Sorocaba e fora dela, o competente e respeitadíssimo profissional da mídia sorocabana desde 1962, declarou: “Conheci Jorge Melchiades em 1970, quando eu realizava um programa na Rádio Clube de Sorocaba, dirigida pelo amigo **Gastão de Lima Neto**. Era um programa versátil, que misturava músicas e entrevistas. Frequentemente eu convidava o Jorge para falar, não só de música como também de futebol e Capoeira. Entre suas lojas de discos e meu programa de rádio havia uma parceria bem sucedida, já que a **Cleusa** e a **Mary**, duas de suas funcionárias traziam os últimos lançamentos para o programa, todos os dias, uma de manhã e outra à tarde. O Jorge teve várias lojas,

uma, duas, três, quatro, cinco, seis... Era muito dinâmico. Não só cuidava delas, como de atividades esportivas. Formou um time de futebol só de amigos, para brincar nos fins de semana e confraternizar com times das gravadoras de discos e com artistas, que sempre vinham divulgar trabalhos nas lojas do Jorge. Alguns jogos desse time eram verdadeiras festas, pois as meninas, que trabalhavam com ele, iam animar os jogadores, que eram namorados, maridos ou noivos. Era o time da Musical, que jogou várias vezes com a Associação Sorocabana de Imprensa, a Associação dos Colunistas Esportivos e com times de bancários, lojistas, etc. Então, Jorge promovia confraternizações, onde grandes amizades se desenvolviam. Não era interessante essa virtude do Jorge? Ele aglutinava pessoas para cultivar amizade. Pouca gente atentou para isso ou o entendia.

No começo, eu achei que só o **Jorginho** jogava capoeira, porque era difícil associar a figura do Jorge, empresário sério, com essa atividade que era tão preconceituada. Como ele trazia artistas da música, a gente achava que ele também trazia artistas da Capoeira... Até porque, esse negócio de andar com berimbau na mão pela cidade e exibindo uniforme de capoeirista é costume recente. Mas, **foi ele quem trouxe a Capoeira e vários praticantes baianos para se apresentarem na cidade**, em clubes e na academia que montou.

Na época existiam três apaixonados em Capoeira em Sorocaba: o Jorge, o Celso Bersi e o Jorginho.

O Jorge, indiscutivelmente, foi um homem pioneiro, arrojado... e continua sendo. Ele está aí, ao vivo, para quem quiser ver. Escreve livros e é um homem muito importante para nossa cultura.

Na época, era um empresário que tinha muita ansiedade, dando sempre a impressão de que procurava alguma coisa perdida... Deu outra feição ao comércio de discos na cidade, tendo sido sua rede de lojas uma das primeiras a ter meninas bem uniformizadas e treinadas, especialmente para cativar os fregueses. Eram lojas diferentes das tradicionais... Bem arrumadas, com visual colorido e arrojado... E a Capoeira para ele era como uma paixão por coisa bonita. Os **três: Jorge, Celso e Jorginho se impuseram como pioneiros da capoeira em nossa cidade**.

Agora, o meu programa de rádio era versátil e extenso. De manhã e à tarde, das duas até às sete da noite. O entrevistado ficava quase cinco horas falando, entre músicas. O Jorge e o Celso foram entrevistados nele muitas vezes. Quando vinham artistas nas lojas eram levados para o meu programa. E não tinha aquela entrevista de dois minutos, como hoje. A

pessoa ficava comigo a tarde inteira, conversando e falando de tudo, de pescaria, de futebol... A gente fazia um programa bem amigo, aberto, com gente falando por telefone. Ainda uso isso no meu jornal de hoje, porque não vou acordar a pessoa às seis da manhã para falar dois minutos. Quando ela é interessante e expõe assunto de proveito à população, fala cinco, quinze, vinte minutos ou meia hora, se for preciso. E o Jorge era um homem de vários assuntos. Falava sobre muitas coisas... De repente, ele trazia um artista que ia fazer uma apresentação no Recreativo, por exemplo, ou falava da abertura de novas lojas, da estrutura comercial da cidade, do futuro de Sorocaba. Naquele tempo não se usava a expressão 'marketing' e sim relações públicas, propaganda.... Mas, o Jorge foi um grande 'marketeiro' da época.

Nasceu antes do tempo. Se ele fizesse marketing, hoje seria 'marketeiro' de grande projeção. Pensava as coisas muito na frente.

Como ele divulgava as lojas dele? Fazendo muitos amigos. Ninguém atentou para esse detalhe, mas eu sempre disse que ele foi um dos primeiros 'marketeiros' da cidade".

W - O senhor esteve naquele jogo, em Brigadeiro Tobias, em que teve uma briga feia com ele? "Sim. A gente se entrelaçava ali. A gente era amigo do Jorge e ficava muito feliz na união com aquela turma do futebol. Fomos lá jogar contra um time em que eu poderia estar em qualquer dos lados, sem nenhum problema... Os vinte e dois que estavam ali não tinham motivo nenhum para briga, porque eram amigos. Mas, o time da Musical vinha ganhando e começou a surgir uma rivalidade, uma tensão emocional, e de repente, teve a briga entre diversos jogadores, policial dando tiros para o ar e coisa e tal. O Jorge que era e é um homem de paz, de muita paz por sinal, foi atacado. Alguém tinha sido muito imprudente para tentar pegá-lo pelo pescoço. E o Jorge, para se defender, usou algo do que sabia para botar o sujeito no chão e quebrar uma ou duas de suas costelas. Mas aplicou só o suficiente para se defender. Até comentei depois com o Jorginho e com o Celso: se o Jorge aplicasse com raiva o que sabia, a pessoa nunca mais levantaria. Tanto foi assim que o Jorge foi visitar a pessoa na casa dela para pedir desculpas. Foi um corre-corre de barbudo para lá e para cá, mas todos continuaram amigos. Talvez ainda hoje se encontrem por aí e conversem alegremente, porque ainda existe a lembrança daquela afinidade boa, daquela beleza, da amizade que existia naqueles jogos. Se voltassem as mesmas pessoas, em novo jogo, seria o mesmo encontro, a mesma alegria, a mesma felicidade, o mesmo prazer, porque não houve rompimento do elo. A partir

daí, não se teve mais o time da Musical. Quem viu, viu, quem não viu, nunca mais verá o time do Jorge, 'dos Amigos da Musical'. Algum tempo mais tarde cruzei com ele na Rua São Bento. Me olhou fixamente e disse: 'vou mudar de vida'. Como quem disse isso foi um homem bem sucedido no comércio, um insaciável por coisas diferentes, que conheci, entendi que ia montar mais cinco lojas, ou coisa assim. Passou-se mais tempo e cruzei com o Jorge novamente. Perguntei: e aí? E ele: 'Mudei. Agora estudo Psicologia Espiritual, sobre a vida e a morte, sobre a existência fundamental, essencial... Ele já tinha esse estilo meio zen, de paz, tranquilidade, e sempre foi uma pessoa que a gente admira muito pelo estilo de ver as coisas.

É muito leal às pessoas que o cercam, sério e acima de tudo simples. Não sobe pelo orgulho ou pela vaidade nem desce pelo desânimo ou humildade falsa. Permanece sempre o Jorge, que a gente admira muito”.

W - O senhor foi o primeiro na cidade a narrar os jogos de futebol de várzea? “Pois é! Comecei brincando nos jogos da Musical. Eu levava o gravador e gravava. O pessoal gostava e achava curioso, porque eu vinha de uma transmissão internacional de Copa do Mundo. O Jorge dizia: ‘Você vai irradiar jogo nosso, depois de vir de uma Copa do Mundo? Não acredito!’ E eu: para mim é a mesma coisa! Tanto faz irradiar jogo da Musical, da Argentina ou do Brasil, porque estou entre amigos com vocês e quando estou com meus colegas de profissão. Além disso, a responsabilidade é a mesma. Não posso fazer coisa mal feita nem aqui nem lá”.

W - O senhor pode falar sobre seu trabalho atual? “Claro! Hoje sou Diretor Jornalístico da Rádio Boa Nova, que é a antiga Rádio Clube e a mais antiga PRD7. Levo um programa de Notícias e Entrevistas que começa às 6 horas da manhã e vai até às 8 horas. Trabalhei vinte e três anos na antiga Rádio Clube e depois fui fazer uma experiência na **rádio FM do Pagliato**, a Rádio Ipanema. Durante anos fiz programas nas duas, na Rádio Clube AM e na Rádio Ipanema FM, até perceber que não podia servir a dois senhores. Saí da Rádio Clube e fiquei um pouco na Ipanema. Aí, acho que me deu a ansiedade do Jorge, porque queria ver coisa nova, diferente e arriscar, porque não estava mais na idade de andar mudando e porque o Brasil entrava numa fase de desemprego geral. Então, saí da Ipanema e voltei à Rádio Clube, que me recebeu de volta. Fiquei mais dois anos até que a Rádio Clube criou a CBN. Pensei: é melhor eu parar e deixar a juventude que está chegando tocar isso’. E parei com a Rádio Clube de novo. Pensava: ‘Zé, você não tem sossego?’ Ah, eu não dava certo com a CBN! Fiquei uns trinta dias por aí...

Os amigos me convidavam: 'Zé, você não quer vir transmitir o jogo para nós? O locutor daqui ficou doente'. Assim fui transmitir um jogo e outro amigo, que era dono da Rádio Campinas, me convidou para comandar uma equipe de jornalismo de dezoito pessoas. Falei: 'vou ficar trinta dias'. E fiquei seis anos tocando a CBN de Campinas, **tendo recebido da cidade o título de cidadão** e outros prêmios importantes, pelo trabalho desenvolvido. Enquanto ainda estava lá, montei a Rádio Cruzeiro do Sul e o **Laor Rodrigues**, que era seu diretor, me convidou para vir para cá. Respondi: Laor, eu vou ficar em Campinas e quando voltar de lá posso até aceitar seu convite. Campinas é uma bela cidade, que eu muito respeito e vou defender sempre... Mas, começava a perder o elo com Sorocaba e não podia, pois morava em Sorocaba. Mas viajava todo dia. Saía de madrugada e voltava a noite. Aí voltei e estou na Rádio Boa Nova. O pessoal da Maçonaria e o presidente da FUNDEC, o Wilson, também me convidaram para a TV COM de nossa cidade. Aceitei e estou lá, fazendo um programa diário de ESPORTES, que começa às 18h30. Nas quartas, às 10h30 e domingos às 14h30, entrevisto personalidades. Minha vida é essa.

E tudo começou há algum tempo, com as primeiras entrevistas sobre capoeira com o Jorge Melchades. Gosto desta vida e das pessoas que entrevisto, porque fazem parte da minha história. Elas contam histórias que eu gosto e o Jorge tinha muitas, do seu time de futebol, das lojas, da Capoeira... Agora ele fala de seus estudos, dos livros, da sua peça de teatro... Quero dizer, o Jorge é um homem de várias matizes e tem muita coisa boa para acrescentar à nossa cultura. Lembro até hoje o que ele dizia: 'Capoeira não é para brigar. É para ter um físico bom. Para ele a Capoeira tinha filosofia. Dizia que era um jogo como o tênis, o futebol, que é boa para alma, para o espírito, para a cabeça e para a cultura, porque representa a herança da linda gente negra ao nosso país. Então, o Jorge tentava pôr na cabeça das pessoas, que Capoeira é para aperfeiçoar o físico e evitar doenças. Pode ver que o Jorge raramente fica doente. É um homem que tem uma saúde maravilhosa. Ele dizia que quem evita DROGAS de todo tipo e pratica esportes, tem saúde privilegiada, raramente ficando doente e evitando até gripe". Confesso ter ficado um tanto quanto sensibilizado por esse apreço que o Jorge recebeu do Desidério. Me fez concordar, que FAZER AMIGOS é a melhor das opções na vida.

O senhor José Desidério nasceu na cidade de Conchas, onde é cidadão querido e respeitado. Recebeu de Campinas o título de Cidadão, e está em Sorocaba desde 1962, que lhe outorgou não só o título de Cidadão, como de Cidadão Emérito.

5. NOSSA POSIÇÃO Nº 8

Novembro / 2003

Pesquisei documentos, fotos e depoimentos e todos demonstram que o pioneiro dessa prática na cidade foi **Jorge Melchiades**, empresário que em **1966** também ensinou uma luta que criou, igual ao Vale-tudo atual. A Capoeira aparece ligada a ele nos jornais da cidade, a partir de **1969**. Ele passou a representar, então, a **Academia de Ginástica Nacional** local e a **Cordão de Ouro** da capital, do renomado mestre baiano, **SUASSUNA**. Seu irmão, **Jorginho**, o acompanhou na aventura pioneira. Fecharam a academia por volta de 1973, embora existam informes de que ainda a ensinaram aqui e acolá. Quase **dez anos após** o início dado pelos irmãos, em outubro de **1977** apareceu em Sorocaba um **TERCEIRO** professor da arte, o "**Sabugo**", que representava em tempo integral a academia **Nova Luanda**, de Santo André. Jorge Melchiades, logo em seguida e, nos meados de **1978**, voltou a ensinar Capoeira em um dos cursos da escola Magnus, que instalou, na Rua da Penha 219. **Marcus Sérgio**, conhecido por seu jogo acrobático o acompanhou no início, depois o endiabrado **Pipoca**, um vigoroso mestre baiano. Em **1979** também juntou-se ao Jorge Melchiades o **Eduardo A. Santos**, que após novo afastamento do Jorge, entre **1981 e 1982**, deu continuidade à Academia de Ginástica Nacional. Ele tornou-se conhecido como mestre "**Falcon**" e foi o segundo autorizado a representar a Cordão de Ouro em Sorocaba. Em maio, do mesmo ano surge o **Grupo Cativoiro**, na rua Sete de Setembro, dirigida pelo mestre **Miguel Machado**. Nos anos seguintes foram aparecendo os mestres e



(46) Malu e Marlene jogam...

Alunas do Jorge foram as primeiras capoeiristas da cidade.

Jornal Diário de Sorocaba - 07/09/1978 - pág. 13

Original: 170 mm x 170 mm

professores da atualidade, como **Lucas** (o terceiro credenciado da Cordão de Ouro), **Tainha, Escravo, Cupim, Jeová, Baianinho, Risadinha, China**, entre outros.



(47)

MANOEL TROIANO DOS SANTOS

(entrevista: 08/10/2003). Conhecido como **mestre Cuco**, disse: “Comecei a praticar Capoeira na rua e depois com o **mestre Miguel Machado**, que vinha a Sorocaba toda semana para orientar os alunos, mais ou menos graduados, do grupo Cativeiro. Mais tarde, quando iniciei meus próprios trabalhos, queria expandir para fora da cidade, porque aqui certos segmentos religiosos faziam forte resistência ao desenvolvimento

da Capoeira. Apesar disso, na década de **90** criei o projeto “Capoeirança” e dei aulas para crianças carentes em vinte bairros da periferia. Aí, o poder público interessou-se pelo projeto e o expandiu, fazendo a Capoeira entrar em mais de 50 escolas e ficar mais respeitada. Procurei me formar em Educação Física para dar um respaldo mais científico e técnico para a capoeira”.

W - Teve contato com o pioneiro, Jorge Melchiades? “Fui um dos que, nos idos de **80**, vendeu cursos, da escola Magnus, cujo proprietário era o Jorge e onde conheci a Capoeira... Eu era adolescente ainda”. **W** - Quem mais, além do Jorge, dava aula lá, em sua época? “Um mestre chamado Pipoca, que há pouco tempo reencontrei na Bahia”.

W - Depois que iniciou, você nunca mais abandonou a Capoeira? “Iniciei no grupo cativeiro e fui recebendo graduações até me tornar mestre, sempre fazendo estágios adicionais pelo Brasil. Percebia, nessa trajetória, que o interesse público pela capoeira esquentava e esfriava, obrigando alguns professores a migrarem para outras artes marciais ou virarem evangélicos... Eu queria mostrar que a Capoeira é viável e preparei uma equipe de professores para trabalhar nos bairros, inclusive em academias mistas, para mais pessoas terem acesso a ela. Procurei me manter estável, independente da capoeira virar modismo ou ter pouca procura. E, apesar de mestres mais antigos se acomodarem, até por motivo de força maior, na ânsia de expandir a capoeira me expus, muitas vezes participando de lutas até contra outras artes marciais. Fui o primeiro a lançar CD de capoeira em Sorocaba e a incentivar os praticantes a cursar a faculdade de educação física, para que tivessem condições de trabalhar até em outros países. Tenho dois CDs gravados, um inovando, com ritmos de *reggae* e *dance* e outro de Capoeira de Angola. Também dou sustentação para núcleos de

Capoeira na região de Sorocaba e no exterior. Os que me respaldam nessa tarefa são os contramestres **Gera, Alemão, Nei, Zóio, Cirino, Franja, Caju, Cocão, Careca, Jorge, Ingrid e Francine**, minha filha. Acho legal manter a tradição, as raízes da capoeira de angola e da regional, além de praticar a contemporânea”. Saliento que encontrei nos jornais de Sorocaba, anos de **1997 e 1998**, matérias sobre o trabalho de Cuco e em **2001**, notícias do primeiro campeonato nacional de Capoeira organizado por ele e seus formados em Xalapa, no México.



(48)

levava uma peça teatral e um time de futebol feminino. Eu, inclusive, fui o primeiro freguês do sebo dele. Comprei lá um livro, *O Evangelho Segundo o Espiritismo*. Ele anunciava nos jornais que comprava livros usados e, às vezes, eu ia ajudá-lo no serviço braçal de carregá-los (foto 49). Nunca esqueço disso, porque nessa época ele estava com um corcel vermelho, que vivia dando problemas mecânicos e em certa ocasião a gente precisou empurrá-lo. Depois, lembro que mudou-se para um prédio da rua Brigadeiro Tobias, no final de **1984**, onde a escola foi para adultos por pouco tempo. Lá virou a escola **Magnus Júnior**, que, em **1989**, passou a funcionar em prédio próprio, numa bonita chácara, no Jardim Magnólia”.

W - O senhor sabe com quem

PAULO SÉRGIO FRANZONI (entrevista: 19/10/2003). Foi aluno do Jorge Melchiades, no curso supletivo, da Escola Magnus, na rua da Penha e seu amigo. Hoje ele é funcionário público municipal e disse: “Eu o conheci primeiro na escola da Rua da Penha, que depois mudou-se para a rua Monsenhor João Soares, em **1982**. Como tinha um salão comercial na frente desse prédio, Jorge aproveitou para montar uma livraria de usados ou um **sebo**. Naquela época ele também

Feira do Livro

Livros novos e usados a partir de Cr\$ 10,00. Faça-nos uma visita. Rua Mons. João Soares, 185.

(49) Um dos anúncios do sebo, Jornal Diário de Sorocaba 10/04/1983



(50) Escultura do Jorge
jornal Cruzeiro do Sul
17/11/84 - pág. 15

ficou a livraria ou o acervo de livros do sebo? “Não. O que sei é que o Jorge não levou-o para o prédio da rua Brigadeiro Tobias, porque na época fiz uma colocação de vidros lá. Até lembro do Jorge, no quintal, fazendo uma escultura (foto 50) para sua peça de teatro... Fiquei impressionado. Ele pegou um bloco de barro e depois de molhar as mãos o enchia de tapas, murros e esfregões, até que, praticamente do nada vi sair uma forma escultural fantástica. O Jorge tem uns talentos que...”.

W - No início da década de 80, Jorge também promovia eventos culturais... Você chegou a participar de algum? “Lembro quando promoveu uma excursão para os alunos irem a São Paulo, para assistir uma peça de teatro, do **Plínio Marcos**. Eu nunca tinha entrado num teatro. Era o teatro Taíbe e a peça, *Jesus Homem*. Por sinal, ela causava um certo impacto, porque quem interpretava Jesus era um negro. Plínio Marcos fez isso para chamar a atenção ao preconceito que existia em cada um de nós. Ele dizia que devíamos prestar atenção nas idéias que Jesus passou, não na cor da sua pele. Plínio Marcos era um cara fantástico e o Jorge, que não ficava atrás, gostava muito dele. Eu lembro que o Plínio Marcos estava fazendo uma palestra um pouco antes do espetáculo, sobre a situação política, econômica e social do país e eu me levantei e perguntei: Como a gente pode mudar isso? E ele falou: “Se todos nos unirmos, podemos criar uma situação que mude essa realidade. O problema é que a maioria das pessoas se omite”.

W - O senhor viu o Jorge lutar ou brigar alguma vez? “Graças a Deus nunca vi. Acho que já devia ter parado de praticar lutas. Mas o pessoal falava, comentava. Conheci um rapaz de nome **Maurício**, por exemplo, que era extremamente forte e comentou que tinha treinado Capoeira com ele e que o Jorge era muito bom de briga. Talvez eu tenha visto algo parecido, quando ele me convidou para acompanhá-lo a São Paulo, pois ia retirar sua carteira de advogado, na OAB... Ele achava que ia recebê-la de uma funcionária qualquer, em algum balcão e sem nenhuma formalidade. Por isso fomos vestidos de qualquer jeito e bem à vontade. Chegando lá, a entrega ia ser no salão nobre da OAB, que já estava cheio de homens e mulheres muito bem vestidos. Achamos dois lugares discretos, meio escondidos e aguardamos. Logo se compôs, lá na frente e num elevado, a mesa diretora dos trabalhos. Um dos homens austeros e elegantemente trajados, que compuseram a mesa, falou apresentando o outro, o Presidente da OAB, que faria a entrega das carteiras. Ele foi logo solicitando que algum dos presentes fosse na frente fazer um discurso. Todo mundo ficou quieto. Aí ele falou que não entregaria as carteiras se nenhum advogado fosse lá fazer o discurso. Novo silêncio se fez. Foi quando vi o Jorge já

diante do microfone. Fez um discurso em torno da responsabilidade política do advogado no país e foi muito aplaudido por todos. O ambiente intimidava e eu acho que o acanhamento tinha paralisado todo mundo. E o Jorge sempre foi um cara atrevido, fala bem e é muito inteligente. Acredito que se ele não fosse, não iria outro, porque o pessoal ficou retraído na hora que o homem desafiou”.

W - A estátua de barro que viu o Jorge fazer era para o teatro? “Era para uma peça escrita e dirigida por ele, que fui assistir no teatro Fantoche. Seu nome era **Beijos da Traição** e nela tinha uma frase que nunca mais esqueci: ‘as palavras são desnecessárias quando os espíritos se entendem...’”.



(51)

ISMAEL DOS SANTOS HERGEZEL

(entrevista: 16/10/2003). Este respeitado professor de Português disse: “Na época (1983), sofríamos o preconceito de não ter valor como dramaturgos, artistas e diretores de teatro, enquanto não recebêssemos as bênçãos explícitas dos que se consideravam os ‘monstros sagrados’ da arte e da crítica na cidade, por integrarem grupos mais antigos e encontrarem respaldo no poder político vigente. Toda arte teatral, para ter algum apoio, portanto, tinha que adotar o mesmo modelo deles. Eram pessoas talentosas, sem dúvida, mas formavam uma espécie de casta, uma elite cultural com acesso privilegiado na imprensa escrita e falada e aos meios e modos de produção artística. Os que não faziam parte dela eram desacreditados e, por isso, encontravam dificuldades imensas para preparar atores, montar espetáculos e divulgá-los. A FESTA, Federação Sorocabana de Teatro Amador, foi a mudança necessária e iniciou com o **Jorge Melchiades**, que, como nós, trazia muita ansiedade por idéias novas. Sua ação enérgica, impetuosa e destemida abriu caminho para uma série de grupos menores que não encontravam espaço, nem projeção. Eu fiz parte, tanto da primeira diretoria reunida para lutar pelos avanços, como de um grupo experimental chamado Nelson Rodrigues. A FESTA trazia a antítese às idéias vigentes e o pessoal da velha guarda resistia. Achava que não era o momento de mudar e por isso ocorreram confrontos. Primeiro, tivemos de nos bater contra os componentes da casta, depois com os órgãos públicos e com a imprensa. Tivemos também, um sério confronto de idéias com o Delegado Regional da Cultura da ocasião, que nos proibiu de entrar na Casa da Cultura e criou uma discussão que quase virou briga na frente do prédio da entidade.

Durante todo o tempo de tensão e nervosismo que enfrentávamos, Jorge era muito amoroso e falava: 'Vamos com calma e em frente que a gente chega lá... A gente consegue'. E realmente, conseguimos".

W - O Jorge era o líder do movimento? "Sim, liderava a festança... Explico: o nome da Federação anterior era FETABAS, que teve memorável atuação mas depois parou no tempo. A ironizávamos criando lapsos de linguagem e chamando-a de OFEBAS, empresa fornecedora de serviços para defuntos. O nome tinha duplo sentido; além de Federação, significava o eclodir de uma festa que dava a todo mundo a oportunidade de fazer teatro. Como de fato, por causa da FESTA a cidade fervilhou em arte, pois logo realizou o primeiro FESTAR, um festival de teatro de que participaram grupos de Santo André, São Paulo, Jundiaí, Sorocaba e região. O teatro, que antes quase não aparecia nos jornais, passou a ser destaque até na primeira página, com amostras, palestras, apresentações, dramatizações de textos, poesias, debates etc. A FESTA popularizou o teatro, levando a uma visão menos preconceituosa. Antes, você montava uma peça e vinha meia dúzia de pessoas para ver. Depois, a população passou a ir ao teatro".

W - Li notícias indicando que a oposição levantada contra a FESTA gerou calorosos debates na Biblioteca Municipal e no auditório do jornal Cruzeiro do Sul (foto 52). O senhor participou deles? "A FESTA fez algo que não se fazia até então. Promovíamos leituras dramatizadas de peças teatrais e de poesias, com debates... Primeiro na Casa da Cultura e depois de expulsos de lá, na ESCOLA MAGNUS, da rua Mons. João Soares. Agora, os debates aos quais você se refere eram "brigas de cachorros grandes" e nós participávamos mais como torcida. Ainda éramos um tanto quanto inexperientes em luta política e as discussões eram entre o Jorge Melchiades e os intelectuais famosos da cidade e de fora, mais radialistas e jornalistas. As discussões eram acaloradas, porque eles se opunham a nós. Se achavam "monstros sagrados" e os únicos capazes de fazer cultura na cidade. É claro que eram figuras proeminentes e de grande qualidade, mas isto não lhes dava o direito de criar obstáculos aos mais novos".

W - Então, o Jorge era encrenqueiro mesmo? "Uma figura interessante. Quando quer uma coisa vai até o final. Lutar pelo objetivo traçado é uma qualidade típica do Jorge. Ele discutia, batia boca, ia em frente e não abria mão de suas idéias. Eu confesso que em certos momentos ficava receoso... Tinha vontade de falar para ele: 'Dá um tempo! Você está indo demais, além de nossas pernas...'. Mas não falava, porque o Jorge tinha uma argumentação forte. Ia colocando idéias e argumentando até

que chegava lá. E quando as partes não cediam diante da rica argumentação do Jorge, dava no que dava: em bate boca. Um tinha de segurar o outro senão partiam para o corpo a corpo. Mas, eu acho que isso tinha de acontecer. Fazia parte do processo de transformação”.

W - Encontrei notícias no jornal sobre sua peça, chamada Os filhos do ladrão... “ Pois é, ainda hoje, quando encontro o **Tim**, ator sorocabano, ele comenta que era uma das pérolas do teatro sorocabano. Revelava o lado safado do político... escrachava, satirizava até com palavrões e cenas meio obscenas, na intenção de denunciar a sociedade reprimida da ditadura militar. Quando o Jorge disse: “Vamos fazer um festival para os garotos mostrarem o que sabem fazer”, a peça, ‘Os filhos do ladrão’ foi premiada e uma de suas atrizes, a **Pit**, como a melhor do festival”.

W - E hoje? Parou? “Alguns colegas de teatro pedem texto e eu escrevo... Faço também poesias, algumas publicadas. Tenho uma peça que esta sendo montada em São Roque. É sobre a problemática da juventude, que deu uma descambada na moral, na sexualidade e está meio perdida, **sem direção ideal**. Está no nada a ver, no pega nada... Aliás, o título da peça é Pega Nada”.

W - O senhor também participou de protestos na praça central de Sorocaba? “Sim, foram por conta da oposição ferrenha que faziam à Festa. Não abriam espaço. O grupo de elite do teatro era terrível. A gente convidava para ver o espetáculo da gente e alguns deles diziam: “Não vi e não gostei”.

MESA REDONDA

Os Rumos do Teatro Amador em Sorocaba.



<p>Expositores: Armando Oliveira Lima presidente da Fetabas Jorge Melchades de Carvalho Filho presidente da Festa Laurival Maffei delegado regional da Cultura Maurício Pacheco Chagas presidente da Cotaesp Osório Teodoro de Moraes autor e diretor de teatro</p> <p>Debatedores: Atores, autores, diretores de grupos de teatro amador e todas as pessoas interessadas.</p>	<p>Dia 28/01 sábado, 14 h.</p> <p>no auditório do Cruzeiro do Sul Av. Eng. Carlos Reinaldo Mendes, 2800 Alto da Boa Vista.</p> <p>Promoção: Fundação Ubaldino do Amaral</p> <p>Jornal CRUZEIRO DO SUL </p>
---	--

(52) Jornal Cruzeiro do Sul - 25/01/1984 - pág. 10
270mm x 160mm

Eles realmente achavam que só o teatro deles tinha valor. Tinha um que era advogado e uma pedra constante em nosso sapato. Boa gente, mas queria cobrar de nós os direitos autorais, como se fôssemos profissionais de teatro. Muitas vezes impedia nossos espetáculos de acontecer”.

W - E sobre o Jorge na Capoeira? “Conheci o Jorge no início de **1983**, quando precisávamos de um espaço para ensaiar e o Renan Dimuriez arranhou com ele, na **Escola Magnus**. Lá eu vi algumas fotos dele comandando um grupo de capoeira no programa do Silvio Santos e eu achei estranho, porque a gente não conseguia associar sua figura austera com a Capoeira... Mas, como o programa do Silvio Santos era o *top* do momento, as fotos mostravam que ele não atuava apenas na educação e no teatro. Foi quando também descobri que o Jorge é um batalhador. Eu admiro a calma dele. Ouve a gente. Não desiste do ideal. Mira em frente e vai...”.

W - O senhor, enquanto professor, tem tido contato com a Capoeira? “Tenho amigos que praticam e, às vezes, as escolas onde leciono pedem apresentações. Dizem que a Capoeira faz bem ao espírito e ao corpo... mas, a gente tem visto no antes, no durante e no depois de algumas apresentações, atitudes nada saudáveis, ou a incoerência entre o que se fala e o que se faz. Tem alguns grupos que desabonam a Capoeira e desencadeiam uma reação contrária a ela. Tanto é que antigamente eu parava para ver uma roda de capoeira, mas hoje em dia passo direto”.

W - O que o senhor pretende no futuro próximo? “Já tentei ser ator na antiga TV Tupi e fui metalúrgico. Há quinze anos dou aula em escolas públicas e no ano que vem pretendo lecionar em escolas particulares. Também quero voltar a fazer teatro. Estou muito preocupado com a juventude e o teatro oferece uma linguagem para incutir novas idéias. As velhas idéias estão aí se impondo e o adolescente cada vez mais envolvido pela sexualidade e drogado... Um psicólogo estrangeiro até diz, quanto a isso, que há uma **normose**, isto é, comportamentos antinaturais e alienados, mas que devido ao fato de tantas pessoas o reproduzirem, há quem ache que são normais”.



(53)

BENEDITO AUGUSTO DE OLIVEIRA

(entrevista: 05/05/2003). Sindicalista da saúde e diretor teatral, conhecido como **BENÃO**. **W** - Durante minhas pesquisas constatei que o senhor foi secretário da primeira FESTA... “Ela foi a segunda grande federação em Sorocaba, depois da FETABAS, Federação do Teatro Amador da Baixa Sorocabana. Havia a Confederação

Nacional e a Estadual. A FESTA nós criamos para organizar os artistas de teatro na cidade. O **Jorge Melchiales** era presidente, eu secretário, **Renan Dimuriez** vice presidente. Fizemos um grande movimento teatral na cidade e um festival espetacular que foi levado no Teatro Fantoche e no Municipal. Aquilo ficou para a história do teatro sorocabano. Através da FESTA dialogávamos com todo movimento teatral do Brasil. O teatro sempre foi uma arte muito perseguida e no regime militar seus artistas foram discriminados... Atriz era prostituta, ator era drogado ou... Enfim, o teatro teve um período muito marginal. Teve um período da ditadura em que os artistas foram banidos, reprimidos e coisa e tal. As pessoas que faziam um teatro revolucionário foram presas e os artistas que restaram flertavam com o regime. Faziam um 'teatrão' de consumo produzido para a classe dominante, que não desejava questionar a realidade do país. Era só entretenimento ou besteiro. As reações vinham do Arena, do Oficina, que faziam teatro revolucionário, político, engajado, em oposição à arte oficial, sem conteúdo de questionamento. Nesse período também surgiram grandes autores, como **Plínio Marcos**, por exemplo, que 'corria por fora'. Tinham grandes atores e autores do chamado 'teatro novo', que pressionavam o modelo institucional de arte. E o Jorge, que vinha de outras histórias, deu uma contribuição muito importante ao teatro sorocabano ao aglutinar seus artistas.

O artista é muito rebelde, por excelência. Essa coisa de se organizar em entidade é complicado para ele. Você não vê aí uma greve dos artistas ou organização nesse sentido... E o Jorge talhava por um melhor nível. Sabia o que era uma entidade, como organizá-la e tudo o mais. Ele vinha de um outro segmento que não era o teatral, genuinamente, mas vinha contribuir com a formatação de uma entidade, com a geração do saber político no meio artístico. Foi um cara que marcou época. Nesse período haviam os grandes monstros sagrados do teatro, que existem até hoje em Sorocaba. Há até quem diga que eu sou um deles... Havia grandes diretores na época e artistas emergentes com muita vontade de fazer um teatro que revelasse a sua comunidade e dialogasse com ela. Como fazer isso naquele período?

Como organizar? Como fazer uma federação de teatro? Ou uma assembléia com artistas de teatro? Isso não é pouca coisa. E foi aí que o Jorge trouxe o diferencial. Ele nos ensinou a fazer isso tudo. Teve a paciência de reunir as pessoas e de falar: "calma meus filhos, vocês estão muito excitados e é preciso disciplina. Uma revolução não é feita do dia para a noite..."

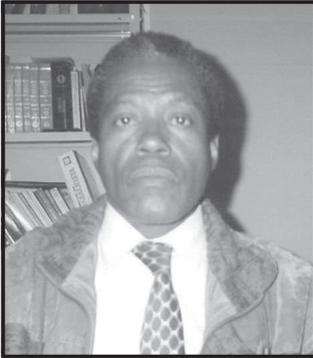
Tem que treinar... A categoria teatral dominada pela classe dominante da cidade era um ninho muito fechado. Se você fazia um teatro que relatasse a violência e levasse questões sérias para o palco, estava excluído. A FESTA resgatava o papel legítimo do teatro e o Jorge foi seu primeiro presidente, portanto, todo debate e bronca caíam em cima dele. Só que o Jorge, você sabe, é muito bem preparado. Nós ficávamos boquiabertos.

Foi um cara que chegou, pegou todos aqueles artistas marginais e reuniu numa federação e daí foi discutir com a classe dominante a estética de fazer teatro, as novas fórmulas de fazer teatro, o novo papel do teatro e o novo conteúdo que o teatro devia ter. Então, sendo ele muito importante para a época, sua atuação só devia ser polêmica. Até hoje a sua atuação histórica nesse período continua muito polêmica. Mas é porque ele tinha consciência do que estava defendendo e muitos de nós não.

Então, hoje você ouve falar de materialismo dialético, ateísmo, espiritismo e tal e coisa. A gente começou a ouvir isso com o Jorge. Quem vinha dizendo para os atores da cidade: “olha, existem movimentos filosóficos cristãos e os que não são cristãos também”, foi o Jorge. Eu o vi recentemente e pelo visto não mudou muito, inclusive fisicamente. Parece que dorme no formol, né? No teatro ele escrevia e dirigia. Eu me lembro de ‘Maria das Dores’, mas tinha outras... Até hoje o Jorge é um autor teatral muito talentoso. Tem visões cênicas muito boas e os espetáculos dele também eram muito polêmicos na época. Então, espero que ele continue nesse duro ofício nosso que é de montar espetáculos de teatro. Depois do nosso movimento, o teatro amador tomou outros rumos. Uns diretores remanescentes dele acabaram ficando um pouco mais famosos e eu sou um deles. O poder público se tocou e quando chegou no final da década de **80**, o município me contratou para fazer o **Projeto Ícaro**, do qual participei de **1987 a 1990**. Antes disso, estive em Piracicaba e fui contratado pelo centro acadêmico da UNIMEP, para dirigir teatro, na época. Por volta de **1986** eu montei lá a ‘Aurora da minha vida’, de Noel Alves de Souza e outras. O Renan Dimuriez foi para o norte do país fazer televisão, na TV Manchete de lá. Houve uma esparramada no movimento que nós tínhamos. A federação de teatro com os grupos organizados, se extinguiu”.

W - Então, o trabalho da FESTA abriu caminhos? O senhor continua no teatro? “Muitos caminhos, sem dúvida. Daqui a pouquinho, inclusive, eu vou para um ensaio, em Mairinque. Estou dando uma oficina lá, por conta

de um projeto da Secretaria do Estado da Cultura. O projeto chama-se 'O riso'. Tem coisa que você contrai como um vírus, que vai até te matar e teatro é um deles. Eu sou sindicalista, mas ensaio linearmente. Montei 'O rinoceronte' no ano passado, do Eugênio O'Neil, pela Oficina Cultural Grande Otelo e 'Dorotéia', de **Nelson Rodrigues**. Recentemente fui para o Mapa Cultural e montei vários espetáculos. Todo ano estou aí”.



(54)

CLAUDINEL RENATO DA SILVA (entrevista:

06/08/2003). Advogado, professor de educação física e terapeuta. **W** - Soube que o senhor esteve no debate entre o Jorge, artistas do teatro e profissionais da imprensa escrita e falada da cidade... “Sim, foi na época em que alguns de nós tentávamos resgatar alguns valores culturais. Foi na Biblioteca Municipal, que era na Rua da Penha e lembro de ter alertado o Jorge de estar dizendo coisas que o pessoal não estava preparado para absorver naquele momento. Ele foi mal compreendido no que falou e todos ficaram muito revoltados com o discurso que ele fez. Para entender isso melhor, veja que naquela época até o beijo foi proibido em Sorocaba, por um Juiz de Direito. Eu estava fazendo teatro amador e com meu pessoal saímos por aí beijando todo mundo em sinal de protesto. A proibição criou uma celeuma que foi matéria jornalística em toda imprensa nacional...”.

W - O senhor está dizendo que o pessoal não tinha capacidade de entender o Jorge, na época? “Alguns até poderiam entender, mas talvez não quisessem...”

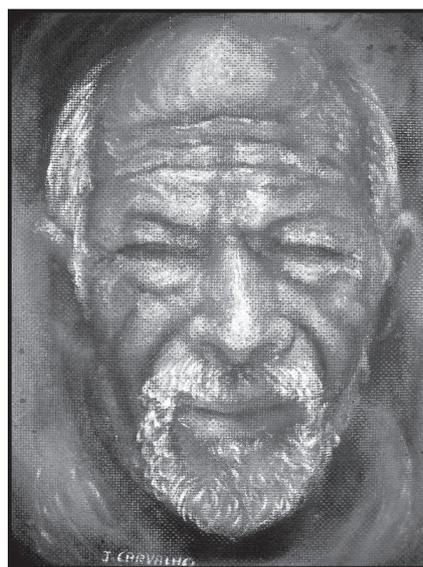
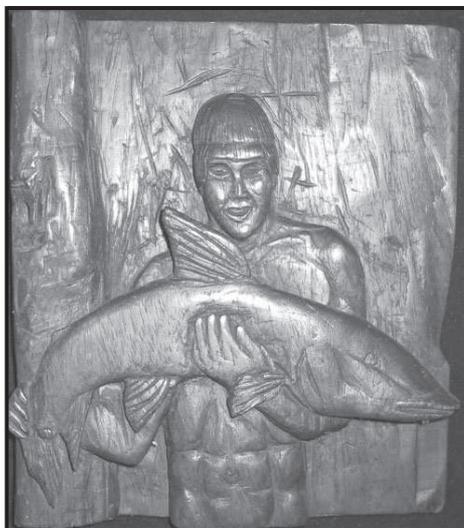
O Jorge sempre esteve um pouquinho à frente de sua época. É um filósofo e psicólogo de fato, foi um ótimo aluno de direito, participou de atividades no Diretório Acadêmico da FADI e, em Sorocaba, sempre tivemos uma cultura provinciana, meio fechada.

As elites iam aos grandes teatros, em São Paulo e o restante da comunidade ficava a ver navios... Então, estávamos tentando modificar isso e o Jorge era um agitador... fosse porque exercitava uma reflexão um pouco à frente do pessoal ou talvez porque fosse presidente de uma entidade indesejada. Estávamos saindo de uma ditadura e todos veículos de informação ainda tinham alguma restrição a manifestações vindas do povo.

E o Jorge era fogo! Não mandava recado. Falava o que tinha de falar com sinceridade, porque sempre foi sincero. E fosse lá porque fosse, foi mal interpretado”.

W - O senhor foi colega dele de faculdade? “Eu vim de fora. Era aluno da FMU, faculdade de São Paulo e vim a Sorocaba para ficar três meses, mas gostei da cidade. Fiquei e tenho família e filhos aqui. Estou bem e Deus queira que eu seja sepultado nesta terra que tanto amo... Mas, naquela época eu fazia Educação Física e Direito e o Jorge, Direito e Psicologia, em São Paulo. O Jorge, além de teatro, capoeira e outros esportes, ainda fez algumas telas (fotos 55 e 56), que andou expondo na sede do Diretório Acadêmico da FADI. As cores, os traços que ele pintou foram tão singelos, tão bonitos que deu uma grande repercussão”.

(55) Esculturas feitas pelo mestre Jorge



(56) Pinturas feitas pelo mestre Jorge

6. NOSSA POSIÇÃO Nº 9

Janeiro / 2004

Logo se fez claro o verdadeiro objetivo dos “boateiros” com a notícia do jornal **Cruzeiro do Sul**, de **29/11/2003**, anunciando o lançamento de um CD por um dos supostos “pioneiros” da capoeira na cidade. É difícil não discutir o impacto que essa matéria mentirosa representa à memória do cidadão atento, que lembra da população sorocabana, na noite e madrugada dos dias **30 e 31/05/1970**, torcendo diante do aparelho de televisão ou, em caravanas no grande auditório da TV. TUPI, canal 4, para o grupo de capoeira do Jorge Melchiades ganhar a nota máxima, no programa do Silvio Santos.

E ganhou, porque essa geração de cidadãos saiu às ruas para comemorar a ambulância zero recebida como prêmio pela vitória, que teve repercussão nacional. Eu ressalto, que o referido jornal é sério e merece ser considerado uma **fonte de material histórico** de inigualável valor, pois foi nele que pesquisei e colhi artigos que **provam** justamente o contrário daquilo que publicou agora. Entre tantos fatos importantes para a história da capoeira da cidade esse jornal anunciou, há 34 anos, por exemplo, em **26/11/1969**, a promoção de um “Espetáculo de Capoeira é Hoje no União Recreativo” pelo **“jovem mestre Jorge Melchiades... da Academia de Ginástica**

Espetáculo de capoeira é hoje no União Recreativo

Não há emoção na capoeira sem o berimbau, com sua música nativa e excitante. O berimbau, na África, era um arco em forma de S, com fio de fibra, sem caixa de ressonância. No Brasil, o berimbau adotou o arco do índio, a corda de arame, a caixa de ressonância feita de cabaca, e tomou o nome de “berimbau de bariga”, ganhou o caxixi que é um choocalho e virou também arma.

POR QUE VIROU ARMA?

Capoeirista usa uma foice pequena no bolso. Na hora do “loque de cavalaria”, que é sinal da Polícia chegando, dá o berimbau, o toca-dor desmonta o instrumento usa o arco como cabo de lanca, a foice é colocada na ponta. Mas isso tudo foi antigamente, quando a Polícia quebrava qualquer berimbau que aparecesse na rua. Capoeirista era brigador, b-

guncieiro, de criar caso. Hoje não é mais assim, não. A capoeira, de luta mortal, passou à ginástica nacional, movimentos de coreografia, dança, espetáculo, parte da História do Brasil, sem, com tudo, esquecer-se dos golpes que, se pegam, matam. Hoje em dia se faz o jogo da capoeira, à distância maior do que a normal, mas lenta para não acertar, para não matar ninguém.

BERIMBAU COMANDA OS MOVIMENTOS

je, às 21 h, no União Recreativo de Capoeira, sua beleza, berimbau e os movimentos, música tirada, lenta, a li-

sembrar, quando o berimbau acelera o ritmo, então a luta também apressa os seus movimentos e torna-se perigosa, criando expectativa e suspense.

O ESPETACULO DE HOJE

O espetáculo de hoje, no Recreativo, será proporcionado ao público pela Aca-

de Ginástica Nacional, sob a direção do jovem mestre capoeirista Jorge Melchiades.

Os convites encontram-se à disposição de todos nos balcões do CRUZEIRO DO SUL, Folha de Sorocaba, Diário de Sorocaba, Rádio Cacique, Clube União Recreativo, Paraíso Musical (rua Benedito Pires 112) e com os diretores da Casa Transitoria.

ra o Natal de seus pobres.

(57) Jornal Cruzeiro do Sul 26/11/1969 - pág. 8
210mm x 180mm

Nacional”, ressaltando a novidade que chegava; a do estranho instrumento musical: o “berimbau de barriga”. Isto, quase **10 anos** antes de publicar que **Luiz Sabugo** veio a Sorocaba para também ensinar a arte, em **18/02/1978** (ver foto 34).

Só **20 anos** após publicar sobre o verdadeiro pioneiro, foi que veiculou a **primeira notícia** relacionada a bloco de carnaval, sobre o mestre (01/03/1990) que se diz “pioneiro” e estaria lançando o CD. Mas, a notícia recente, de 29/11/2003 não é falsa só nisso. Além das tantas provas de que tal mestre iniciou na capoeira perto de 1980, há o fato de que tal CD já havia sido lançado em 23/09/2000, como consta na revista Combat Sport de outubro/setembro de 2000. Mais ainda; antes do aparecimento do Jorge em **1969**, nunca houve em lugar algum, foto, documento, ou depoimento **DIGNO DE CRÉDITO**, sobre alguém que **praticasse ou ensinasse capoeira na cidade**. (...). Entendi tratar-se de um mal-entendido que o jornal Cruzeiro do Sul esclareceria oportunamente e, como de fato, no dia 11/04/2004 publicou a matéria corretiva do erro (fotos 62).

Aliás, quem dá algum VALOR à verdade deve apreciar os depoimentos seguintes.



(58)

LUIZ CARLOS RAFALDINI (entrevista: 04/12/2003). É o mestre de Capoeira conhecido por **Luiz Sabugo**, que localizei na distante cidade de Santa Rosa de Viterbo, S.P. Sobre o brilhante trabalho que realizou na cidade, entre **1977** e **1982**, há vários artigos nos jornais locais. Ele declarou: “Iniciei na capoeira aos 16 anos, com **mestre Nelson**, da academia **Areia Branca**, em São Caetano do Sul. Mas também aprendi com o **mestre João Ferreira** e **mestre Valdenor**, da associação **Nova Luanda**, de Santo André. Desta, montei uma filial na Parada do Alto (**1977**) e depois dei aulas no Recreativo até instalar-me na rua Cônego Januário Barbosa. Devido ao meu ingresso na Polícia Militar, tive de deixar Sorocaba numa época em que as rivalidades já tornavam difícil, senão impossível, alguém desenvolver um trabalho sério na Capoeira (**1982**).

Infelizmente, em toda parte há pessoas que não se encaixam na seriedade e, ao invés de ajudar, entram com o empecilho. O cara ganha um pouco de cartaz que vai à cabeça, né? Aí sobe num tijolo e acha que subiu num palanque... Entendeu? Mas, a gente passa uma borracha nisso e joga fora, porque peso na consciência só sente quem a tem”.

W - Você abriu a academia **Nova Luanda**, em Sorocaba, com mais alguém? “Abri sozinho. Só pedi licença ao mestre Valdenor, que me aconselhou a formar uma grande família na capoeira”. **W** - Vi fotos indicando que você e o Jorge Melchiades, realmente, pareciam manter um bom relacionamento... “Se houve alguma rivalidade foi entre os que praticavam comigo e com ele. Entre eu e o Jorge nunca houve. Ao contrário, a gente sempre trocou idéias e experiências. Quando ele realizava um evento, o primeiro que convidava era eu. Depois de nós é que houve a mudança.

Sobre isso **eu até aconselharia as pessoas a olharem para trás com bons olhos, para ver o que de fato acontecia. E os que viveram esse passado devem ser procurados enquanto fontes de esclarecimento.** Tem gente séria que faz isso. Pesquisa e vai atrás da realidade. **Quem pesquisa de modo digno e sério não fica ouvindo só quem vangloria o próprio lado...”.**

W - Quais foram seus primeiros alunos em Sorocaba? “Os dois filhos do Peralta; o Ted e o Tércio. Depois vieram o Marcus Sérgio, o Peru, o Ganso, o Escravo... Mais tarde vieram o Pedro Feitosa, o Feitosinha, o finado José Feitosa, o Geraldinho e outros. Todos contribuíram para a divulgação que a academia teve. Você, que faz um trabalho de pesquisa sério, deve ter encontrado, nos dois jornais da cidade, as matérias sobre meu trabalho, não é? Quem me ajudou bastante na época foi o doutor **José Theodoro Mendes**, através da **Isolda** e do **Zago**, da Secretaria de Educação e Cultura”. **W** - Os irmãos Feitosa começaram na capoeira com você? “Começaram. Primeiro veio o Feitosinha e depois o Pedro, que hoje deve levar o trabalho dele, não é? Pois é! A última vez que passei em Sorocaba encontrei o **mestre Cuco**, que me perguntou: “o senhor lembra de mim?” E mostrou uma foto tirada comigo na porta da academia. Rapaz, eu não lembrei! Também, o homem está um guarda-roupa! Ele eu considero autêntico, porque diz abertamente onde e com quem começou...”

Mas tem cara que ao invés de plantar coisa macia, para colher mais tarde, tem vergonha de falar quem o ensinou. Acha que nunca vai ficar velho e que ninguém vai fazer o mesmo com ele.

Eu falo bem de todos com quem aprendi e como eu têm muitos. Agora, tirando os que abandonaram a capoeira, eu pergunto: custava quem ficou praticando-a, fazer um exame de consciência, pensar? Eu comecei

com fulano e o seu trabalho era direcionado, por que não continuar na mesma direção? Por que não dar continuidade ao trabalho de quem me amparou no começo? Então, atrás dele viriam outros que aprenderiam e dariam continuidade ao trabalho dele e assim por diante. Assim escreveria o seu nome na história de Sorocaba! Mas não. O cara diz: **o Jorge foi o pioneiro** mas não sabia nada... tentando desmerecer o outro sem perceber que não interessa se sabia ou não! **Ele começou tudo** e a visão que teve eu não tive. Acontece que a visão que tive, ele não teve... É por isso que a gente trocava idéias. Ele ensinava a capoeira como recreação e viu, certa hora, que aquilo já não dava mais para ele. Agora, eu tinha feito da capoeira uma profissão e fui o primeiro na cidade a deixar essa opção a outros. Antes de criticar ou **tentar tirar o mérito do outro**, por que não se reunir? É tão fácil ser educado, gentil. Dizer: fulano, vamos marcar uma reunião? Cicrano, seria possível você participar de minha festa? Vamos trocar uma idéia? É assim que se forma uma grande família. E por que não fazer isso? **O dia que o santo pecou** foi o primeiro filme em que o **mestre Lobão** atuou. Veja onde ele chegou. E é simples, humilde. Ele não oculta nada. Assim o mestre **Valdenor** e outros!”.

W - Soube que quando o **Marcus Sérgio** passou para a academia do Jorge Melchades você foi lá e no jogo com o **Marcus** pintou um clima tenso... “Veja bem, quando o Marcus me falou que ia para a academia do Jorge eu falei que nada tinha a opor. A mesma coisa falei ao **Pedro Feitosa**, quando ele comunicou que ia treinar com um mestre de São Paulo. Não tive nada contra. Naquele dia, eu e o Jorge fazíamos uma roda com a participação dos nossos alunos. Eu jogava com o Marcus, que pisou em falso e, por acidente, meu pé terminou esbarrando no rosto dele. Só relou. Acontece que quem estava ali para atizar fogo se entusiasmou: ‘opa, agora vai ter!’ Para evitar um tumulto maior, o Jorge entrou imediatamente, mas para jogar, na moral e apaziguar o instinto animal dos que estavam querendo encrenca. Nós tínhamos a mesma linha de raciocínio e o meu jogo com ele foi para esfriar os exaltados e dar exemplo, educando para o esporte, entendeu?”. **W** - Na inauguração do salão da Cesário Mota, não houve um jogo mais acirrado? “Lembro disso porque me contaram depois. Eu não estava lá. Alguns alunos meus e mais aqueles que jogavam brasa na fogueira se reuniram e foram lá na academia que o Jorge abriu em frente do Objetivo, para tirar onda de agora eu pego. Embalaram o Peru, que era meu contramestre na época, e quando chegou a vez de ele jogar com o Jorge, entrou para rachar e levou uma catada. O Jorge deu um pega nele. Nada sério. Só o suficiente para que cada um se colocasse em seu lugar. E ninguém falou mais nisso, porque eu e o Jorge nos dávamos bem.

Como já falei, **quem faz um trabalho que condiz com a verdade pesquisa fundo e encontra os que realmente brilharam**. Aí, talvez o cara venha a perceber que não vai tapar o sol com a peneira e tape o rosto com uma toalha ou entre debaixo de uma coberta, porque vai sentir vergonha. Agora, também conheci muitos procurando fazer nome pelo quebra-quebra, dizendo que faziam e aconteciam, e deles já tem um punhado debaixo da terra. Isso é uma questão de educação. Se você ia com a esposa ou noiva, de mãos dadas até a porta da minha academia, entrava o homem para um lado e a mulher para outro. O pai que estava lá no carro sondando o ambiente que o filho freqüentava via que o lugar era de respeito. Por isso a gente teve canja”.

W - Quando o mestre Pedro Feitosa começou no grupo Cativoiro ele fechou a Nova Luanda e você foi treinar com ele? Isso é fato? “Não. Não é. Quando me tornei bombeiro da PM, em São Paulo, passei a ir raramente a Sorocaba e tive de fechar a academia porque ninguém podia tomar conta. Peru, Noel, Passarinho, todo mundo fazia faculdade ou curso técnico... Com a minha ausência constante dos treinos, o pessoal se esparramou. Isso de eu ir treinar com o Pedro está equivocado. Ele iniciou comigo lá na Parada do Alto e sabe muito bem disso e o irmão dele também. Eles começaram lá. Se algum aluno meu, depois que fechei a academia passou a treinar no Cativoiro é outra coisa. Eu não. Primeiro, porque trabalhava em São Paulo. Segundo, porque só ia lá para ver meus filhos. O **Geraldinho** também se desgostou com alguma coisa e foi treinar Caratê...”. **W** - Se desgostou com os atos dos capoeiristas?

“Digamos que quem plantou esse pé de jaca foi você e venha um cara falando que foi ele... Quem tem caráter não se dá bem com isso, entendeu?”

Tanto é assim que esse pessoal que veio depois, só estragou a capoeira. No jogo, se um faz um movimento o cara já dá e vira briga. Tem que mudar isso, porque **Sorocaba já foi um lugar importante na história da capoeira**”. **W** - Em relação ao trabalho seu e do Jorge Melchades, como se deu essa mudança? “A gente tem que ser realista e dizer que, infelizmente, nem todos que buscaram progredir na Capoeira procuraram ter uma profissão equivalente a de engenheiro, médico, dentista etc. Muitos foram formados professores e mestres sem a exigência de outro critério além de jogarem bem. Com pouca educação acabam criando problemas para a capoeira, porque não sabem, não buscam saber e ainda recusam o conselho que você dá.

Vendem o almoço para jantar, não têm um registro em carteira e ainda acham que estão por cima. Com raras exceções, muitos que aí estão ensinando, possuem baixo nível cultural e por isso só sabem falar em tom de arrogância, de violência, dizendo que batem, fazem e acontecem. Aí é a volta ao mundo animal, não é?

Tem um que domina sem ver que o outro vai pular em cima dele também, para o dominar. Se procurassem aprender com os mais experientes poderiam mudar isso. Vocês que estão pesquisando a história de acordo, merecem a homenagem dos que têm e terão a oportunidade de contemplar o que foi um trabalho digno. E certamente haverá pessoas dispostas a retomar essa linha para chegarem a um consenso que poderá elevar a capoeira a um altíssimo nível”. **W** - Você diz que você e o Jorge não visavam apenas o desenvolvimento físico dos capoeiristas, mas também o intelectual? “Eu e o Jorge sempre conversamos. Ele colocava pessoas numa sala e ensinava a profissão de vendas para elas... Aí a gente juntava as idéias ali expostas e dizia: rapaz, eu não percebi isso! Eu ficava sentado ali, curioso e assistindo o intento dele de progredir e de dar uma melhor posição intelectual para o outro subir na vida também. É só você pensar que o Silvio Santos foi camelô e hoje é um senhor empresário. E se perguntar para o Jorge, garanto que ele dirá ter se espelhado na linha do Silvio Santos. Então, eu também reunia pessoas para ensinar uma profissão!”. **W** - É verdade que nessas aulas ele usava berimbau, atabaque e pandeiro? “Usava. Sei disso porque muitas vezes participei delas tocando berimbau. Ele é intelectual e inteligentíssimo. Como já comentamos: dentro do meu trabalho posso englobar aquilo de bom que o outro tem e isso pode enaltecer mil vezes o meu trabalho. Quem diz que idéia não se dá, se vende, não está fazendo esporte ou um trabalho digno e sério, onde o cara tem que ser humilde e respeitar o outro.

E se for inteligente olha para trás e sabe que tem de ser autêntico e humilde acima de tudo, porque quando está começando está sofrendo... Agora, eu te ensino, te amparo, te apoio... e quando você se sente forte me esfaqueia as costas?

Então, os que deviam seguir a linha que estávamos seguindo devem perguntar: quem está aí mais próximo? Não é quem estava... É quem está aí mais próximo, no presente. Em Sorocaba é o Jorge. Ele é uma fonte de pesquisa. Chega nele e diz: Jorge, esqueçamos o que se passou, porque a minha linha de raciocínio é a que o Sabugo ensinou para

nós. Eu queria... Com certeza o Jorge não vai dar as costas para quem quisesse fazer isso". **W** - Você diz que o Jorge é uma referência de liderança para um trabalho decente?

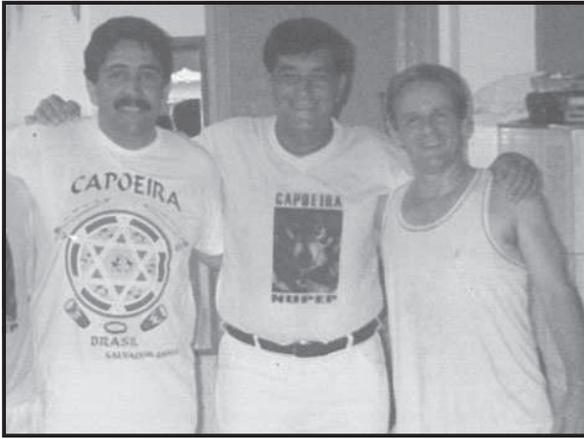
"Ele desenvolveu trabalho decente, honesto e é hora de divulgar um que é reconhecido, não só em Sorocaba. Se você for procurar, honestamente, vai descobrir que foi o Jorge quem começou lá, nos idos de 1968, 1969. Aí você soma o total dos anos desde que começou. Dá **34** anos (em 2003).

E veja que fora eu, nunca tiveram a dignidade e a humildade de procurá-lo para conversar. Alguém teve? Ah, vê lá rapaz! Só querem encrenca, discussão e confusão. Dizem: se eu for lá eu quebro ele. Mas não é por aí. Pare e pense. Não é só você que tem jogo, que luta e se exercita. Além disso, um capoeira inteligente tem que ter educação, preparo e formação. O cara é um gato, é bom, não tem quem vença ele... só que a cultura dele é do tamanho de um caroço de azeitona. Tem uma expressão forte, mas é um matuto, um chucro. Ele quer despedaçar você para mostrar que é superior, que domina e que faz. Mas na verdade nada faz de bom, porque no esporte e na civilização não é assim que funciona. E, principalmente, na capoeira, que já é mal vista, não devia ser assim".

W - Do pessoal que treinou com você em Sorocaba, alguém já tinha aprendido alguma coisa em outro lugar? "O Falcon já tinha treinado em São Paulo. O Escravo não, o Pedro Feitosa também não... Depois teve o Ademir, o Volta Seca e o Fernando, que treinaram fora". **W** - Vamos encerrar, quer acrescentar algo? "Quero agradecer a honra de participar deste trabalho histórico e também o Theodoro Mendes e meus alunos, o Ted, o Tércio, o Geraldinho, o Feitosinha, o Pedro Feitosa, o Marquinho, o Ganso, o Peru, o Escravo, o Falcon e os outros...

Também quero recomendar aos que pensam saber demais da vida e da capoeira, que **aprendam a olhar para trás com humildade**, para dar continuidade aos trabalhos que pretendem constituir uma família dentro do esporte. Porque quem segue conselhos de estupidez e de brutalidade não chega a lugar nenhum. É como se viciar em droga, que só te ensinam a porta de entrada, a de saída não".

Em **1979** ou **1980** o mestre Sabugo alterou o nome de sua academia para "**Netos de Luanda**". Matérias como a do jornal Cruzeiro do Sul, de **27/08/1981**, testificam o fato dando como titular da academia o mestre Sabugo, e **José Carlos dos Santos**, popular **Peru**, como seu contramestre.



(59) Gilson, Jorge e Marcus (2003)

GILSON OLIVEIRA PEREIRA

(entrevista: 29/12/2003). É fundador do **Grupo de Capoeira Império da Bahia**, em São Paulo, onde reside. **W** - O senhor foi aluno do Luiz Sabugo, na academia Nova Luanda, em Sorocaba? “Isso mesmo”. **W** - Lembra dos demais alunos dele, nessa época? “Lembro de alguns. Tinha o Marcus, o Pedro Feitosa, o Escravo, o Peru, o Ganso... O Falcon já apareceu sabendo capoeira e treinava com a gente, fazia parte do grupo”. **W** -

Você treinou com o Sabugo até a época do recreativo? “Até um pouco mais. Quando ele foi para a ACM também. Depois treinei um pouco na academia da rua da Penha, quando o Marcus foi para lá. Depois vim para São Paulo. Aqui, inicialmente passei a treinar com o **mestre Ferreira**, da academia **Império Regional**, e quando me formei criei minha própria academia, a **Império da Bahia**, no Tatuapé”. **W** - Soube que o grupo do Sabugo participou de diversos campeonatos pela Federação Paulista? “Aqui em São Paulo, no ginásio do Ibirapuera, em campeonatos, torneios e festivais”.

W - Teve contato com o Jorge Melchiades, também? “Conheci o Jorge quando ele treinava perto do largo do canhão. Depois teve academia na rua da Penha, onde treinei com ele e participei de vários eventos que ele realizou”. **W** - Então, o senhor chegou a treinar com o Jorge Melchiades? “Treinei. Inclusive, ele me deu um berimbau de presente que usei durante muito tempo em minha própria academia. Infelizmente, tive de parar com ela. O dono do prédio pediu o imóvel e alugar outro ficou inviável, além disso, eu tinha de terminar a faculdade. Mas, continuei a treinar na academia **Ginga**, do **Delicado**, para não perder a forma”.

W - Pelo que entendi, o Escravo e o Pedro Feitosa iniciaram na capoeira com o Sabugo, mas o Falcon já veio com jogo, é isso? “É isso. O Escravo, o Feitosa, o Peru, o Geraldinho são parte de um **pessoal que iniciou lá**.”

O Falcon, às vezes, puxava o treino como monitor”. **W** - Sua amizade com o **Marcus Sérgio** parece sólida. Ela vem da capoeira até hoje? “Desde a infância! Estudamos e servimos o exército juntos, sempre mantendo a proximidade”. **W** - O senhor era chamado de mãozinha? “O Sabugo me deu esse apelido, porque eu usava muito a rasteira de mão”. **W** - Havia diferenças na didática do Jorge e do Sabugo? “No básico da

Regional e da Angola eram iguais. As diferenças apareciam depois, conforme a personalidade e as condições individuais que tinham”.



(60)

GERALDO PEDRO DA SILVA (entrevista: 16/

12/2003). É motorista de táxi, autônomo, em Sorocaba.

W - O senhor foi aluno do mestre Sabugo, no final da década de 70? “Correto. Por intermédio de um outro aluno, eu tive contato com o Sabugo e comecei a treinar capoeira lá na Parada do Alto. O nome do clube eu não estou lembrado, mas fica numa avenida ali”. **W** - Quem foi o aluno que o levou ao Sabugo? “Seu primeiro nome era Francisco, o sobrenome eu não lembro”.

W - Durante quanto tempo treinou com ele? “Aproximadamente uns quatro anos, durante os quais participamos de campeonatos, pela Federação Paulista e, em outros eventos”. **W** - Eu soube que por um tempo você foi o braço direito do mestre Sabugo... “Quando ele precisava sair eu ficava responsável pela academia”.

W - Vocês tinham contato com o pioneiro da capoeira em Sorocaba, o Jorge Melchiades? “A gente tinha sim. O relacionamento entre o pessoal do Sabugo e o Jorge era muito bom. Eu lembro que fomos participar de espetáculos dados pela academia dele na boate Zarabatana, também em Itapetininga, numa peça teatral... em batizados”.

W - Dos mestres que estão aí hoje, quais passaram pela academia do Sabugo? “O Pedro Feitosa foi aluno do Sabugo. Iniciou com ele. O Falcon não. Ele já veio de outra academia de São Paulo e começou a praticar com ele. Mas só participava. Não era aluno”. **W** - O Pedro Feitosa sim? “O Pedro Feitosa sim. Iniciou como aluno numa segunda turma”.

W - Como era na época do seu treinamento com o Sabugo? “Era muito bom, era agradável. O pessoal se respeitava. Não tinha essa coisa que tem hoje. Hoje você entra numa academia, o próprio amigo seu de treinamento não te respeita. Se você é formado e vai num batizado o outro professor não te respeita. É por aí, né? Aí eu fiquei meio decepcionado com o rumo que a capoeira estava tomando e resolvi praticar outro esporte. Não que eu não gostasse da capoeira. Depois de dois anos fora da academia do Luís fui treinar caratê. Acontece que, com a saída do Luís veio a Cativeiro para Sorocaba e esse grupo tinha uma filosofia com a qual eu não me dei bem. Então achei melhor sair fora. Mas, cheguei a treinar no grupo Cativeiro. O mestre Miguel queria até me formar, mas eu não quis, porque, realmente,

achei melhor não mudar de filosofia. Para não ficar parado, fui treinar caratê. E treinei por mais de sete anos”.



(61)

LUIZ GONZAGA RODRIGUES (entrevista:

19/12/2003 - este depoimento foi gravado em áudio, em vídeo, e depois de transformado em texto, foi autenticado em cartório, com firma reconhecida. Além disso, as afirmações dele foram testemunhadas pelos senhores **Nestor Cláudio dos Santos** (mestre China) e **Júlio César de Oliveira Alves** (mestre Risadinha) que estavam presentes na ocasião). É Presidente da Escola de Samba Unidos do Cativoiro. **W** - O senhor pode relatar o seu contato com a capoeira? **“Eu sempre gostei de**

samba e de ver os passistas que faziam sucesso no carnaval, quando saiam pelas escolas. Tinha o Jaú, o Tavinho, o Lazinho, o Nego, o Tião, o Tostão, o Albano.

Entre eles, um **ameaçava** derrubar o outro **com pernada ou cabeçada. Esses movimentos** eram mais no carnaval. Durante o ano não se via.

Mas **eu achava que isso** era capoeira. Depois desses personagens mais antigos, veio a nova geração, inclusive eu. Fiz parte da escola de samba do Guarani, depois do Terceiro Centenário e junto comigo tinha passistas como o Dito Vassoura, o João Pantera, o Darci, o Maurinho... **Se um cochilasse o outro passava a perna nele.** Tinha que ser rápido e estar com atenção no samba e no pé do outro.

Então, aí veio a verdadeira capoeira para Sorocaba. A capoeira do Jorge, pessoa muito dedicada, mas que fez um trabalho voltado para quem tinha dinheiro e executivos. A academia dele era inacessível a nós, operários da escola de samba.

Eu fui um dos que visitou a academia que ele tinha na Praça Coronel Fernando Prestes, no prédio vizinho ao do Círculo Italiano. **Eu sonhava em aprender mas não podia, porque não tinha dinheiro. Achei até que a culpa era do Jorge,** que não tinha filosofia para ensinar carentes. Sai de lá decepcionado. Mas continuei dando minhas pernadas até que apareceu a academia **Netos de Luanda,** que já deu um pouco mais de espaço para as pessoas mais simples. No tempo da pernada estive comigo

o Escravo, que **entrou na academia do Sabugo** e conheceu o Pedro Feitosa, o Feitosinha, o Vicente, o Passarinho, o Peru, o Gastão... Daí, todos nós passamos a brincar no quintal de minha casa, todo domingo. **E fui aprendendo capoeira com eles”.**

W - Só para me situar; **o senhor relatou que a capoeira de verdade, com berimbau, roda e sistema específico de movimentos, como é a da Bahia, o senhor conheceu na academia do Jorge Melchiades? “Foi. A data eu não sei.** Só lembro que na época teve um programa na televisão, **Cidade contra Cidade**, e o Jorge se apresentou lá com um pessoal. Anos depois veio a academia do ABC, trazida pelo aluno do **mestre Valdenor** e do **mestre João Ferreira**. O Sabugo parece que era parente do Peralta, um guarda civil em Sorocaba, que ajudou ele a montar academia na rua Campos Sales. **O Pedro Feitosa era aluno do Sabugo e eu o conheci lá no quintal de minha casa, brincando com a turma. Me lembro que o início dele foi ali, junto com nós.** Depois, com todo o pessoal da Netos de Luanda fizemos uma ala na escola de samba Terceiro Centenário. Eu nunca deixei de incentivar o Pedro, que sempre foi e é meu amigo, para tocar em frente”. **W** - Então o senhor, o Pedro, o Escravo e outros iniciaram uma roda de capoeira no quintal de sua casa? “Depois o Luís Sabugo também começou a vir em casa, que era ali na rua Quinze, onde hoje é uma garagem. Tinha um quintal grande e todo sábado e domingo fazíamos rodas de capoeira. Depois levei todos para a escola de samba do Terceiro Centenário onde eu era diretor e fizemos uma ala grande, lá. (...) **Com samba eu trabalho em Sorocaba desde 1954 (...)**”.

A entrevista do Sr. Luizão, feita em 19/12/2003, foi a público no Nossa Posição, de Janeiro de 2004. Quase cinco meses depois, após sair a matéria do Jornal Cruzeiro do Sul, de 11/04/2004 (foto 62), parece que algo levou o Sr. Luizão a mudar suas declarações, pois a coluna do leitor do jornal Cruzeiro do Sul do dia 13/05/2004, publicou discrepantes declarações atribuídas a ele.

Na coluna do leitor, a “verdadeira capoeira” já não era mais a “capoeira do Jorge”, mas sim a “tradicional”, da qual ele, agora, se declarava praticante. Isso é curioso, pois para se tornar capoeirista bastou mudar o nome de “passista” para aplicador de “pernada” e depois, para “capoeira tradicional”.

Porém, como seria esse “passista” praticante da pernada travestida de capoeira? Seria alguém que **ameaçava** derrubar o outro com **pernada ou cabeçada**? Sua melhor técnica era desfilar no carnaval sambando e **ameaçando** dar cabeçada **ou** pernada? Ou esperar que o

passista cochilasse para passar a perna nele (pernada)? Só tinha dois golpes essa “capoeira tradicional”? A pernada e a cabeçada? E eram para serem ameaçados quando o passista cochilasse? Pensando bem, para uma prática exercitada só no carnaval, até que dois golpes para ameaçar e aplicar em quem estivesse dormindo, já estava bom.

Na declaração feita a mim, em 19/12/2003, o Sr. Luizão confessa que depois de conhecer a “verdadeira capoeira”; a do Jorge: **“Eu sonhava em aprender**, mas não podia porque não tinha dinheiro...”. Como poderia sonhar em aprender o que já sabia? Talvez sonhasse, por ter visto que a “verdadeira capoeira... a do Jorge”, tinha muito mais que dois golpes, derrubava e batia de variados modos ou técnicas, em quem estava bem desperto.

Ainda, para mim, o Sr. Luizão se referiu ao Pedro Feitosa como alguém que **iniciou a capoeira “ali, junto de nós”** como aluno do Mestre Sabugo, declaração que está de acordo com os depoimentos do Geraldinho, do Gilson, do Luiz Sabugo, do Marcus Sérgio e do Escravo, entre outros, mas na coluna do leitor, do referido jornal, parece que mudou tudo num esforço solidário aos absurdos escritos no livro de folclore do Sr. Carlos Carvalho Cavalheiro, que estarei analisando no próximo capítulo.

Para mim, ele declarou que capoeira de verdade, com berimbau, roda e sistema específico de movimentos, conheceu na academia do Jorge Melchiades, e, em seguida, mudou tudo para apoiar a versão do livro citado, sobre a existência de um grupo de capoeiras “secreto” de um Sr. Josias, em 1958. Isto é tão evidente que termina a segunda declaração defendendo literalmente a “tese” do referido livro: “se lembramos que em Sorocaba teve escravos, como dizer que não houve capoeira?”.



Grupo de capoeira de Melchiades representou Sorocaba na TV Tupi em 1970

Há 35 anos, o jogo da capoeira chegava a Sorocaba

Há 35 anos uma reportagem publicada no jornal **Cruzeiro do Sul** informava a chegada a Sorocaba de uma nova modalidade esportiva, a capoeira, trazida à cidade pelo já mestre na modalidade, Jorge Melchiades de Carvalho Filho, que abriu uma pequena academia na rua Arlindo Luz, próxima à praça Frank Speers, o largo do Líder. Naquela época, meados de 1969, a capoeira era mais conhecida na Bahia, no Rio de Janeiro e em São Paulo, onde algumas raras academias movimentavam algumas centenas de adeptos. Assim, Sorocaba, com a Academia de Ginástica Nacional, acabou sendo uma das pioneiras no interior do Estado.

Apesar de ser uma novidade, a capoeira ganhou adeptos e um ano depois, em 1970, ajudou a cidade a vencer uma das mais empolgantes disputas realizadas naquela época, o programa "Cidade contra Cidade", criado por Silvio Santos na então TV Tupi. A apresentação realizada por Melchiades com a colaboração de mestres capoeiristas de São Paulo, mereceu a nota máxima dos jurados e garantiu a vitória para Sorocaba.

Celso Bersi, hoje diretor de transportes da Urbes, e que fazia parte do grupo de Melchiades é quem lembra a história. Naquela ocasião, conta ele, toda a cidade, sob o comando de Salomão Pavlovski, estava envolvida com o programa e, para a apresentação diante das câmeras da Tupi, Pedro Salomão José havia preparado uma encenação da peça "Júlio César" enquanto que Luis da Silva Freitas Júnior organizara um quadro de "faroeste". A capoeira completaria o espetáculo e acabou sendo o destaque.

Embora a capoeira tenha se tornado mais conhecida em Sorocaba a partir da apresentação na televisão, já no seu início, em 1969 o ainda pequeno grupo de capoeiristas promovia apresentações públicas, na praça Cel. Fernando Prestes e no Parque Quinzinho de

Barros, além de promover eventos beneficentes no Clube União Recreativo, despertando a atenção do público e atraindo novos praticantes. A Academia Nacional de Jorge Melchiades, permaneceu sozinha na capoeira sorocabana até 1977, quando surgiu a Nova Luanda, comandada pelo professor Luiz Rafaldini, o "Sabugo". A partir dos anos 80, lembra Celso Bersi, novos grupos surgiram e a capoeira prosseguiu em Sorocaba até os dias atuais.

Pioneirismo

O início da capoeira em Sorocaba, lembra Bersi, também um dos primeiros a praticá-la na cidade, foi difícil pois naquela época a prática da luta era sinônimo de malandragem, vadiagem ou de reunião de bebedores. O preconceito acabou sendo vencido pela persistência de Melchiades que já era empresário bem relacionado na cidade e não desistiu do seu propósito de fazer a capoeira ser vista como um elemento da cultura brasileira.

Praticante da capoeira em São Paulo, onde morava, Bersi conta que vinha para Sorocaba visitar parentes e ficou sabendo da existência de uma academia na cidade. Diz ter ficado surpreso, pois mesmo na capital a modalidade não era muito difundida. Decidiu conhecer a Academia Nacional e conseguiu encontrá-la pelo som do berimbau que animava uma roda onde jogavam, coincidentemente, um seu amigo de São Paulo, o mestre Paulo Limão e Jorge Melchiades. Nasceu ali a amizade que o mantém na prática da capoeira, agora no Núcleo de Pesquisas Psíquicas (Nupep).

Depois de ter trazido a capoeira para Sorocaba há 35 anos, Jorge Melchiades, que é empresário, advogado e autor de livros e peças teatrais, continua, aos 64 anos a comandar capoeiristas, e a escrever, devendo lançar seu próximo livro, "Quem é você?", no próximo sábado, dia 17. (Da Redação)



Capoeiristas do Núcleo de Pesquisas Psíquicas (Nupep) de Sorocaba



Grupo de capoeira de Melchiades representou Sorocaba na TV Tupi em 1970

Há 35 anos uma reportagem publicada no jornal **Cruzeiro do Sul** informava a chegada a Sorocaba de uma nova modalidade esportiva, a capoeira, trazida à cidade pelo já mestre na modalidade, Jorge Melchiades de Carvalho Filho,

Pioneirismo

O início da capoeira em Sorocaba, lembra Bersi, também um dos primeiros a praticá-la na cidade, foi difícil pois naquela época a prática da luta era sinônimo de malandragem, vadiagem ou de reunião de bebedores. O preconceito acabou sendo vencido pela persistência de Melchiades que já era empresário bem relacionado na cidade e não desistiu do seu propósito de fazer a capoeira ser vista como um elemento da cultura brasileira.

(62) Matéria corretiva do Jornal Cruzeiro do Sul 11/04/2004 - pág. A-8 Original: 395mm x 97mm



Capoeiristas do Núcleo de Pesquisas Psíquicas (Nupep) de Sorocaba

7. NOSSA POSIÇÃO Nº 10

Abril / 2004

“E o programa de TV continuou na alegria incontida de toda Sorocaba.

Toda a vibração, toda a torcida e toda a manifestação registrada no correr do programa, acabou por se estender às ruas da cidade, com o espocar de rojões em plena madrugada, enquanto que no palco do Teatro Tupi — após as lágrimas incontidas de Salomão Pavlovsky, sob a forte emoção da vitória — o prefeito Crespo Gonzales exteriorizava toda a sua alegria, ao lado dos estudantes do Instituto de Educação.

A cidade, que permanecera semimorta desde às 21:30 horas, renasceu lá pelas três da madrugada, com os rojões, as buzinas e as manifestações de alegria que rompiam o resto do silêncio, dentro de cada lar sorocabano.(...) não havia um só sorocabano alheio ao vídeo do Canal 4 ou, quando não, nos seus rádios portáteis sintonizados na Vanguarda.(...)”.

Eis a reprodução parcial do texto de capa do jornal **Cruzeiro do Sul**, de **31/05/1970**, ilustrado pela foto do saudoso Salomão Pavlovsky



(63) Capa do jornal Cruzeiro do Sul - 31/05/1970 - 250mm x 270mm

(64) Capa do jornal Diário de Sorocaba - 31/05/1970
300mm x 120mm



(65) Jornal Folha de Sorocaba - 31/05/1970
pág. 3 - 190mm x 200mm



junto com o apresentador Silvio Santos e ainda outra do prefeito, dançando feliz da vida junto com a torcida sorocabana. Sua página 12 ainda registra:

“O quadro CAPOEIRA encantou todos que já conheciam a autêntica capoeira da Bahia, e que se mostraram surpresos e mais satisfeitos com o que lá foi apresentado. Os próprios componentes do júri, que só se limitavam a dar notas, pararam para fazer seus comentários elogiosos ao grupo dessa luta-dança”.

O espetáculo grandioso assistido por todos da cidade e levado pelo grupo formado pelos sorocabanos Jorginho, Rogério, Serginho Poiato, Celso Bersi, mais Suassuna, Paulo Limão, Anande das Areias, Freguesia e outros, tinha a liderança do Jorge Melchiades. Um ano antes, em **30/07/1969**, o mesmo jornal havia anunciado em plena capa: “**Capoeira: um NOVO esporte praticado em nossa cidade**”. (foto 66) E na quinta página (foto 77), dedicada inteiramente à novidade, o genial Hermes Albino entrevistava o “**jovem mestre Jorge Melchiades**” e um de seus alunos na época, o também jovem, João Carlos do Amaral. Nunca vi esse jornal oferecer igual privilégio a outro capoeira, antes ou depois desse dia! O título da página foi: “**Atenção: a capoeira está chegando aqui!**”. O jornal afirmava **o início da atividade na cidade, testemunhado ao vivo!**

Contudo, o **livro** do senhor Carlos Carvalho Cavalheiro, “**Folclore em Sorocaba**”, cuja edição de **1999** foi financiada pela LINC (Lei de Incentivo a Cultura) e distribuída, lamentavelmente, a todas escolas da rede municipal devido a má gestão de recursos públicos ou, no mínimo, a jogo de influências, no capítulo dedicado à **Capoeira de Angola**, promove grandes equívocos, ao criar, no ano de 1999, boatos infundados sobre a presença de capoeira



na cidade antes de 1969. Esse texto relega a profundo desprezo jornalistas, jornais, folcloristas, historiadores, fotógrafos e artistas do passado, pois deixa implícito que, ou eram obtusos racistas ou não tiveram a capacidade de registrar o que acontecia debaixo de seus narizes, na época. Faço a análise crítica desse texto, especificamente, com todo respeito ao autor, da mesma maneira como gostaria que fossem criticados os erros dos meus escritos, porque a crítica literária não se dirige à pessoa do autor. A crítica literária de um texto histórico visa o aprimoramento de quem lê e de quem escreve, sendo seu benefício extensivo ao coletivo que precisa ter sua história preservada.

Apesar do título do livro "Folclore em Sorocaba", no texto sobre capoeira o autor não expõe a relação dos capoeiras da cidade com a tradição dos fundamentos, do preceito, da ladainha, com a poética das quadras, dos corridos, com a arte do canto, dos toques do São Bento Grande, São Bento Pequeno e Angola; com os rituais de chamadas, das mandingas, da volta ao mundo, assuntos tradicionais de um **autêntico estudo de folclore**. Ele desvia de tal rumo para propor novo início da capoeira



(66) Capa do jornal Cruzeiro do Sul e chamada para a pág. 5 - 30/07/1969
205mm x 80mm

em Sorocaba, mas sem indicar referências a documentos, fotos ou qualquer **mínima prova** para validar os “depoimentos” que lhe dão conteúdo. Fiquei confuso, inicialmente, pela **imprecisão dos termos usados** e, **contradições**, que são inúmeras. Logo de início, na pág. 54, por exemplo, há a afirmação de que a “Mistura de jogo, dança e defesa pessoal (luta)” foi **criada** “pelos negros escravos no Brasil”. e logo na frase seguinte a contraria: “Provavelmente teria sido **trazida** pelos escravos angolanos”. Ora, foi criada no Brasil ou trazida de fora? Uma versão exclui a outra! Na página 55 é exposta a maneira de fazer ciência histórica do autor, que é no mínimo engraçada; 1) formula-se o problema: “Difícil dizer se em Sorocaba existiram negros escravos capoeiristas”; 2) levanta-se uma hipótese: “Não seria, no entanto, absurdo considerarmos tal hipótese”; 3) e, sem razões nem provas que conduzam ao resultado final, resolve-se o problema, apelando-se para a fé ou à crença de que os escravos da cidade “eram negros já aculturados e que, **com absoluta certeza, desenvolveram a capoeira...**”. (negritos nossos).

Ninguém pode evitar a impressão de que um despretensioso estudo de folclore terminou na tentativa de fazer história, porque a pesquisa sobre “escravos capoeiristas” culminou na “biografia” do senhor Pedro Feitosa. Se não fosse assim, ao alegar que há “escassa literatura” para dizer “se houve escravos capoeiristas em Sorocaba” (pág.55), não iria suprir a escassez com a “biografia” de depoente que, ao que tudo indica, não tinha nada a dizer sobre o assunto e nem idade para reportar o que acontecia na cidade, na década de 60 ou na época dos escravos. Enquanto o mestre Jorge Melchades enfrentava as duras batalhas do pioneirismo e do fechado preconceito na época, o senhor Pedro Feitosa estava com 14 anos em **1969**. E tinha 6 e 8 anos, respectivamente, em 1961 e 1963, anos sobre os quais depôs. Talvez tenha sido procurado para informar “se houve escravos negros capoeiristas em Sorocaba”, por ser mestre de Capoeira de Angola, mas a sua “autobiografia” não é resposta adequada ao problema levantado pelo pesquisador. E se ela nada esclarecia sobre a questão pesquisada, por que foi publicada? É claro que o autor tem todo o direito de publicar a biografia de quem lhe aprouver! E não está proibido de contrariar outros autores! Tem também, todo direito de afirmar o que quiser. Só não tem o direito de reclamar depois, quando os autores da história comprovada fizerem a análise crítica de suas falhas e solicitarem que apresente provas insofismáveis do que declarou. Ele afirma que existe “escassa literatura” sobre “escravos capoeiristas em Sorocaba”, por exemplo, e outros autores podem pedir que apresente essa escassa literatura, provando que existe alguma. E não há nenhuma.

Pois bem, mais de **30 anos** antes desse infeliz texto ser escrito, se iniciou um acúmulo de matérias em jornais, de fotos, de áudio e de depoimentos, todos no sentido único de **provar** que a capoeira e seu ensino apareceram em Sorocaba no final de **1968** e início de **1969**, com Jorge Melchiades e seu irmão Jorginho, que fundaram a **Academia de Ginástica Nacional** e representaram a **Cordão de Ouro**. E assim como o Cruzeiro do Sul, também o **Diário de Sorocaba**, jornal de extraordinário valor da cidade, dirigido pelos saudosos **Vitor Cioffi de Lucca** e digníssima esposa, **Thereza Conceição Grosso de Lucca**, registrava no dia **9/11/1969** um capítulo importante dessa história. O inesquecível **Alcir Guedes**, escritor consagrado e estudioso do **folclore**, membro **da Ordem dos Velhos Jornalistas**, do **Instituto Histórico, Geográfico e Genealógico de Sorocaba**, da **Associação Sorocabana de Imprensa** e detentor de vários **prêmios locais e do Estado** por relevantes **serviços jornalísticos** prestados à coletividade, também deu seu depoimento sobre o momento vivido, publicando matéria de capa sobre capoeira e frisando no título: “No cartaz, espetáculo clássico de capoeira, **inédito em Sorocaba!**” (foto 2). Esse notável estudioso e **antigo morador da cidade**, que em **12/09/1954** já tinha matéria publicada na página **5** do Cruzeiro do Sul, chamava de **inédito** ao espetáculo que Jorge Melchiades e o Jorginho, mais alunos e convidados realizariam no clube União Recreativo! Depois, em **06/05/1970**, em matéria intitulada: “**Capoeira pode ser atração turística em nossa cidade**” (foto 67), o senhor **Alcir Guedes** ainda indicava, empolgado e orgulhoso, a turma da **Academia de Ginástica Nacional** como a **única em todo interior do Estado**. Lamentava, esse jornalista amante de Sorocaba, que o Jorge teve a iniciativa de querer criar em Sorocaba rodas como na praça da República, em São Paulo, e em outros recantos da Bahia, mas entendia que para **doar** trabalho à coletividade não precisava posar como **pedinte** via ofício, diante de alguns apáticos funcionários públicos. Ele queria e exigia respeito pela sua pessoa e pelo que fazia.

Após enxurrada de **provas** sobre início e continuidade do ensino nos anos seguintes, outra se apresentou a partir de **1978**, agora sobre **Luiz Carlos Rafaldini**, o popular **Sabugo**, que no segundo semestre de **1977** trouxe a **Academia Nova Luanda** para Sorocaba. Depois disso vieram os outros e todas as **provas existentes** indicam exclusivamente isso. O livro “Folclore em Sorocaba”, porém, opõe afirmações vazias de respaldo científico contra a correnteza de **provas** oferecidas por jornalistas digníssimos, que viveram na época mencionada no texto. Vivendo-a, certamente, deviam saber mais sobre a cidade nos idos de **1960 e antes**, do que um menino ou alguém que muito tempo depois, diz “o que lá acontecia”, dispensando

Capoeira pode ser atração turística em nossa cidade

Em nossa reportagem "Capoeira desafiadora sempre", publicada há alguns dias, fizemos a seguinte pergunta: "Por que não se apresentam mais espetáculos assim?" Tivemos a oportunidade de repeti-la ao responsável pelo aparecimento da capoeira em nossa cidade, o mestre Jorge Melchhiades. Ele nos respondeu que "sendo um entusiasta do esporte-folclore, gostaria de ver em Sorocaba espetáculos de beleza incomparável como são apresentados na praça da República em São Paulo e na Bahia, com grande força de atração turística".

Resalte-se o fato de que graças ao jovem Jorge Melchhiades, Sorocaba é a única cidade do interior que pode orgulhar-se em possuir um grupo que se esforça para divulgar uma das mais belas manifestações nacionais, pelos seus movimentos, sua música natural, sua autenticidade.

Notando o esforço, que se propaga do CMT, o mestre capoeirista Jorge Melchhiades procurou o responsável pela presidência do órgão, na Prefeitura, e vibrou de entusiasmo ao narrar e imaginar a atração turística de um domingo ensolarado com capoeira no Parque ou na Praça, ou

noutro local. O jovem J. M. ofereceu tudo à cidade, sem exigir nada em troca, a não ser a colaboração necessária de um local para treinamento, onde o elemento humano não tivesse que pagar mensalidades. "A resposta que eu obtive -- explica o mestre Jorge Melchhiades -- foi que eu fizesse um ofício esclarecendo o que desejava e que, após a burocracia adequada, o caso seria estudado convenientemente". E continuou o jovem à reportagem: "Ora, como eu não estava pedindo nenhum favor, mas sim oferecendo a colaboração que todo o cidadão deve oferecer à sua cidade, e como as pessoas que mais deveriam interessar-se pela oferta não estavam, aparentemente, interessadas no assunto, foi muito natural que eu desistisse da ideia".

Em complemento à resposta, o mestre capoeirista Jorge Melchhiades afirmou que se sua "opinião for publicada, naturalmente haverá uma reposita defensiva da parte a quem me refiro". E concluiu: Mas sempre lembrar que Sorocaba não necessita de discussões publicadas; necessita, isto sim, de esforço e dedicação de cada um de seus filhos".

(67) Esta é apenas uma das inúmeras matérias de Alcir Guedes sobre a capoeira do Jorge e do Jorginho.

Contracapa do
Jornal Diário de Sorocaba
06/05/1970
200mm x 150mm

Capoeira desafia sempre

(O POVO FICOU ASSUSTADO COM A VIOLENCIA DOS GOLPES E BOQUIABERTO COM A RAPI DEZ DOS MOVIMENTOS)

Ninguém esperava por esta. Os capoeiristas de Sorocaba e de São Paulo — uns dez ao todo — encontraram-se domingo, lá pelas 4 horas da tarde, no Parque Municipal Quinzinho de Barros, e, com a permissão do administrador, fizeram uma demonstração ao público do que é a capoeira.

Mestre Suassuna e mestre Paulo Limão monopolizaram a atenção de todos. Fizeram um espetáculo fora do comum, porque eles conhecem, de fato, porque são baianos e capoeiristas legítimos, toda a manha e todos os golpes desse jogo que pode matar. Participaram também do espetáculo o capoeirista Celso e alunos da Academia de Ginástica Nacional.

O POVO PENSOU QUE ERA BRIGA DE VERDADE

À noite, eles estiveram na Praça, onde

repetiram, ao ar livre, para que todo mundo visse, o jogo da capoeira, que se prolongou até às 21,30 horas. O povo, no começo, pensou que era briga de verdade. Mas não era. Terminada a demonstração, os capoeiristas não tiveram sossego e nem puderam sair da roda formada pelo povo. Todo mundo queria saber pormenores sobre a capoeira. Que era ela exatamente? De onde veio? Como se aprende?

Queriam saber também sobre o berimbau, a atabaque, o caxixi e outros instrumentos musicais nativos. Principalmente o mestre Suassuna foi quem mais se demorou explicando a um grupo aqui, a outro e mais outro, sobre a capoeira.



Capoeira desafia sempre

(O POVO FICOU ASSUSTADO COM A VIOLENCIA DOS GOLPES E BOQUIABERTO COM A RAPI DEZ DOS MOVIMENTOS)

Ninguém esperava por esta. Os capoeiristas de Sorocaba e de São Paulo — uns dez ao todo — encontraram-se domingo, lá pelas 4 horas da tarde, no Parque Municipal Quinzinho de Barros, e, com a permissão do administrador, fizeram uma demonstração ao público do que é a capoeira. Daram um show de macaco: "o dobrado, meia lua, bato, mata, berção, martelo, etc. O pessoal ali parecia aglomerado, fez uns ruídos e apertou ativamente os movimentos rápidos e portuos do jogo da capoeira. Mestre Suassuna e mestre Paulo Limão monopolizaram a atenção de todos. Fizeram um espetáculo fora do comum, porque eles conhecem, de fato, porque são baianos e capoeiristas legítimos, toda a manha e todos os golpes desse jogo que pode matar. Participaram também do espetáculo o capoeirista Celso e alunos da Academia de Ginástica Nacional. Eles até tiraram um orientado de mestre Jorginho, que dirige a Academia que funciona à Trav. Cel. Fernando Prestes, 45, 5.º andar, Sorocaba.

O POVO PENSOU QUE ERA BRIGA DE VERDADE

À noite, eles estiveram na Praça, onde repetiram, ao ar livre, para que todo mundo visse, o jogo da capoeira, que se prolongou até às 21,30 horas. O povo, no começo, pensou que era briga de verdade. Mas não era. Terminada a demonstração, os capoeiristas não tiveram sossego e nem puderam sair da roda formada pelo povo. Todo mundo queria saber pormenores sobre a capoeira. Que era ela exatamente? De onde veio? Como se aprende? A polícia disse: "Se acreditar um golpe, mata mesmo!" — Eram perguntas que faziam, além de muitas outras indagações. Queriam saber também sobre o berimbau, a atabaque, o caxixi e outros instrumentos musicais nativos. Principalmente o mestre Suassuna foi quem mais se demorou explicando a um grupo aqui, a outro e mais outro, sobre a capoeira. Quando ele parava em desligar-se de um grupinho, outros grupos chegavam e o espetáculo continuava. Todo mundo queria conhecer a manha e de bate-papo em bate-papo, as explicações foram até quase meia noite. Moveu quem perguntou, aliás com muita razão, por que Sorocaba não aprende mais espetáculos assim, bem populares de motivos folclóricos, diferentes e de interesse, como é o caso da capoeira? ...

(68) Contracapa do Jornal
Diário de Sorocaba
20/04/1970
150mm x 210mm

provas. Na feitura desse texto não se levou em conta que há pessoas desejando aparecer e que, para realizarem esse anseio, afirmam qualquer coisa. Tendo em mente que todos querem ser o **pai da criança dotada de herança considerada valiosa**, quem pesquisa a História com honestidade deve ter cautela científica e não acolher declarações sem respaldo nas provas materiais ou documentos. Qualquer historiador sabe, ainda, que a memória é falha e que os interesses em jogo costumam viciar depoimentos. Sendo assim, ainda que o mestre ali citado seja talentoso, digo que **não estava entre os primeiros praticantes de capoeira da cidade e, afirmar o contrário, é ir contra todas as provas documentais e depoimentos dignos de crédito**, que o dão como aluno iniciante no curso do Mestre Luiz Sabugo, no final da década de 70.

O autor do texto em análise só andou bem ao **negar** o pioneirismo do mestre biografado. Essa negação, contudo, não visava a defesa de uma verdade histórica, porque não foi empecilho para que houvesse um conagraçamento que culminou na divulgação, pelo jornal Cruzeiro do Sul de 29/11/2003, do “biografado” como “pioneiro” que alegava estar lançando um CD. Mas, este já havia sido lançado anos antes (em 23/09/2000, conforme revista Combat Sport de outubro/novembro de 2000). No livro, atribuiu a primazia a um rapaz de **17** anos de idade chamado Josias, que teria ensinado “de forma secreta”, porque “temiam a polícia”, a um “grupo de mais ou menos quinze pessoas”, uma capoeira “aproximada” a de Angola (pág.57), no clube 28 de Setembro. E teria feito isso durante **12 anos**, a saber: de **1958** até o início da década de **1970**...

Se isso fosse verdade, durante um período de tantos anos, os quinze “secretos” já seriam mestres e professores da arte. E juntamente com o dito cujo Josias, em 1969, 1970 e seguintes, poderiam exibir toda a técnica que desenvolveram, **jogando** com o “jovem mestre Jorge Melchiades”, o Jorginho, o Celso Bujão, o Dr. Juraci, o Dr. Joel Augusto Rufino, etc. Mas, **nunca apareceram** até a data do lançamento deste livro. Se aparecer algum depois, nessa mentira que vem sendo reinventada dia-a-dia, só será para **jogar** conversa fiada fora. Tal “depoimento” tardio, “sem dúvida confirmará”, que tais capoeiristas ficaram “secretos” até hoje, devido ao “medo da polícia”. Não é medo **DEMAIS** para se atribuir a capoeiristas, que se notabilizaram por valentia e por enfrentar a polícia? O mestre Jorge Melchiades, o mestre Celso Bujão, o Serginho, o Dr. Joel, o Dr. Juraci e os outros da verdadeira história estão aí, para quem quiser ver, não estão?

Diz o autor que “A prática desse jogo estaria proibida” pela polícia, e para guardar segredo a bateria do grupo “era composta apenas de um berimbau e um pandeiro, instrumentos tocados em baixo volume para não

chamar a atenção dos transeuntes e da polícia”. Sou professor de capoeira e digo ser ridículo regular o volume de uma bateria a um nível impossível de ser ouvido nas noites silenciosas da época, quando quase não existiam automóveis circulando na cidade e aparelhos de televisão eram raros. Além disso, como o canto e as palmas também denunciariam o jogo da capoeira, fariam só mímica? Ora, a prática da capoeira já tinha deixado de figurar no **Código Penal**, desde **1940**! Se isto não bastasse para tornar risível esse relato, os órgãos da polícia relaxaram providências repressivas, especificamente contra a prática da capoeira, muito tempo antes. O **mestre Bimba** fez exibição ao chefe do Estado Novo, o senhor Getúlio Vargas, em **1937**, no mesmo ano em que recebeu o alvará oficial de funcionamento para sua academia, que funcionava a pleno vapor desde antes de **1932**. Só se os sorocabanos fossem mesmo obtusos racistas! São?

Historiadores respeitáveis procuraram, durante mais de um século, determinar a origem, os rumos e a ocupação geográfica da capoeira no tempo. Todo esse esforço, que não deve ser desprezado, resultou em mapas delineando a propagação da capoeira de Angola e Regional pelo território brasileiro, partindo da Bahia em direção de outros estados.

A capoeira, que se caracteriza pelos rituais e orquestra, com berimbau, atabaque, pandeiro etc., só começou a atrair a atenção dos jovens paulistas, em São Paulo, nos meados da década de **60**, após ter sido apresentada aos paulistas nos confrontos entre capoeiras vindos da Bahia e praticantes de Luta Livre, em **1949**. O tenente **Esdras Magalhães dos Santos**, o **mestre Damião**, chegou a dar aulas durante oito meses no ano de **1951**, na academia de pugilismo do **Kid Jofre**, pai do nosso ex-campeão mundial de boxe peso galo, **Eder Jofre**, em plena rua Santa Ifigênia, no centro de São Paulo e demonstra tudo isso no seu livro, **“Conversando sobre Capoeira”**. A respeito, leia-se também, **O que é capoeira?** do **mestre das Areias ou Anande**, e ainda, **CAPOEIRA, os fundamentos da malícia**, de **Nestor Capoeira**. O próprio mestre Damião voltou a montar a **Academia Besouro do Mangangá**, pioneira em todo Vale do Paraíba, em São José dos Campos, em **1971**, que os mestres **Esdras Filho** e **Lobão** passaram a comandar... **depois** de participarem, **um ano antes**, do espetáculo levado pela **Academia de Ginástica Nacional**, no Clube União Recreativo de Sorocaba.

Logo se vê que o autor do livro andou pecando contra os fatos e tentou justificar o pecado ao tentar angariar entre associados do clube 28 uma cumplicidade conveniente, pois diz: “Naquela época somente os negros freqüentavam o clube 28, o que ajudou a manter ainda mais em segredo as rodas de capoeira que aí se realizavam”.(pág. 57/58). Nunca houve caso

assim, de quem praticasse algo que todos gostam de exhibir, como a capoeira, “de forma secreta” e muito menos sem a menor necessidade como foi de 1940 em diante.

Outra inverdade - são tantas - do texto em questão, foi a de que “em 1972, mestre Suassuna abriu uma academia em Sorocaba, chamada Cordão de Ouro, sob a responsabilidade de um aluno chamado Jorge” e que “A academia fechou em pouco tempo devido a falta de divulgação...”. Mais afirmações feitas de modo totalmente irresponsável, sem que houvesse o menor esforço de pesquisa, pois omite toda publicidade que houve em torno da prática pioneira, **de 1969 a 1973**, e que gravou na memória da população as primeiras imagens da capoeira. Essa publicidade de 3 anos, aproximadamente, foi maior do que a de qualquer outro capoeirista da cidade. Só a apresentação no programa do Silvio Santos, em horário nobre e na época em que havia apenas 3 ou 4 emissoras de televisão, já basta para demonstrar o quanto de imprudência há na afirmação.

O texto prossegue com uma série de outras inverdades até chegar nos relatos do “senhor Chiu” ou Josias, na página 57, que teria ensinado capoeira a uns quinze discípulos, no clube 28, “**até o início da década de 1970**”. Na página 58 se lê que, no “**final da década de 1960 e início da de 1970**”, esse grupo chegou a jogar capoeira na praça Cel. Fernando Prestes, no centro de Sorocaba”. Para demonstrar a “verdade” desses onze longos anos de assídua prática de capoeira na cidade, o autor evoca como testemunha da grande atividade do grupo, pessoa que **em sã consciência** ninguém evocaria, se pesquisasse ao menos um bocadinho: o notável jornalista já falecido, **Alcir Guedes**. O autor inventa possível respaldo desse brilhante intelectual e estudioso do folclore, expondo nas notas de rodapé a matéria do Diário de Sorocaba, de **22/05/1973**: “Estas festas estão agonizando. Se não acudirem elas morrerão”. E numa pergunta “malandra”, tenta atrair para o grupo do “senhor Chiu”, méritos alheios que lhe dessem existência: “Estaria o articulista referindo-se ao grupo do Chiu?” A resposta é: **Não mesmo!** Nessa matéria de página inteira sobre o folclore, incluindo fandango, folia de reis, congada, bumba-meu-boi, maracatu, jongo mineiro, catira, ao se referir à Capoeira de Angola, Alcir Guedes escreveu: “Tivemos em Sorocaba alguns espetáculos de capoeira. Devem ser repetidos”. e se referia aos espetáculos de capoeira que viu, sobre os quais escreveu inúmeras vezes e que **realmente** existiram na cidade: os comandados por Jorge e Jorginho. Na matéria, ele não só evocava apoio geral para os movimentos folclóricos como também tentava estimular, com a convocação, seus amigos pessoais, Jorge e Jorginho, a não caírem no desânimo face

as imensas dificuldades que enfrentavam. Dirigia-se a ambos, que sabia ainda em atividade na cidade, por isso escreveu que os espetáculos “devem ser repetidos”.

Até 1999 o autor de “Folclore em Sorocaba” não havia “descoberto” ainda, a “pernada” que “virou capoeira” na sua tentativa de dar respaldo para a anterior afirmativa de que “existiu capoeira em Sorocaba antes de 1969”.



(69)

CELSO BERSI (entrevista:18/11/2003). O mestre Celso Bujão é diretor de transportes urbanos da **URBES**, economista pós-graduado em Economia Empresarial e capoeirista que se formou professor, na primeira turma do mestre Suassuna, em **1970**. Junto com ele foram formados **Esdras Filho, Lobão, Almir das Areias** ou **Anande, Freguezia, Dirceu, Lessin, Romildo, Eli, Terval, Bentinho, João Dezoito, Paulo Japonês, Caio** e outros “cobras” da capoeira. **W** - Como foi seu início na capoeira? “Tive a felicidade de integrar, no ano de **1968**, o primeiro grupo de capoeira do Estado de São Paulo, organizado em academia.

Eu e o querido amigo já falecido, **Romildo Fávero**, tínhamos 17 anos e a intenção de treinar uma luta. Morávamos na capital e numa manhã de domingo fomos ao CMTCC Clube para nos inscrever no Judô. Mas, pró-



(70) (1968) *Em pé*: Celso Bujão, Anande das Areias, Freguezia e Eli. *Agachados*: mestre Suassuna, Ricardinho, Bentinho e João 18

ximo ao clube ouvimos o som de uma música estranha... Era o berimbau acompanhado de atabaque e pandeiro, fixando as imagens que até hoje trago na memória. Foi quando vi pela primeira vez o **mestre Suassuna** jogando com o **mestre Brasília** e ambos vestindo terno

branco e chapéu. Dançavam, lutavam, eu não sabia bem o quê... Mas era muito bonito e eu nunca tinha visto. Em dado momento Brasília brandiu um facão e Suassuna uma navalha que havia colocado entre os dedos do pé. Foi algo de cinema! Eles estavam abrindo academia na Av. Angélica e das pessoas que os acompanhavam, a maioria era oriunda da Bahia. Nos inscrevemos com eles, que mudaram para a Rua das Palmeiras. Lá tive a honra de ter dois mestres extraordinários: o Suassuna da Regional e o Brasília da Angola. Meu início teve essas duas bases, embora, quando me refiro à linha do Suassuna faço ressalvas... pois ele próprio não se identificava como um capoeirista regional, mas simplesmente como capoeirista. O mesmo acontecia com o Brasília. Ambos jogavam de acordo com o toque do berimbau, sem obedecer a uma escola e sim à intuição do jogo. A partir daí Suassuna formou um grupo com os alunos e começamos a fazer uma série de apresentações, ora na roda da Praça da República, que começou na década de **60** com mestres **Ananias, Evaristo, Félix** e outros, e começava a se tornar tradicional, ora próximo ao Mackenzie, na antiga USP, num bar chamado **Sem Nome**, muito freqüentado por Chico Buarque de Holanda. Enfim, assim comecei na prática que **chegava firme em São Paulo**.

Em Outubro de **1970** o Suassuna resolveu formar os capoeiras desse primeiro grupo, do qual tive a honra de pertencer. A partir daí seríamos professores, tanto que alguns foram ensinar em outras cidades, como em São José dos Campos, Campinas, Rio de Janeiro... A academia do Suassuna era ponto de encontro para capoeiras que vinham a São Paulo e por isso chegou a ser considerada um "consulado baiano". Ele mesmo, quando voltava das férias na Bahia, sempre trazia alguém, e entre os que vi chegar destaque o **Almir**, mais tarde conhecido como **Das Areias** ou **Anande**, pessoa amável e querida de todos".

W - Como conheceu o Jorge? "Eu tinha parentes em Sorocaba e vinha quase todo final de semana para cá. Numa dessas ocasiões, **dona Cinira**, do largo Francisco Eufrásio, prima muito conhecida na Vila Hortênciã, sabendo que eu treinava, comentou que 'existia alguém fazendo capoeira em Sorocaba'. É estranho, mas me recordo bem dessa fala! Eu exclamei: O quê? Aqui em Sorocaba? Impossível! Ela vira um anúncio no jornal (foto 71) e não lembrava exatamente onde era a academia, mas me deu como referência o Largo do Líder. Então, num sábado, à tarde, fui descobrir quem era o capoeira da cidade e se possível jogar com ele.

No Largo do Líder, novamente o som do berimbau me atraiu... Tendo-o como guia dos passos descobri que vinha de um salão, cuja porta estava escancarada para a rua. Com a cautela manhosa do capoeira que

entra em território alheio me aproximei e... Grata surpresa! Jogando ali, com alguém que eu não conhecia, estava o **mestre Paulo Limão**, grande angoleiro da época! Fez uma festa quando me viu entrar e exclamou: '**Bujão!**' Era meu apelido. 'Você por aqui?'. Aí foi aquela alegria de amigos quando se encontram em lugar incomum para eles! O Limão sempre participou do nosso grupo. Era muito querido e quando o encontrei aqui, perguntei: Agora você está em Sorocaba? Ele respondeu que ajudava um amigo a afirmar sua academia e me apresentou o **Jorge**, que jogava com ele quando entrei. Este me apresentou o **Jorginho**. Aí fiquei sabendo que o Jorge já havia treinado em São Paulo, com o **Valdemar Angoleiro**.

A academia era do Jorge e não era só de capoeira. Aliás, ele ficou muito comentado em São Paulo, na época, quando o pessoal soube que ele havia adaptado movimentos básicos da capoeira a técnicas de briga de rua, criando a Tudoeira.

Efetivamente, **foi o Jorge quem trouxe a primeira prática de capoeira para Sorocaba**. A partir daquele dia, quando vinha para cá treinávamos juntos: eu, ele e o Jorginho. Nossa amizade cresceu”.

W - Você esteve no **Silvio Santos**? “Sim. O Jorge queria participar do programa 'Cidade contra Cidade' (foto 72) porque via nele a oportunidade de divulgar a academia e mostrar a capoeira para o Brasil. Na época ela só era vista em Salvador, Rio de Janeiro e em raros locais... Se você ouvir a fita do programa, gravada em áudio, vai ouvir também jurados do Silvio Santos dizendo que nunca a tinham visto. Só dois deles a tinham visto na Bahia. Até o Silvio Santos perguntou ao Jorge se nós íamos 'dançar o supiriri'.

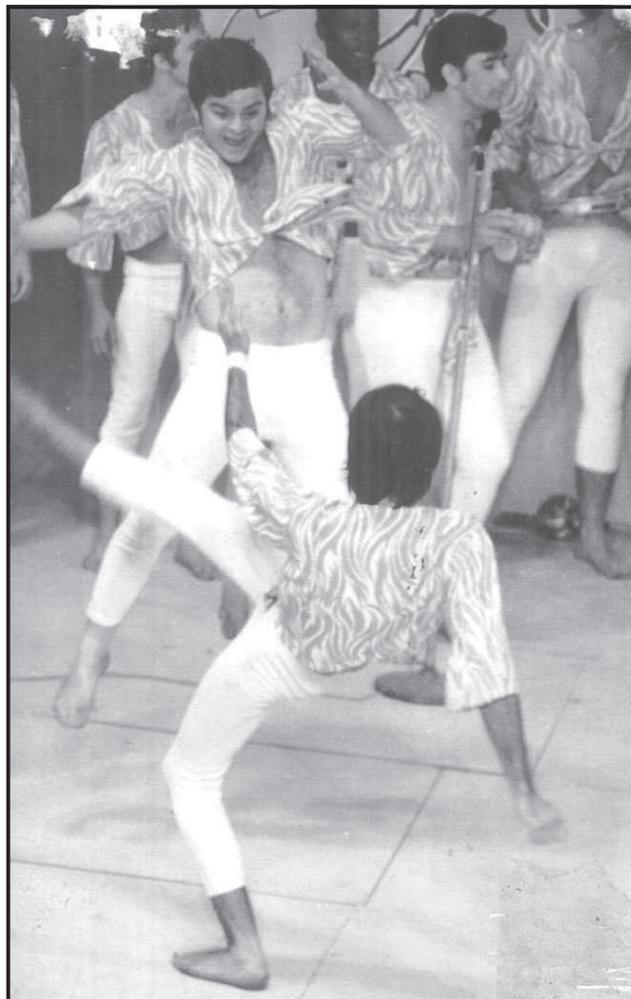
Quando o Jorge acertou tudo com o **Salomão Pavlovsky**, convidou o Suassuna e seu grupo para ir junto, mais o Jorginho, o **Sérgio Robles Poiato**, o **Rogério**, alunos de Sorocaba, mais o Paulo Limão. Isso foi em 1970. O Jorge coordenou toda a apresentação, contando com convidados



(71) Jornal Diário de Sorocaba - 24/08/1969
100 mm x 125 mm

especiais como **Suassuna e Paulo Limão**. E tudo foi brilhante para todos. Conseguimos dez de todos os jurados, que ficaram sensibilizados pela ótima apresentação. A nota máxima beneficiou muito Sorocaba, que ganhou a ambulância nova”.

W - Mas, antes vocês tinham se apresentado no espetáculo beneficente do Recreativo? “Isso. O Jorge marcou o espetáculo, mas tinha só quatro alunos em condição de batizar e, através do Limão, convidou o **Pinatti** para somar com ele. Mas, a academia desse grande mestre, apesar de ser em São Paulo, ainda estava nas mesmas condições que a do Jorge em Sorocaba e não deu certo. Foi logo depois dessa tentativa mal sucedida que fizemos amizade e eu sugeri que ele fosse falar com o Suassuna. Era difícil formar um grupo de capoeira, mesmo



(72) Celso e Jorge na TV Tupi - 1970

em São Paulo, porque ela apenas começava... Depois, para integrar um grupo os alunos precisam freqüentar a academia além do horário de aula e na Cordão de Ouro isso acontecia. Talvez pelo carisma especial do Suassuna e sua dedicação profissional em ambiente fértil, possibilitou que se formasse o primeiro grupo de São Paulo. Mas, em Sorocaba tudo era diferente. O próprio Jorge era um empresário em ascensão e se dedicava à capoeira como lazer, nas horas vagas. Ele próprio tinha horários limitados e na academia revezava com o irmão. Por outro lado, na época, os seus alunos o procuravam mais para treinar defesa pessoal e não capoeira, que era desconhecida e impregnada de preconceitos.

Hoje é tudo diferente dos anos 1969 e 1970. Na época faltavam até recursos didáticos que só foram desenvolvidos pela prática dos anos seguintes. Para ensinar o toque do pandeiro, do berimbau etc., e até para treinar, não havia fitas de vídeo, revistas ou manuais, métodos, nem se via capoeira nos canais de televisão ou nas ruas. **Era difícil formar bateria** e para treinar com música você tinha de procurar o 'bolachão' do Pastinha, em lojas de São Paulo. O do **Caicara** veio mais tarde e o do Bimba a gente



(73) *Jogando*: Paulo Limão e Jorge
Em pé, ao fundo:
 Tonhão e Joel A. Rufino
 Contracapa do jornal Diário de Sorocaba
 21/02/1970 - 140 mm x 210 mm



tinha de pedir pelo reembolso postal e ficar aguardando que chegasse da Bahia. E o Jorge, responsável como é, se preocupou sobremaneira, não só em trazer o grupo de São Paulo para divulgar bem a capoeira e cumprir com o compromisso firmado na cidade, mas também para dar boas condições aos que vinham. Lembro dele preocupado com a hospedagem e refeição do grupo, pois quando terminasse o espetáculo não haveria mais ônibus para São Paulo. Éramos em torno de vinte e cinco pessoas e ele ainda se preocupava em evitar que esse pessoal criasse algum problema na cidade, pois queria mostrar que gente séria também treinava capoeira.

O Jorge se empenhava em criar para a capoeira uma imagem boa, desvinculada da malandragem barata, mantida como um ícone sagrado por muitos. Ele, como poucos mestres esclarecidos, aconselhava a característica da mandinga, do molho, da manha, da malandragem, dentro do jogo, dentro da roda, não na vida. Na roda a gente desenvolve um ritual criado no passado e está numa espécie de palco de teatro, representando as relações do negro oprimido com o feitor ou capitão do mato. A gente representa a vida do negro numa cultura arcaica, atrasada, e a nossa realidade é diferente. Então, essa característica do Jorge, de ser muito responsável em tudo o que faz, já começou a se destacar em minha visão na época”.

W - Ao que tudo indica, em todos esses anos em Sorocaba, você nunca encontrou nenhum capoeira preparado de modo “secreto” na cidade e antes do Jorge? - O Celso riu aquele riso de bebê que o torna tão encantador e respondeu: “Nunca. Isso é bobagem e entendo que ninguém deve se omitir ante esse menosprezo contemporâneo aos que fizeram história no passado. Se nos omitirmos, devemos ter o mínimo de coerência e não mais reclamar quando vândalos destroem nossos monumentos, prédios históricos, relíquias artísticas e até a nossa dignidade”.

W - Ouvi dizer que no seu casamento teve roda. “Logo depois que conheci o Jorge, comecei a vir para Sorocaba com mais frequência e a fazer muita coisa junto com ele. Acabei conhecendo a **Cleusa**, minha amada companheira, que trabalhava numa das lojas dele... Veja que a capoeira alegre daquela época me trouxe muitas coisas boas: a minha mulher, minha família... a amizade com Suassuna, pessoa espetacular, com outros e com o Jorge, sujeito às vezes irritante, porque vive exigindo de si e dos que se relacionam com ele, ação e moral racional... Mas isto a gente releva porque ele é um grande amigo e um querido mestre intelectual. Ele irrita. Todos os que o conhecem sabem disso, porque denuncia as hipócritas relações superficiais e busca criar um envolvimento aberto, franco, pessoal, leal e sem frescuras. Quanto a sua pergunta, eu devo ter sido o primeiro do grupo a casar, por isso tive tudo. O pessoal resolveu vir a Sorocaba e participar do casamento. Veio até o **Quebra-ferro**, um capoeira amigo, de Salvador. A festa foi na casa da prima **Cinira**, na vila Hortência, e já ia alta quando lá pelas tantas ouvi o som do berimbau novamente... O pessoal fazia roda no meio da rua e jogava no asfalto. Saí para ver e quando cheguei o Suassuna fazia um jogo cheio de malícia e humor com o Jorge. Era realmente lindo o conagraçamento das pessoas na roda. É claro que naquele momento meus desejos eram outros, mas não resisti e também joguei um pouco. Depois tive de sair, mas a roda continuou até muito tarde”.

W - Você também esteve na briga de Brigadeiro Tobias? “Emprestando as palavras do querido amigo Zé Desidério, em entrevista passada, digo que os jogos do time da Musical nos davam muita alegria. Um dia, porém, fomos jogar em Brigadeiro Tobias contra o time da ACES (Associação dos Cronistas Esportivos), que para ganhar a melhor de três reforçou-o com um pessoal bom de bola, mas meio rude. Tudo começou bem e antes do jogo teve até uma linda homenagem a **Benedita**, uma jogadora de basquete de Sorocaba que também defendia a seleção brasileira. Mas depois, durante o jogo alguém agrediu nosso goleiro, o **Ari**, um bancário muito pacífico. E o Jorge, que correu para protegê-lo, ficou bem no meio da confusão que se armou em seguida. Saíram muitos sopapos

e nessa hora teve gente da torcida que também invadiu o campo para entrar na briga. Foi quando um cidadão forte e alto se propôs a dar uma gravata no Jorge... Só escutamos um baque surdo no chão e seu grito rouco. O Jorge se defendeu derrubando-o e quebrando uma ou duas de suas costelas. O tempo fechou, como se diz por aí. E foi uma confusão terrível, com policiais dando tiros para o alto e o pau comendo solto. Não teve jeito de segurar. O Jorge, eu e o Jorginho procurávamos nos defender das agressões em conjunto; um protegendo as costas do outro. Graças a Deus, mais tarde tudo foi resolvido a bom termo e a amizade que havia continuou entre todos". **W** - Nas pesquisas encontrei críticas duras da imprensa ao Jorge... "É. Alguns não entenderam que aquilo foi uma defesa. Recordo-me que numa manhã de sábado tomávamos um café no Bar União, lá no centro, quando um sujeito chegou e falou ao Jorge que nós não devíamos usar capoeira contra leigos. E o Jorge, que já andava irritado com tanta provocação perguntou se a gente devia só apanhar de leigos e respondeu algo duro para o sujeito, que retirou-se imediatamente e nos deixou em paz para tomar nosso café".

W - Quer complementar, antes de encerrarmos? "Sim. Queria dizer da minha satisfação e privilégio de ter conhecido o Suassuna, o Brasília e outras pessoas muito dignas da capoeira. Ao longo dos últimos 34 anos a minha amizade com o Jorge consolidou-se e ampliou-se para abranger as pessoas maravilhosas do NUPEP. É uma amizade incomparável, porque é para todos os momentos. Não só para os bons, mas também para os difíceis. Aliás, a emoção me toma, toda vez que falo da história dessa amizade e do privilégio que tenho, de desfrutar do prazer de discutir com as demais pessoas os conhecimentos que o Jorge buscou e procura transmitir a quem se propõe a sair do egoísmo individual e familiar para tentar fazer da sociedade mais ampla uma grande família. No final do ano de 2000, ele resolveu reiniciar os treinos de capoeira, no NUPEP. Inicialmente todos estranhamos, porque queria voltar ao começo! Mas, depois entendemos que ele sim-



(74) Mestre Celso Bujão e Miguel (2004)

plesmente não pode deixar de ser pioneiro e agora propõe a **Capoeira Mística**, como brincadeira antiestressante que encerra os mistérios da capoeira primitiva e um sério estudo filosófico de seus fundamentos. Apesar de ser um resgate da capoeira, seu trabalho leva uma lucidez que a torna outra grande novidade que traz a Sorocaba e, se Deus permitir, para o Brasil”.

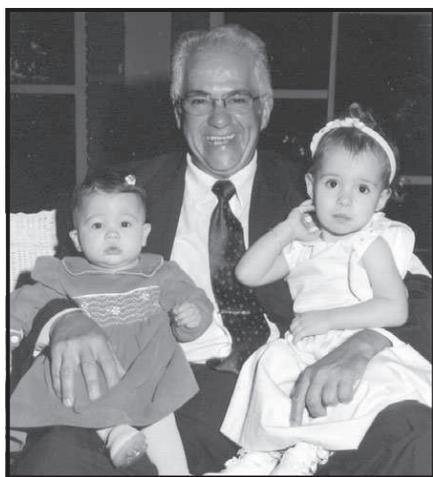


(75)

DANTE ÍÓRIO FILHO (entrevista: 16/03/2004). Professor de Português e Inglês aposentado e gerente de compras da **Icaper, Indústria e Comércio de Abrasivos Ltda.** Seu depoimento foi colhido pela amiga Lia Ramos, que perguntou: Quando você conheceu o Jorge Melchiades? “Desde quando ele era adolescente. Eu era mais novo e o via sempre na Rua Artur Gomes, porque eu morava nessa rua entre a Penha e a Cesário Motta, e ele, entre a 7 de Setembro e o antigo Peladão do Scarpa. A mãe dele, a **dona Eustáquia**, era muito conhecida, porque diziam que benzia e lia a sorte. Eu sempre achei que era uma médium sem saber, pois era muito católica. Conheci também a **Pervite**, irmã dele, que hoje dirige um centro esotérico, quando eu estudava no Padilha e ela começava como professora substituta.

Fiquei sem ver o Jorge até reencontrá-lo em **1966** ou **1967**, quando ele trabalhava com livros e tinha uma **academia de lutas** na rua Rodrigues Pacheco. Depois ele montou **academia de capoeira** e foi representar Sorocaba no programa **Cidade contra Cidade**, do Silvio Santos, conseguindo os pontos máximos numa disputa bastante difícil. Lembro que ele ficou muito comentado na época porque era muito bem sucedido e tinha uma grande rede de lojas com filiais em outras cidades. Pelo que sei o seu casamento não deu certo, pois ele deixou as lojas com a esposa e foi recomeçar tudo em outra parte. Em **1977** ele tinha uma loja de roupas na Rua Monsenhor João Soares e comprou o curso de madureza do Cebolinha, na rua 15 de Novembro, onde fui dar aulas. Depois, ele deixou essa escola para o **Roberto Sagges**, a quem queria muito bem e foi montar a escola **Magnus**, na Rua da Penha. Eu fui com ele para dar aulas de Português e Inglês ao primeiro e segundo grau, do Supletivo. Nos tornamos bons amigos e sua escola tinha cursos de Atendente de Enfermagem, Mestre-de-Obras, Desenho Mecânico, Desenho Artístico, Violão, Capoeira e uma luta de defesa pessoal, que não lembro o nome. As primeiras reuniões para a formação do Partido dos Trabalhadores em Sorocaba se realizavam lá. O **Eduardo**, que depois passou a ter o apelido de **Falcon**, começou a ajudar o Jorge no ensino da capoeira, lá.

O Jorge vivia sempre muito envolvido com projetos culturais, com cineclube, teatro e até com festival de teatro amador, quando se tornou Presidente da Federação Sorocabana de Teatro, na época. No festival, alunos de várias escolas eram levados aos teatros Fantoche e Municipal, para assistirem, graciosamente, as peças da cidade e de fora. Ele também dava aulas no curso supletivo e os alunos gostavam de fazer dele um confidente. Escreveu e dirigiu *Beijos da Traição* e *Maria das Dores*, peças que assisti e gostei muito. Escreveu também *O Admirável Homem Novo*, que começou a montar. Até ia trabalhar nela, porque escreveu um papel de professor para eu fazer... Mas, alguma coisa deu errado e tivemos de parar os ensaios... Quando a escola mudou para a rua Monsenhor João Soares, ele montou um grande **sebo** em um salão que havia na entrada. Quando mudou para a Rua Brigadeiro Tobias deixou esse sebo para o Falcon, no prédio da rua da Penha, assim como a academia de capoeira e um curso de manequim e outro de balé, acho. Na época o Jorge também levava um time de futebol feminino, que chegou a disputar o campeonato paulista em duas ocasiões... Depois a escola se especializou no ensino fundamental e parei de ensinar lá. Deixei de vê-lo em **1984** e voltei a revê-lo em meados de **1989**, quando fazia mais uma temporada da peça *Beijos da Traição*. Apresentou essa peça no teatro municipal e levei os alunos da escola **Mário Guilherme Notari** para assisti-la. Depois, a meu convite, o Jorge e os atores foram à Escola para debater com os alunos. Bom salientar que essa escola fica na periferia de Sorocaba, no bairro Luciana Maria, onde na época era uma favela. O Jorge sempre quis levar atividades culturais, que eram ditas de elite, para o pessoal menos favorecido. E por ser arrojado, polêmico, sempre preocupado com questões sociais e muito amigo do **Plínio Marcos**, a quem trouxe várias vezes para fazer palestras em Sorocaba, e ainda por dizer francamente o que pensa e ter sido do PT, muitos o combateram, por considerá-lo subversivo e ateu.



(76) João Carlos e netas

Comecei a freqüentar o NUPEP logo no começo, mas não pude continuar porque os horários de cursos eram incompatíveis com minhas outras atividades. Mas sei que até hoje esses cursos são levados pelo meu amigo Jorge, a quem considero muito sério, sincero e íntegro”.

JOÃO CARLOS DO AMARAL

(entrevista: 23/03/2004). Atual diretor de esportes do **Banespinha** e da **Associação dos Aposentados do Banespa** de Sorocaba e Região

Atenção: a capoeira está chegando aqui!



(77) Jornal Cruzeiro do Sul

30/07/1969 - pág. 5

350mm x 530mm

(continuação da capa - foto 66)

e um ex-diretor de esportes do **Ipanema Clube. W** - Como foi sua entrevista, como aluno da primeira academia de capoeira da cidade, publicada no jornal Cruzeiro do Sul, em **30/07/1969** (foto 66 e 77)? “Já na época eu gostava de esportes e freqüentava a academia do Jorge, perto do largo do líder e junto com o **Edgar Moura** (conhecido empresário da cidade, grande esportista e ex-presidente do Esporte Clube São Bento) e uns amigos de sua família. O Jorge fez um

horário especial para nós e vinha nos dar aulas duas vezes por semana, das 6 às 7 da manhã, antes do serviço. Éramos jovens e queríamos desenvolver o físico e a agilidade. Na época, um jovem que apenas estudava era muito raro e como a gente trabalhava durante o dia e fazia faculdade à noite tinha apenas este horário disponível. Treinei só uns três meses e não cheguei ao batismo, porque logo depois comecei a viajar em função do serviço. O que mais me encantou na capoeira foi a música, a dança e o fato de ser uma novidade em Sorocaba. Eu gostava muito de esportes e também freqüentava a ACM, mas a gente treinava sem levar muito a sério e sem a intenção de virar capoeirista. Quando casei, em 1971, passei parte da lua-de-mel na Bahia, em Salvador e presenciando uma apresentação de capoeira me empolguei, porque quem conheceu a capoeira nunca esquece ou perde o jeito. Cheguei a comprar um berimbau lá, porque na época não tinha por aqui. Mas nunca toquei, porque não aprendi. Ficou só para recordar”.

W - Então a capoeira que o senhor treinou com o jovem mestre Jorge foi a referência para o que encontrou na Bahia? “Com certeza. E até hoje, quando vejo apresentações no Ipanema Clube e em São Paulo, fico bastante animado e recordo. A diferença é que hoje tem as mulheres, que estão muito ativas. Algumas fazem capoeira para defesa pessoal, outras pelo movimento da dança, da ginga. Não são tão recatadas como antigamente”.

W - Na entrevista de 1969, há uma chamada de capa e mais uma página inteira no jornal. Isto, quando existia um preconceito muito forte contra a capoeira. A que o senhor atribui essa abertura na imprensa? “Olha, eu acredito que tenha sido pelos contatos e prestígio do Jorge, que era e é pessoa muito dinâmica. Ele tinha aquelas lojas no centro da cidade. Eram lojas de renome e o movimento comercial da época se dava no centro da cidade. Lá também a jovem guarda, juventude da época, fazia o *footing* na frente do **Recreativo**, do **Círculo Italiano** e **Sorocaba Clube**. Tudo isso fazia com que as pessoas conhecessem o Jorge e os jornalistas lhe dessem uma específica atenção. Além do mais, **a capoeira era novidade na cidade**”.

W - O senhor diria que a influência do Jorge foi muito importante para a quebra do preconceito? “Com certeza! Tanto que o meu gosto pela capoeira remonta ao contato que eu tinha com o Jorge, que conheci quando eu e outros jovens sem vícios íamos ao *footing* na praça. Além disso, ele vencia resistências psicológicas apresentando a capoeira ao lado da sua proposta de defesa pessoal, que o pessoal procurava. Tanto era assim que além da capoeira a gente também treinava o que seria hoje uma espécie de luta-livre e um pouco de pugilismo. O Jorge trazia as luvas e ficava de *sparring*. Lembro também que havia uma espécie de cano de papelão, que ele adaptou para a gente treinar os golpes passando a perna por cima. Era como se fosse uma pessoa”. **W** - O senhor acha que ele improvisava pela dificuldade de se montar academia? “Com certeza. Naquela época não tinha academias como hoje. Havia uma de Judô em frente da ACM, outra de halterofilismo no largo do mercado... Não era como hoje. Os homens eram recatados e mais ainda as mulheres. A vida do pessoal era sedentária e o pessoal bem mais devagar”.

W - O senhor também foi diretor do Ipanema Clube? “Sim. Fui convidado para a gestão de 2001 e 2002, pelo **Paulo Gomes** e outros diretores. Sou associado desde 1981 e sempre participei na área de esportes. Quando entrei na diretoria o volume de pessoas na área de esportes era de mil e duzentas ao mês, e com a febre das academias passou a duas mil e oitocentas por mês, ficando a academia do clube aberta das seis da manhã às onze da noite. Também pratiquei esportes na **ACM** e no **Scarpa**. Todo mundo, hoje, se interessa pela parte física, tanto os mais velhos como os mais jovens. Atualmente estou no **Banespinha** e na **Associação dos Aposentados do Banespa**”. **W** - Sua profissão também é ligada ao esporte? “Não. Trabalhei sempre em banco. Primeiro no Banco de Crédito Real de Minas gerais, que hoje é o Bradesco e depois no Banespa”. **W** - O senhor quer declarar algo mais, para encerrar? “Sim. Quero aproveitar a oportunidade para mandar um abraço ao Jorge, que sei levar a escola **Magnus Júnior** e

o **NUPEP**. Sempre o vejo caminhando com o tenente **Brotas** e passar na frente de minha casa. Quero agradecer também a oportunidade desta entrevista e declarar que aquilo que o jornal Cruzeiro do Sul publicou na época, retratou parte da minha vida que me marcou bastante. Foi bom recordar esse momento e ser útil mais uma vez ao esporte”.



8. NOSSA POSIÇÃO Nº 11

Julho / 2004

Do ponto de vista científico, antes que um povo registre sua existência pela escrita, encontra-se na Pré-história. A escrita surgiu na humanidade há cerca de 6.000 anos e o início de sua História se impõe pelos documentos que dele dão conta. Escrever sobre fatos históricos, portanto, é atividade de muita responsabilidade numa educação civilizada. Por isso friso sempre, que os depoimentos apresentados neste trabalho são **adendos** que ilustram os documentos. A memória costuma ser falha, os interesses distorcem relatos e quem olha para o passado sem tê-lo vivido, pode interpretar costumes e modo de vida pela ótica do presente, de modos que quem quer saber sobre fatos notáveis de nossa cidade, sem ser “enrolado”, deve pesquisar os documentos históricos produzidos sobre eles em tempo real. Pesquisar nos jornais da cidade, tendo em vista que nela há periódicos do nível do Diário de Sorocaba e do Cruzeiro do Sul é recomendável.

Também já circulou em nossa cidade a **Folha de Sorocaba**, excelente jornal que entre outras matérias sobre a capoeira do início, publicou uma com grande foto na contracapa em **26/11/1969**, mostrando o saudoso **mestre Paulo Limão** tentando cabecear o Jorge Melchiades em saída de Aú (foto 78). Diz o provérbio chinês, que uma imagem vale mais do que mil palavras e na ciência da História depoimentos e teses são inúteis, sem registros materiais que lhes dêem sustentação como esse da foto. Infelizmente, porém, na literatura nacional da capoeira há imensas confusões, porque entre tantos que escreveram sobre ela, muitos não apresentaram fatos históricos e sim teses, boatos, opiniões e comentários sobre eventos geralmente fictícios. **Adelto Gonçalves**, por exemplo, fez uma crítica dura no **Jornal da Tarde** de 6/10/2001, a segmentos do livro *A Capoeira Escrava*, Editora UNICAMP, do conceituado pesquisador, **Carlos Eugênio Libânio Soares**, por apresentar propostas sem documentos, assim: “É ainda, no mínimo, curiosa a maneira como o historiador procura situar o que seria a origem da capoeira, **recorrendo a cronistas que não utilizaram fontes documentais**” (grifos nossos). A crítica procede, porque todo processo educacional é sabotado, quando um historiador reproduz boatos ou força conexões entre fatos desconexos entre si, com o fim de forjar “conclusões óbvias”. Tais recursos são considerados lesivos pelos estudiosos mais inteligentes, que porém, não podem impedir os resultados funestos que produzem.



Assista Hoje no Recreativo Tôda História da Capoeira

A capoeira — misto de luta e arte coreográfica desde seu aparecimento no Brasil, até os dias de hoje, terá toda sua história contada e representada num espetáculo inédito em Sorocaba.

O Espetáculo de Capoeira, composto por dez exímios capoeiristas, numa promo-

ção da Academia Nacional de Ginástica, será exibido hoje, a partir das 21 horas, no Clube União Recreativo.

Os ingressos, a razão de um cruzeiro novo cada, podem ser encontrados aqui na FOLHA. A renda total será revertida à Casa André Luiz.

(78) Mestres Paulo Limão e Jorge Melchades

Ao fundo: Joel Augusto Rufino e “Tonhão”

Contracapa do jornal Folha de Sorocaba - 26/11/1969

140 mm x 210 mm

Eu, para dar lustro ao enorme volume de documentos que autenticam esta história, do início da capoeira em Sorocaba, entrevistei inúmeras pessoas, entre elas o grande mestre pioneiro de São Paulo,



(79)

REINALDO RAMOS SUASSUNA (entrevista:

26/05/2004). É um dos maiores gigantes da capoeira do Brasil e do exterior. É conhecido nos meios capoeirísticos como **mestre Suassuna** e a simples menção do seu nome dispensa outra apresentação. **W** - Mestre **Reinaldo Suassuna**, o pioneiro do ensino da capoeira em Sorocaba, Jorge Melchiades, atualmente leva um trabalho que parou em **1981** ou **1982** e começou em **1969**. Durante o tempo do primeiro período

representou o grupo **Cordão de Ouro** da capital e foi considerado seu aluno. Poderia falar sobre isso? “Quando conheci o Jorge Melchiades, em **1969**, ele já havia treinado capoeira com o **mestre Valdemar Angoleiro**, no antigo prédio Martinelli e com os mestres **Paulo Limão** e **Silvestre**. Além disso, tinha academia em Sorocaba e já possuía boa experiência no ensino de uma luta que inventou, a qual chamou **Tudoeira** e que parecia muito com a chamada ‘capoeira’ de **Sinhozinho**, do Rio de Janeiro. Lembro bem que não fazia acrobacia, não era muito elástico e me irritava bastante usando os punhos na roda, mas tinha um jogo firme e seguro, que o tornava respeitado em qualquer lugar onde se apresentasse. Tornou-se meu aluno quando já era um homem compenetrado e responsável e o considerei formado de fato e de direito, quando lhe confiei uma **filial do Grupo Cordão de Ouro, a primeira**, das mais de 300 hoje espalhadas pelo Brasil e por outros países.

Na época não lembro da existência de outra academia de capoeira no interior do Estado de São Paulo. Ainda não se usava cordão de graduação e o mestre se formava no ensino prático. O Jorge Melchiades não se dedicou de modo permanente à capoeira e após alguns anos parou de praticá-la, mas a honrou em todos os aspectos possíveis, representando-a com sua competência, seriedade, cultura e bons conhecimentos da capoeira de **Angola** e da **Regional**, indispensáveis aos alunos **formados** no **Grupo Cordão de Ouro**. Por isso foi consagrado e recebido, naturalmente, por todos que o conheciam, como um autêntico **mestre às antigas**.

Eu também o reconheci como mestre e respeitei-o como tal, desde seu primeiro trabalho. Hoje fico feliz com sua volta e a vejo como prenúncio de acontecimentos muito produtivos para a capoeira”.

W - Ele representou o Grupo Cordão de Ouro desde o seu início? “Foi desde que ele e o **Jorginho** estiveram em São Paulo e o Jorge nos convidou para fazer um espetáculo em conjunto, em um clube de Sorocaba, pois ele já levava uma academia de capoeira na cidade. Nessas alturas eles eram visitados e assistidos pelo **Celso Bujão**, **Paulo Limão** e **Silvestre** e o Jorge terminou me convencendo a participar do seu movimento em Sorocaba também. Com esse pessoal íamos para as praças, para o parque do zoológico e para algumas cidades da região para jogar capoeira e divulgá-la... Teve uma época, nesse início, que estávamos em Sorocaba quase todo final de semana! Em **1970** houve uma disputa entre as cidades de Sorocaba e Votuporanga, no programa cidade contra cidade do Silvio Santos e o Jorge também convidou a gente para representar Sorocaba com ele e seus alunos. Ele coordenou tudo e no programa insistiu em começar cantando uma música de samba de roda, tendo nossa apresentação batido um recorde, pois recebemos nota máxima de todos os jurados.



(80) Mestre Jorge e mestre Suassuna (1979)

O Jorge, realmente, foi o precursor da capoeira em Sorocaba e um grande incentivador dessa arte. Ele sempre representou o que há de bom na Capoeira, trilhando uma linha muito diferente dos que a denigrem com sua prática.

A apresentação no Silvio Santos teve um impacto muito grande na capoeira de São Paulo, graças ao Jorge. Tinha lá um jurado carne de pescoço que não dava 10 a ninguém, e nos deu a nota máxima”.

W - Soube que o senhor foi um líder muito importante na integração dos capoeiristas em São Paulo... “Nos anos 70 a minha academia se tornou um consulado baiano na capital paulista. Muitos capoeiristas me procuravam para orientação e ajudei inclusive financeiramente o início de muitos grupos e academias. Para mim, a capoeira é para ajudar, não para prejudicar, como entendem os que a praticam tentando destruir os outros grupos. Diversos mestres confiavam em mim, e em vista disso **Airton Onça**, ao fundar a **Federação Paulista de Capoeira** contou com meu apoio para levar diversos mestres a participar dela. A maioria do que se conhece

da capoeira de São Paulo saiu da minha academia. Muitos mestres aprenderam a tocar e a cantar lá.

Me recordo também de ter vindo ao casamento do **Celso Bersi**, o **Bujão**, e na época fizemos uma bela roda de capoeira na rua, com todo pessoal da Cordão de Ouro”. **W** - O Celso lembra com muito carinho desse acontecimento, inclusive do seu jogo com o Jorge, nesse dia. “O Jorge, eu lembro que antes de ensinar capoeira gostava desse Vale-tudo que hoje em dia vemos na televisão. Ele tinha muita inclinação para esse tipo de luta, mas de maneira alguma deturpou a capoeira por isso, porque distinguia bem uma coisa e outra. Conheci o Jorge como uma pessoa muito carismática, zelosa e um pouco preocupada”.

W - Como está a Cordão de Ouro hoje? “A **Cordão de Ouro hoje, está em 22 países**, e só não está em mais porque sou exigente. Só envio profissionais formados na Cordão de Ouro com competência para representar bem o Brasil lá fora. Me preocupo não só com a boa formação na capoeira, mas também que o capoeira seja homem íntegro e ético”. **W** - Quando e como o senhor iniciou na capoeira? “Eu tive um problema nas pernas, na adolescência, e o médico recomendou que eu praticasse um esporte que não fosse o futebol. Comecei a capoeira na década de 50 e porque não me prendi a nenhum grupo nem estilo recebi aulas de Angola e de Regional de grandes mestres como **Pastinha, Bimba, Canjiquinha, Caiçara, Gato, Paizinho** e outros. Vim para São Paulo em **1966**, com a esperança de abrir academia e acabei vendendo livros para viver. Foi uma época muito difícil, passei muita necessidade, mas ganhei muita experiência no sentido de ser mais extrovertido e de desenvolver meios para vender o meu peixe, seja ele qual for. Depois conheci **Zé de Freitas, Brasília, Pinatti, Joel, Gilvan** e comecei a dar aulas nos fundos da casa de Pinatti. Em **1967**, eu e o mestre Brasília começamos o Grupo Cordão de Ouro numa sala na Avenida Angélica, de um prédio que estava sendo demolido. Logo após abrir a academia fomos para a rua para conseguir alunos e na frente de uma escola simulamos uma briga. Brasília é muito mais forte e mais alto que eu, e fez de conta que lhe dei uma surra. As pessoas ficaram impressionadas e o tiro saiu pela culatra. Diziam: “Pô esse baixinho é o cão” e ficaram com medo de mim e receio de ir à academia. O preconceito na época era muito forte”.

W - O que o senhor acha das transformações ocorridas com a capoeira, dessa época para cá? “Penso que a capoeira perdeu muito da sua força cultural. Eu sempre digo que antigamente, se havia uma roda na rua ou na praça o povo parava para ver um jogo bonito, que as pessoas tinham prazer em assistir. Hoje elas ficam com medo de parar e ver um

acidente ou se envolver numa briga. A capoeira tinha um sentido coletivo e social que proporcionava condições para se formar e se fortalecer a amizade, o companheirismo. Hoje eu vejo capoeirista discriminando e menosprezando os pequenos grupos que **seguraram a barra na época** em que não tinha ligas, federações e confederações. Tem coisas muito boas na capoeira moderna, atual, principalmente em São Paulo, onde se percebe a influência de mestres como o **Brasília**, o **Limão**, o **Silvestre**, que tinham estilos de jogo e gingas muito diferentes. Mas em muitos lugares a gente vê uma capoeira homogênea, massificada, com todo mundo gingando igual”.

W - O senhor criou o **Capoeirando**. O que é? “É o **encontro dos amigos do Suassuna**. Um evento que realizamos em Ilhéus e reúne grandes mestres como **Itapoan, Jogo de Dentro, Gato, Peixinho, Lobão** e outros, dando palestras e ensinando tudo o que você pode imaginar de capoeira aos que lá se apresentam”. **W** - E o **Miudinho**, mestre? É outra capoeira que o senhor criou? “Tá brincando? **A capoeira é uma só**. As variações que existem são só de estilos. Teve uma época que eu comecei a observar os capoeiristas jogando muito longe um do outro, e como antigamente a gente jogava bem pertinho eu recomendava para jogar mais dentro, mais miúdo, bem miudinho. Aí criei um toque de berimbau para um jogo bem próximo um do outro e mais no chão, utilizando muita flexibilidade e destreza”. **W** - E para terminar, mestre, gostaria de falar algo mais?

“Gostaria de deixar uma mensagem aos capoeiristas sorocabanos: o capoeirista tem que ser feliz por treinar capoeira, não passar raiva. Façam amizade, não confusão.

O mundo já está cheio de desavenças, crimes e injustiças. Vamos seguir o que o negro deixou; vamos lutar juntos pela verdade e pelo direito a uma existência digna... Mas, eu sei que quando a gente fala estas coisas o pessoal está interessado apenas em carnaval e folia... por isso, o melhor é terminar frisando que **o Jorge é o principal precursor e responsável pela implantação da Capoeira em Sorocaba**. Foi ele que me apresentou o **Falcon**, recomendando que eu o orientasse, porque ia se afastar por andar muito atarefado e o Falcon iria substituí-lo no comando da filial da Cordão de Ouro em Sorocaba. Fiz o que ele me pediu e preparei o Falcon, que deu continuidade às atividades da filial até o **Lucas** assumir, posteriormente.

Sorocaba recebeu de braços abertos a **primeira filial do grupo Cordão de Ouro com o Jorge**, e graças ao trabalho contínuo, sério e responsável dele, do Falcon e do Lucas ela completou **35 anos de existência na cidade**. Essa é a mesma idade da

amizade que um dia passei a ter pelo Jorge e pela cidade, ao visitá-la pela primeira vez. Por isso só me resta dizer: obrigado Sorocaba, pela acolhida oferecida a mim e a confiança depositada em nós, do Grupo Cordão de Ouro!”



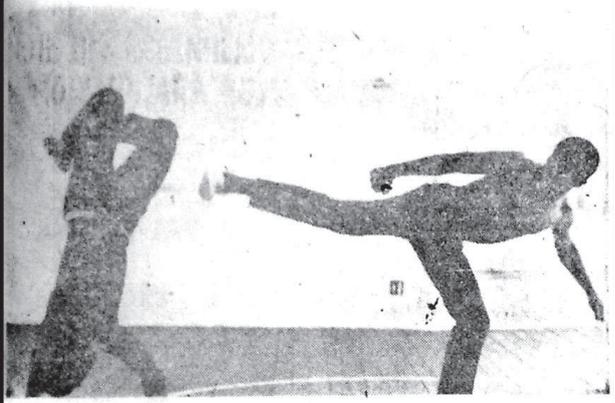
Capoeira luta com navalha no pé

Depois de amanhã, sábado, no Clube União Recreativo, às 21 horas, será apresentado um espetáculo de capoeira, juntamente com os capoeiristas da Academia de Ginástica Nacional, estarão presentes os mestres Paulo Limão, Silvestre e Susassina. Para bem demonstrar ao povo sorocabano o que é o jogo da capoeira serão apresentadas as lutas com todo o aparato musical tradicional e necessário. O ritmo é indelével. Só nos ritos, ora lento ora ligeiro, os movimentos da capoeira se desenvolvem. Arte, coreografia,

fra, agilidade, astúcia, manha, graça. Trata-se de um espetáculo cheio de sapatear.

A apresentação será em benefício da Casa Transfórmula André Luiz, com renda total para aquela instituição de caridade. Avisa-se ainda que os ingressos, anteriormente adquiridos, valem para a apresentação de sábado próximo. Outros interessados poderão adquirir seus ingressos na portaria do Recreativo, pouco antes do espetáculo.

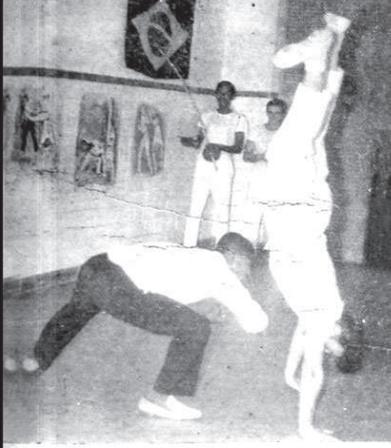
(81) Contracapa do Jornal Diário de Sorocaba 19/02/1970 - 140mm x 170mm



Capoeira no Recreativo para todo povo conhecer

Toda a beleza agressiva e coreográfica da Capoeira, a tal, sendo mortal cada um de seus golpes. Os bons também é um fator de cultura do norte do país

(82) Jornal Cruzeiro do Sul 20/02/1970 - pág. 3 - 120mm x 170mm



Hoje Tem Capoeira

Hoje às 21.00 horas, no Clube União Recreativo, terá lugar oportunidade para conhecer a arte da Capoeira, luta-dança que se desenvolve com o toque rítmico de seus instrumentos. A portaria do Recreativo tem os preços mostrados a seguir.

Está em andamento a Academia Nacional de Capoeira, sob a direção de mestre Paulo Limão, Silvestre e Susassina. Os ingressos poderão ser adquiridos na entrada do clube, sendo que os contidos aqui quando adquiridos quando fora horário de espetáculo e que não pode ser apresentado, também serão válidos.

A renda total será revertida para a Casa André Luiz de Sorocaba.

(83) Limão e Jorge Jornal Folha de Sorocaba 21/02/1970 - pág. 3 140 mm x 210 mm

No começo, ao pensar em escrever este livro eu temia, que após elucidar as confusões criadas sobre o início do ensino da capoeira na cidade e apresentar os mestres antigos e atuais, ficaria sem assunto e o meu livro restaria acabado, mas fino e desinteressante. Por isso, como achei muitas matérias nos jornais, revelando que o pioneiro era atuante em várias frentes da cultura e bastante conhecido na cidade, entendi que seria interessante expor suas peripécias. Este fato trouxe força inesperada ao trabalho, que estaria fadado a ser apenas um árido relatório de datas e nomes, pois um público bem maior e de interesses diversificados passou a apreciá-lo. Educadores, professores e mestres de outras artes marciais e esportes, gente de teatro, empresários, intelectuais, políticos e cidadãos em geral passaram a comentar as matérias do meu livro publicadas em informativo e achei ótimo. As entrevistas colhidas, repito, em todos os casos só assessoram o que é documentado. Assim, se o Jorge Melchades foi destacado é por ter estado lá no início e pela sua

atuação ímpar na História das artes marciais de Sorocaba e na sua cultura empresarial, artística, literária, política, científica e filosófica. E observe, caro leitor, que não é ele quem conta sua história! Nem só os entrevistados. São os documentos que a contam! Quando o mestre Suassuna reclama do seu “irritante uso dos punhos na roda”, além de ser referendado por vários depoimentos de pessoas ilibadas como Marcus Sérgio, João Carlos Amaral e outros, também o é pelo documento jornalístico sobre o **Primeiro Campeonato Popular de Boxe Amador de Sorocaba** (foto 84), onde o Jorge Melchiades estava inscrito e quando teria, então, apenas **12 anos de idade**. Se o mestre se refere à experiência do Jorge no ensino de lutas, entre abundantes matérias que dão conta disso, há a foto dele no Diário de Sorocaba de **10/03/1968** (foto 32), demonstrando a vários alunos, um *Seoi-Naguê* com o **Mário Damaceno**, um faixa marrom de Judô, na época, na academia da Rua Rodrigues Pacheco 140. O Jorge dirigiu essa academia de 1966 até o fim de 1968, quando passou para a capoeira e a reportagem é de quando ele fez parceria com o famoso fisiologista, **Haruo Nishimura**, que era campeão sul-americano e atleta olímpico de Judô. Jorge ainda treinou com o Haruo, que se formou em Medicina em Sorocaba.

Quarenta pugilistas inscritos até o momento para o I Campeonato Popular de Box de Sorocaba

A relação dos inscritos é a seguinte: —

- 1.º Libero Valverde
- 2.º Joaquim Aires dos Santos
- 3.º Jorge M. Carvalho Filho

(84) Recortes da matéria do Jornal Cruzeiro do Sul 20/01/1953 - pág. 5

Também a respeitabilíssima colunista social do Cruzeiro do Sul, **Guyma Baddini**, que hoje nos encanta no dinâmico Jornal Ipanema, confirmou a referência do mestre Suassuna ao prestígio do seu aluno Jorge, ao noticiar o seu trabalho de capoeira, na sua famosa **Mensagem da Guyma**, várias vezes, inclusive em **24/02/1970**. Sendo assim, **os depoimentos aqui apresentados são acessórios coerentes com documentos** e ambos constroem uma história de vida interessante para a imensa população de leitores inteligentes e exigentes.



(85)

CLODOALDO RODRIGUES NUNES (entrevista: 14/11/2003). Professor universitário de Economia e de Direito do Trabalho no **UNISAL** (Centro Universitário Salesiano de Americana) ligado a Campinas. Ele reside em Tatuí e também é assessor jurídico dos Sindicatos dos Trabalhadores em

Transportes Rodoviários de Sorocaba, de Tatuí e Itapetininga. Também atua no Sindicato das Domésticas de Tatuí em Itapetininga; em Sindicato de Turismo e Hotéis de Tatuí. A amiga **Adriana Alves Lima**, que o entrevistou, perguntou: Como se deu sua formação acadêmica? “A primeira foi na década de 60, nas ciências exatas, na Física, depois passei para as Ciências Políticas, ainda na **USP**. Em seguida fiz Direito e Economia. Na década de **70** cursei Direito aqui na **FADI**, onde conheci o fundador do **NUPEP**, o Jorge Melchiades. Era início do ano letivo, em **1977**, e a gente não se conhecia. A gente só estava lá na classe, cada um do seu lado, até que um dia o pessoal do Diretório Acadêmico interrompeu nossa aula para falar do baile dos calouros. Contestei as normas impostas para a venda dos convites e quando a sala silenciou e os membros do diretório começaram a engrossar, me vi isolado. Felizmente apareceu o Jorge, que como eu, achava que de ditadura bastava a dos militares. Levantou-se lá no fundo da sala, onde costumava sentar e, inflamado como é deu continuidade às contestações que fiz. A classe acordou e rebelou-se. Os membros do Diretório saíram frustrados nos seus intentos. Naquelas circunstâncias, já deu para prever que a gente ia ter uma grande amizade e foi o que aconteceu. A primeira série noturna soube do incidente e aderiu a nossa posição, criando um embaraço para a faculdade onde o baile dos calouros é ponto forte da tradição e podia se inviabilizar. Logo se levantou a suspeita de que havia subversivos na nossa classe e até o deputado e ex-governador, **Fleury Filho**, que na época visitava amigos da diretoria da faculdade, nos honrou com sua visita em nossa classe.

Tornei-me suspeito para falar do Jorge, mesmo assim comento sempre a sua generosidade, sua amizade desprendida, leal e empreendedora. Quando vim de São Paulo buscava um pouco de paz em Sorocaba, porque lá eu tinha cumprido prisão política e era muito vigiado. Logo que cheguei e conheci o Jorge, expus a ele minha condição e ainda assim me convidou para dar aulas na Escola Magnus. Eu avisei: Jorge, você poderá ter problemas! Como se eu não tivesse avisado nada, acolheu-me com carinho em sua escola, um verdadeiro reduto das idéias livres e democráticas. Felizmente, fora os preconceitos, nenhuma outra perseguição ideológica mais séria atingiu a mim ou ao Jorge.

Contaram-me que quando ainda era criança montou uma banca de revistas e de livros usados ali na frente do Correio, no centro da cidade. Depois, quando a capoeira era considerada coisa de marginal e ele era um empresário conceituado, teve a coragem de praticá-la, divulgá-la e ensiná-la na cidade.

Com certeza deve ter sido até vilipendiado, em face dos preconceitos religiosos que havia contra a capoeira.

Ele deu cursos para balconistas e vendedores dentro das próprias lojas (Diário de Sorocaba, 23/11/1978), como parte de um serviço de consultoria na área de vendas. E acho que foi o primeiro da cidade a fazer isso. Hoje, quando vejo o competente e famoso **professor Marins** em cartazes e na tevê, me lembro... do Jorge! Veja que tenho muito prazer em falar dele, porque além de tratar-se de uma pessoa generosa, criativa, é o **MEU AMIGO** Jorge. Para que se faça uma pálida idéia das aventuras e venturas que podemos ter, tendo-o como amigo, lembro que depois daquele acontecimento na faculdade, aonde eu ia o Jorge ia junto e aonde ele ia eu também ia. Nos tornamos amigos inseparáveis. Ainda em **1977**, ambos tivemos de desistir da Faculdade de Direito, mas voltamos nos anos seguintes para nos encontrar e eleger uma diretoria ao **DARO** (Diretório Acadêmico Rubino de Oliveira), que deu início a uma proposta de assistência jurídica gratuita à população. Era uma espécie de posto de Atendimento Jurídico Experimental, anterior a qualquer outro fornecido pelas faculdades de Direito da cidade.

Eu levei o Jorge ao PT e ele foi um dos primeiros do partido, aqui, embora não tenha sido aceito pacificamente. O PT, naquela época era muito metalúrgico e o Jorge tinha sido um empresário de sucesso. O PT, ideológico como era, não via com bons olhos aos empresários. Na época, cheguei a acreditar que ele só permanecia no partido pela amizade que tinha por mim, tal o grau de rejeição e de pressão que ele teve de suportar. Mas ele, que parece até gostar de andar na contramão das posições correntes, resistiu e foi, seguramente, o único empresário que esteve no PT de Sorocaba em seus primeiros tempos. Era um PT metalúrgico e se você não vestisse macacão era tido como espião ou inimigo. O Jorge deve ter sofrido bastante com isso, mas sustentava uma situação interessante: não negava sua origem, sabendo que o pessoal também não tinha como fechar as portas para ele. Logo se viu que o PT ganhou muito com a presença dele,

porque aonde ele chega dá o ar da sua combatividade e provoca muitas reações intelectuais nas pessoas sem preconceitos contra o ato de pensar.

Por isso, logo ganhou a confiança e chegou a Vice-presidente do partido local, quando o Presidente era o doutor **Antonio Sérgio Ismael**. Assim que se formou em Direito tornou-se o conhecido 'advogado do PT', e

junto com **Marcelo Milani**, hoje promotor de Justiça na grande São Paulo, foi notícia nos jornais locais atuando firme na defesa de flagelados do *desastre do tancão*, que chocou a cidade na época. Ainda como advogado gozou da confiança incondicional do senhor **Domingos Simões**, de Ibiúna, grande líder popular e personagem que entrou para a História do Brasil ao abrigar em seu sítio mais de setecentos estudantes liderados pelo então estudante **José Dirceu** e o **Luís Travassos** em Congresso da **UNE**, que estava proibido pela ditadura militar. Esse é o MEU AMIGO Jorge!

Nos debates e nas atividades em que atuávamos fazíamos uma dupla que combinava muito bem. Ele, às vezes chocava com o que falava, e na campanha para a eleição do **DARO**, por exemplo, ele entrava nas classes falando duro sobre a alienação dos universitários sorocabanos e criando um impacto emocional, que sem dúvida despertava a atenção geral. Aí eu entrava apaziguando o pessoal e mostrando como devíamos agir para mudar a situação política local e do país. Ele foi um elemento fundamental nessa primeira chapa de posição meio avançada que assumiu o DARO, em 1980 ou 1981, não lembro ao certo”. **Adriana**: “Avançada”, para você era uma posição de esquerda? “Isso, para dizer mais claramente. A princípio a chapa não foi bem recebida, mas depois da nossa campanha elucidativa e ao terminarmos o mandato, o próprio secretário da faculdade, o doutor **Ademar Adade**, nos cumprimentou pelo trabalho realizado.

Até me emociono quando começo a mexer nessas boas lembranças, porque o Jorge sempre foi um querido companheiro. Falar dele me emociona. Imagine que ele quase me arrastou e ao Antonio Sérgio Ismael, para experiências em que utilizaríamos conhecimentos da Física, da Fisiologia e da Psicologia, para pesquisar as causas dos conflitos humanos. Até começamos o estudo! Foi quando o Jorge disse que as pesquisas o levaram à Filosofia Metafísica... Eu sempre acompanhei o Jorge, entendendo que ele estava sempre na contramão por ser um anarquista intuitivo... Mas aí não dava mais.

O que ele tenta realizar, a meu ver, não pode ser realizado neste mundo cruel, escuro e frio. É um ideal para almas mais elevadas, de outro mundo mesmo!

Você não esperava por essa, mas eu e o médico Ismael, materialistas dialéticos de carteirinha, estivemos juntos nos primeiros tempos do NUPEP. Não prosseguimos, em razão das amarras mantidas com este mundo físico. Aí, derivamos por caminhos diferentes, mas mantendo em elevada conta um ao outro”. **Adriana**: foi a primeira e única chapa “meio avançada” que se elegeu ao DARO? “Depois da nossa não

sei. Mas, leve em conta que a nossa primazia já foi muito. A FADl era um quartel general de conservadores e ali “cutucávamos a onça” com um palito de dentes, todos os dias. Ainda vivíamos a ditadura militar e estávamos muito limitados. Trabalhamos muito, eu e o Jorge, como conselheiros de uma diretoria que ainda precisava aprender a fazer política! O pessoal de esquerda, que até então esteve naquela faculdade, costumava criticar, mas sem oferecer alternativas. E só não fomos cabeças de chapa porque não podíamos nos expor, até pela amplitude dos outros compromissos que tínhamos. Mesmo assim, conclamávamos para debates, desafiávamos mesmo! E o pessoal se encolhia, porque não estava acostumado. Depois, do meio para o final do mandato o Jorge entrou na nossa contramão. Ele, embora fosse amigo do Presidente do diretório, cobrava-o franca e duramente, nas reuniões da diretoria, a assumir integralmente o que havíamos prometido em campanha. Eu, talvez por ter sofrido o que ele não sofreu, era mais compreensivo, mais cauteloso e menos impetuoso nas exigências. Divergimos muito quanto às ações imediatas e ele, para manter a coerência com sua impetuosidade expôs no mural da faculdade um protesto com as razões do seu afastamento e saiu. Eu, também me mantive coerente com a cautela e tive de arregaçar as mangas de tal modo que no final acabei perdendo o ano, por faltas. A separação foi uma solução, não um problema, porque continuamos amigos e fiéis a nossa consciência individual. Foi o Jorge quem desencadeou o movimento, embora não estivesse na cabeça da chapa, porque tínhamos de tomar cuidado. Numa conversa ele disse: ‘Rodrigues, vamos mudar esse panorama de aceitação? De inércia? Vamos fazer uma chapa e tocar esse negócio aí?’ Eu estava receoso. Afinal, já tinha caído nas mãos da repressão! Mas o Jorge insistiu. Acabei topando e o resultado foi espetacular.

Quem vê nessa história apenas querelas estudantis engana-se, pois havia um processo educativo em curso, a organização de um movimento e uma trincheira, de onde se fazia a defesa valente de alguns princípios da liberdade democrática que era escamoteada na época.

Depois da nossa diretoria chegou a do **Crespo**, atual deputado, com um trabalho muito bom, porque vinha da **UNICAMP**, onde já existia uma visão mais aberta... Só para constar, na nossa classe tinha algumas jovens *patricinhas*, que quando eu e o Jorge chegávamos diziam: *ih, lá vem os chatos!* Mas, um dia, anos depois de formados, num desses cartórios da cidade, duas delas vieram para mim de braços abertos e dizendo: *Rodrigues dá cá um abraço!* Fiquei até constrangido, porque não estava

acostumado a essa intimidade. E elas disseram: *hoje sabemos que vocês não eram os sapos que a gente imaginava e que passaram muita coisa boa para nós!* Isso foi quando as coisas apenas começavam a mudar com o governo do **Presidente João Figueiredo**".

Adriana: O doutor **Claudinel Renato** falou de uma exposição de pinturas, na ocasião. "O Jorge é empresário, escritor, orador, diretor de teatro e ainda por cima desenha, pinta. São qualidades difíceis de se encontrar numa só pessoa. Não podíamos imaginar que ele tivesse a qualidade de artista plástico e foi realmente uma surpresa". **Adriana:** poderia falar de suas experiências anteriores, com a ditadura? "A pergunta que muitas vezes ouço é se o que fiz na juventude não teria sido uma loucura. Mas na época a gente não tinha opção! Tinha paixão e coragem, que é bem maior na juventude porque a gente acha que não vai morrer e que vai mudar o mundo. Foi um ato de loucura, mas não tínhamos alternativa e mesmo com medo, hoje muito maior, acho que ainda faria tudo de novo. Nem bem entrei na USP, com todo entusiasmo de um calouro, em Abril de 1964, e logo após o golpe de estado já via cartazes por todo lado: *Abaixo o golpe da direita!* Na Física tinha um pessoal politizado, que me passou informações que até então eu não tinha. E até 1967 vivi um período muito produtivo, porque mesmo sem *Internet*, a gente trocava documentos com estudantes e professores do Brasil inteiro. E a gente chegou na conclusão de que precisava de um partido capaz de oferecer as transformações que o país exigia e que ele tinha de ter a marca da classe que objetivamente teria maior interesse na transformação da sociedade: a operária. Em 1967, teve até um grupo de Minas que chegou a propor o nome desse partido: *Partido dos Trabalhadores*. Em 1967, ainda, começamos a sair do movimento estudantil, que teve seu ápice em 1968 e a partir para um contato maior com a classe operária. Fui contatar a categoria dos trabalhadores gráficos, que até 1964 tinha sido uma das mais avançadas e após uns três meses com suas lideranças, disse ao meu pessoal que a classe operária revolucionária não existia, porque toda a liderança estava intimidada e sem coragem para enfrentar a ditadura militar. Outros, em reunião de balanço, concluíram também, que não existia a *classe operária* no sentido exato do termo.

Aí a gente entendeu que se não existia a classe operária, revolucionária, tínhamos de criar uma. E saímos para os bairros... Eu já era professor e fui fazer curso de cronometrista, para entrar numa fábrica vestido de operário e convocar para a reação os que poderiam liderar.

Não cheguei a ingressar na fábrica, mas participei do que chamávamos de escola de formação de quadros, que explica a formação de lideranças operárias do tipo do **Lula**. Em 1969 fui para Presidente Altino, em Osasco, morar em uma casa alugada com mais três operários. Um deles a gente chegou até a alfabetizar, outro, o **Arsênio**, faleceu há um ano atrás dando seu nome a um centro cultural ou biblioteca em Osasco, se não me engano. O Arsênio foi representante do movimento operário na Europa, um pouco antes de morrer. Então, nós, estudantes da USP, sabíamos que naquela época o ensino universitário era para poucos e que devíamos levar o conhecimento a que tínhamos acesso, aos que não tinham. E passávamos para os operários a história do movimento operário, o conhecimento do materialismo dialético, que frutificou mais tarde nas lideranças surgidas. Muita gente não entende como o **Lula**, por exemplo, passou de peão a **Presidente da República!**

Acontece que, como os filhos dos nobres medievais, que tiveram professores dentro dos castelos, os peões tiveram professores particulares. Então, a liderança operária surgida nas décadas de 60, 70 e 80, foi bem amparada em seu início, e o camarada inteligente aproveita mais com professor particular do que qualquer outro freqüentando um curso regular.

Acho que a minha geração cumpriu um papel importante na socialização do conhecimento. E olha que estou falando de gente boa como o **Betinho**, que foi ser operário numa fábrica de xícaras já sendo sociólogo”.

Adriana: você também foi preso, na fase da perseguição política? “Entre em janeiro de 1971 e saí em novembro de 1972, da prisão, onde ocorreu minha primeira pós-graduação. Digo isso porque a ditadura prendia, em geral, o pessoal mais intelectualizado do país, proporcionando com isso uma oportunidade extraordinária para estudar, depois que se passava no vestibular da tortura, período muito triste. Passado esse vestibular a gente ia para o Presídio Tiradentes, em São Paulo, onde era muito bom. Só para você ter uma idéia, fui contemporâneo do renomado professor **Caio Prado Junior**, já velho e consagrado. Comecei a estudar Economia de forma sistemática com um professor da PUC que esteve com a gente. Também ensinei Física e iniciei a leitura dos clássicos gregos. Quando digo que a cadeia era um ambiente bom, entenda, não sou masoquista. Digo que um intelectual não perde tempo e aproveitava toda oportunidade para estudar. E tinha gente muito boa lá, para ensinar. Muito do que hoje acontece foi pensado lá atrás. Eu tenho uma série de amigos que hoje ocupam posição no governo. O próprio Ministro **José Dirceu** passou por lá,

ainda que não no meu tempo. O **Frei Beto** foi meu contemporâneo, entre outros. Depois de liberado eu tive que ir todo mês na Justiça Militar, por um bom tempo, para explicar o que estava fazendo. Era um interrogatório que, afinal, terminou. Mas, numa das vezes em que lá estive me puseram junto com outros, encapuzado, e me deram alguns pontapés na canela, antes de me liberar.

Foi quando decidi sair de São Paulo e ir para uma cidade do interior onde pudessem esquecer de mim. E decidi vir a Sorocaba pela sua tradição industrial. Aqui nasceu o **Grupo Votorantim**, onde temos tradição na tecelagem. Sorocaba participou, em 1917, da primeira greve geral do Brasil. Então, vim para Sorocaba esperando dar minha contribuição, para tentar mudar aquela situação. E hoje dou aulas de Economia em Americana, no UNISAL, que é o Centro Universitário Salesiano, de Americana, junto a Campinas, e sou professor de campo no curso de Direito do Trabalho, lá mesmo. Eu tenho um amor muito grande por esse curso que ajudei a organizar e só o deixo morrendo ou se me dispensarem, porque é em ambiente muito bom, de pesquisa, de camaradagem. É maravilhoso o que faço da minha vida hoje. Também elaboro uma tese sobre o sindicalismo no Brasil, um caso sério. É preciso muda-lo. Sindicalismo dos trabalhadores e dos patrões são questões muito delicadas. O **Presidente Chaves**, da Venezuela, foi tentar mexer com isso e quase cai do cavalo.

Meu maior problema é que minha vida agitada me afastou da convivência com alguns amigos queridos, como o Jorge, por exemplo, do qual, após vários anos lembro das inquietações da época de formação do PT. A Escola Magnus estava lá, na rua da Penha, onde o partido nasceu e onde nossos encontros eram realizados. Nessa escola se organizaram discussões com pessoas ligadas a grupos de teatro e algumas ensaiavam lá. Tem as peças que ele escreveu e levou ao público, resgatando para o teatro da cidade, ao menos durante aquela época, a sua função formadora, educativa e política, desprezada em favor da diversão elitista e alienante.

Esse é o Jorge de quem me lembro, **um homem cheio de paixão** tentando realizar mudanças nas cabeças e dando a sua contribuição. É evidente que às vezes a gente se perde, porque tudo na vida é muito importante e sempre fomos radicais, no sentido de querer conhecer as raízes das coisas.

Sempre fomos “duros” quanto a isso, mas tentando não perder a ternura da flexibilidade, nessa busca por raízes. E a gente nunca levava os conflitos para a personalidade nem guardava ressentimentos contra as

peças com quem travava embates acalorados e às vezes plenos de emoções intensas. Estávamos sempre dispostos a abraçar carinhosamente o oponente com o qual, ainda há pouco quase nos engalinhamos no confronto do debate.

Tudo é passageiro para quem pratica a tolerância e nisso me identifiquei logo com o Jorge. Eu e ele sempre brigávamos, em razão de nossas divergências, mas sabíamos nos reconciliar logo, por aceitar as diferenças que deviam ser mantidas, já que eram fundamentais ao nosso crescimento.

Um defeito grave é ser bitolado e turrão, porque tudo tem dois lados e essa é a dialética da vida. A luz não existiria sem a sombra nem o bem sem o mal. O processo do conhecimento é comparativo e não há que se dizer a 'minha verdade', porque enquanto o ser for inteligente aprende. Logo, a "sua verdade" poderá ser circunstancial, ou de acordo com o nível mental de antes da aprendizagem. Daí, a importância de ser tolerante. A gente sempre brigou pelo que entendia ser o correto. E, se conheço bem o Jorge, sei que como eu, continua se atirando de cabeça e com paixão na ação que entende levar ao fundo, ou à raiz dos problemas". **Adriana**: poderia falar sobre a sua família? "Tenho dois filhos do meu primeiro casamento e uma filha, do segundo. São filhos espetaculares e minha família é maravilhosa!

Ao dizer, porém, que tudo o que fiz na vida e faço, é pensando em minha família, saiba que me refiro a uma família muito maior do que a formada por mulher e filhos. Tudo o que faço é pelo meu país. Desculpe-me a emoção...

É que, dizem, a gente vai envelhecendo e ficando manteiga, não é?".

Adriana: Mais algum comentário, antes de encerrarmos? "Agradeço a oportunidade de conversar com você e de poder falar do meu grande amigo Jorge, com quem passei bons momentos e de quem tenho só excelentes recordações. Muito obrigado".

Gente fina o senhor Clodoaldo, não é? E parece que ouço o Jorge dizer, como habitualmente se refere a ele: "Esse é o MEU AMIGO Rodrigues, a quem tanto amo e de quem me orgulho".



(86)

VALDENOR DA SILVA SANTOS (entrevista: 17/04/2004). É Comendador e um alto expoente da capoeira no Brasil e no estrangeiro. Em seu livro, **Capoeira, Ciência e Verdade**, publicado em **1980**, assinala, nas páginas 115 e 116, **Jorge Melchiades** e **Luiz Rafaldini**, como os **dois únicos mestres na cidade de Sorocaba**, até essa data. Ele é Presidente da Federação Paulista de Capoeira, Diretor Técnico e fundador da Federação Brasileira de Capoeira, também

fundador e Presidente da Associação Nova Luanda Capoeira Regional e membro da Comissão Nacional Organizadora do 1º Congresso Unificado de Capoeira.

W - Em jornais e depoimentos sobre a história da capoeira de nossa cidade encontrei referências ao senhor, como titular da Academia de Capoeira **Nova Luanda de Santo André**, cuja filial foi instalada em Sorocaba por um formado seu, o mestre Sabugo, poderia falar sobre isso? “Eu dava aula no Parque das Nações, em Santo André, quando o **Luiz Carlos Rafaldini** veio treinar conosco. Era capoeirista muito técnico, esforçado, que depois ficou conhecido como **mestre Sabugo**. Ele queria ter a própria academia e quando se formou fizemos uma parceria e ele abriu em Sorocaba uma das filiais do então grupo **Nova Luanda**”. **W** - Durante todo o tempo em que ele representou a Nova Luanda em Sorocaba, só ele se reportava ao senhor? “Sim, pois ele representava a Matriz de Santo André!”. **W** - Como foi esse trabalho? “Um bom trabalho. Em Sorocaba a nossa filial foi muito bem aceita porque outros tinham trabalhado lá anteriormente e creio ter sido o **caso do Melchiades, da Cordão de Ouro**. Por isso, em Sorocaba foi muito tranquilo, principalmente porque nossa orientação e referência sempre foi trabalhar com ética e cordialmente, tendo a capoeira como desporto”. **W** - O senhor citou o mestre Melchiades. Chegou a participar de algum evento dele em Sorocaba? “Não. Na época eu trabalhava como soldador e ainda não tinha me lançado de corpo e alma na capoeira. Não tinha muito tempo para viajar”.

W - Quando o senhor fundou a Nova Luanda? “Comecei a fazer capoeira em 1969, com o **mestre Zé Andrade** e fundei a Nova Luanda aqui em Santo André em **27/02/1974**.”

Na época foi difícil, porque nas cidades que não tinham tido nenhum trabalho em andamento, a discriminação contra a capoeira e outras atividades da cultura afro-brasileira era muito forte. A dificuldade era grande.

Quando íamos alugar um espaço para abrir escola de capoeira as pessoas ficavam boquiabertas. Muitas nem sabiam o que era a capoeira. **Isso só foi melhorando ao longo do final da década de 70 e nos anos 80**, até que chegamos ao estágio de hoje, em que há uma consciência internacional em relação a capoeira na história da formação do povo brasileiro". **W** - Esse trabalho no início de 70, do senhor e demais pessoas, facilitou para os que vieram depois encontrarem um mercado mais aberto para a capoeira. Como o senhor vê aqueles que acabam esquecendo o pessoal do passado, que abriu caminho para a capoeira de hoje? "Essa situação se apresenta em várias profissões, em razão dos vícios existentes na postura do ser humano. Eu fui facilitador para uma ou duas gerações e outros facilitaram para a minha geração. O não reconhecimento desse fato só deve preocupar a quem não reconhece, pois a perda é da própria pessoa que deixa de citar referências do presente ou do passado, por vaidade, ingratidão ou coisa semelhante. Quando faço uma palestra ou digo algo, procuro ressaltar o trabalho dos que me antecederam, e cada vez que faço isso me valorizo ainda mais, como capoeirista e ser humano". (...) Mestre Valdenor é também autor do livro **Conversando nos bastidores com o capoeirista** (1996).



9. NOSSA POSIÇÃO Nº 12

Setembro / 2004

Quando decidi escrever sobre o início do ensino da capoeira na cidade e sobre o pioneiro desse mister, acabei me dando mal, pois ele teve desempenho destacado, não só nas artes marciais, como também em atividades culturais variadas. Tive de ampliar as horas de pesquisas e o número das entrevistas e terminei atolado num mar de documentos e de depoimentos interessantes, de pessoas dignas que o conheceram. O material colhido ultrapassou o necessário para o livro que eu pretendia escrever e, por isso, eu deveria encerrar este trabalho por aqui. Mas, não consegui, porque lamentaria privar o leitor de depoimentos atraentes, sobre fatos cômicos, dramáticos, educativos e até românticos, que acumulei. Resolvi encerrá-lo, portanto, só depois de publicar todos.



(87)

PERVITE CARVALHO DOS SANTOS

(entrevista: 30/09/2003). É professora aposentada, diretora e fundadora da **Escola de Médiuns Eustáquia Campos Carvalho** e vive em Sorocaba há mais de 50 anos. **W** - Conheceu o pioneiro do ensino da capoeira na cidade? “O **Jorge Melchiables** é meu irmão mais novo, que nasceu aqui em Sorocaba. Desde criança foi muito ativo e criativo, com muitos dons. Garoto, ainda, tornou-se um desenhista muito bom. Era um pouco

magricela, mas tinha forte tendência para lutas. Não por ser agressivo, mas creio que por querer fazer coisas diferentes. Disso resultou que quando tinha 15 ou 16 anos, o **Gino**, como também era conhecido, começou a ser procurado por jovens de várias partes da cidade, que queriam treinar lutas com ele, em um pequeno campo de futebol que ele próprio, liderando outros meninos, construiu aí, no antigo “buracão” da Rua Artur Gomes. Parece que ensinava a outros o que aprendia de Boxe, de Judô, sei lá o quê!”.

W - Ele era briguento? “Só para você ter uma idéia, em **1948** ou **1949**, quando ele teria 8 ou 9 anos, a diretora da **Escola Normal Municipal**, hoje **Getúlio Vargas**, onde ele fazia o primário, convocou minha mãe para conversar. Mamãe não podia ir e eu fui representá-la. A diretora, a dona **Ana**, disse que ele era muito educado com professores e pessoas mais

velhas, mas que brigava muito. E me fez um sermão sobre a forma de corrigir isso, até tocar o sinal de saída. Quando eu saía, conversando com a diretora e ao lado dos alunos que fluíam do estabelecimento para a Av. Eugênio Salerno, ocorreu um tumulto na frente da escola. O que vi? O meu querido irmãozinho trocando socos e pontapés com dois meninos. A diretora olhou-me com severidade... E, como eu não podia negar que conhecia o Jorge, ri. Ela repreendeu-me imediatamente: 'É a irmã mais velha e lhe dá apoio?'. Não era verdade. Eu ria porque me vi numa situação ruim! Morria de vergonha e não sabia o que dizer ou fazer ao vê-lo confirmando a queixa da diretora. Não havia desculpas para ele nem para mim, e o que a diretora deve ter percebido é que nós não teríamos como corrigi-lo. Mas, sempre é bom esclarecer que, naquele tempo, as brigas entre garotos eram fatos banais e não tinham a conotação marginal de hoje. Fora o horário da escola e de eventuais trabalhos, as crianças viviam brincando nas ruas. Os veículos eram raros, grande número de ruas era de terra e não ofereciam perigo. Também não haviam tantos marginais como hoje, para assediá-las. Além disso, a cultura machista fazia com que os pais preferissem ter um filho agressivo e briguento, do que um passivo ou submisso.

Por isso, creio que a única tendência perturbadora do Jorge não era a de ser briguento e sim a de questionar. Ele não engolia fácil e quieto, nem o que os próprios professores diziam. Se haviam dúvidas ele questionava e ia fundo. Contrariava, desse jeito, pessoas que odeiam questionamentos porque se acostumaram a dizer as bobagens que todos aceitam pacificamente. O Gino, muitas vezes, embaraçava com as questões que fazia!”.

W - A senhora dirige uma escola de médiuns. Como veio a desenvolver esse trabalho? “Quando o Jorge iniciou o **NUPEP**, em **1984**, eu estava junto. Eu estava lá nos primeiros dias. Comecei a aprender e a aplicar o que aprendia e logo as pessoas começaram a me procurar em busca de aconselhamento espiritual, obrigando-me a criar um trabalho paralelo ao do NUPEP. Os estudos, aqui, são baseados na **ciência psicológica** que o Jorge criou e desenvolveu”. **W** - Não é difícil vê-lo como irmão mais novo? “Eu o vejo como irmão, como mestre, como meu ídolo, como um amigo e o amo muito, muito mesmo! Tudo isso junto, realmente, torna difícil explicar como o vejo”. **W** - A senhora também foi diretora de escola? “Fui professora em **Barueri** e aqui em Sorocaba. Em **Brigadeiro Tobias**, sendo pedagoga, passei a substituir o **senhor Esdras de Moraes**, que era o diretor, e o fiz por 4 ou 5 anos”. **W** - A senhora pode não lembrar,

mas já me deu aulas de taquigrafia. “Há uns tempos atrás, quem era ou queria ser jornalista, secretária, escrivão, escrevente etc., tinha de aprender, tanto datilografia como taquigrafia. E, durante vários anos, ensinei essas disciplinas numa escola de datilografia tradicional, que existia na Rua da Penha”.

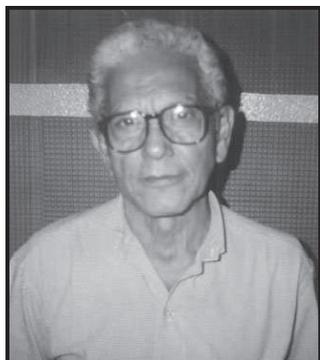
W - Como funciona sua escola de médiuns? “Como escola! O desenvolvimento da mediunidade, conhecida como **percepção extra-sensorial** e tratada como *função Psi-gama* na ciência da Parapsicologia, é parte experimental importante nos nossos estudos. Temos ainda um teórico básico, no qual discutimos sobre nossa origem, que não é na matéria burra, mas sim na energia geradora que chamamos **Princípio Inteligente**. Depois, entramos no estudo da formação do universo sob a visão da ciência materialista e em seguida passamos para a parte média, onde estudamos sobre o **condicionamento das massas** e um pouco sobre o **doutor Sigmund Freud** e a **Psicanálise**... Assim a gente vai aprendendo e subindo os degraus que cada qual pode, na superação dos próprios limites”.

W - A senhora diria que o Jorge é coerente com o que ensina porque vive querendo superar limites? “O Jorge, como já disse, sempre foi muito ativo. Quando menino foi engraxate, jornaleiro e quando tinha só uns 12 ou 13 anos, montou uma banca de revistas e de livros usados lá em frente ao correio, na rua São Bento. Antes, com cerca de 8 ou 9 anos ajudou o **tio Júlio**, que já andava doente quando montou a primeira banca de jornais e revistas na frente do mercado, no antigo Largo Santo Antônio, em frente a praça Nicolau Scarpa. Havia quem o chamasse de volúvel, porque não conseguia ficar muito tempo com uma coisa só.

Mas o fato é que **ele não dava bola para a torcida** e parecia procurar algo, que só encontrou quando criou o NUPEP. Aí abandonou praticamente tudo e dedicou-se a experimentar, na própria existência, as verdades encontradas no estudo.

Antes, vivia atrás de algo incerto e desconhecido, tateando às cegas em busca de novas experiências e se encrencou muitas vezes por isso. Foi açougueiro, vendedor de livros, gerente de vendas, professor, advogado, político, teve marcenaria, sorveteria, criou uma rede de lojas na cidade e fora dela. Casou-se muito cedo com uma moça boa e trabalhadeira, que era empregada doméstica da família **Maurício Delosso**, que era proprietária de uma loja em frente à ponte, da rua 15 de Novembro. Quando eles se separaram, ela era uma grande empresária... O Gino fez muita coisa que no final, deixou para outros desfrutar. E você sabe; sempre tem os que se aproveitam do que receberam, agradecidos, mas também têm

os ingratos, não é?”. **W** - A senhora lembra quando ele começou a ensinar capoeira? “Olha, eu nunca me interessei por assuntos de luta... Só lembro do seu envolvimento com elas e de ter assistido uma apresentação dele no programa de televisão do **Silvio Santos**. Foi uma grande realização para a cidade de Sorocaba, na ocasião”.



(88)

RUBENS MARTINS MENDES (entrevista:

30/09/2003). É representante comercial. **W** - O que tem a dizer sobre o pioneiro da capoeira em Sorocaba? “O conheci na infância, quando tinha aproximadamente 7 ou 8 anos. Eu tinha a mesma idade e vivíamos num bairro próximo ao centro, ali na Rua Artur Gomes. Fomos amigos e nos víamos freqüentemente, até a idade de 14 ou 15 anos, mais ou menos, quando, então, seguimos caminhos diferentes. O que tenho a dizer

dele é que era um garoto dinâmico, lutador e ciente das coisas que queria. Estava sempre procurando alguma coisa para fazer e isso o diferenciava

um pouco dos outros da rua. Ele gostava de coisas diferentes. Nós jogávamos bola, por exemplo, e ele gostava de luta. A gente vivia perto do **'Peladão do Scarpa'**, onde hoje funciona o **Shopping Sorocaba** e onde antes havia cinco ou seis campos de futebol. Todos os meninos da rua viviam neles e gostavam da bola, mas o Jorge não se dava bem com ela. Ele vivia estudando, procurando e juntando dinheiro para comprar livros, inclusive de lutas. Aliás, como na época os artigos de esporte eram muito caros e estavam fora do nosso alcance, ele fazia luvas de boxe com lona pintada, saída de bancos de automóveis, e promovia torneios na rua. Ele gostava muito, mas o pessoal não, né? O pessoal queria futebol. Para convencer o pessoal a treinar com ele, bem que tentava transmitir o que lia, as



(89) Rubens e Jorge

formas de se fazer, o processo... Mas isso não era próprio da nossa época, do pessoal da rua!

Para jogar futebol ninguém precisava de explicações nem ler. Agora, para aprender luta que não existia na cidade, tinha de entender os livros, que na época tinham raras figuras.

Nessa questão de lutas até lembro que ele dizia sempre: 'Rubens, o leão não faz ginástica nenhuma porque já é forte de natureza. Nós precisamos fazer, porque não somos leões e temos de enfrentar pessoas fortes como leões'. Saíamos juntos, porque eu era o seu amigo mais chegado". **W** - o senhor presenciou brigas dele? "O Jorge tinha objetivos. E quando se aperfeiçoava em alguma coisa, digamos, em lutar, ele procurava ler e fazer. Precisava de parceiros com quem treinar e como o pessoal não se interessava, ele arranjava encrenca com caras maiores e mais fortes que ele, para se testar, para saber a capacidade dele. Por causa disso andou apanhando muito. Junto comigo, inclusive. Ele ia entrar numa briga e eu dizia: Gino o que você vai fazer? O cara é forte, é grande! E ele respondia: "quero saber se é mesmo". Em um dos casos, arranjou peleja com um da nossa rua, muito musculoso e mais velho que ele uns 2 ou 3 anos, tempo este que frente a um adolescente de doze ou treze anos dá uma diferença grande de corpo. O outro não era muito mais alto que ele, mas era de físico avantajado, comparado ao do Jorge. E ele comentou comigo: 'Rubens, eu vou. Tenho de encarar esse camarada'. E como não adiantava tentar impedi-lo, aconteceu. Ele nunca havia freqüentado a esquina aonde esse rapaz ia, mas, foi lá e cumpriu com o que falou. O outro era forte mesmo e ele andou apanhando. Mas não endireitava. O Gino tinha essa mania. Em outra ocasião, estávamos subindo a Artur Gomes para ir comprar alguma coisa que a mãe dele tinha pedido. Tínhamos cerca de 12 anos e estava descendo a rua um rapaz bem mais velho, mais alto e com a compleição de adulto. Houve algo entre eles e o Gino falou: 'Rubens eu vou experimentar esse aí'. Eu achava um absurdo aquilo! 'Eu quero saber', ele dizia. E começou a encrenca. Ele foi para cima do outro e apanhou bastante. Ele queria experimentar o que lia nos livros". **W** - Mas, tanto ele quanto seus adversários não se machucavam? "Ocorriam escoriações, olhos pretos, narizes quebrados, arranhões, caroços e inchaços, mas nunca vi acontecer nada mais sério. O cara dava e levava tapas, socos, chutes e mordidas. Às vezes saía sangue, mas nunca vi ninguém quebrar ossos ou usar arma. O negócio naquele tempo era no braço mesmo. Brigar era um costume para alguns garotos".

W - E essa história das luvas de Boxe que ele fazia? "Ele catava retalhos na **Tapeçaria do Ireno**, que reformava estofamentos ali na Rua Professor Toledo, perto da Sete de Setembro. Aí desenhava o formato da luva de boxe no tecido, recortava e depois que alguém costurava para ele, punha um pouco de algodão. A gente colocava a mão por detrás, assim... Aquilo era horrível! Só parecia macio! Quando a gente usava era uma pedra. O tecido era só imitação de couro e ressecava, a

tinta saía em pedaços e a lona ficava com aquelas coisinhas ásperas, parecendo lixa. Quando a luva batia no rosto da gente, raspava, machucava!”.

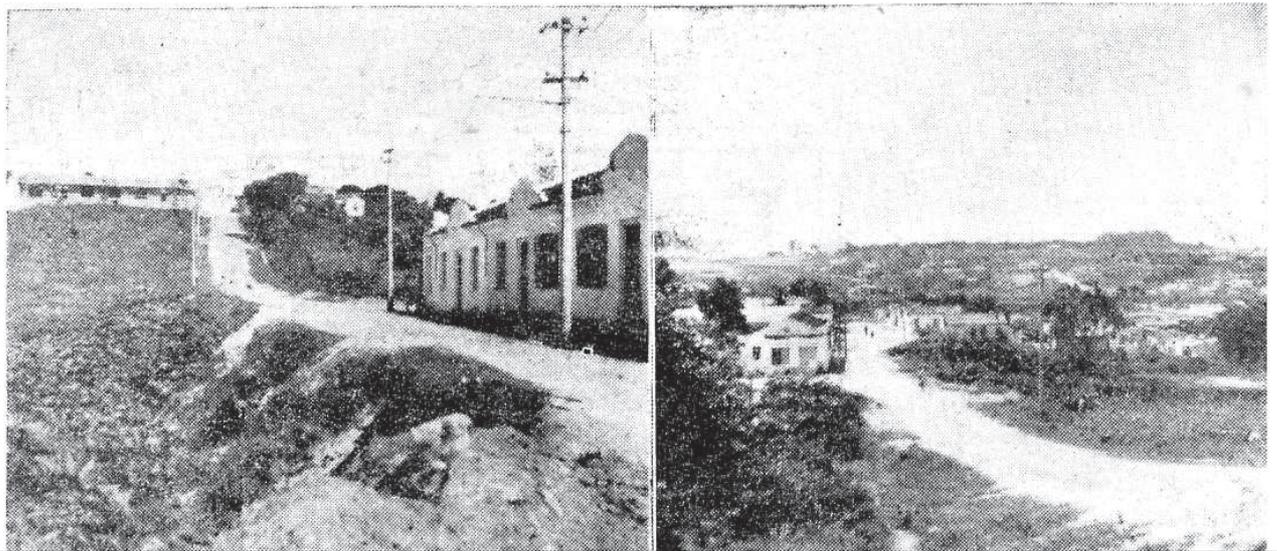
W - E ele só apanhava, então? “Não. Batia também. Por isso eu admirava o Jorge. Durante o tempo em que saímos juntos, até os 15 anos, via muita persistência nele. Uma vez, não sei se foi em um sábado à noite, fomos à praça Coronel Fernando Prestes, onde acontecia o *footing*. Rapazes e moças circulavam lá, para namorar. E existiam algumas gangues, como seriam chamados esses grupos hoje, que ficavam no centro da praça aprontando e provocando quem passava. Eles tinham seu maioral, um moço muito grande e forte, apelidado de **Gorila**. Era grandão e servia de protetor para os outros do grupo. Era o segurança da turma. Se um do grupo arrumava encrenca com quem passava e não agüentava o tranco, o Gorila comprava a briga para ele. Então, o Jorge, nesse dia já tinha em mente que tinha de enfrentar o Gorila. Como sempre, eu disse para ele não arrumar confusão. E ele, como sempre, me disse: ‘preciso saber’. Eram mais ou menos nove horas da noite, por aí, quando a gangue fechou o Jorge dentro de um círculo de onde não saía ninguém, nem entrava. O Gorila foi para cima, e o Gino, com uma perícia que parecia estar se aprimorando, deu um giro e plantou o outro no chão. O cara caiu e sentiu o drama, né? Não sei se quebrou alguma coisa, mas o grandão sentiu e o Gino saiu vitorioso naquele dia. Não houve seqüência nem represália por parte dos amigos do Gorila. Todo mundo ficou admirado de ver o Gorila caído e respeitou. O cara ficou no chão. Depois levantou, sentou de novo e acabou ficando no chão mesmo. O Jorge era desse tipo. Como não havia academia de vale-tudo na cidade treinava assim.

Outra vez estávamos subindo a rua São Bento, chupando sorvete, quando um camarada chato, já adulto, começou a encher o saco e a nos ofender. Parecia um pouco alcoolizado. O Jorge falou, ‘Rubens, vou dar um jeito’. Eu disse: Gino, deixa isso aí. Mas, ele parou. O cara veio e parou na frente dele falando bobagens. Aí começou, sabe como é, né? Não era nada fácil arranjar dinheiro na época e o Gino estava com o sorvete de casquinha quase inteiro. Tinha lambido pouca coisa dele, mas não se importou de perder e com um berro enfiou o sorvete no nariz do sujeito, que, com a cara cheia de massa, como naqueles antigos filmes de pastelão, se intimidou. O Gino ficou ali para resolver o negócio, para ver se o cara ia em cima. Mas não foi. Claro que naquela época era muito diferente de hoje. Os rapazes brigavam, mas se respeitavam, porque era muito raro alguém puxar arma ou atacar de turma.

Mesmo assim eu vivia preocupado e tinha medo de sair com o Gino. Eu não gostava de brigas. Sempre evitei. Já fiz algumas naquele tempo porque não tive como evitar. Era só no extremo. Eu saía com ele e falava: não vá arrumar encrenca hoje, está certo? E ele dizia: 'tá!'. Mas não dava outra coisa!''.

W - Ele também desenhava? "Fazia história em quadrinhos! Escrevia uma estória e depois a desenhava em cadernos de desenho. O Jorge tinha muita vontade de conhecer as potencialidades dele e não parava. Sempre queria mais e fazer alguma coisa. Ele falava, eu vou, eu vou, ia e não parava. Vivía tentando coisas diferentes para ganhar algum dinheiro. Muitas não davam certo, né? Mas ele fazia. Na rua Artur Gomes tinha o buracão, uma vala enorme por onde passava um córrego e outra vala de outro lado, com uma plataforma de puro mato no meio. Um dia ele pegou

O "ABISMO" DA RUA ARTUR GOMES



(90) Jornal Cruzeiro do Sul - 23/04/1957 - pág. 12

ferramentas, convidou o pessoal e forçou os amigos, falando em um novo campo de futebol, o que todo mundo queria. Nas mãos da molecada apareceram foices, enxadas e houve muito trabalho. Depois fomos catar madeira para fazer as traves. E realmente, surgiu um campinho ali na plataforma. Obra do Jorge. Sabe, a idéia dele, o incentivo dele, o entusiasmo dele em fazer, porque ninguém ia querer mexer lá, tendo o Peladão do Scarpa tão próximo, né? Mas aquele campo ia ficar na nossa rua, onde se concentrava tudo. Ele fez um buraco lá, falou, fez, insistiu e

o campinho saiu”. **W** - Sem ligar para futebol fez um campo de futebol? “Ele não tinha habilidade com a bola, mas se esforçava e às vezes participava. Você sabe, tem gente que não dá para a coisa, né? O futebol não era o negócio dele. Mas a idéia do campo foi dele. E esse campinho passou para outras gerações. Já adulto, a gente passava por ali e era outra criançada brincando no campinho, que foi assentando, foi assentando, e ficou por ali até bem depois que os do Peladão do Scarpa desapareceram. Foi quase recentemente que construíram um edifício de apartamentos em cima”.

W - O senhor gostaria de acrescentar mais alguma coisa? “Mais tarde eu vi o Jorge de longe, com aquele entusiasmo todo casar com 19 anos. Fiquei sabendo da vida que teve, do sucesso que atingiu como empresário, da academia de lutas, da participação no programa do Silvio Santos e que estava estudando muito. Mas só o via muito esporadicamente”.

W - O senhor é representante comercial? “Aposentei-me na **Livraria e Papelaria Gutierrez** e trabalho representando o produto com o qual trabalhei quase a vida inteira: material escolar. Meu trabalho é ir ao encontro de alguém numa papelaria. Se você tem uma, possivelmente eu já visitei você. Eu faço a praça de Sorocaba e o meu sócio faz a região”. O senhor Rubens é muito simpático e modesto também, porque só fui saber depois, por outras pessoas, que é muito estimado na sociedade sorocabana, pois foi conhecido como o grande ‘**Canhoteiro**’ ou ‘**Rubinho**’, que brilhou em times famosos de futebol amador de Sorocaba e fez nome de grande fintador e artilheiro.

Entre os moradores mais antigos da cidade, realmente, pude apurar que na época havia muitas brigas entre jovens, sendo considerados acontecimentos banais. Eram como rituais para alguns e embora quem apanhasse pudesse buscar a revanche, esta era tida como oportunidade de mudar resultados, não realização de ódio. Normalmente, ao entrar na idade adulta a maioria abandonava as brigas.

ULISSES NUNES (entrevista: 30/09/2003). É um afamado cirurgião dentista de **Votorantim**, que quando foi entrevistado pela **Adriana Alves de Lima**, em razão da homenagem que o informativo **Nossa Posição** prestou ao seu pai, o senhor **HEITOR DA COSTA NUNES**, declarou que seu pai contava para ele e o irmão, também cirurgião dentista já falecido, **Carlos Alberto Nunes**, que o Jorge Melchiades, de quem foi muito amigo desde a adolescência, tinha sido muito bom de briga.



(91)

ANTONIO GALDUINO LEITE FILHO

(entrevista: 01/10/2003). É caminhoneiro autônomo, residente na cidade de **Itu**. **W** - Quando o senhor conheceu o Jorge Melchades, o pioneiro da capoeira de Sorocaba? “Foi lá pelos idos de **1955**, quando tínhamos 15 ou 16 anos de idade. Eu morava na Vila Santana e ele perto da rua Sete de Setembro. Tínhamos amizade criada no ginásio e como eu gostava de lutas comecei a treinar alguns golpes de Jiu-jitsu com ele. A

gente era que nem galinho no meio da frangada. A turma respeitava a gente”. **W** - Soube que o Jorge também ensinou outros jovens no campinho da rua Artur Gomes. Era onde vocês treinavam? “Sim. Ele ensinava vários garotos e sem interesse lucrativo nenhum. Era uma maravilha o prazer que ele tinha em passar para outros as técnicas de briga que ele tinha desenvolvido. Me ensinava também, mas eu já tinha treinado Boxe e era briguento antes de conhecê-lo”. **W** - O senhor se lembra de brigas do Jorge, nessa época? “Claro! Lembro de uma, quando saímos do colégio **Estadão**, um dia, e caminhávamos pela Av. Eugênio Salerno. Tínhamos uns 15 ou 16 anos e um sujeito com seus 19 ou 20, muito forte, provocou briga com o Jorge. Não precisou insistir muito. Se pegaram e a briga foi violenta, mas sem arma. Foi no braço. No ano de **1959** servimos o exército juntos e lá vi ele brigar mais algumas vezes. Depois que servimos o exército, cada um seguiu sua vida. Ele casou-se, e como eu, já não queria mais saber de brigas e sim de trabalhar, de cuidar da família, de vencer na vida.

Mas um dia, pelos idos de **1961**, quando eu levava açúcar para o Rio Grande do Sul e trazia vinho e ovos de lá, parei em frente ao açougue que ele tinha no Cerrado para visitá-lo. Lembro como se fosse hoje; nem bem cheguei e vi um sujeito falando alto, fazendo escândalo por causa de algum negócio e provocando o Jorge. Tudo começou dentro do açougue e seria fácil para o Jorge sair com uma faca... Mas não. Saiu na mão limpa e o pau quebrou. Sabe como é, a gente não apartava. Deixava correr solto. O outro era forte, ágil e bom de briga. Foi uma briga feia, que durou bem uns cinco minutos. Rapaz, juntou muita gente para assistir aquilo. Quando apartaram, o Jorge estava inteiro e se queixando que o outro tinha conseguido despentear o seu cabelo. Ele tinha a mania de dizer isso depois das brigas... Mas a cara do outro estava um desacerto total! A gente brigava demais, eu e o Jorge. A gente não tinha medo de ninguém. Eu, inclusive, andei apanhando várias vezes, por me meter com marmanjo. A gente era garoto ainda e brigava com homem formado. Voltei para casa várias vezes com o olho roxo e sangue escorrendo do nariz. A gente brigava mesmo, rapaz!”.

W - O senhor não ajudava o Jorge e nem ele ao senhor? Nem apartavam, por quê? Havia algum pacto entre vocês? “Era uma espécie de dignidade machista. Na época havia muitos rapazes que gostavam de medir forças no tapa e quando se encontravam, não havendo arma nem a entrada de terceiros não havia intervenção. A gente deixava o pau quebrar mesmo. Depois, um saía cantando e outro de cabeça baixa. Uma vez, paquerei uma menina bonita na praça e o namorado dela se alterou. Saímos para a briga e quando vacilei, ele deu um chute de bicuda na minha cara e quase me furou o olho. Aí apartaram. Ainda bem, senão ele me matava. Tive problemas terríveis com esse olho durante muito tempo. Mas a namorada dele era bonita, rapaz! E acho que depois desse dia ficou gostando de mim (risos)! Ôô tempo doido!”.



(92) Jorge e Nelson Cotrique fotografados em treino no campinho pelo Coronel da P.M. Ref. Clodomiro José Paschoal, na época Ten. Didi (1954)

W - O senhor me disse antes que pescavam juntos... “Desde moleque eu pescava em tudo quanto é lagoa, rio e córrego de Sorocaba. O Jorge só me acompanhava pela amizade. Não gostava. Na cachoeira da estrada de Votorantim a gente pegou peixe que não estava escrito, rapaz! A água era o meu ninho. Nela eu tanto pescava como nadava. A gente atravessava o rio a nado bem onde a água da cachoeira era mais revolta. O Jorge quase morreu afogado, uma vez, tentando me acompanhar. De **1980** para cá eu tive de parar de pescar em Sorocaba por causa da poluição. Com dois movimentos no anzol o peixe já estava morto. O pobrezinho morria antes de chegar na mão da gente, de tão fraco que estava. No ritmo da luta eu nunca ganhei do Jorge, mesmo assim a gente vivia querendo mostrar que podia mais que o outro, fosse no que fosse. E na água eu ganhava dele. No quartel, em **1959**, teve um torneio de nado livre e peguei o segundo lugar sem nunca ter nadado em piscina. A gente nadava no rio Sorocaba, onde passava tardes maravilhosas e ainda levava peixe para casa. Nessa época a gente dava cambalhotas e saltos no ar com muita agilidade. Era uma ginástica doida demais! Uma noite, no Exército, encrenquei com um e juntou meia dúzia para me bater. Como dentro do quartel não adiantava brigar, porque apartavam logo e a gente levava punição, saímos todos para fora. Quando ia começar, apareceu o Jorge dizendo que queria brigar também. Eu falei que o negócio era meu e

ele veio com uma conversa de ralhar enérgico comigo: 'não vai brigar sozinho porque é muita gente'. Quem ouviu o papo dele pensou que ele estava preocupado em me proteger. Que nada! Ele só queria era entrar na minha briga. Eu deixei e aí ficou seis contra dois... Ficou tudo acertado e na hora do pega, nem bem eu e o Jorge começamos a ensaiar socos e pontapés no meio deles, afinou todo mundo. Rapaz! Eles começaram a gritar para dois Polícias Especiais que passavam ao largo, reclamando que eu e o Jorge estávamos querendo agredir eles! Por causa disso pegamos cadeia no quartel. Mas foi gozado! Seis baitas homens acusando a gente de querer bater neles. E eu não era raquítico, mas parecia, comparado com tanto soldado massa bruta que tinha no quartel. O Jorge ainda era menor do que eu! Não deu briga daquela vez... Que pena (risos)! Mas, logo o soldado Melchiades foi deixando de me acompanhar, porque no quartel eu arranjei uns amigos que gostavam de farra, com bebida e tudo mais, sabe? Ele não gostava.

Então, a gente deixou de sair junto, mas nossa amizade continuou como sempre: **do fundo do coração**. Se precisasse, **ainda era eu por ele e ele por mim**.

Quem não conhecia, me respeitava mais do que o Jorge, porque eu tinha mais envergadura que ele. O Jorge tinha um jeito meio pacato que enganava, porque na briga era valente. Uma vez, um sujeito disse que ele só havia batido em quem não era de nada e que se fosse com ele o Jorge se daria mal. O Jorge convidou o sujeito para fazê-lo se dar mal, no campo de futebol do quartel. E eu fui junto para assistir. Rapaz, o sujeito já tinha desmaiado e ele não parava de bater. Não percebeu que o sujeito tinha apagado. Continuou batendo. Naquela vez eu tive de intervir, senão o outro morria. Carregamos o cara desmaiado até a torneira das garagens e jogamos água na cabeça dele. Não dá nem para acreditar, rapaz! Quando ele voltou a si fez questão de cumprimentar o Jorge e terminar com a bronca! É aquele negócio, ele se enganou. Achou que era o bom do pedaço porque era grande e chegou um menor para encalhar a vida dele. Normalmente a gente não queria brigar. Eu era pobre e fui criado quase como garoto de rua e o Jorge também, mas a gente tinha educação. Só quando aparecia alguém querendo botar banca e humilhar a gente, que a educação era deixada de lado e a gente partia para o tapa. Era uma loucura! Veja você que passei 118 dias entre detido e preso no quartel. É quase meio ano! Fugi da cadeia umas três vezes. Eu queria ser livre mesmo! Não queria ninguém mandando em mim e o Jorge era assim também. Ele só não me acompanhou depois, quando eu, o **Caioli de Itapetininga** e outros colegas, alguns que depois foram expulsos, começamos a tomar umas e outras e a bagunçar na cidade.

Em outra ocasião teve um sujeito boa pinta, cidadão rico e bem educado aqui de Itu, na nossa bateria, que se prevaleceu por ser grande no tamanho e na riqueza e fez uma ironia que me ofendeu. Eu cheguei até a cuspir na cara dele para que viesse em cima de mim. Também dei uns empurrões nele, mas ele não veio. Me arrependo disso até hoje. Foi a única coisa que fiz de errado naquela vida de brigas. A gente tinha gênio briguento mas era para o lado da valentia. A gente só brigava com quem queria briga e nunca se prevalecia de quem não gostava dela. A gente não queria intimidar nem constranger ninguém, só liderar, se destacar nas brigas do mesmo jeito que outros se destacavam no futebol, nas roupas caras ou no carro que o papai comprou. A gente vivia nas ruas da cidade desde crianças, trabalhando, e para manter alguma dignidade no meio de fanfarrões e briguentos a gente tinha de brigar. Acho que a gente brigava para sobreviver psicologicamente e para isso a gente fazia tanto esforço de vontade e de inteligência quanto o sujeito de berço, cercado de facilidades, que se tornava juiz de direito ou se formava numa universidade estrangeira. O pessoal só dá cartaz e faz propaganda do filhinho de papai, mas a gente tinha o mesmo mérito, de outro jeito. Como nunca puxei arma para ninguém, mesmo apanhando, nem me prevaleci dos mais fracos, também me orgulho de nunca ter sido covarde!”.

W - O senhor **Nelson Mena** falou de uma briga do Jorge, logo no início do serviço militar, em que ele deu uma cabeçada no nariz de um. O senhor se recorda dessa? “Ele deu uma cabeçada num sujeito que falava grosso e era agressivo com todo mundo, mas que arriou logo nas primeiras pancadas que o Jorge deu. Todo mundo gostou do acontecido, mas a coisa foi parar no oficial de dia e deu uma confusão grande. Todos da **BCR** (Bateria Comando do Regimento) ficaram detidos uma semana por causa disso. A gente era preparado para brigar, rapaz! Eu lembro dessa cabeçada. Eu lembro, porque um ataque nosso era para valer, mesmo. E se grudasse no corpo-a-corpo o cara estava perdido porque ia logo para a lona. A gente levava para o chão e engravatava. O Jorge gostava das brigas, mas não se envolvia em arruaças. Ele ia em outra direção. Gostava de estudar. Quando eu ia na casa dele, na adolescência, ele estava sempre fazendo desenho. Fazia gibi, rapaz! De começo ao fim, com quadrinho e tudo. Era craque mesmo! O pai dele era um guarda civil muito enérgico. Educou ele para ser trabalhador desde menino e não se meter com bebida nem com maconha, que começava a circular naquela época. Tive uns amigos que entravam nessa. Eu nunca. No quartel eu só tomava um pouco de bebida, porque lá não dava para ficar sem fazer nada. O Jorge não. Ele não se metia em confusão que nem eu. Eu comecei a andar com arruaceiros e por causa disso ele se afastou”.

W - Parece que tanto o senhor quanto o Jorge viveram e vivem de maneira intensa. “Minha vida foi e continua intensa mesmo! Comprei uma fazenda em Goiás, faz três anos, e trabalhando sempre com caminhão, viajando... Eu tinha comprado uma terra aqui em Itu para fazer um cassino, no tempo em que estava para ser liberado. A liberação não saiu e resolvi fazer um hotel fazenda. Depois, como eu trabalho nas divisas do Uruguai, Paraguai, Argentina e Ponta Porã, resolvi adquirir a fazenda lá de Goiás. E estou feliz da vida! Não vejo a hora de estar aqui quando estou lá e não vejo a hora de estar lá, quando estou aqui. Que vidão! Ando tão feliz que você não faz idéia! Já fui à Europa várias vezes sozinho e sem falar bem idioma algum. Conheço tudo quanto é país de lá.

Eu levo a vida assim, o mais livre que puder. Ajudo a quem posso, trabalho demais e só paro para descansar quando estou realmente com sono. Canseira não me faz parar de trabalhar, o sono sim.

Agora, o Jorge deve estar bem também... Não o vejo desde aquela visita ao açougue dele em 1961. Ele era danado e também em termos de namorada sempre me passou para trás. Ele era mais educado. Eu chegava de repente, com muita cara de pau e a mulher se assustava. Eu não armava esquema, mas o Gino era sabido. Naquele tempo não era como hoje, que qualquer conversa funciona. A mulher era mais retraída”.

W - Nessa época de brigas o senhor conheceu algum capoeira em Sorocaba? “Olhe, em Sorocaba só achei boxe e judô. Escarafunchei a cidade e briguei muito nela, mas até 1968 nunca ouvi dizer que tinha, não vi nem encontrei capoeirista nenhum”. **W** - O senhor gostaria de acrescentar mais alguma coisa? “Gostaria de acrescentar uma recomendação para a juventude de hoje. Ela deve ter uma direção na vida, para ter a dignidade de ser um líder do seu time, sem armas nem drogas. Eu peço para o jovem sair dessa. Deve ser **bom malandro** e não entrar no vício, seja do cigarro, da maconha, ou de outra coisa pior. Essas coisas só são boas naquele momento. Depois resta só um buraco fundo, escuro e sem saída. Eu consegui largar de fumar já faz uns 20 anos e de uns 10 para cá provo para todo mundo que minha saúde melhorou bastante. Até 8 anos depois de parar de fumar eu ainda cuspiam alguma coisinha escura, que saía do pulmão. Então, o jovem deve evitar essa porcaria e mostrar sua masculinidade no seu jeito de ser, nos esportes e de uma maneira digna. No campo feminino eu acho que a menina devia ser como antigamente. As meninas não davam moleza para os homens, se valorizavam e obrigavam a gente a se esforçar para conquistar. Elas obrigavam a gente

a se aprimorar, a melhorar. Hoje muitas meninas cantam o rapaz e são fáceis demais. Perdem o valor.

Se o rapaz é briguento, saiba que hoje não pode mais fazer como eu e o Jorge. A época dos valentes já passou. Agora a época é dos que agem na surdina das tramóias, nas entrelinhas das leis, escondidos atrás de turmas, de armas e de tocaias, onde não correm perigo nenhum de apanhar na cara, na frente de todo mundo. O jovem deve brigar ainda, mas nos esportes e pelas idéias que levam as pessoas a terem uma maior dignidade. O jovem deve procurar os caminhos dignos, porque se for líder, outros vão segui-lo e ele terá contribuído para um mundo melhor.

A pobreza não serve de desculpa para ninguém se tornar mau caráter. Fui pobre e nunca botei a mão no que é dos outros nem precisei. Já perdi meu caminhão e fui enganado, sofri muito e nem por isso me perdi. Trabalhando firme tornei a levantar e estou bem de vida hoje. Não precisei usar a desgraça da mentira e sempre gostei da palavra correta. Então, eu acho que o jovem tem que ter firmeza de caráter e dignidade. Se achar um dinheiro na rua deve devolver para quem perdeu, porque deve se orgulhar de saber ganhar o seu. Se fizer isso, quando chegar na minha idade terá uma felicidade como a minha. Eu ando de cabeça erguida e feliz em todo lugar que vou.

É isso o que quero para os jovens, que hoje estão desviando desse caminho por causa da televisão ou por qualquer outra causa. Hoje, querem levar a melhor em tudo, não importa o caminho. Só que não existe caminho melhor do que eu indiquei. A pessoa que conseguir andar de cabeça erguida é feliz para sempre e transmite a felicidade para todo mundo. É isso o que tenho a dizer”.

Depois da entrevista encontrei o senhor Galdino classificado em 4º lugar na lista de atletas preparados para disputar o **Troféu Bandeirantes de Boxe**, no Ginásio do Pacaembu em São Paulo, no jornal **Cruzeiro do Sul de 10/8/1956**.



(93)

ROSEMIL FERREIRA DE MELO (entrevista: 01/07/2004). É funcionário da **Indústria de Abrasivos Icapar** e reside em Sorocaba. **W** - Como o senhor conheceu o mestre Jorge Melchiades? “A gente se encontrou quando meus pais tinham depósito de bananas ao lado do açougue que ele teve no Cerrado.

Mas eu não lembro dele lá, porque só tinha 4 ou 5 anos de idade. Mais tarde, quando eu era adolescente assisti o programa do Silvio Santos e ouvi falar dele, mas foi só por volta de **1974** ou **1975**, que o conheci de verdade. Eu tinha amizade com o **Eunápio Leite Rafael**, que era conhecido como **Napinho**, e com **Vanderlei Amorim**, o **Dagal**, que eram próximos ao Jorge. Naquela época a gente gostava de lutas e o Eunápio comentou que o Jorge poderia dar aulas de capoeira para nós se formássemos um grupo e arranjassemos um lugar para treinar. Não sei qual de nós arranjou o **Clube de Campo Jardim São Paulo** e o Jorge começou a nos ensinar lá, nas terças e quintas feiras, à noite. Foi a primeira vez que eu tive contato com a capoeira e gostei. Eram muito gostosos os treinos, porque o Jorge era um mestre muito paciente e mantinha a paz e a alegria do grupo o tempo todo. Eu fiquei apenas uns três ou quatro meses e parei. Depois eu soube que o pessoal parou também, porque a diretoria do clube requisitou o horário para outras coisas”.

W - O Clube de Campo Jardim São Paulo era onde atualmente funciona a **ACM**? “Sim. Na época eu acredito que apareceram em torno de vinte a trinta jovens para treinar, todos amigos. Não lembro se o **Dindo**, que era amigo do Eunápio e treinou mais tempo com o Jorge foi dessa turma, mas estavam lá o **Nivaldo Arlindo de Nagai**, o **Armelindo Manente...** Ninguém tinha a intenção de treinar capoeira a sério, porque eram garotos da classe média que almejavam outros rumos. A idéia era só de exercício e de ter uma noção de defesa. E a maior parte treinava, creio eu, por gostar do Jorge, que tinha uma forte liderança e uma paciência tremenda para explicar os golpes de um a um. Acho que o Jorge nasceu para isso. Ele tem o dom de ensinar muitas e muitas coisas para as pessoas”. **W** - Após tantos anos o senhor voltou a praticar capoeira e, novamente em função da amizade com o mestre Jorge? “Sim. A gente se cruzou novamente, depois de muitos e muitos anos separados um do outro. Atualmente treino com ele, para estar na companhia de amigos, harmoniosamente e brincando uma atividade física, gostosa”. **W** - O senhor tem mais algo para acrescentar? “Só quero dizer que o mestre Jorge faz com que a gente tenha esperança na humanidade!”.



(94) Rosemil e Rodrigo (2005)



(95)

AFONSO BARCHI (entrevista: 24/07/2004). É

ferroviário aposentado. **W** - Poderia relatar como conheceu o pioneiro do ensino da capoeira em Sorocaba? “Foi no quartel de Itu, onde servimos o governo. Eu pertencia a mesma bateria que o soldado Melchiades e a mesma equipe de telefonistas de campo. Fazíamos a instalação das linhas de telefonia para comunicação do comando em tempo de guerra.

A equipe tinha de instalar telefones ao longo de uma

mata durante os treinos no ano todo. Depois de estendida a linha, tínhamos uma folga de aproximadamente meia hora a quarenta e cinco minutos, intervalo no qual o **soldado Melchiades** costumava fazer a gente de *sparring* dele (risos). Ele treinava golpes de luta livre com a gente, enquanto aguardávamos o comando para o recolhimento das linhas”. **W** - Outros que serviram o exército com vocês me disseram que ele ensinava luta a vários colegas de quartel, é verdade? “É. Ele ensinava vários golpes e também a cair no chão duro sem se machucar. Sempre que era possível ele ensinava o pessoal da nossa equipe. Ele vivia aplicando tesoura voadora no meu pescoço e fazendo eu virar cambalhotas. Tinha muita agilidade. Também pulava e saltava com os dois pés no tórax da gente”. **W** - É verdade que tinha um pessoal forte e valentão, no quartel? “Tinha. Na nossa bateria tinha o P, o F, o C... Este C era uma pessoa muito metida e teve um entrevero com o Melchiades. Parece que foi feio. Eu não presenciei, porque não estava lá nesse dia. Mas os relatos eram de que o Melchiades deu uma cabeçada nele. Fora do quartel ele não freqüentava a minha roda de amigos, mas a gente vivia pegando carona juntos, para ir ao quartel ou voltar. Depois da baixa só fui vê-lo em **1970**, no programa do Silvio Santos, onde ele apresentou um quadro de capoeira. Nesse dia Sorocaba disputou contra outra cidade e ganhou uma ambulância”. O senhor Barchi é casado com a simpática **dona Marilene** e ambos são excelentes **dançarinos de salão**, segundo todos que os viram dançar no **Estrada** e em outros clubes da cidade.



(96)

NASSIB STÉFANO (entrevista: 26/05/2004).

É aposentado do **SESI** e membro da Diretoria do **Gabinete de Leitura Sorocabano**. Foi entrevistado pela **Adriana**, que perguntou: Senhor Nassib, poderia falar sobre si e a família? “Bom, sou casado há 44 anos com a professora **Leonette Georges Kayal Stéfano**, que aposentou-se como diretora do **Ginásio Municipal Achilles de Almeida**. Ela é brasileira naturalizada,

porque nasceu em **Beirute**, onde estudou. Também fez cursos na **Sorbonne**, Universidade de Paris, e domina o idioma francês. Temos três filhos: a **Gisele**, que é professora e enfermeira padrão, o empresário **Carlos Alberto** e **Paulo Roberto**, professor de matemática. Tenho 5 netos. Trabalhei no **SESI** durante quase **43 anos**, numa batida só, com o velho **Pannunzio** e depois com o velho **Crespo**, com quem estou ligado até hoje, na direção da **Sociedade Amigos de Sorocaba**. Meu tempo no SESI foi uma fase bonita da minha vida, porque lá havia um ambiente sadio, familiar. Tanto foi bom que recebi propostas para ganhar mais e sair, mas recusei, porque a única preocupação que queria era a de desenvolver bem meu trabalho. Fiz de tudo lá, mas aposentei-me como tesoureiro”.

Adriana: E o Gabinete de Leitura, como entrou na sua vida? “Entre como sócio, em **1954** e mais tarde fui convidado para participar da Comissão de Contas, com a atribuição de fiscalizar gastos da diretoria. Depois, a convite do **Alaor Aguiar**, que ficou vinte e poucos anos como diretor, ingressei na diretoria. Desde então, estou sempre nela após pequenos intervalos. Ultimamente, enfrento o desafio de restaurar jornais antigos. O primeiro trabalho foi o primeiro ano do jornal **Cruzeiro do Sul**, cujo exemplar inaugural foi há **100** anos, em **12 de junho de 1903**. (...). Sou filatelista e também coleciono coisinhas que gosto. Minha esposa vive de cabeça quente, porque colecionador sem tempo sempre deixa alguma ‘bagunça’. Tenho a mania que vem da infância, de colecionar figurinhas, e até hoje, quando encontro álbum com algum significado, eu compro. A gente amadurece mas certas raízes infantis continuam”.

Adriana: E o relacionamento com o Jorge Melchhiades, onde entra? “Ele alugou de mim o prédio da **Rua da Penha 219**, onde instalou sua escola”. **Adriana:** Ela é hoje a conceituada **Escola Magnus Júnior**, de ensino fundamental, com sede própria que ocupa praticamente um quarteirão. E começou nesse prédio, não foi? “Sim. É verdade. O professor Jorge foi meu inquilino por **quase 10** anos; aproximadamente de **1978 a 1987**. Foi um bom tempo.

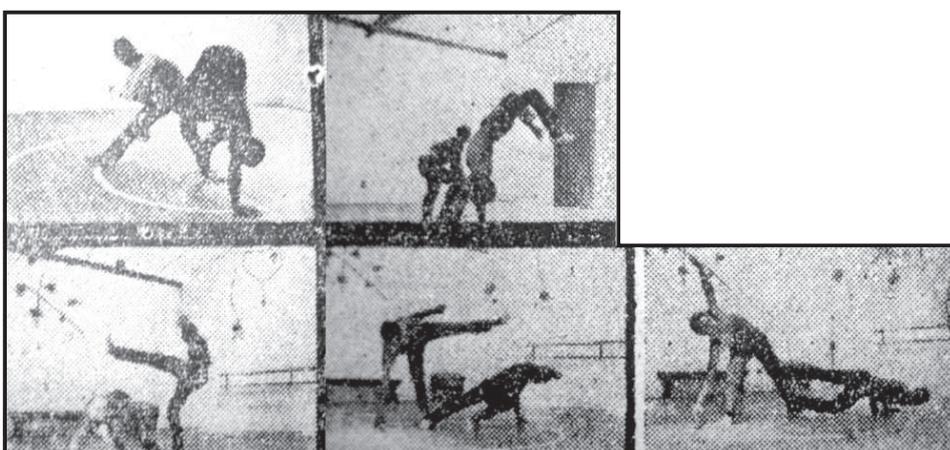
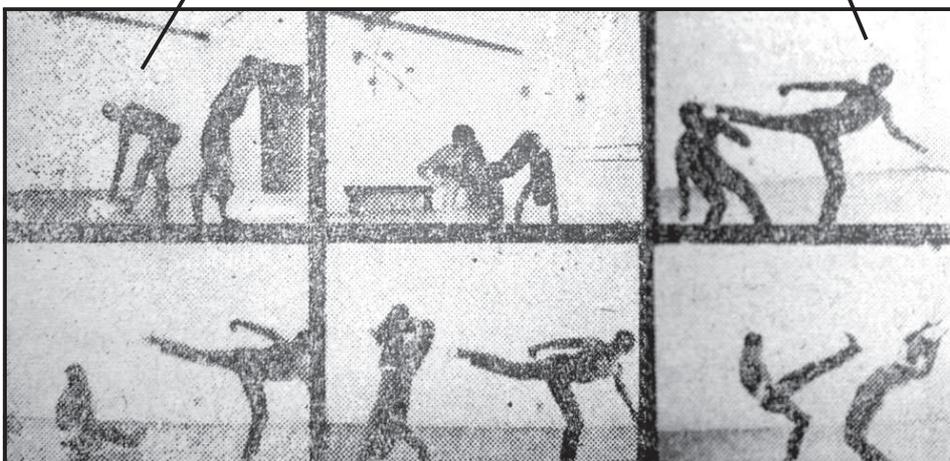
Aliás, foi com ele que vim a conhecer a capoeira. Eu sabia que ela existia na Bahia e Rio de Janeiro, mas ainda não conhecia.

Em Sorocaba conheci primeiro o trabalho dele e depois o do Eduardo, que passou a tomar conta do curso de capoeira, subordinado ao professor Jorge Melchhiades. Salvo melhor juízo, quem introduziu a capoeira aqui na cidade foi o professor Jorge. Tivemos um bom relacionamento e comecei a admirar o senhor Jorge pela posição que ele passou a adquirir na cultura da cidade”. **Adriana:** Ele ainda guarda todos os recibos de

aluguéis do prédio da Rua da Penha, como provas da evolução da Escola. “Aquele prédio foi herança minha, de minhas irmãs e sobrinhos”. **Adriana:** Em **1970** o professor Jorge Melchades comandou o grupo de capoeira que fez uma apresentação histórica no programa do Silvio Santos. O senhor lembra? “Sim. Esse acontecimento teve muita repercussão e mobilizou segmentos empresariais, artísticos, culturais e estudantis na cidade, para que se viabilizasse. E nós ganhamos a ambulância que estava em disputa. Isso repercutiu muito em outras grandes cidades e foi muito bonita nossa vitória. Praticamente toda população da cidade acompanhou esse feito pela televisão. Repercutiu muito porque foi uma luta renhida. Todas as cidades queriam ganhar, é óbvio. E nós fomos vencedores. Foi muito publicado nos jornais, e nos de Sorocaba principalmente. Foi uma publicação atrás da outra, dada a importância, porque não foi só pela ambulância em si, mas porque houve grandes cidades na disputa e foi uma euforia tremenda pela nossa vitória. Nos últimos anos tenho acompanhado pela imprensa os lançamentos dos livros dele, que inclusive li aqui no Gabinete e estão disponíveis para os associados. Antes eu só o conhecia como educador e amigo, depois ele se projetou na literatura filosófica e passei a admirá-lo ainda mais por isso. Para escrever livros dessa natureza a pessoa precisa ter conhecimentos”. **Adriana:** Quando o senhor se referiu ao professor Jorge falou com grande empolgação sobre a questão cultural, e o próprio vínculo do senhor com o Gabinete de Leitura demonstra seu apreço e afinidade com a cultura... “É que sou doente por livros. Eu não gosto, sou doente! (...).

Toda vez que saem livros bons eu anoto num controle e vou comprar. Qualquer dia não terá mais lugar onde os colocar. Adoro”. **Adriana:** O senhor sempre foi “doente” por livros? “Fui contaminado lá na infância, com os gibis. Lá onde nasci, em **Presidente Bernardes**, só existia grupo escolar. Os pais com condições financeiras melhores mandavam os filhos estudar em São Paulo. Meu pai era comerciante e me mandou para São Paulo, ao **Colégio Sagrado Coração de Jesus**, nos Campos Elíseos, no regime de internato. Daí, nunca mais larguei dos livros, nunca mais. Depois me formei contador na antiga **Escola de Comércio de Sorocaba**, onde catedráticos antigos e grandes professores ensinavam, principalmente Contabilidade. Depois ingressei na faculdade de Direito, mas por circunstâncias diversas fui obrigado a trancar e não retornei mais. O Gabinete de Leitura também é uma paixão, pois é entidade centenária voltada à cultura da sociedade. Aqui já se realizaram palestras memoráveis. Uma das que me recordo foi do sertanista **Orlando Vilas Boas**, que falou sobre a vida dele junto aos índios”. **Adriana:** Em relação à situação cultural houve

uma modificação nos hábitos das pessoas e em alguns aspectos até houve prejuízos grandes. Em entrevista anterior o **Dr. Carmine Graziosi** lamentou uma geral falta de interesse atual pela leitura... “É lamentável, mas assim é. Dos raros leitores existentes parece que a maioria gosta só de romance! Não se discute gosto, mas os livros com profundidade e capazes de ajudar no aprimoramento da consciência crítica não têm muito sucesso. É triste isso. (...)”. **Adriana**: Deseja acrescentar mais alguma coisa, senhor Nassib? “Só agradecer a entrevista e estender o meu abraço ao amigo Jorge e também para a dona Carmen, a quem faz muito tempo que não vejo e é a outra diretora da escola Magnus”.



(97) Capa do Jornal
Diário de Sorocaba
14/02/1970
350 mm x 80 mm

10. NOSSA POSIÇÃO Nº 13

Dezembro/ 2004

Fui formado em capoeira pelo **mestre Cuco**, mas bem cedo tive interesse pelo desenvolvimento dessa arte na cidade. Sonhava em escrever um livro sobre o assunto, porque quando perguntava sobre o início do seu ensino na cidade os capoeiristas não sabiam ou davam informações contraditórias. Foi no livro, "**Bibliografia Crítica da Capoeira**", de **1993**, lançado em Brasília por **César Alves de Almeida**, o **mestre Itapoan**, discípulo baiano do lendário **mestre Bimba**, um dos maiores expoentes da capoeira no Brasil, escritor e intelectual respeitadíssimo, que encontrei as primeiras menções ao "jovem **mestre Jorge Melchiades**", que mais tarde verifiquei ter sido o pioneiro do seu ensino, na cidade. Eu já tinha ouvido falar dele inúmeras vezes, mas como pessoa ligada à política, ao teatro e à intelectualidade e até cheguei a freqüentar, por volta de **1987** e durante alguns dias, um curso que ele ministrou no **NUPEP**. Na sua postura de palestrante não havia referências a lutas ou artes marciais, motivo pelo qual fiquei surpreso, depois, quando também encontrei o seu nome no livro, **Capoeira, Ciência e Verdade**, de **1980**, do **Valdenor da Silva Santos**, o consagrado **mestre Valdenor**, mestre de **Luiz Sabugo**, que ensinou em Sorocaba de **1977** a **1982** e foi responsável pela **Academia Nova Luanda**, nome que alterou depois, para **Netos de Luanda**.

Com as referências proporcionadas por esses livros, passei a pesquisar nos jornais da cidade e encontrei, no início de **1969**, registros da primeira escola de capoeira em Sorocaba, a **Academia de Ginástica Nacional** do "jovem mestre Jorge Melchiades". Os documentos jornalísticos informaram depois, que ele associou-se ao **Grupo Cordão de Ouro**, do renomado **mestre Suassuna** e a partir de **1970** passou a representá-lo na cidade e fora dela. Foi nos meados de **2002** que o procurei para uma entrevista a respeito desse histórico e soube, que apesar de sexagenário havia iniciado novo trabalho de capoeira no **NUPEP**.



(98) Mestre Jorge e
Prof. Diógenis (2005)

Ficou contente com minha iniciativa de escrever o livro e convidou-me para publicar os resultados das pesquisas, no **Informativo Nossa Posição**. Convidou-me, também, para integrar seu trabalho atual de capoeira, onde sou seu **contramestre**, junto com o **Celso Bujão**, mais o **professor Diógenis**. Logo verifiquei que havia um grupo de pessoas espalhando boatos, com o fim de **inventar** nova história para a capoeira na cidade e publicando em livros, na imprensa e na Internet, informações, cuja falsidade pode ser verificada facilmente por quem se proponha a examiná-las com um mínimo de cuidado. Pois bem, denunciei erros dessas publicações e, incapazes de apresentar provas da existência de capoeira ou de outros capoeiristas na cidade, antes de **1969**, o grupo passou a desenvolver outras táticas, em nada melhores do que as anteriores. Embora essas pessoas dissertem sobre as décadas de **40, 50 e 60**, quando existiam na cidade, jornais competentes, fotografias, desenhistas, pintores, rádio e radialistas, historiadores, escritores, jornalistas, **nada documentam** das atrevidas afirmações que doam, como notícias “quentinhas” da época, a jornais que se sujeitam a divulgá-las.

Volto a esse tema, para alertar estudantes do presente e do futuro a respeito dessas leviandades da atualidade, destinadas a inserir na história da nossa cidade, falsidades. Lembro aterrorizado, do livro de **George Orwell, 1984**, e insisto, que qualquer historiador bem intencionado busca demonstrar o que afirma por documentos e não induzindo afirmações a pessoas influenciáveis pela simplicidade e incompetência para reconhecer modalidades de lutas ou de folclore. Um historiador sério não fica especulando sobre “vestígios” dúbios e forçados, nem fazendo afirmações grotescas e absolutamente inválidas diante da **ausência absoluta de documentos diretos**. Pesquisando tão somente no nosso **Gabinete de Leitura Sorocabano**, já encontraria jornais como **O Tibiriçá**, que desde **1842** dão notícias sobre fatos da cidade e poderia, se quisesse divulgar verdades, apresentar **uma** matéria escrita e direta, clara, como esta do **Diário de Sorocaba de 26/02/1881**, que informa a prisão, em 5 meses, de “1.017 vagabundos, **45 capoeiras** e 14 navalhistas”... Isso mostra, que se jornalistas da época consideravam importante noticiar sobre capoeiristas, a ponto de **reproduzir na capa**, notícia do Rio de Janeiro, porque não noticiariam sobre os de Sorocaba? Certamente, porque não existiam, e nem rodas disto ou daquilo, não é?

Depois desta edição ter circulado na cidade, os “embromadores” resolveram aceitar minha sugestão e freqüentar o Gabinete de Leitura. Ao que parece, só então começaram a pesquisar jornais, pois suas publicações posteriores indicam isto.

Tenho apresentado um trabalho sério e farto de documentos, mas, se esse grupo apresentar, ao invés de tanta “cascata”, apenas **uma** notícia documentando que houve capoeirista em Sorocaba antes do Jorge Melchiades, serei o primeiro a corrigir meus escritos onde for necessário. Eu teria vergonha de agir diferente, porque dizem que “errar é humano e persistir no erro é burrice”. Feito o alerta volto a apresentar meu trabalho, que apesar de ser **o único sério** até o momento, foi criticado por apresentar entrevistas com briguentos no informativo passado. O chato é que ainda devo apresentar outras, porque os briguentos caracterizaram uma época da cultura de nossa cidade. Para tentar amortecer futuras críticas, antecipo um trecho da entrevista realizada com o senhor



(99)

JORGE MELCHIADES CARVALHO FILHO

(entrevista: 14/11/2004). **W** - Devido à violência de hoje, falar de brigas provoca aversão nas pessoas. Não provoca no senhor? “Se entendermos por briga, um confronto de vale-tudo, é bom saber que tivemos a condenada publicamente, porque acontecia sem regras e fora dos rinques, e outra aprovada moral e legalmente, porque ocorria, e até hoje ocorre, dentro dos rinques... Se a briga é essa, digo que ela não me interessa, mas não posso renegar as valiosas aprendizagens que tirei dela no passado.

É certo que mesmo na época das brigas havia pessoas expressando a aversão que você mencionou. Vários pais, por exemplo, proibiam os filhos de ter amizade comigo e isto me magoava muito, porque eu também era pobre. Não é razoável supor, porém, que essa aversão indica condição espiritual superior a dos briguentos! Pode indicar, simplesmente, pessoa que se julga **melhor** do que outras. Se queria **competir** com os briguentos, por exemplo, sem correr o risco de apanhar, falaria mal deles, guardando uma respeitável distância deles, é claro! Todo moralista hipócrita critica nos outros as atitudes que gostaria de ter e TEME, por isso sempre existiu quem ‘vencia’ os briguentos com fofocas; diminuindo seus méritos e julgando-os ignorantes, brutos e agressivos, para sentir-se moralmente e espiritualmente **melhor** que eles. ‘Vencer’ sem realizar esforços nem se arriscar é a grande **vantagem** do fofoqueiro, que se alegra com esse tipo de ‘vitória’ para evitar a tristeza de se **julgar** um cagão. Esse tipo, abundante até hoje, **julga** a outros, negativamente, para se sentir **melhor** e positivamente, vencendo competições que acontecem na sua imaginação.

Ora, os briguentos não eram burros, porque nenhuma alma de Deus é! Nós sabíamos que briga não resolvia problema algum, e que, ao

contrário, criava outros. O que não sabíamos era como agir melhor, porque quem devia nos ensinar dava exemplos competitivos, inclusive louvando campeões disto ou daquilo e 'briguentos' do cinema e dos rinques! E quando buscávamos um pouco desses louvores, como os mocinhos de cinema ou atletas, nos menosprezavam. Salvo pelo fato de que tínhamos a coragem de enfrentar riscos, esses competidores inconscientes não diferiam em nada de nós, pois exercitavam idêntica hostilidade, truculência e rivalidade. Entretanto, muitos lutadores de rua que conheci eram éticos, honestos e **leais** amigos, coisa que não se pode afirmar dos fofoqueiros. Na época dos briguentos, aliás, os que mais falavam de **paz e amor**, a pretexto de protestar contra a violência da 'grande briga' no Vietnã, foram arrebanhados como gado para compor o próspero e desgraçado mercado consumidor de drogas que temos hoje. Esses hipócritas, então, ajudaram a desagregar a família e a incentivar a irracional rebeldia dos jovens contra os pais e mestres... Você lembra da música: 'Não confie em ninguém com mais de 30 anos'? Então, os hipócritas pacifistas promoveram a saída dos jovens do lar, a promiscuidade sexual, a gravidez precoce, o aumento no número das crianças abandonadas, a reprodução desgovernada e o surgimento de sérias moléstias venéreas. Como os briguentos de rua eram em número insignificante, diante dos que promoveram a famosa 'revolução dos costumes', não se pode atribuir a eles a **violência** e a geração de tantos políticos corruptos e safados de hoje, a criminalidade, a miséria, o tráfico de armas e de drogas, o efeito estufa e o descongelamento das calotas polares... Tudo isso e muito mais só está aí para mostrar que a 'elevada condição moral' de muitos pacifistas não passa dos meros **juulgamentos** verbais ou escritos. Aliás, a ação 'moral' dessa gente é como briga: só aumenta os problemas. Logo, quem tem real consciência da realidade não tenta parecer **santarrão** ou **melhor** que outros, mas dá exemplo de que tem essa consciência".



(100)

ANTONIO CARLOS ALVES (entrevista: 04/11/2004). É amplamente conhecido na cidade de Sorocaba como profissional gráfico e pelo apelido: **Pixe**. **W** - O senhor poderia nos relatar suas experiências na época em que haviam muitas brigas na cidade? "As brigas do meu tempo, na década de **60**, foram mais em campo de futebol. Ali, qualquer pé de frango dava uma sopa para muita gente". **W** - O senhor chegou a jogar no time do Jorge Melchhiades, entre **1970 a 1975**...

"Eu joguei no time da **Polícia Militar** e também de zagueiro no time que ele

formou, o da **Musical**. Eu, o **Maurício**, que era encanador, o **Marião**, de Brigadeiro Tobias, e o Jorge, chegamos a formar uma linha de zaga onde atacante mole não passava, porque a gente não chutava da cintura para baixo (risos). O Jorge cumpria bem o papel de zagueiro direito, porque era firme, pegador. Eu fui conhecendo ele e chegamos a ter uma amizade muito forte mesmo”.

W - Os briguentos não tinham medo de encontrar pela frente um faixa preta de alguma arte marcial? “Não. Para brigar na rua você tinha que ser bom em briga de rua mesmo. Aí ninguém perguntava se o outro era faixa preta ou não, porque ninguém podia marcar bobeira. Nem começava e um já enfiava o braço no outro. Já em briga de campo de futebol você tinha de bater e correr, bater e correr... Eu vi o Jorge brigar no campo dos Bandeirantes, em Brigadeiro Tobias. Ele pegava pesado, feio mesmo, e com o irmão Jorginho e o Celso, encarou uma turma grande. Essa briga teve grande repercussão nos rádios e na imprensa da cidade, porque criticaram muito o Jorge, por ter se defendido usando o que sabia. Acho que queriam que ele apanhasse, quietinho. O saudoso radialista sertanejo, o **Nhô Juca**, que era famoso e tinha um ‘ibope’ altíssimo, falou dela várias vezes no ar... Um cara agarrou o Jorge por detrás e o Jorge quebrou várias costelas dele. Foi feio! Para se defender o Jorge teve de fazer isso, porque tinha muita gente cercado ele e o cara pegou ele por detrás. O Jorge arrumou essa encrenca para proteger os mais franzinos do time, que naquela ocasião formava o time quase todo. Eles não eram acostumados a brigar e se mandaram assim que saiu a briga, sobrando muita gente para o Jorge. E ele agüentou o tranco. Só foi ajudado pelo Jorginho e o Celso”.

W - Fale de alguma briga sua. “Tive muitas, mas a mais famosa foi no **Bar Andorinha**, que era em frente ao **Bar Passarinho**, ali na Rua São Bento. Foi uma briga muito feia. Uns grandalhões da cidade entraram no Bar Andorinha, em **22 de Dezembro de 1969**, e começaram a nos provocar, dizendo que tínhamos mexido com eles. Não era nada disso. Mas, o pau foi feio e moeu o bar Andorinha inteirinho, que teve de fechar para reforma. Lá era muito freqüentado e todo mundo aproveitou e saiu sem pagar. Uma pena. Os donos do bar eram gente boa e tiveram um prejuízo violento. Mas eles reconheceram que eu, o **Lolo** e o **Brancão** não tivemos culpa. A gente só agüentou os caras. Essa briga foi da pesada também e me deu um processo criminal...”.

W - Como as brigas eram encaradas na época? “Tinha que resolver no braço. Não tinha esse negócio de dar facada, tiro. Não tinha essas coisas. Era negócio para homem mesmo e se resolvia ali. Esse negócio de ficar dando tiro era para covarde. Teve também uma briga no **Clube dos**

Japoneses. Estava tendo um baile lá e um amigo meu dançou com uma menina. Um cara achou ruim e chutou ele para fora. A gente estava no *footing* da praça e ele veio contar para a gente. Fomos lá, eu, o Lolo e o Brancão. O sargento **E. de S.** participou desta também e teve duas costelas quebradas. Um cara que jogava no São Bento, o **V. C.**, entrou nessa e apanhou pra caramba. Saiu todo machucado. Depois fomos todos parar na delegacia e lá ficamos amigos. Na delegacia ficou tudo resolvido.

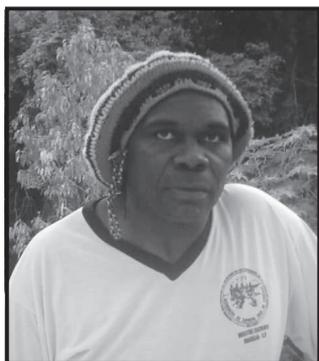
Também tinha brigas de turma, mas não com essa ignorância de hoje em dia, que por qualquer coisa se mata. Outra coisa, nós nos orgulhávamos de não usar drogas. Tinha cara briguento que nem cerveja tomava. O Jorge era um desses. A gente ia de cara limpa. As brigas de hoje não têm a graça de antigamente, porque éramos verdadeiros, leais. Hoje tem muita falsidade. Agora, eu também vi o Jorge na luta de boxe. Ele gostava de treinar comigo, na gráfica que comprou de mim, depois que deixou as lojas para trás. Ele gostava de treinar boxe e era muita legal, porque ensinava a gente como bater e sair.

Ele também gostava de capoeira. Aliás, **foi ele que trouxe a capoeira para Sorocaba** e montou a primeira academia na cidade. **Antes dele não tinha.** E olha que eu sei o que digo, porque **briguei pela cidade toda e nunca achei ninguém de capoeira.**

Eu ouvia falar muito do Jorge, mas só fui conhecê-lo pessoalmente, logo depois da apresentação de capoeira no **Silvio Santos**, quando Sorocaba ganhou uma ambulância. Aí peguei amizade com ele". **W** - Vocês não participaram juntos, de uma briga? "Foi uma pena, mas não tivemos essa oportunidade, apesar das brigas acontecerem muito em campo de futebol. Eu tive outra na **ACM** do Jardim São Paulo. Eu estava jogando futebol de salão pelo **Supermercado da Paca**, contra um time da Vila Haro. Eu tinha um amigo sem um dos braços, que brigou do meu lado, enquanto nego que vivia contando papo pulou fora. Para descontar o que aconteceu, em outro jogo, no ginásio de esportes, os caras desse time trouxeram um caminhão de gente e nessa briga entrou até a polícia. Fechou o tempo. As vezes eu dava sorte e outras não, mas acabava ali, na mão. Se tinha vingança era para descontar no braço". **W** - Seu contato com o Jorge Melchiades começou aí por **1970**? "Isso! Ele era dono da rede de lojas A Musical e a minha primeira esposa, a **Marlene**, era funcionária dele desde **1968**, acho. Ele tinha várias lojas. Depois ele saiu, comprou minha gráfica que era na Rua da Penha e chamava-se **Universal**. Ele trocou o nome para **Gráfica Rápida** e mudou ela para a Avenida São Paulo. Acho que ficou um ano com

a gráfica e depois vendeu para umas pessoas que terminaram nem pagando ele. Os caras vieram de noite, carregaram o caminhão de máquinas e sumiram”. **W** - O senhor **Celso Bersi** relatou que chegou a treinar nessa gráfica com ele. O senhor lembra disso? “Tinha bastante gente que ia treinar com ele lá”.

W - O senhor me conta outra briga? “Uma vez, foi na Praça da Bandeira. Ia descendo eu, o **Brandão** e o **Moacir** pela Rua Francisco Scarpa. Por lá existia a turma de um tal de **Coelho**, que veio nos provocar com a velha história de que tínhamos mexido com eles. Nessa, vieram de turma e tivemos de usar tijolos para nos defender do número maior. Não teve jeito. Teve gente que quando acabou a briga estava com a orelha dependurada na cara, só por um fio de pele...”. **W** - Quer acrescentar algo mais? “Gostaria de falar que o Jorge sempre foi um grande amigo. Um cara leal, sincero e muito bacana. Tenho muita saudade dele e qualquer dia desses irei lá, no **NUPEP**, para conversar com ele”. Uma das críticas feita ao Jorge e mencionada pelo Pixe pode ser lida no Diário de Sorocaba de 25/08/1971, na página de esportes, sob o título “Aula de Judô em Brigadeiro”.



(101)

CARLOS ALBERTO PIRES (entrevista: 15/07/2004). O **mestre Escravo**, que fundou o **Grupo de Capoeira Casa do Engenho**, hoje representado em cinco Estados e no Chile. Ele realiza um trabalho na **Faculdade de Marília**. **W** - Como o senhor iniciou na capoeira? “Meus avôs eram capoeiristas e ensinaram aos filhos, mas o meu tio fez mau uso da capoeira e foi preso. Aí o meu avô proibiu meu pai de jogar capoeira. Meu pai falava: “eu quero que você seja torneiro mecânico, não capoeirista, porque capoeirista não presta”. Em São Paulo um mestre me disse que a capoeira presta sim, se for usada para o bem do corpo. Me matriculei na academia dele e comecei a treinar. Mas como o meu serviço mudou de **São Paulo** para **Paulínia**, onde não tinha academia, fui obrigado a parar. Isso foi mais ou menos em **1970**”. **W** - Nessa época, fora de Sorocaba não tinha academia de capoeira ou capoeiristas no interior de São Paulo, não é? “É”.

Em 1977 ou 1978, quando eu já estava em Sorocaba, vi uma placa anunciando que no Ginásio de Esportes haveria uma roda de capoeira. Lá eu conversei com o **Peru**, que me deu o endereço da **Academia Nova Luanda**, na Parada do Alto, do **mestre Sabugo**, onde me matriculei. Passado um tempo, não sei se em **1978** ou em **1979** o **Marquinho** saiu e foi para a **Cordão de Ouro**, filial do **Suassuna**, que o **Melchiades** tomava conta.

Depois, o **Falcon** foi para lá também. O **Pedro Feitosa** saiu mais tarde, lá por **1980**, e foi para o **Cativeiro**. Eu tinha uns colegas em **Santos**, que eram os **mestres Lima, Bandeira, Corisco** e o **Besouro**, um formado do **mestre Valdenor**. Fui lá para São Paulo, me matriculei na academia dele e em **1981** me formei.

Montei um grupo de capoeira no **Jardim Magnólia**, e um dia, a gente treinava em sete, quando chegou um ônibus com uns cinqüenta capoeiristas e um mestre vindo de São Paulo para levar um trabalho aqui. Eles entraram na roda e Nossa Senhora! Nosso grupo era pequeno e levamos desvantagem. Parou a roda e a gente teve de continuar o trabalho de portas fechadas". **W** - Aí o senhor formou o grupo Casa do Engenho? "Em **22/08/1981**...". **W** - Quanto tempo o senhor treinou com o Sabugo? "Uns três anos. Comecei quando a academia dele se chamava **Nova Luanda** e continuei depois, quando ele mudou o nome da academia dele para **Netos de Luanda**".

W - No seu tempo, quem mais era aluno do Sabugo? "Tinha o Peru, o Falcon, o Pedro Feitosa, o Feitosinha, o Geraldinho...". **W** - Tem fotos do senhor em batizados na discoteca Zarabatana e no Recreativo, que o mestre Jorge Melchiades realizou. Nessa época o pessoal de academias diferentes tinha um bom relacionamento? "Os mestres tinham, mas os alunos criavam casos. Nas rodas, as brigas começam com os alunos, e às vezes tem mestres que aproveitam para entrar. Eu acho que deveriam ter cabeça e parar com isso".

W - O mestre Sabugo contou que alguns alunos dele visitaram a Cordão de Ouro, no tempo que ela ficava lá na frente do colégio Objetivo, e que o Melchiades deu um corretivo neles. Por isso o senhor disse que os mestres se davam bem, mas os alunos criavam caso? "É... Eles faziam muita fofoca. Igual aconteceu comigo em **1991**, quando fiz um batizado no ginásio **AJB**. Nessa época o **Cuco** apareceu lá com seus alunos e disse: 'Eu vim aqui para ver se o Escravo está ensinando direito'. Estava um batizado muito bom. Tinha meninos de Sorocaba, de **Capão Bonito**, de **Guapiara, Limeira**, e teve uns arranca rabos lá. A gente ficou um pra cá, outro pra lá. Aí, fui embora para **Marília**. Também estive em **Minas Gerais**, em **Londrina**, em **Mato Grosso do Sul** e no **Rio de Janeiro**, formando grupos. Tem um menino meu lá no Chile fazendo um trabalho. Aqui em Sorocaba, os meus alunos, **Pulga, Segundo, Carão, Darci, Feijão**, o **Gaube**, levavam o trabalho. Quando fui para Marília, alguns deles foram para o **Grupo Negro Fujão**. Mas agora o **Adilson** está voltando para casa e o **Pulga** também. Estão levando o trabalho".

W - O senhor gostaria de acrescentar algo mais? "Quero dizer

que a gente procura levar um trabalho bom, sem desavenças com outros grupos. Mas tem alguns capoeiras que ficam dizendo, vou quebrar, vou brigar... O mestre Besouro levou uma facada no pescoço em 1979, em 1982 levou outra próxima ao coração, em 1989 tomou uma bala na cabeça. Tudo por causa de briga em roda de capoeira. Aí, em 1989 juntei um pessoal e falei: olha que o mestre Besouro é melhor que nós todos juntos e se acontecer conosco o que aconteceu com ele, será que vamos sobreviver como ele? Então, a partir daquela data paramos com as brigas. Hoje gostaria que todos os professores e mestres tivessem mais amizade para melhorar a imagem da capoeira. Porque esse negócio de um não poder ver o outro, de um não ajudar o outro, só denigre a capoeira. Hoje também tem muita gente se dizendo capoeirista mas que só quer saber de pular, de fazer acrobacia. Como diz o filho do **Bimba**: 'capoeira só é Regional ou Angola enquanto você tem contato com o chão'. Antigamente não se dizia eu jogo isso e você aquilo, nomes diferentes. Todo mundo jogava e se entendia. Agora tem mestre dizendo que você é saruveiro só porque não joga do jeito que ele quer. Gente! Como pode falar que o cara é saruveiro se ele tem até trinta anos de capoeira? Uma coisa que me magoou muito é o projeto de capoeira em escola. A capoeira já foi proibida e marginalizada e quando começou a subir na vida, o que essa turma faz? Dá aula de graça!

O camarada está na pior e por querer manter o nome na praça sai dando aula de graça por aí. Ensina um traficante, um marginal a dar golpes de capoeira e a capoeira se suja.

Gostaria que o pessoal pensasse melhor e começasse a trabalhar com amizade, para mostrar um serviço mais bonito, mais limpo. Este seria o meu gosto. Obrigado”.



(102)

JOSÉ ROBERTO FERRI (entrevista: 02/08/2004). É contador na **APAE de Sorocaba. W** - Como o senhor conheceu o pioneiro da capoeira na cidade? “Nos meados de Maio de **1974**, quando fui contratado para ser Contador da empresa de vendas que ele criou. Ele tinha outra empresa, ‘A Musical’, que era uma rede de lojas de discos e de som. Naquela época havia a febre de música dos anos **70**. A gente estava naquela idade de acompanhar os Beatles e essa rede de lojas empolgava. Era onde o Jorge e a esposa trabalhavam. Depois ele montou um comércio de vendas domiciliares de discos e fitas, com equipe de

vendas. Colocava o pessoal em duas ou três peruas Kombis e mandava vender em várias cidades. Eu era o Contador dele, e durante um certo tempo também joguei no time de futebol da Musical. Nesse tempo a gente também ia lá no campo do **Lar Escola Monteiro Lobato**, alguns dias de manhã, para aprender capoeira com o Jorge. Ia eu, o **Topo Gígio**, o irmão dele, o **Tuco**, o **Eunápio**, o **Ivan Gomes**... Tinha o **Jorginho**, que também faz tempo que não vejo e mais outros que já não lembro. Mas a capoeira durou pouco tempo na minha vida, primeiro porque antes eu não conhecia ninguém que praticasse, e depois de conhecer o Jorge e treinar com ele, não prossegui porque tinha outros compromissos na cabeça... Você pára, fica tempo sem praticar, acaba abandonando e perdendo o jeito.

Agora, o nosso time chegou a disputar o campeonato de futebol varzeano da cidade e fazendo bonito. Foi em 1974. E fizemos bonito porque era um time sem pretensão no meio de outros como o **Santa Terezinha**, o da **Polícia Militar**, o do **João de Camargo**, do **América**, do **Corinthians de Vila Haro**, do **Avenida**, do **Unidos**... Eram times fortes e com tradição no futebol, com jogadores de nome. E a gente fez uma campanha bacana. Naquela época, a **Rádio Clube**, que hoje é a **Rádio Boa Nova**, transmitia nossos jogos, porque o **José Desidério**, que já havia jogado no time da Musical acompanhava a gente e irradiava. O Zé sempre foi uma pessoa fantástica e muito simples. Tenho bastante amizade com ele e sempre fui fã dele, até quando trabalhou em Campinas. O Zé foi muito amigo do Jorge e acho que são amigos ainda, pois se queriam muito bem.

Nessa época o Jorge gostava de dar uma de técnico e ficou encantado com o time da Holanda, que apareceu com o sistema da Laranja Mecânica, um modo de jogar em equipe, coletivo, que deixou todo mundo empolgado. Aí o Jorge ia lá no quadro negro e explanava como a Holanda jogava, para ver se o pessoal deixava de lado o estrelismo, o individualismo, mas isso aí não ia entrar nunca na cabeça do pessoal (risos). Era uma maneira dele fazer a coisa.

Terminava o jogo e a gente, perdendo ou ganhando ia ao barzinho tomar cerveja. Tinha cervejada. Hoje acho que isso acabou; uma, porque a cerveja está cara, outra, porque quase todos os times pagam os jogadores e no nosso tempo não. Naquele tempo a gente jogava e bebia com o time porque gostava, por amor. Eu jogava na Musical de volante, e era muito bom. Quando eu jogava em Osasco fui convidado para treinar no São Paulo,

pelo **Zoé**, que depois foi técnico aqui no São Bento, do Atlético Mineiro e ainda está aí na cidade. Ele fazia o meio de campo do time do São Paulo com o **Nenê** e morava em Osasco, quando me convidou. Mas eu não fui porque naquele tempo a gente trabalhava e estudava. Era difícil. E também, quando eu jogava no amador da Brahma, fui convidado para treinar no São Bento, só que não fiquei sabendo do convite que o **Michey** tinha feito ao meu pai.



(103) Time do Musical F.C. 1974/75 – da esquerda para direita: Ademir, Jorge, Maurício, Zeba, Jaime, Marião, Mussum, (?). *abaixados*: Barbosa, Gilson, Pagão, Jorginho, Zeca e Ivan

(...)" **W** - Quem jogava nesse time da Musical de 1974? "O meu irmão **Altamir**, o **Maurício**, que era goleiro, o **Topo Gigio**, que tinha uma gráfica, o **Marião**, de Brigadeiro Tobias, deixa eu ver quem mais... Tinha outro goleiro, o **Paulão**, que foi gerente do **Bamerindus**, o **Jorginho**, o **Jorge**. O time começou a surpreender todo mundo e chamou a atenção dos olheiros do São Bento, que levaram um dos nossos, o **Barbosa**, para treinar lá. Não sei o que aconteceu depois... Ah, também tinha o **Mussum**, que era amigo do Barbosa e foi fotógrafo do jornal Cruzeiro do Sul. Não lembro mais...

Depois dessa época só soube do Jorge quando ele montou uma escola de ensino profissionalizante, ali na rua da Penha, o **Cursos Magnus**. Ele também era meio místico, voltado para estudos esotéricos, de Psicologia, de tudo. Eu sei que dessa época em que estive perto dele foi um período diferente na minha vida. Cheguei até a cuidar por uns tempos do time da Musical, o que foi uma coisa excelente. Hoje eu não tomaria conta de time de futebol... Não tenho mais pique. Foi uma época boa, porque eu e o Jorge sempre fomos amigos. O Jorge não bebia; com ele não tinha essa. A gente que gostava de jogar bola ia num bar, bebia uma cervejinha nos fins de semana... Esse contato a gente não tinha com ele".

W - O senhor gostaria de acrescentar mais alguma coisa? "Só falar que foi muito bom conhecer o Jorge, ter amizade com ele. Sinto saudades dele, e um dia ainda quero sentar, conversar com ele. Ele é uma pessoa excelente para a gente conversar. Transmite amizade, lealdade e sempre transmitiu. Só tenho a agradecer muitas coisas que aprendi com ele".



(104)

ADEMAR ADADE (entrevista: 18/10/2004).

Escritor e **Secretário da Faculdade de Direito de Sorocaba** (FADI), que foi entrevistado por **Adriana Alves de Lima, Patrícia Ramos e Miguel Maciel de Pontes**.

Adriana perguntou: Como o senhor conheceu o pioneiro da capoeira em Sorocaba? “Foi aluno nosso”. **Adriana**: O dr. **Clodoaldo Rodrigues**, a quem já tive o prazer de entrevistar, em depoimento teceu comentários elogiosos à postura democrática, diplomática, elegante

e cavalheiresca do senhor, quando ele e o Jorge Melchiades elegeram uma chapa ao **Diretório Acadêmico Rubino de Oliveira** (DARO), **1981**, ao que se sabe a primeira com uma postura mais de esquerda... “Desde que esta Faculdade de Direito foi fundada, em **1957**, o **DARO** se constituiu em um território livre, onde a Diretoria da escola não intervinha. Mas, após **1964**, com os militares no poder, muitos estudantes se revoltavam, motivo pelo qual passaram a ser mais vigiados. Quem passou a gerenciar, praticamente, a eleição dos centros estudantis foi a direção das escolas. Inclusive, durante a fase da revolução, o nome ‘Centro Acadêmico’, teve que ser mudado para ‘Diretório Acadêmico’, porque os militares assim exigiam. O Ministro da Educação era o **Jarbas Passarinho**, então. Nós éramos obrigados, também, a mandar constantes informações sobre alunos, e informávamos apenas o que acontecia no cotidiano curricular daqui na faculdade, tanto que nunca tivemos nenhum problema.

Não tivemos nenhum aluno preso, indiciado, ferido ou morto por contrariar os interesses da revolução. Passada essa fase, o memorável dr. **Hélio Rosa Baldy** eliminou do regimento toda e qualquer intervenção da faculdade no diretório acadêmico, que passou a ter prédio próprio e eleição livre. Apenas somos informados da eleição de Fulano, Beltrano ou Cicrano. Então, no tempo do Clodoaldo e do Jorge havia essa intervenção da faculdade. É claro que para eles deve ter sido difícil, mas, apesar de tudo, nós da Diretoria, nunca fomos perguntar a algum aluno se ele é da esquerda, direita ou de centro; se ele é preto, branco, chinês ou japonês. Nada. O perfil do estudante da faculdade de direito, para nós é único. Se ele é **idealista** e quer se tornar um bom profissional, é respeitado pela direção desta escola. Sempre estamos atentos para oferecer o que há de melhor, embora nem tudo seja perfeito. Alguma falha pode haver. Mas, eu só posso dizer da época é que o Clodoaldo e o Jorge nunca ofereceram problema para a faculdade. Ao contrário, foram pessoas que com suas idéias e atitudes só enriqueceram o debate pelo fortalecimento da democracia. Eu, particularmente, sempre tive boa amizade com o Jorge e com o Clodoaldo.

Eles sempre foram meus amigos e não apenas alunos”. **Adriana:** Parece que o Diretório Acadêmico da época criou a assistência jurídica gratuita, que se mantém até hoje... “Sim, exatamente. Os acadêmicos dão assistência na sede do próprio diretório e às vezes a levam aos bairros. Mas isso depende de cada diretoria. Não são todas que oferecem isso”.

Miguel: Em nossas pesquisas descobrimos que o senhor já foi radialista, juntamente com o seu irmão, o saudoso **Ésper Adade**, da **Rádio Cacique**. O prof. Jorge Melchiades fez uma apresentação de Capoeira, em **1970**, no programa do **Silvio Santos**, “Cidade contra Cidade”, e o senhor, tendo sido uma pessoa do meio jornalístico, como viu esse evento? “Em 1970 eu já não militava em rádio. Tinha parado em **1965** e estava só na faculdade. Mas, assisti pela televisão, quando Sorocaba se apresentou. Vi a apresentação dele e depois a repercussão do fato pelos jornais. É claro que contribuiu para Sorocaba ganhar mais pontos no programa e foi uma repercussão de nível nacional”. **Patrícia:** Parece, então, doutor Ademar Adade, que o Clodoaldo e o Jorge não foram pessoas que passassem despercebidas... “Realmente, eles eram muito atuantes e se destacavam pela amizade que mostravam ter, um pelo outro, enquanto lutavam pelos ideais em que acreditavam. Eles pareciam vir de famílias pobres e eu assim os reconhecia porque também vim de uma”.

Adriana: No site da FADI constatei que o senhor participou, em **16/4/1956**, de uma comissão para a construção da faculdade... Gostaria que o senhor falasse disso e também do seu trabalho como secretário. “O secretário é o coração da escola, porque é nele que o sangue venoso, ou ruim, se renova. Então, se as coisas vão bem, é porque o diretor, os professores e alunos são bons. Se as coisas andam mal, é porque o secretário não tem jeito; não sabe fazer horário, não sabe avisar os alunos, professores, não toma conta dos outros funcionários (risos). Trabalho aqui, desde **1956**, e durante quase **50** anos já vi o pessoal homenagear até o rapazinho que toma conta de carro na rua e que não tem nada com a faculdade, mas esquecer completamente de quem trabalha na secretaria. Eu, até que às vezes sou homenageado. Teve até uma turma, que durante a festa de formatura agradeceu a colaboração do secretário durante os cinco anos, como amigo, e por ter preparado as peças de formatura. Agora, o meu amigo tesoureiro **nunca** é homenageado (risos). Uma mudança fundamental se operou quando a faculdade deixou o prédio onde estive, de **1957 a 1968**, na **Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Sorocaba**. Lá a turma era de 50 alunos e apenas no período noturno, o que possibilitava uma amizade quase fraternal entre todos: alunos, professores, funcionários e diretores. Tinha um chopinho? O secretário era convidado. Tinha a semana

do professor, da Pátria, não sei do quê, sempre o secretário era convidado para tudo. Quem não gostava era a minha mulher, porque eu chegava sempre tarde da noite em casa. Esse foi um tempo muito bom para o relacionamento entre todos, sem dúvida.

Quando viemos para cá as turmas passaram para 80 à noite e 80 de manhã, porque o prédio comportava, e o pessoal da secretaria começou a se desgarrar do contato com os alunos e a ficar mais próximo dos professores, funcionários e direção da escola. Seria bom se pudéssemos diminuir, novamente, para 50 alunos por classe... Mas, financeiramente isso é impossível. Nossa Faculdade mantém a determinação de oferecer um padrão elevado de ensino a alunos de elevado padrão, cobrando uma mensalidade de curso primário, isto é, de R\$ 440,00. Qualquer cursinho cobra de R\$ 500,00 a R\$ 800,00 e as faculdades vão de R\$ 700,00 a R\$ 1.000,00. Então, conseguimos preservar alto padrão cobrando pouco, dando ótimo ensino e pagando muito bem os nossos professores. Então, o secretário é realmente a alma da faculdade e vai ser sempre assim, não porque sou eu, mas qualquer secretário é a pessoa que tem a maior carga de trabalho, numa escola”.

Patrícia: O senhor também é professor? “Sim, não da faculdade. Sou professor primário, formado pela **Escola Normal Municipal de Sorocaba**, em **1952**. Passei em primeiro lugar numa turma de 170 alunos, e ganhei uma cadeira na Prefeitura Municipal de Sorocaba, como prêmio. Fiquei seis meses aguardando-a, e como não vinha, atendi ao convite do inesquecível **Padre Pieroni**, para trabalhar na comissão que organizava a Faculdade de Direito de Sorocaba. E eu nem podia imaginar como seria uma! Na época, por causa da dureza de vida, a escola normal era o máximo que a gente podia almejar. Aí comecei a trabalhar com o padre Pieroni, que deve ser reconhecido como um dos grandes incentivadores das faculdades de **Medicina, Direito, Filosofia**... Quando se formou a comissão o Padre Pieroni foi deixado de lado, na permuta pelo **Prefeito Gualberto Moreira**. Nela estavam o dr. Baldy e o **dr. José Pereira Cardoso**, um outro padre beneditino, o ‘**Beda**’ que não era de Sorocaba. O **Rotary Clube** era representado por **Ernesto Rodrigues**. Havia o **Adauto Marques Silva** e o professor primário, Ademar Adade. O ‘Turco’, devia ficar na comissão ou sair? Eu acho que foi unânime: “Ele fica”. Aí, fiquei ajudando a comissão a organizar o processo de criação da faculdade. Mais tarde o dr. Hélio Baldy dizia: ‘você foi o meu melhor datilógrafo’ e eu respondia: ‘datilógrafo não, professor primário!’, ressaltando que eu nada tinha contra datilógrafos.

Lembro perfeitamente... Foi em um domingo à tarde quando o dr. Hélio tocou a campainha da minha casa, na rua Santa Clara, e falou: ‘Turco,

vamos para a faculdade (na Faculdade de Filosofia, onde estávamos instalados enquanto se organizava o processo)'. Eu perguntei: fazer o quê? e ele: 'bater o calendário escolar, porque a faculdade foi autorizada' (Este foi um momento emocionante para o doutor Ademar Adade e para os que o entrevistavam). Me comovo até hoje porque foi um momento magnífico! Fomos lá e batemos o calendário. Em **Maio de 1957** a faculdade começou a funcionar e só não fui o primeiro secretário porque ele teria de ser bacharel em Direito. Como consolação fiquei como chefe da secretaria, e o secretário foi o meu saudoso **Moaly de Paula Ferraz**. Ele tinha um problema no coração e um dia me chamou para falar: 'Turco, vá estudar! Aqui na faculdade o Hélio não deixa porque você é funcionário da secretaria, mas você tem sido o meu braço direito aqui e deve me suceder'. E fui estudar na hoje chamada **Universidade de São Francisco**, de Bragança Paulista e dos padres beneditinos. Foi só terminar o curso e ele faleceu. Foi incrível! Parece que esperou eu me formar... Aí, numa reunião do Conselho me chamaram e disseram: 'Você agora é o secretário da Faculdade de Direito de Sorocaba, de fato e de direito'. Graças a Deus, não é? Porque a FADI tem como escopo principal o idealismo, que normalmente é deixado de lado pelas escolas em que se pensa em ganhar dinheiro. Muitos entendem que você é idealista ou mercenário, porque acham que uma coisa não se coaduna com outra, mas aqui todos trabalham, tendo como objetivo o idealismo. Quem não se encaixa nesse perfil não fica na faculdade. Um professor que faz apostila para vender, por exemplo, não fica, porque aqui não é comércio. Ele indica os livros e os alunos vão procurar.

A FADI já formou cerca de **5.000 bacharéis**. Hoje temos um candidato a prefeito, o **deputado Caldini Crespo**, que se formou aqui. O pai dele, o senhor **José Crespo Gonzales**, que já foi prefeito, também se formou aqui. O atual prefeito, **Renato Amary**, é formado pela FADI; Presidentes da Câmara Municipal, como **Marinho Marte, Cíntia Almeida...** Enfim, muitos políticos que administraram, administram ou administrarão a cidade se formaram aqui. Por isso eu sempre brinco com o pessoal do PT, dizendo: 'vocês sempre escolhem o candidato a prefeito de Sorocaba errado, por isso perdem a eleição. Escolham um candidato bom que vocês ganham'. Mas não adianta. Eles escolhem exatamente quem não se formou nesta faculdade. E perdem.

Mas, a faculdade é neste prédio que nasceu de um 'não' do **Governador Abreu Sodré**. Trouxeram-no aqui num dia de visita, mostraram o terreno e disseram: 'Senhor governador, a faculdade já existe e tem formado bons bacharéis, só precisa de dinheiro para a construção do prédio'. Ele respondeu algo deseducado e não deu o dinheiro. Esse fato levantou o



(105) Dr. Ademar Adade e
Dr. Hélio Rosa Baldy
“formando” em Direito, o
Jorge Melchiades (1982)

povo de Sorocaba em **1968** e, em **1969**, estava pronto o prédio. O comércio, a indústria, cada um do povo deu uma contribuição. A **Cia Nacional de Estamparia** deu tijolos, telhas, a **Indústria Votorantim** ajudou... As 600 poltronas do salão nobre foram conseguidas em campanha realizada pelo Centro Acadêmico da época, cujo Presidente era o **Renato Amary**. Os móveis da sala da congregação, que ainda são de **1969**, foram buscadas em São Miguel Paulista pelo **Renato Amary** e o **dr. Cardoso**, na época o diretor”.

Miguel: O senhor escreveu **TRAÇOS DE MIM**, um livro de poesias? “Sim. Eu sempre gostei de poesia. Desde os 18 anos eu escrevia e guardava, até que, em **1999**, o meu filho e a mulher dele, recém chegados de Singapura e a minha filha que trabalha aqui comigo, me disseram para eu ir de gravata no último dia do ano letivo, na

faculdade. Eu perguntei: ‘mas por que de gravata?’ Disseram, ‘não sei. Foi o Diretor da faculdade, o **dr. Oscar** que pediu. Ah! E leve a mama também, porque irão jantar’. Chegou a hora, coloquei a gravata e levei a mulher. Quando cheguei aqui no pátio, estava cheio de carros. Viemos andando e quando abri a porta, vi a minha fotografia na parede e explodiu um coro de vozes. Era uma recepção, com professores, amigos e mais de 200 pessoas. Os meus filhos mandaram fazer o livro e eu não sabia de nada. E como hoje, me debulhei em lágrimas. Não teve jeito. Foi a maior emoção da minha vida. Uma de minhas netas musicou e cantou uma das poesias e outras fizeram um jogral. O livro é distribuído gratuitamente, porque os meus filhos assim o quiseram”.

Adriana: E sobre o rádio e seu irmão, o **Ésper Adade**? “Foi pelas mãos dele que eu fui para a rádio. Começamos com um serviço de alto falantes do senhor **Orlando Bismara**, que corria as ruas da cidade. No andar superior do antigo cine São José, na Rua São Bento, tinha um alto falante direcionado para a praça, onde, naquele tempo se fazia o ‘footing’ com as moças andando de um lado e os rapazes de outro. O alto falante tocava músicas oferecidas por alguém e, nos domingos, a gente anunciava a banda, a corporação musical que tocava no coreto. Depois que a banda

tocava a gente voltava a falar. Aí fiz um teste na **PRD-7** e comecei a trabalhar como locutor. Depois fui rádio-ator, escrevi uma novelinha, fiz um programa infantil que, modéstia a parte, foi um sucesso. Nele tinha concurso para eleger a rainha e, para entrar no auditório, as pessoas tinham de apresentar uma embalagem do sorvete **SKY**, que era moda em Sorocaba. Aí, no final a gente fazia uma festa e oferecia sorvete para as meninas candidatas e para todo mundo.

Depois trabalhei com o **Enzo de Almeida Passos** em programas de auditório. Fiz locução esportiva e tudo o mais que se pode imaginar em rádio. Fiquei tão famoso que a **Rádio Cacique** quis me contratar. Pagava mais e fui para lá, fazer programa de auditório, um outro do **Francisco Alves**, um comentário diário chamado '**Bom dia para você**'. Eu dizia algo assim, por exemplo: 'bom dia para você Jorge, que tem se destacado muito com a capoeira e mais nisso ou naquilo e naquele outro negócio'. Deu cada briga! Ah se deu! (risos) Deu briga com a maçonaria, porque um dia eu falei que estavam maltratando crianças no '**Lar Escola Monteiro Lobato**'. Deu briga com os donos de um plano de saúde de Sorocaba, porque eu disse que a minha sogra e o meu sogro foram espoliados. Eu falava, mesmo recebendo cartas e telefonemas de ameaças. Foi um tempo bom, até que, em **1964** o diretor da rádio, o senhor **José Rubens Bismara**, me chamou e falou: 'Olha, tem que passar pela censura o seu comentário'. Eu falei: 'então está aqui minha carta de demissão'.

A **Rádio Cruzeiro do Sul**, através do seu diretor, meu amigo **Laor Rodrigues**, me convidou, em **1998**, por aí, para fazer um programa de bolero. E fiz um programa de músicas de filmes e outro de música italiana, durante três anos. Aí mudou a direção e eu parei de vez. Mas, foi um tempo bom de rádio. Escrevi uma coluna de rádio e de cinema no **Jornal Cruzeiro do Sul** por uns tempos e o '**Bom dia para você**' foi publicado no **Diário de Sorocaba** durante quase um ano, na década de 50 ou 60. Eu tenho todos os documentários e o que fazia na rádio também".

Adriana: Durante todo esse tempo trabalhando com informação, algum dia viu, ou ouviu, se existia Capoeira na cidade, antes de 1969 ou do Jorge Melchiades? "Nunca".

Adriana: Como conciliava tudo com o trabalho na faculdade e quais seus projetos para o futuro? "Eu sempre trabalhei de manhã, à tarde e à noite. Agora trabalho só de manhã e à noite porque me aposentei. Fui funcionário da Prefeitura e me aposentei lá. E o meu projeto maior é ficar em paz comigo mesmo. Pretendo transferir para a minha filha tudo o que aprendi aqui, para que ela seja uma continuidade do meu trabalho, que foi

bom, pois pude chegar na minha idade com a dignidade de poder encarar 5.000 ex-alunos e a cidade toda, sem nenhum deslize, seja como **Secretário da FADI**, como **Procurador Chefe da Prefeitura**, ou como **radialista**. Minha vida está aí, limpa, para quem quiser ver. Só me preocupa é a violência que hoje está por aí, a solta. Minha vida, hoje, é ao lado de quatro netos, dois filhos e uma nora, todos ótimos e são as bases da minha alegria”.

Miguel: Então o senhor já trabalhou na prefeitura? “Sim. Como já disse, lá cheguei a Chefe da Coordenadoria Jurídica, e o **doutor Cármine Graziosi** foi o Secretário. Trabalhávamos juntos, só que lá eu era Chefe da Procuradoria. Só aqui sou o secretário (risos)”. **Adriana:** Algo mais, doutor? “Só deixo esta recomendação a todos: Não tentem parecer o que não são. As soluções que vocês desejam estão sempre dentro de vocês mesmos, é só procurar um pouquinho lá, principalmente no cérebro. Tem muita gente que acha soluções no coração, mas elas estão no cérebro. Está tudo lá. Quem trabalha em cima dele vai descobrir coisas muito boas”. **Adriana:** Eu, o Miguel e a Patrícia agradecemos a sua receptividade carinhosa, todo o respeito demonstrado pela história da nossa cidade e transmito ao senhor um abraço do Jorge Melchiades, que tem muito respeito e carinho pelo senhor.

“Eu mando a ele um abraço duplo, porque ele representa bem a nossa faculdade e porque tenho orgulho de ter tido ele aqui como aluno e, o que é mais importante, como amigo. Obrigado a vocês”.



11. NOSSA POSIÇÃO Nº 14

Março/ 2005

O jornal Cruzeiro do Sul de 29/12/2004, na página B-4, publicou que os já nossos conhecidos “pesquisadores” haviam encontrado notícias da existência de capoeira em Sorocaba, antes de 1969. E eu esperava que desta vez, não afirmassem que “sexo entre caracóis” é “uma forma de capoeira” e que tendo existido despudorados caracóis na cidade, no final do século XIX e início do século XX, seria “lógica” a presença de “rodas de capoeira” nela. Esperava, para variar, algo sério. Mas, de novo, a promessa de novidades era apenas “isca” para atrair o leitor a um site da Internet onde se tenta convencê-lo de que, “sem dúvida”, qualquer coisa é capoeira, desde o uso de patuá à violência contra mulher em briga de casal. Lá, após outra promessa não cumprida, a de sair “do campo das hipóteses” para se começar a dizer algo mais sério sobre capoeira, cita-se o **Código de Posturas Municipais de Sorocaba de 1850**, que explicitou no artigo 151, penalidade a quem praticasse “... Capoeiras ou qualquer outro gênero de luta”. O fato desse código textualmente ser definido como **preventivo**, ou com a função de evitar coisa entendida como lesiva à sociedade, não se discute. Importa é respaldar a afirmação de que haveria capoeiristas em 1850, “com certeza”. Seguindo a mesma lógica, outros “pesquisadores” poderiam também afirmar que essa é a “evidência” de que na época já existia **tele-catch** em Sorocaba, pois “sem dúvida”, estava incluída no “outro gênero de luta”. Também não se leva em conta que foi redigido logo após Sorocaba deixar de ser vila e receber o status de cidade (**1842**) e depois da primeira visita da maior autoridade da Corte Imperial (**1845**), **Dom Pedro II**, quando os vereadores andavam com “mania de grandeza” e querendo fazer parecer que tinham de lidar com problemas semelhantes aos do Rio de Janeiro.

Ninguém cogitou de que talvez, os que redigiram o texto nem soubessem o que era capoeira e só procurassem pretextos para aumentar os próprios salários... A prova de que não sabiam sobre o que falavam é que escreveram “Capoeiras”, para abarcar com a palavra várias atividades que pudessem chamar assim. A palavra no plural é um erro que indica falta de familiaridade com a capoeira, do contrário errariam também em outras palavras. O mais provável é que, por desconhecimento, generalizassem o significado da palavra para abranger brigas de gaúchos

ou dos tropeiros. E tais gaúchos brigavam, ocasionalmente, nos sítios próximos das pastagens a eles destinados e afastados da área urbana, nas tavernas e casas de tolerância que por ali se instalavam.

Mas **nada**, absolutamente nada indica que entre tais **forasteiros** ou briguentos **de outras cidades** houve algum por aqui, exibindo a perícia peculiar do capoeirista.

Isso se pode concluir, por exemplo, lendo “Sorocaba, 3 séculos de história”, do memorável pesquisador de História, Folclore e Religião, **Monsenhor Luiz Castanho de Almeida**, que fundou o Instituto Histórico Geográfico e Genealógico de Sorocaba em **1954** e escrevia com o pseudônimo de **Aluísio de Almeida**.

Depois dessa, o navegante da Internet é levado a “viajar” por entre notas policiais de jornais antigos, como a de dois **operários** que **brincando** de “capoeira” caíram numa desastrada “rasteira” para se machucarem ambos, **cada qual com a própria faca que portava**. Ali, qualquer criança percebe que tendo atendido o meu conselho, de pesquisar no Gabinete de Leitura, e na ânsia de achar qualquer coisa que indicasse ter havido capoeira em Sorocaba, antes de 1969, o “pesquisador” faz qualquer negócio, inclusive passar por notícia de capoeira a ironia do policial ou jornalista ao relatar ocorrência em que dois desastrados operários, de passagem por Sorocaba e já de saída, na estação ferroviária, talvez alcoolizados, se deram mal ao tentarem brincar de “capoeira” com facas nas mãos. O texto diz exatamente isso, e a palavra “capoeira”, entre aspas, revela pilhéria sobre imperícia e inaptidão, para dar, levar rasteiras ou manipular facas, do contrário não cairiam ambos atrapalhados, nem se machucariam cada qual com a própria faca. As outras notas ali indicadas são de igual valor.

Oras! Volto a repetir que em Sorocaba, desde **1800 a 1969** existiram pintores, fotógrafos, desenhistas, poetas, historiadores, jornalistas, repórteres, escritores, estudiosos do folclore e cronistas da maior envergadura, que registraram congada, bumba-meu-boi, maracatu, catira, candomblé, fandango, folia de reis e outras modalidades folclóricas. Descartando-se os feitos da imaginação, usados para ilustrar contos e romances, por que não registraram a presença da capoeira e de capoeiristas? A única resposta sensata é: porque não existiam na cidade. Até mesmo “rodas de pernada” registrariam, se existissem.

O afã de provar uma opinião indevidamente chamada de “tese” se torna pior e bastante grosseiro na insistência de manter uma farsa, atribuindo incompetência a pesquisadores do passado, que teriam deixado passar em brancas nuvens acontecimentos tão sensacionais como os de rodas de capoeira e de pernada. Seria uma falha gravíssima, já que notícias sobre capoeira eram fatos tão importantes que eram publicadas em jornais do Rio e da Bahia, e reproduzidas nos jornais de todo país, como demonstramos no informativo passado. Eram tão importantes que eram registrados por jornalistas que procuravam tais fatos na imensidão dos grandes centros urbanos, e não os localizariam na pequena cidade interiorana de Sorocaba? Também, nessa questão toda há que se ter o mínimo de bom senso para perceber que as palavras “rasteira”, “capoeira” e “capoeirista”, na imprensa de Sorocaba, **antes de 1969**, não têm conexão alguma com outras evidências objetivas são meros reflexos isolados das influências culturais do Rio e da Bahia ou generalizações banais da linguagem de leigos no assunto. Alguém poderia ser chamado de “capoeira”, por exemplo, simplesmente por ter dado uma “rasteira” que na verdade foi um chute nas pernas de outro, que com o impacto caiu. Essa “rasteira”, contudo, seria desprovida da técnica com a qual um capoeirista daria a sua. É como quando alguém diz “batuque”, se referindo a crianças batendo em latas. A modalidade folclórica chamada “Batuque”, porém, é plena de recursos vocais e instrumentais típicos, de complexas técnicas e movimentos corporais próprios, peculiares. A exemplo da “capoeira”, a maioria das pessoas que fala “batuque” não conhece o exato significado da palavra, pois ela designa evento específico, raro e difícil de se encontrar. A capoeira possui técnicas, peculiaridades e principalmente fundamentos... Não deve ser confundida com qualquer porcaria, salvo quando se quer menosprezá-la.



(106)

ELISETE RAMOS SCHIEZARO (entrevista: 04/02/2005). **Psicóloga** com especialização em **Medicina Chinesa**, técnica de **acupuntura**; atua nas áreas **Clínica, Educacional e Industrial**. Nesta área é consultora de **RH e ISO 9000**. **W** - Lia, você conhece o pioneiro no ensino da capoeira em Sorocaba há quanto tempo? “Eu e meu marido temos um relacionamento de aproximadamente **26 anos**, com ele. O conheci em **1978**, no ônibus da Viação Cometa, quando freqüentávamos a faculdade de Psicologia da **UNIP**, em São Paulo. Daí, tudo mudou na minha vida, porque passei a viver perto dele e isto significa romper com a vida vazia e improdutiva”.

W - Vocês estudavam juntos? “Na mesma faculdade e curso de Psicologia. Não na mesma classe. O Jorge procura entender os fenômenos de maneira bastante analítica, por isso foi um ‘terror’ para alguns professores. Ele gosta muito de Psicologia e queria entender mesmo, não só “estudar para tirar diploma”. Fazia muitas perguntas e alguns professores se irritavam com ele. Lembro de dois em especial: uma professora que, às vezes, ficava tão descontrolada que saía da classe chorando e outro que dizia, claramente, a todos, preferir que o Jorge nem entrasse na aula dele. Mas isso foi antes de se entender que o Jorge questionava e polemizava por querer aprender e não para desafiar.

Talvez, porque o Jorge seja muito entusiasta e franco, o considerassem muito agressivo. Curiosamente, ao questionar ele demonstrava exatamente o oposto do que se pensava, ou seja, que queria aprender e confiava que conseguiria isso debatendo com quem poderia ensiná-lo!

Depois que entenderam isso ele passou a ser respeitado pelos professores e querido por colegas de classe. No começo, até os alunos estranharam as intervenções dele e também se voltaram contra ele”.

W - Você diz que conhecer o Jorge foi muito importante... Pode explicar melhor? “Eu tinha 21 anos e minha expectativa de vida era a de qualquer indivíduo criado para cumprir aquilo que outros planejaram para ele há muito tempo. Eu procurava emprego na cidade grande e estava em vias de largar a faculdade, porque não podia arcar com as despesas. Estava desanimada e quando contei isso ao Jorge ele me ofereceu uma vaga na escola **Magnus**, da Rua da Penha, onde comecei dando aulas de Ciências, para o Supletivo de primeiro e segundo graus. O Jorge confiou em mim e abriu as portas para que eu pudesse continuar meus estudos e terminá-los. De lá para cá ele nunca mais conseguiu se livrar de mim, porque estacionei em vaga fixa na vida dele e iniciei um caminho de estudos, de amparo e dedicação, coisas que só pode entender e agradecer quem aprendeu o que é um verdadeiro amigo. O Jorge é. Quando cheguei na escola fiquei encantada com o clima que lá havia. Os alunos eram vistos como amigos e pessoas em crescimento, não como números que garantem lucro no final do mês. Os professores também eram bem tratados e valorizados. Hoje é uma escola de ensino fundamental e ainda dou aulas lá, mas naquela época era para adultos. Tinha numerosos alunos e era muito movimentada. Tinha Supletivo do 1º e 2º graus, cursos de Violão, de Mestre de Obras, de Modelo publicitário, de Balé, de Atendente de Enfermagem, de Capoeira, de Datilografia etc. Quando passei a monitora

de Fisiologia na Faculdade, passei a dar aulas também no curso de Atendente de Enfermagem.

Em 1982 a escola mudou para a Rua Monsenhor João Soares. Lá, mais coisas novas aconteceram. Com instalações maiores o Jorge começou com teatro e cineclube (foto 107), a ceder o espaço para grupos culturais e reuniões políticas. No térreo desse prédio instalou, também, creio que o primeiro sebo de Sorocaba, que passou a ser muito bem freqüentado e depois foi deixado para o Eduardo (mestre Falcon da capoeira), para que ele pudesse iniciar a vida como comerciante e o qual ele mantém até hoje. Aliás, o Eduardo e outros, como eu, tiveram a oportunidade de estacionar na vida do Jorge e de poder gozar da situação de filhos que têm um pai carinhoso e preocupado com eles, tanto que, como eu, por mais de 20 anos foi amparado afetiva, intelectual e de todas as maneiras”.

W - E sobre o Jorge na capoeira, você sabe alguma coisa? “Eu era criança quando assisti a apresentação de capoeira no programa cidade contra cidade, na televisão, mas só fiquei sabendo que o Jorge comandou o espetáculo quando comecei a dar aulas na escola Magnus. No pavimento superior do prédio da Rua da Penha aconteciam os treinos de capoeira e, às vezes, eu subia para falar com o Jorge e ele estava, ora dando aulas de capoeira e ora de defesa pessoal para uns moços da Polícia Militar.

Magnus inaugura Cineclube

Os Cursos Magnus, localizado à rua Monsenhor João Soares, 185, inaugura hoje, com exibições a partir das 19h30, o Cineclube Magnus, que terá livre acesso do público para assistir às duas fitas programadas para este sábado. A primeira, “O Incêndio do Joelma”, é um documentário realizado em torno de acontecimentos reais sobre esse acontecimento que marcou a cidade de São Paulo, ao passo que a segunda fita a ser exibida gratuitamente é a famosa “De Crápula a Herói”, de Roberto Rossilini, com Vitorio de Sica.

(107) Jornal Diário de Sorocaba
09/04/1983 - pág. 4

Reunião de mulheres

Amanhã, às 15 horas, à rua Monsenhor João Soares, 185, no Curso Magnus, será desenvolvida mais uma reunião da comissão de mulheres tirada do III Encontro da Mulher Sorocabana. As articuladoras do movimento, que visa dar continuidade a ele no sentido de que a série de reivindicações propostas sejam atendidas, esperam a participação de grande número das mulheres sorocabanas.

(108) Jornal Diário de Sorocaba
23/04/1983 - pág. 4

Mas, como ele tinha de atuar como diretor da Escola, fazer Direito na FADI e Psicologia em São Paulo, foi deixando isso para o Pipoca, que ajudava ele na tarefa de ensinar capoeira e depois, aí por **1980**, esse encargo foi passado ao Eduardo...”.

W - Então, no prédio da Rua Monsenhor João Soares não teve capoeira? “Não. Lembro que o Jorge levou esse curso para um prédio na frente do colégio Objetivo, por uns tempos, depois voltou para a rua da Penha mesmo, onde o Eduardo continuou a levar.

Na escola nova o Jorge cedeu uma sala para eu iniciar o atendimento clínico, logo que me formei. Nas amplas salas daquele prédio havia uma movimentação total, uma loucura cultural! Para você ter uma idéia, ele criou um time de futebol feminino para as garotas que lá estudavam. Arranjou o campo do São Bento, na Nogueira Padilha, para que pudéssemos treinar, comprou uniforme, financiou viagens e dedicou-se muito ao time, que se tornou logo o melhor da região e fora dela. A gente ia para São Roque, Mairinque, Itapetininga,



(109) Jornal Folha da Cidade
05/02/1984 - pág.16



Limeira e outras cidades, só para ganhar, às vezes de goleada, e para buscar as taças e troféus. Disputamos até os primeiros campeonatos paulistas de futebol feminino! Em alguns jornais de Sorocaba tem foto minha desse tempo em que fui futebolista (foto 109)!

Então, para acompanhar o Jorge tive de virar jogadora de futebol, palestrante, intelectual, lutadora de Tudoeira, atriz de teatro, cantora, compositora de sambas, escritora etc, coisas que eu nem sonhava fazer na vida! É brincadeira?

Quem convive com ele um certo tempo sempre aprende a desenvolver algum talento”.

W - E o NUPEP? Quando surgiu? Em 1984 a escola mudou para a Rua Brigadeiro Tobias e passou a ser a **Escola de Educação Infantil Magnus Jr.** Foi no final de 1984 que ele criou o **NUPEP** (Núcleo de Pesquisas Psíquicas) e passamos, eu meu marido e mais tarde o meu filho, a freqüentar esse grupo de estudos experimentais de Psicologia, que tem como objetivo principal dar a oportunidade da pessoa se conhecer e se aprimorar. A meta é tornar o homem mais consciente de suas motivações inconscientes e mais decente e leal nas relações humanas, com a natureza e a sociedade. Como você já deve saber, também, para estar nesse grupo é preciso estar pronto para se aventurar em novos caminhos a cada momento, a avançar, rompendo limites e se descobrindo a todo instante. Quando isto não acontece é porque a pessoa se nega terminantemente a crescer. Bom, eu acho que Deus foi muito generoso comigo quando colocou o Jorge na minha vida.

Eu o amo, porque além de ser um amigo afetuoso, dedicado e leal é um homem muito inteligente, que dedica a vida ao crescimento espiritual próprio e alheio. Ele não mede esforços para ajudar os amigos e tem uma paciência fantástica para tentar fazer os interessados em aprender, entender os procedimentos racionais que levam à libertação do tão falado livre arbítrio”.



(110)

GUYMA BADDINI (entrevista: 22/10/2004). É jornalista do **Jornal Ipanema** e muito conhecida e estimada na cidade. Foi Diretora fundadora do **Clube da Lady** e do **Shangri-lá Country Clube**, editora dos jornais, **Recreativo em Foco**, e **Jornal do Sorocaba Clube**, da revista **Base**, e possui muitos troféus como o de imprensa da **Rádio Cacique**, cartões meritórios como o do **Lions Clube**, título de **Cidadã Emérita** da

Câmara Municipal de Sorocaba e várias outras honorárias. Foi entrevistada pelas amigas **Patrícia** e **Marilene**. **Patrícia**: A senhora pode falar sobre sua história profissional? “Eu comecei minha carreira em **1954**, no **Três de Março**, um jornal semanário aqui de Sorocaba. Comecei sem pretensão nenhuma, apenas porque gostava de escrever. Fui convidada a fazer uma coluna social nesse jornal e falei: “tudo bem”. Eu já freqüentava a sociedade, porque a minha família é tradicional de Sorocaba. Comecei e daí também escrevi para o semanário **Mensageiro Diocesano**, fui colunista social do **Jornal Cruzeiro do Sul** de **1957** a **1959**, passei para a coluna social da **Folha Popular** e ali fiquei de **1960** a **1961**. Depois, em **1964** retornei ao Cruzeiro do Sul onde fiz coluna social até **1973**. Fui também colunista social do **Diário de Sorocaba** e hoje do semanário **Jornal Ipanema**. Durante todo esse tempo priorizei um trabalho voltado a entidades beneficentes porque toda profissão é uma oportunidade para a gente ser útil à comunidade. A cada evento realizado de assistência social a gente se sente gratificada, contente. É trabalho que nos torna humildes, mais simples e eu gosto de passar a outros alguma coisa de bom, porque é preciso amar, estar sempre atenta às necessidades alheias. Tenho muito orgulho dessas coisas que aconteceram durante a minha carreira. Eu estava no Cruzeiro quando promovi dois jantares beneficentes para a **APAE** e quando peguei o cheque para entregar ao presidente da entidade, meu Deus, quanta emoção!”.

Patrícia: Você vê na sua profissão uma função de utilidade profissional e outra de realizar trabalho beneficente? “Sim. Mas ir a festas também é gostoso. Cria-se um círculo de amizade enorme e faço esse trabalho de colunista com muito prazer. Atendo a todos e procuro estar sempre presente, ir fundo na matéria, no que está acontecendo, porque fazer coluna social não é ficar na redação; é sair e procurar tudo que for do interesse”.

Patrícia: No Cruzeiro do Sul a senhora fazia a coluna social e dentro dela as famosas “**Manchetinhas da Guyma**”? “Isso! Hoje as manchetinhas e curtinhas do passado são “**Do bolsinho**”, onde procuro por o máximo de matérias possíveis, porque o espaço da gente é sempre curto...”.

Marilene: Em várias de suas colunas entre **1969** e **1971**, em 21 e 24 de fevereiro de 1970, por exemplo, achei notas referentes ao Jorge Melchiades, que ensinou capoeira na época. Inclusive, a senhora teceu elogios ao show que ele deu no clube recreativo. Lembra alguma coisa disso? “Isso já faz muito tempo, mas eu lembro que foi no Recreativo central”.

Marilene: Foi um evento de certa importância para nossa cidade porque até então a capoeira não era conhecida pelo povo daqui. “Não. Não era. E

isso foi há mais de 30 anos, pois me lembro vagamente do espetáculo, mas sem dúvida, **foi a primeira vez que vi capoeira**. Lembro também que foi uma promoção do **Pedrinho Salomão** no clube”. **Patrícia**: A senhora tinha amizade com o Jorge, na época? “Não”. **Patrícia**: Interessante a senhora o prestigiar várias vezes na sua coluna sem ter amizade com ele! Isso prova imparcialidade, não é? “Eu sempre me esforcei para ser imparcial”.

Marilene: A senhora também escreveu sobre o programa de TV, cidade contra cidade, do Silvio Santos, em **1970**. Lembra da apresentação do Jorge com seus alunos e outros mestres? “Sim. Lembro. Foi um grande evento na época”. **Patrícia**: Como vai o seu trabalho no Jornal Ipanema? “Muito bem! Estou lá já faz três anos, sempre ajudada por uma equipe fantástica de boa. É muito gostoso trabalhar lá. É um jornal que está crescendo muito, por isso eu, como sempre e mais uma vez, tenho problemas de espaço. É muita coisa para noticiar e esse é sempre o desafio da minha carreira profissional”.



(111)

JANICE VIEIRA (entrevista: 17/06/2004). É a famosa bailarina, coreógrafa, grande mestra de dança que fundou na cidade o **Estúdio Janice Vieira**, em **1963**. Os trabalhos já levados pela notável artista na cidade, no país e fora dele, devem encher de orgulho todo cidadão sorocabano. Ela foi entrevistada por mim e pela **Adriana**, em ocasiões diferentes. Porque o seu maravilhoso trabalho já foi abordado na “**Nosso Herói**”, mencionarei aqui apenas as suas referências à capoeira.

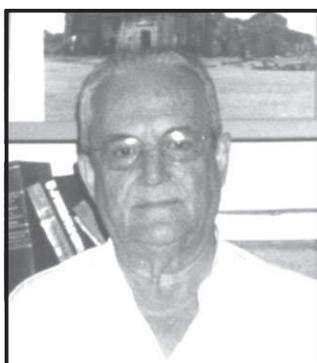
W - Em minhas pesquisas descobri que, no final dos anos **60** a senhora procurou o mestre **Jorge Melchades**, que tinha academia de capoeira na cidade de Sorocaba, com o objetivo de levar a prática aos seus alunos... “Sim. Eu tinha um grupo formado por atores e treinava-os na dança. Para complementar o treinamento achei conveniente enriquecê-lo com a capoeira. E foi muito bem-vinda a ajuda do Jorge nessa época, porque ali foi o marco do meu ingresso na dança contemporânea”. **W** - A academia da senhora era próxima ao fórum velho? “Sim, onde hoje é o **Conservatório João Batista Julião**, na rua Coronel José Loureiro”.

W - É impressionante o número de notícias sobre seu trabalho nas emissoras de televisão e nos jornais da cidade! Encontrei até referências a apresentações **psicodélicas**! Como era isso? “Na época estava no auge o termo ‘psicodélico’ e a gente o usava porque lembrava coisa surrealista e chamava a atenção do público para o espetáculo. Foi um trabalho

empolgante, envolvente, e também com esse grupo de dançarinos eu já havia trabalhado com a capoeira”. **W** - A capoeira teve influência nesse trabalho também? “Também. Toda a minha linha de trabalho modificou-se depois do contato com a capoeira aprendida com o Jorge. Antes eu só trabalhava com balé clássico e depois da experiência com a capoeira passei a trabalhar com dança moderna. Na verdade, são linguagens corporais diferentes. Então, foi a capoeira que me deu o embasamento para essa mudança. Eu acho que tivemos treinamento de quase um ano na capoeira”. **W** - Como era o Jorge Melchiades na época? “O conheci como um empresário que gostava de arte”.

W - A senhora já havia visto capoeira em Sorocaba, antes da apresentada pelo mestre Jorge? “Não. Ele foi o primeiro mesmo, né? Acho isso porque meu interesse pela capoeira vinha de antes dele e eu saberia, se tivesse algum outro na época.

Eu me interessei pela capoeira porque ia sempre para a Bahia, onde conheci o **mestre Pastinha** numa apresentação que teve na sua academia, lá no Pelourinho. Pastinha já estava velhinho, mas era uma figura iluminada. Só a presença dele já dava brilho à apresentação. Foi um espetáculo grandioso”. **W** - A capoeira de Angola que a senhora viu com o grupo do Pastinha, na Bahia, era igual a do mestre Jorge, em Sorocaba? “**Eu não tinha capacidade técnica para saber se havia diferenças.** Sei que recebemos um treinamento muito expressivo e que ele tinha a ‘virtuose’ da capoeira, porque a transmitia muito bem”. **W** - A senhora se lembra da apresentação que ele levou, no programa de TV, Cidade contra cidade, em que Sorocaba concorreu com Votuporanga? “Lembro sim. Ele foi muito comentado. Sorocaba até ganhou uma ambulância nesse dia!”.



(112)

CÁRMINE ATÍLIO GRAZIOSI (entrevista: 22/10/2004). Ocupou na **Prefeitura Municipal de Sorocaba**, durante 35 anos, os cargos de **Procurador, Secretário Jurídico e das Finanças, Presidente da URBES, Chefe de Departamento Jurídico**. É advogado e há aproximadamente 33 anos, **professor de Direito Processual Civil na Faculdade de Direito de Sorocaba (FADI) e Diretor Presidente do Gabinete de Leitura Sorocabano**.

1) Uma vida ligada ao esporte e a cultura:

W - Embora o doutor já tenha sido entrevistado pela Adriana e foi o primeiro NOSSO HERÓI de Nossa Posição 04, devido aos extensos bons serviços que prestou à cidade, há muitas coisas que o senhor não nos contou ainda. Poderia hoje, por exemplo, falar sobre sua ligação com o **Esporte Clube São Bento**? “Sorocaba tinha um campeonato de futebol amador muito ativo na década de **40**, até que houve a profissionalização do futebol no interior. Os clubes amadores se ressentiram, então. Em **1947**, começou o campeonato profissional no Estado e a famosa lei de acesso ao profissionalismo. O **XV de Novembro de Piracicaba** foi o primeiro clube do interior que entrou para o profissional. Depois foi o **Guarani de Campinas**. Nessa época o amadorismo sofreu uma queda e o São Bento ficou sem recursos. Ficou licenciado inclusive da disputa do campeonato amador local. Aliás, houve um vazio no campeonato amador, porque o time da **Associação Atlética Scarpa**, que tinha sido o campeão em **1946** e possuía uma equipe maravilhosa, foi desfalcada em **1947** porque o antigo **Savóia**, time de Votorantim (distrito de Sorocaba), se profissionalizou e levou todos os seus atletas de base. Com isso, o amador em Sorocaba arrefeceu, porque o **São Bento**, o **Estrada**, o **Fortaleza**, o **Scarpa** e o **Savóia** é que davam sensação ao campeonato. O Savóia saiu, o Scarpa enfraqueceu e o São Bento se licenciou. Naquele tempo eu trabalhava no jornal **Folha Popular** e fazia cobertura esportiva. Trabalhei até na **Gazeta Esportiva** como correspondente, graças a indicação do **João Carone**, que era da sucursal.

Na verdade eu acompanhava tudo o que acontecia de esporte, em Sorocaba.

Na época era o Basquete, que chamavam Cestobol, Boxe, Natação, corrida de fundo e rasa, salto com vara e sem, bochas, tiro ao alvo... Em **1952**, Sorocaba tinha um centro de decisões esportivas que era na rua Doutor Braguinha, entre a praça Coronel Fernando Prestes e a Barão do Rio Branco. Lá havia o **Chiquinho Ruiz** da relojoaria, o **Fioravante Favoreto**, da **Alfaiataria Século XX**, e na frente tinha o **Bar Comercial** com suas mesas de snooke. Lá se encontravam os maiores interessados do esporte sorocabano. O **Vante** representava o basquete e o Chiquinho Ruiz o futebol e como esses eram os dois esportes de maior prestígio, era para lá que o repórter ia para saber as notícias do dia. E eu estava lá, conversando com o Chiquinho Ruiz e ele falou: ‘olha, o **Carlito Laino** esteve aqui dizendo que o São Bento está parado aí e que a gente poderia fazer ele voltar à ativa e ainda no futebol profissional’ Eu falei, mas isso seria uma maravilha,

porque o São Bento tem campo e tradição! Diante dessa conversa eu voltei para a redação e lancei uma manchete: 'Vamos levantar o São Bento e profissionalizar outro time de Sorocaba para enfrentar o Votorantim!'. Fiz também a última página estrondosa lembrando que Campinas tinha três equipes: Guarani, Ponte Preta e Mogiano; Ribeirão Preto tinha o Comercial e o Botafogo; Santos tinha três equipes e Sorocaba só o Votorantim. Eu defendia a idéia de que dois daria rivalidade e na rivalidade um deles poderia subir em benefício do futebol sorocabano.

O jornal saiu e foi como uma bomba na cidade. Os esportistas ficaram eufóricos e o **Salomão Pavlovsky**, quando viu a manchete agasalhou a idéia e a levou para a rádio. Aí comecei a entrevistar os mais antigos esportistas da época, sobre o que achavam da idéia... Moral da história: o São Bento caiu na boca do povo e a cidade pegou fogo. O Dr. **Humberto Reale**, presidente do São Bento, achou boa a idéia, mas entendia que a diretoria não devia se envolver. Se quiséssemos teríamos de formar uma diretoria autônoma para o profissional. Foi então eleita uma diretoria presidida pelo **Plínio Miguel**, conhecido comerciante de tradicional família da cidade e nela me colocaram como Vice Presidente (conforme a **Revista do Instituto Histórico Geográfico e Genealógico de Sorocaba**, essa Diretoria foi composta por Plínio Miguel, Dr. Cármine Atílio Graziosi, Dr. Latuf (Fufa), Dr. José Miranda Filho, Antonio Laino, Waldemar Rosa Santos, Benedito Costa, Santi Capriotti, Antonio Moran Fernandes, Cyro Ruiz e Euzébio Rocha).

Feita a diretoria se deu a primeira campanha de sócios e todos corremos de porta e porta com as propostas. Fomos arrumar o estádio e foi aquele "auê". O São Bento começou a fazer triagem entre os amadores de Sorocaba e deixou de ser um clube amador para passar a profissional no mês de junho de **1953**. Em **1963** o São bento subiu para a 1ª divisão do Campeonato Paulista. Depois da campanha na qual todo mundo da cidade colaborou e integralizou mais de mil sócios aconteceu uma coisa engraçada. O **José Ermírio de Moraes** que era conselheiro do Corinthians e trazia de vez em quando um ou outro jogador do Corinthians para jogar em Votorantim, também resolveu colaborar e doou o 'time' do Votorantim para o São Bento. Aí a idéia da rivalidade entre um time e outro ficou inviável. Mas foi uma época maravilhosa porque em Sorocaba só tinha sucesso fora da cidade a bola ao cesto e descobrimos a vocação sorocabana também para o futebol".

W - Então, foi por iniciativa sua que o São Bento se profissionalizou e entrou para a primeira divisão? "Foi por causa daquela campanha com o apoio popular, da colaboração e empenho do Salomão Pavlovsky, de saudosa memória na rádio, do Cruzeiro do Sul. Depois de engatado foi Sorocaba inteira. Mas a principal causa foi a idéia nascida na loja do Chiquinho Ruiz,

que está aí até hoje e bem vivo, e do senhor Carlito Laino. Para mim é gratificante saber que como repórter de jornal entrei na campanha que deu certo”. **W** - A participação do senhor, nos acontecimentos está documentada também no livro do senhor **João Pensa**. “Ele escreveu a história do São Bento e deve ter feito referência a mim porque no artigo que ele escreveu para o **Instituto Genealógico de Sorocaba** mencionou a idéia como nascida numa conversa minha com o Chiquinho Ruiz e o Carlito Laino. Mas eles foram os pais da idéia! Eu apenas a publiquei (Conforme matérias do jornal Cruzeiro do Sul e do livro do João Pensa, além dos membros da primeira Diretoria profissional, também os senhores **Fidel Oliva, João Francisco Rodrigues, Ubirajara Costa, Nenê da Costa, Marinho Madureira, Salomão Pavlovsky** e **José Almeida** lideraram o movimento dos que procuraram oficializar a comissão que implantou o futebol profissional no São Bento)”.

W - Em pesquisas nos jornais antigos de Sorocaba também encontrei sete edições do jornal “**Desportos**”, cuja primeira edição saiu em **14/09/1953**, o qual o senhor criou, editou e era diretor... “É. O **Desportos** foi uma consequência daquela campanha para o ressurgimento do São Bento no campo esportivo sorocabano. Naquele entusiasmo pelo São Bento voltar e ao futebol profissional, convidei os companheiros de crônica esportiva, para colaborar num jornal que eu havia idealizado. Era para ser tri semanal, mas os sete números me deram um prejuízo de quase dez mil cruzeiros na ocasião. Era muito difícil manter. Mesmo assim saíram sete números abordando todos os esportes da época na cidade. Neles também acompanhamos a seleção feminina sorocabana que estava no auge e aí quase abrimos falência. Mas, foi uma das primeiras tentativas naquele tempo que era de sonhos. Ainda que eu possa continuar sonhando agora, naquele tempo eu tinha 22 anos. Com 19 eu já tinha feito uma revista em Sorocaba junto com o **Jouglas Cordeiro** que hoje é médico em Curitiba.

Editamos uma revista em Sorocaba no ano de **1949**. Tivemos de procurar articulista e impressão em São Paulo. Editamos só um número da revista também, porque precisava muito fôlego. Sorocaba não tinha a capacidade gráfica de hoje e na flor dos 19 anos a gente tinha entusiasmo pelas iniciativas, mas não o resto, o principal”.

2) Pioneirismo e Capoeira:

W - Em meu trabalho de pesquisa venho constatando que os pioneiros enfrentam todas as dificuldades e abrem caminhos para que

outros encontrem um trabalho mais facilitado. É o caso do senhor? “É, pode ser. Mas, **quem foi pioneiro continua sendo**, sempre dentro das possibilidades. Eu também acompanhei outras iniciativas de pioneiros e no caso posso me referir à capoeira que hoje está em evidência.

Desde jovem moro na cidade e trabalhei com esportes, no jornal, e nunca ouvi falar da prática da capoeira. E me lembro então, de Jorge Melchiades Carvalho Filho que conheci em **1960** ou **1961**, como cliente, em razão de uma prisão administrativa que um juiz impôs ao Jorge, por considerá-lo muito atrevido e protestar, de modo que o juiz não gostou, contra a morosidade da justiça.

Ele ficou preso por algumas horas no cadeião anexo à Delegacia Regional de Polícia, lá no Cerrado, antes que eu o tirasse. Na época ele andava sem dinheiro e pagou meus honorários com um quadro a óleo que ele havia pintado; uma sereia com os seios de fora. Quando ele vinha ao meu consultório perguntava onde estava o quadro e eu dizia que estava guardado esperando o artista morrer para ver se valorizava, e que estava escondido porque também não podia expor ao público e à minha família uma obra pornográfica. Um dia ele apareceu, perguntou quanto eu queria pelo quadro. Dei o preço, ele pagou e levou de volta. De cliente tornou-se meu amigo. O Jorge era um rapaz dinâmico...

O tempo passou e em certa ocasião o surpreendi em plena praça central nas pancadas com um grupo de capoeiristas. Eu já não estava mais em jornal e foi quando me inteirei que ele tinha montado academia para a prática de capoeira. **Foi o primeiro cidadão em Sorocaba que ousou popularizar a capoeira**, que hoje parece que está aí até como esporte Olímpico. **Então, esse pioneirismo aí continua... né?”**.

W - O senhor está dizendo que como cronista esportivo em Sorocaba, desde a década de 40 e de 50, só viu Capoeira em 1969 ou 1970 com... “Com o Jorge Melchiades. A capoeira é um misto de auto defesa com religiosidade, que era praticada pela descendência da raça negra e agora tornou-se um esporte. Em Sorocaba, apesar de ter o **clube 28 de Setembro**, onde sempre tive muitos amigos, nunca soube de que em algum lugar, nem mesmo lá, clube de maravilhosa tradição e que congrega os descendentes da raça negra em Sorocaba, tivessem praticado capoeira. A primeira vez que vi o primeiro noticiário sobre ela, deve ter sido no Diário de Sorocaba ou no Cruzeiro do Sul, e pessoalmente, em frente à Igreja Matriz de Sorocaba.

Havia cerca de uma dúzia de capoeiristas, mas entre eles quem me chamou a atenção foi o Jorge Melchiades que aparecia como um empresário bem sucedido na cidade. Naquela época eu pensei: **tem louco para tudo** e esse louco era o meu amigo. Só podia ser o Jorge mesmo, pensei. Só aquela cabeça vibrante e sempre voltada para muitas coisas de empresário e tal, podia se atrever assim.

Depois ele continuou e eu fui acompanhando ele tornar popular a capoeira. Ele iniciou a capoeira em Sorocaba. Foi meu aluno também, na Faculdade de Direito, e parece que até agora, com mais de 60 anos salvo engano, mantém capoeira no Núcleo que fundou. A vida é essa. Quando fiz a coleção do jornal Desportos, que doei para o Gabinete de Leitura, coloquei uma dedicatória:

'O sonho continua...'. A gente passa, mas a idéia, o incentivo para os que virão depois, continua”.

W - Estou lendo aqui a sua dedicatória: “Ao Gabinete de Leitura Sorocabano, depositário da cultura local, uma lembrança do **primeiro jornal esportivo de Sorocaba**, editado nos tempos de sonhos e esperanças. É o sonho continua...”.

“É lógico! Só deixo de sonhar quando ficar velho e não fiquei velho ainda porque vou sonhando...”.



12. NOSSA POSIÇÃO Nº 15

Julho/ 2005

Sobre a época em que os rapazes tinham nas brigas de rua um esporte, um hobby, entrevistei:



(113)



(114)

MAURÍCIO GAGLIARDI
e **HUMBERTO DEL CISTIA**
(entrevista: 24/05/2005). Senhores de famílias tradicionais da cidade e açougueiros aposentados. O senhor Humberto é Chefe de Pátio no Hospital Vera Cruz. Eles, mais **Dirceu Sebo, Zé Gagliardi, Furlan** e **Maninho** foram citados por várias

pessoas antigas da cidade, como os briguentos mais famosos na década de 50 e de 60. **W:** O senhor Maurício foi briguento? **M:** Eu não. O **José Gagliardi** é que era. Eu só entrava em brigas para quebrar o galho dele. Ele arrumava as confusões e eu tinha de acertar as contas. **H:** Quando não era o Maurício era eu! **W:** Poderiam relatar algumas brigas em que se envolveram? **M:** Tudo bem. Você tem vários dias para ouvir? (Risos). Uma vez estávamos no carnaval do Sorocaba Clube, brincando, quando o Zé apareceu e disse “vem que tem um negócio para resolver”. Eu fui. Descemos a rua São Bento e entramos naquela ruazinha... **H:** A Leite Penteado. **M:** Não! A Dom Pedro II, em frente da antiga Light. **H:** Ali é a Leite Penteado! A Dom Pedro II é a que sai de frente da antiga **Livraria Gutierrez**, na Dr. Braguinha. Eu sei porque nasci ali! **M:** Tá. Chegando lá um cara forte e grande jogou lança perfume no rosto do Zé e partiu para cima dele. E ele: “Ô Maurício, vem ajudar!”. Fui, parmeei o cara e voltamos pular no **Sorocaba Clube**. **W:** E se o cara fosse faixa preta de alguma arte marcial? **M:** Nessa época quase não tinha... Mas se fosse, entrava no braço também. **H:** Você dava uma e corria? **M:** Você sabe que não!

W: O pessoal não usava arma? **M:** Não. Naquela época era no braço e na cabeça. Eu abraçava, soltava a cabeça no sujeito, ele deitava e eu ia embora (risos). **W:** Isso, em que época? **M:** **54, 55, 56, 60...** Por aí. **W:** E os estivadores do Largo do Mercado? Eram bons de briga? **H:** Tinha o **Antenor**, com quem briguei um dia porque passou a mão numa freguesa

do açougue. A mulher era prostituta da Zona, mas ali a gente atendia a todos com respeito. Eu já tinha bronca dele porque ele era acostumado a cortar orelha de açougueiro e já tinha cortado algumas por ali. Saí com ele e já meti o pé. Peguei a cabeça dele e comecei a bater em tudo quanto era lugar. Se não fosse o meu sogro, que tinha um restaurante na frente, apartar, eu matava ele. Tinha o **Angelim**, o **João**, que foi lutador de boxe, um tal de **Vermelho**, que andava com um paletó de saco de estopa, o **Ivo Toledo** ou **Ivo Pantera**, que também lutava Boxe, o **Mandi**, o **Porvinho**, o **João Preto**, o **Docicada**, o irmão do **Paco**, que andava sempre de chapeuzinho... Como era o nome dele...? **W**: Não era **Chiu**? **H**: Quem? **M**: Quem? **H**: Tinha um estivador negro chamado **Chiru**, mas era trabalhador, pacato. **Não era de nada**. Tinha o **Dinho Rugiere**... **M**: Esse era forte pra caramba! **H**: Deu em sete, sozinho. Começou a bater neles no Mercado e eles foram apanhando até a Praça da Bandeira. Um dia, foram quatro soldados de jipe, para prender ele no **Bar da Lua**. Ele tombou o jipe e deu nos quatro. Ele era fogo! Considero o Dinho um dos caras mais fortes que conheci. Era muito grande...

M: Teve outra passagem lá no campo do Juventus, em São Paulo. O São Bento jogava contra o Juventus... **H**: Roubaram o São Bento e o pau quebrou. **M**: Nós estávamos na arquibancada, lá em cima. O Zé Gagliardi desceu e arrumou uma briga. Eu desci para ajudar e de repente, o Zé tinha sumido e eu estava sozinho. Comecei a subir a arquibancada de costas, dando murro para tudo quanto é lado. Fiquei com os dois olhos roxos de tantos socos que levei. Uma turma vindo para cima e eu sozinho lá embaixo... **H**: Nós fomos mais no alto, porque tinha uma cerca lá. O Felipe deu um soco num gordo que virou a cara para o meu lado. E eu pá! Dei também. O **Felipe** arrancou um pau de cerca e quando um foi dar uma garrafada nele eu o puxei. Era magrinho e veio com pau e tudo. O pau ficou na minha mão e despenquei paulada para todo lado. E um guarda, pá, pá, pá... **M**: Dando tiro à vontade... **H**: Mas quê! A gente não parava não. **M**: Então, eu subi a arquibancada de costas até que o Bertinho me puxou para cima. **H**: Eu e o **Gentil** puxamos... **M**: Ele era do **Bar do Gentil**, que era ali na Francisco Scarpa, em frente do mercado.

H: Um dia o Maurício deu um soco num sujeito, num bar em Brigadeiro Tobias e um dente do cara ficou encravado na mão dele. Teve de ir na **Farmácia Rodrigues**, dos irmãos **Lilo** e **Lula**, na esquina da Rua da Penha com a Cel. Benedito Pires, para tirar.

Ele já tinha se pegado com um açougueiro chamado **Antonio Pancada**... **M**: Pô! Esse era forte pra burro! Treinava Boxe com o **Júlio**

Alcalai. H: O **Rocky Marciano**, campeão mundial invicto dos pesos pesados veio para Sorocaba em **1954** e fez uma luta de exibição com ele. O Pancada morreu faz pouco tempo, fazendo Cooper. Então, o Maurício brigou com ele dentro do açougue. Era nervosinho. Qualquer coisa bam! **M:** Não. Briguento era o Zé Gagliardi, meu primo, que um dia foi esfaqueado e quase morreu. Sarou dessa e depois morreu de desastre. **H:** O Zé arrumava muita confusão. **M:** Uma vez estávamos em cinco ou seis no **Restaurante Scherepel**, da praça, lá sentados, e aquele tenente da Força Pública, o **Didi** (hoje, Tenente Coronel Reformado da PM, **Clodomiro José Paschoal** (que na época fotografou os meninos **Jorge Melchiades** e **Nelson Cotrique**, treinando lutas no campinho da Rua Artur Gomes – NP 12 - foto 92), veio e deu uma pelada no peito do Zé Gagliardi e jogou-o longe... **H:** Desde a escola eles viviam brigando. **M:** Esse tenente era grandão... **H:** O Zé chamava o tenente pelo apelido e ele ia para cima. O Zé só arrumava confusão.

H: Uma vez nós fomos num baile do Estrada, eu o Zé e o Felipe, que tinha aquele cadilaque. O Zé tirou para dançar a menina que tinha sido eleita rainha da festa de não sei o quê. Ela era miudinha, magrinha e ele já tinha bebido um pouco. Vai daqui e dança dali, puxou a menina num passo mais arrojado, escorregou e “vapt”, passou direto. Foi derrubar a menina sobre a mesa onde estavam os oito irmãos dela. Começou a briga. Eu entrei e me jogaram para fora do clube pela janela. O Felipe apanhou que nem cão e o Zé ficou todo machucado. O Felipe, muito louco, correu no carro e pegou uma colher. Ele dizia: “agora eu mato” e passava a colher no chão, na frente do clube. Olha que besteira! Se tivesse um armado atirava, pensando que aquele negócio brilhando na mão dele era uma faca. Outra vez, no Sorocaba Clube teve um grande baile. Era aniversário da minha avó. Fomos, vovó, eu, meus tios **Didi** e **Hélio**, o Zé Gagliardi e o Felipe... **M:** Nosso tio Didi jogava basquete. **H:** Jogou na Seleção de Sorocaba e Paulista (a coluna do **Doraci Sola Galera**, do jornal Cruzeiro do Sul, publicou em 19/06/2005 uma foto da Seleção Sorocabana de Basquetebol, de 1964, onde Didi perfila garboso ao lado de personagens ilustres da história de Sorocaba, como **Sete Belo**, **Fru Fru**, **Otto Wey** e outros). Então, no meio do salão uma mulher reclamou que passaram a mão nela. O companheiro dela enfiou a mão na cara do Didi, que dizia: “O que é isso? Eu não fiz nada!” Eu já fui no cara e pá. Pá daqui, pá dali, o Zé cismou de pegar aquele puta ventilador grandão e redondo do clube. Não sei para quê! Escorregou e caiu. O cara veio e chutou. O Zé foi expulso do Sorocaba Clube e eu fui suspenso por um ano. O Zé era manjado porque já tinha brigado lá com o **filho do Agenor**. Mas do Estrada eu é que fui expulso, ele não. Ele foi pentear o cabelo e tinha um cara ocupando o espelho. Ele perguntou: ‘vai demorar muito?’ O

cara falou: 'vou'. Ele pá no cara. Aí já entraram mais uns dois ou três e eu também. Virou um pacote. O diretor do clube era o **Fulvio Biasi**, pai do **Fernando** e do **Fulvinho Biasi**, que foi Secretário de Segurança. Aí eu fui expulso do Estrada e ele só suspenso.

Tinha o **Dirceu Sebo**, um açougueiro deste tamanho... Tinha um corpo escultural. Tinha um tal de **Zé Louco** no Mercado, com quem briguei três vezes. Já morreu. Ele apanhava, mas vinha em cima que nem vaca brava. Como eu lutei Boxe e fui **Campeão do Troféu Bandeirante**, ele foi dar um murro em mim, eu saí e ele quebrou a mão na balança do açougue. **M:** A gente entrava no Mercado à meia noite, para cortar carne. Não tinha serra elétrica, era tudo no braço. Ia assim até às 6 da tarde. 18 horas de malho. Então o que acontecia? Vivia todo mundo nervoso, arisco.

W: Nessas brigas vocês nunca encontraram um capoeirista?

M: Não tinha! **H:** Tinha o que usava bem as pernas, a cabeça. O **Angelino**, por exemplo, que chamavam de **Paulo Preto**, brigava bem com as pernas.

M: Mas ele não era capoeira. **H:** Não, mas deu um pontapé feio na barriga do Dirceu. **W:** Será que ele lutava pernada? **M:** Naquela época quase todo briguento dava pernada. **H:** O **Jorge Fiúza**, por exemplo, dava. Foi da Polícia Marítima do Rio e era bom de briga. **M:** Está vivo até hoje e tem marca de facada pelo corpo. Ele era fogo. Mas era na raça, brigando mesmo que a gente aprendia!

Uma vez, nós estávamos lá na casa da **Gilda**, no sobradinho da Zona, que era perto da Av. Paraguai, o **Cláudio Postali**, o Jorge Fiuza e eu; nós três. Era época de São João e começamos a soltar bombinha dentro da casa. A mulher chamou a polícia. Veio o **Lauro**, investigador, com outros policiais e botaram a gente na perua. Levaram lá na rua Padre Luiz, na sede da antiga Guarda Civil. Sentamos num banquinho e estavam lá os **Guardas Grilo e Piolho**. Aí veio o delegado, o Dr. **Quirino**, e mandou levar todos lá para cima, na cadeia. Veio aquele furgão preto e branco que a gente chamava de 'pingüim'; um Ford 39. Quando o guarda abriu a porta do carro o Jorge Fiuza entrou, eu ameacei correr. O Grilo cercou de um lado eu saí do outro e descii a Padre Luiz correndo. O Cláudio saiu atrás de mim, mas tropeçou e caiu esparramado no chão. O guarda pegou ele. Eu me mandei, fui embora. Naquele tempo eu corria que era uma desgraça. Descii a Padre Luiz, dei a volta no Largo do Mercado, descii a Francisco Scarpa e subi a rua São Vicente, que ia dar no meio do muro do cemitério. Encostei nele e esperei. Se chegassem, eu pulava para dentro. Não veio ninguém e deu uma hora da manhã. Descii a Hermelino Matarazzo até o pontilhão, onde tinha o bar do japonês, o Açougue do Sol, e vi um táxi... Naquele tempo não era táxi, era "carro de aluguel" e o chofer do carro... **H:** Quem? O **Zinho**? **M:** Outro.

Esqueci o nome. Ia me levar para casa, ali na Rua Álvaro Soares, em frente de onde tinha o Cine Santa Helena. Mas tinham dois guardas cercando a casa. Então, ele me levou na **pensão da Edite**, que tinha um açougue pequeno lá no Mercado. **H:** Maurício, você lembra do **Fernando Bisteca?** Coitadinho! Que Deus o tenha em bom lugar. Era um amigo nosso, magrinho, mas sem medo. O cara podia ter dois metros de altura que ele brigava. Eu era inspetor da companhia de seguros e tinha um japonês, o **Haruo Nishimura**, que além de ser **Campeão de Judô** tinha umas coxas assim... O cara era enorme e quadrado. Não tinha pescoço. As mãos dele pareciam raquetes de tênis. Não de tênis de mesa; de quadra mesmo (O hoje famoso médico fisioterápico Haruo Nishimura veio estudar Medicina em Sorocaba na década de **60**). O cara tinha uma puta força e numa quinta-feira tinha feito um seguro comigo do Galaxie branco que ele tinha. No sábado afundou o capô dele com a cabeça do Fernandinho, que era um catatau, mas decidiu encarar o japonês. Ele foi e deu um tapa na cara do Haruo, veja você! O Haruo pegou o Fernandinho pela cintura de um jeito que até o cinto dele estourou, e socou tanto ele no capô, que o capô até empinou, desprendeu e levantou.

W: E nessa época ainda não tinha nada de capoeira? **H:** Não. Tinha Boxe e só mais tarde apareceu o Judô. A gente passava a perna, dava soco, cabeçada, cotovelada. Mas era tudo na raça.

W: Esse Haruo Nishimura teve parceria com o Jorge Melchiades na academia da Rua Rodrigues Pacheco... **H:** Estive lá. Onde era a Cantina Sole di Nápoli... **W:** Os senhores chegaram a participar de alguma **roda de pernada em época de carnaval, nas décadas de 40, 50 e 60?** **H:** Isso não tinha. Eu gostava de carnaval e **nunca vi uma!** **M:** Nem eu. Estou com 68 anos. Passei 60 no Mercado Municipal e aposentei em 1993. Entrei lá com 8 anos de idade. **H:** Eu tenho 67 e entrei lá com 12 anos! Sabe onde eu trabalhava antes? No Cartório do **Dr. Bento Mascarenhas**, pai do **Renato Mascarenhas**, que foi juiz do Tribunal de Alçada, do **Kiko** e do **Bentinho Mascarenhas**. Eu saí de lá e arrumei para o **Valdir Landulfo** ficar no meu lugar. Fui tomar conta do açougue da minha tia, aquele pequenininho, que era do **Artur**. Ói que cabeça! O Valdir Landulfo aposentou lá. **W:** O **Jorge Melchiades** também teve açougue, conheceu ele? **H:** O Melchiades? Sabe o **Zito**, Maurício? Aquele que tinha açougue no Cerrado? É casado com a irmã dele, não é isso? **W:** Não tenho essa informação. **H:** É sim! Ele trabalhou com o Zito na Av. General Carneiro aí pelos anos de **55, 56!** **M:** Eu sei quem é o Melchiades, agora lembrei. **W:** O Melchiades também teve fama de

brigador... **H:** Ele foi do tempo do **Zé Carlos Faca** (irmão falecido do **Antonio Carlos Alves**, o **Pixe** – NP 13). Eles regulavam de idade...

M: Aquele tempo que era bom. Hoje, Deus me livre, só tem tranqueira por aí. Qualquer moleque anda armado. Hoje o cara não briga. Tem medo e já dá tiro. **H:** Aquele tempo era bom pra caramba! Eu estudava no Ginásio Municipal (hoje Getúlio Vargas) e tive uma recaída de pneumonia. Perdi dois anos da escola e tomei 40 milhões de unidades de Benzetacil. Quase morri de tanto tomar essa maldita injeção. Então, tinha o Peladão do Scarpa onde é o Shopping Sorocaba. Num dos campos de futebol que tinha lá foi jogar a segunda contra a terceira série. O **Davizinho**, que foi gerente de loja na cidade era ponta direita... Lembra do **Bodinho** que jogava no Scarpa, Maurício? **M:** Lembro. **H:** Ele era ali da turma da Vila Carvalho e jogava um bolão. O Davizinho era sobrinho dele e pequenininho, mas driblava pra caramba. Era ligeiro, corria assim que nem você. Ele começou a entortar o Eugênio no drible. O Eugênio chutou ele umas duas ou três vezes por trás, até ele capotar. Eu, que estava fora assistindo gritei “O que é isso Eugênio?” O cara partiu para cima de mim. Naquele tempo se usava um anel que vinha no gibi do Fantasma, você lembra? **W:** Uma caveira? **H:** É! Tenho um monte de marquinha no nariz, pode ver aqui. Ele me deu tanto soco na cara com aquele anel, pá, pá, pá... E eu defendendo: pá, pá e pá, mas não dava. Ele estava forte e eu fraco por causa da pneumonia. A sorte é que o **Rui Amparo**, que era professor de Educação Física e depois se tornou médico, foi na Padaria Modelo, que era ao lado da piscina do Scarpa, chegou e apartou. Ele viu o tumulto e veio apartar. Dei graças a Deus. Mas aí o que eu fiz? Falei com o Pancada e fui treinar boxe com ele e o Júlio Alcalai. Comecei a treinar, treinei, treinei e depois de dois anos peguei esse Eugenio dentro do Cine Caracante. Enfiei ele dentro da banheira de urinar, quase matei. Depois fui servir o governo, chego no quartel em Itu e quem vejo? O homem se tornou Capitão! Pulei o muro e vim embora. O que? Vou sofrer que nem gato em armadilha? Eu não. Isso deu um rolo terrível. Peguei terceira de reservista, lembra Maurício? Com a bronca que o cara tinha de mim ia me matar lá... Eu tenho um monte de marquinha, pode ver aqui no nariz, foi tudo ele que fez...

W: O senhor contou que jogou no time de futebol do **Clube 28 de Setembro** entre os anos de 50 a 60. Conheceu lá algum capoeirista? **H:** Não. Teve capoeira no 28 bem depois dessa época... **M:** Isso foi agora há pouco tempo. **W:** Foi. Parece que o **mestre Sabugo** e outros deram aulas lá, por volta dos anos 80... **H:** Isso. Na década de 50 conheci várias pessoas lá: o **Zé Jaú**, que foi motorista do Barbero, o **Araldo**, que era o goleiro. Tinha o **Tião** do Terceiro Centenário, o **João Vermelho**, o **Ito Canhoto**, o

Brasil, que era pintor... Já faz quase cinqüenta anos! O **Zé Jaú** brigava bem com as pernas e dava pernadas. Ele punha a mão no chão e ficava girando que nem pião em volta dela (movimento comum nas práticas de Street Dance, do The break-dance)... Mas isso não servia para briga. **W:** Era briga de rua o que ele fazia e não capoeira? **H:** Isso! **Ele nem sabia o que era capoeira.**

W: A passada de perna ou pernada, que o senhor mencionou várias vezes, era aprendida em roda, com música e ginga? **M:** **Já falamos que não.** A gente dava murro, cabeçada, cotovelada e a pernada era um tipo de passa pé que os briguentos davam quando tinham oportunidade. Às vezes dava certo, o outro despencava e a gente chutava. **W:** (Já meio preocupado). Desculpe a insistência. **É que um camarada disse que tinha roda de pernada no carnaval de rua em Sorocaba, na época dos senhores...** **H:** **Besteira!** Isso é como dizer que teve roda de boxe com o cara desfilando e fazendo sombra com espelho, ha, ha, ha... Na década de 50, por ai, fui o único branco que jogou no **Esporte Clube Brasil**. Tenho fotografia em casa.

O Zé Jaú era ponta esquerda do segundo quadro. Existia o famoso campo do Santa Cruz onde hoje é a Marginal e onde existem as duas torres em frente a Rodoviária no Terminal São Paulo. **W: E quando a capoeira começou em Sorocaba o senhor lembra?** **H:** Foi um pouco antes de eu casar... Eu casei em 1970. Foi quando veio aquele mestre Limão. Eu assisti na Praça. **W:** Nessa época o Jorge Melchiades tinha as Lojas A Musical. **H:** É. Tinha uma na Rua Barão do Rio branco, em frente a Casa Latorre e outra lá embaixo, do lado do **Luiz Freitas Júnior...** Ali veio cantar **Bievenido Granda**. Foi o Melchiades que trouxe! Eu fui assistir. Eu gostava de bolero pra caramba! Lembro também do **Dutra** ali... Então, **a primeira vez que vi capoeira em Sorocaba e na minha vida** foi na praça Coronel Fernando Prestes, no dia que veio lá esse **Limão**. Eu assisti com a minha noiva... **W:** O senhor lembra se os **mestres Suassuna e Silvestre** estavam nesse dia? **H:** O Melchiades eu vi lá e desse Suassuna eu tinha lido alguma coisa no jornal... Não sei se estava lá. Isso foi antes de eu casar, em 1970... **W:** A primeira academia de capoeira em Sorocaba foi na rua Arlindo Luz... **H:** Perto do Largo do Líder! **W:** Chegou a conhecer essa academia também? **H:** Lá dentro eu não entrei, mas numa das vezes que abriram as portas eu assisti de fora. Em 1969, acho.



(115)

JOSÉ CARLOS BARBOSA (entrevista: 29/12/

2004). Policial militar rodoviário reformado e residente na cidade de Votorantim. **W** - O senhor morou em Sorocaba? “Desde **1963** e durante toda a década de **70**. Trabalhei sempre no centro da cidade, nas Casas Pernambucanas e na Loja Regional, da praça. Depois, entrei na Polícia Rodoviária. Nessa época era uma cidade calma, tranqüila, bem diferente de hoje”. **W** - O senhor me relatou que gosta da História do nosso país,

tanto que coleciona a revista ‘Veja’... “Tenho inclusive a de número 1, uma de 1968, quando houve o congresso da UNE, União Nacional dos Estudantes. Revoltados com a Ditadura Militar os estudantes lutavam pela democracia. Nesse congresso foram presos mais de 1200 estudantes em Ibiúna. Entre eles estavam o **Ministro Dirceu** (hoje ex-ministro), o **José Serra** (atual Prefeito de São Paulo) e outros”.

W - E o seu contato com o pioneiro da capoeira em Sorocaba, foi na época que o senhor trabalhou no centro? “Foi. Primeiro, eu tomei conhecimento através de amigos, que **ele levava uma luta nova na cidade**. Era uma mistura das lutas que a gente conhecia, como o boxe, o judô... E isso ferveu um pouco na época porque passavam luta livre na televisão todos os sábados. Mais tarde correu o comentário de que **ele trazia para a cidade outra nova modalidade que não era só luta, mas uma espécie de dança. Coisa diferente para a época**. Havia muito comentário a respeito, mas só

fui visualizar isso quando o Jorge Melchades com o seu grupo foi representar a cidade de Sorocaba no programa de televisão ‘Cidade Contra Cidade’. Daí, tudo aquilo que as pessoas só ouviam falar acabaram assistindo pela televisão. Foi passado para o Brasil todo e aqui em Sorocaba principalmente, porque todo mundo assistiu. Foi muito comentado. Na ocasião tive a honra de também participar desse acontecimento. Eu ajudei a

A VIDA E' OUTRA COM UM FISICO IDEAL.

Agora ao seu alcance, a ginastica revolucionaria que dá a seu corpo beleza, agilidade e saude.

TUDOEIRA é um esporte de defesa pessoal 100% brasileiro e por isso o mais adequado para nossa formação fisico-espirtual. Aulas em conjunto ou particulares para qualquer idade ou sexo.

- * TUDOEIRA
- * MODELAGEM DO FISICO
- * LUTA LIVRE PARA ADULTOS E CRIANÇAS

Das 9 às 11 horas, na rua Rodrigues Pacheco, 140.

(116) Um dos anúncios da Tudoeira
Jornal Diário de Sorocaba 26/05/1968 - pág. 9
100mm x 120mm



(117) Silvio Santos, entrevistando o mestre Jorge Melchiades

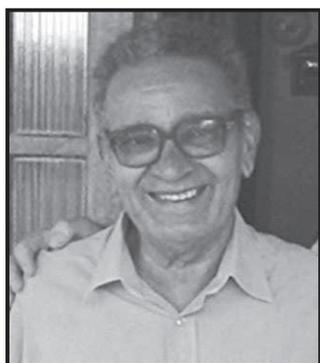
coordenar as caravanas de torcedores que saíram de ônibus da Concha Acústica. Fui um colaborador do **Salomão Pavlovsky**, que organizou tudo, e do **Fabiano**, que também era da Rádio Vanguarda e com quem eu tinha muita amizade. Acabei ajudando na organização das caravanas que levaram o pessoal para o teatro da TV Tupi, Canal 4. Antes eu só tinha comentários de que o **Jorge tinha trazido aquela luta nova para a cidade** e só conhecia ele de vista. Tinha comentários dele, mas eu não tinha amizade com ele. Fui conhecê-lo e **saber o que era capoeira** na apresentação que ele fez no programa do **Silvio Santos**. Aí eu tive a noção e a visão do que realmente se tratava. Alguns amigos meus já tinham tido a oportunidade de, algum tempo antes, não sei se questão de meses ou de anos, de assistir, se não me falha a memória, uma apresentação no Clube União Recreativo. Não me recordo da época certa, se em 1969 ou 1970, mas quem assistiu disse que era **algo novo**, uma luta muito interessante. Mas eu só fui tomar conhecimento, de fato e ao vivo, na apresentação do Silvio Santos”.

W - Depois dessa apresentação na televisão ele teve academia no prédio ao lado do Círculo, do prédio da Loja Regional, foi aí que o senhor o conheceu? “Sim. A partir da televisão tomei conhecimento da academia e do resto, pois estava muito próximo dele... Na época o programa foi muito

comentado, pois se tratava de **algo realmente novo**, de uma modalidade que nós não tínhamos conhecimento, até aquela oportunidade.

Foi coisa marcante para Sorocaba e para muitas outras cidades, porque foi **aí que se deu o conhecimento** da capoeira, que antes não tínhamos. **Diziam que tinha na Bahia...** Mas nós não tínhamos acesso às informações como temos hoje. A televisão não mostrava". (...).

W - O senhor me falou que ia relatar um fato interessante, que o marcou muito a sua vida quando era policial rodoviário da ativa... "Sim. Entre vários, um ficou marcado e nunca vou esquecer. Foi por ter conhecido o **Chico Xavier** na Rodovia Anhanguera. E eu não parei o veículo em que ele viajava para fiscalizar ou vistoriar, ao contrário, foi ele que parou e se dirigiu a mim, ao avistar-me. Era uma pessoa que eu tinha muita vontade de conhecer e acabei conhecendo de forma inesperada. O estranho é que houve uma segunda vez! Ocorreu a mesma coisa na Rodovia dos Bandeirantes, que tinha sido recentemente inaugurada. Um veículo parou e eu fui ver se quem o dirigia precisava de ajuda. Aí, ao lado do motorista quem eu vejo novamente? **Francisco Xavier**. Ele estava vindo de São Paulo onde tinha ido buscar a edição de novo livro dele. Ele comentou que ao primeiro policial que encontrasse ia presentear o primeiro volume do livro que acabava de editar e que se chamava "Amigo". Ganhei o livro. Foi muito marcante para mim a humildade dele. Ele transmitia uma sensação de paz muito grande, que dava imenso alívio interno para a gente".



(118)

ESDRAS MAGALHÃES DOS SANTOS

(entrevista: 07/02/2005). O **mestre Damião** é Oficial Reformado da Aeronáutica, Procurador Federal e capoeirista formado pelo histórico **mestre Bimba**, criador da Capoeira Regional. Ele é autor do livro "**Conversando sobre Capoeira**" e tem várias matérias publicadas na revista **Praticando Capoeira**. Embora seu depoimento não se refira à História da Capoeira de Sorocaba, contribui para a sua compreensão. Presentes

à entrevista estavam também os senhores **Miltinho Astronauta, Jorge Melchades, Celso Bersi e João Brotas**. **W** - O senhor poderia falar sobre o seu início na capoeira? "Nasci em Sergipe, no ano de **1927** e aos 9 anos fui para Bahia.

Mas foi só em **1941, (após 5 anos na Bahia)** numa festa de Nossa Senhora da Conceição da Praia que lá **eu vi pela primeira vez a capoeira.**

Fiquei arrepiado e mesmo sem conhecer nada queria entrar na roda, dar uns rodopios de qualquer jeito. Em **1946**, já aluno do mestre Bimba, contei isso para ele, que disse: 'você foi tomado pelo som do berimbau', que ele chamava de 'violino africano' e 'pelo ritmo do pandeiro''.

W - E sobre sua **vinda a São Paulo e Rio de Janeiro, em 1949?** "Fui matriculado na academia em **1946** e em **1947** estava formado, porque naquela época o curso era de seis meses e as aulas dadas por Bimba mesmo. Em **1948**, foi fazer uma turnê na Bahia o cantor **Batista de Souza**, muito conhecido em São Paulo e grande sambista. Ele se matriculou na academia e quando terminou a turnê voltou a São Paulo e fez contato com um empresário que era presidente do São Paulo Futebol Clube, acertando com ele as condições para uma exibição. Foi quando eu e o **Garrido** pegamos o 'ita no norte' e viemos para S. Paulo para fazer uma demonstração prévia. Aí, fomos apresentados ao empresário e ao **Kid Jofre**, pai do **Eder Jofre** (campeão mundial de boxe peso galo, na década de 60). Ficamos numa pensão e dias depois fizemos a exibição na academia, inclusive com tomada de faca". **W** - O senhor estava entre lutadores. Foi novidade para eles a capoeira? "Os boxeadores ficaram maravilhados porque **nunca tinham visto a capoeira da Bahia, inclusive o Kid Jofre**. Em Janeiro de **1949** veio o **Perez**, outro aluno do Bimba e começou a divulgação pelos jornais. 15 dias depois chegou o mestre, com mais seis alunos: o filho dele, o **Rosendo**, o **Edivaldo** e outros. Daí fizemos a primeira exibição no Pacaembu, onde estive o **Leônidas da Silva** e outros jogadores famosos do Palmeiras e do Corinthians. Foi uma apoteose. Mais algumas exibições e foi uma coisa de louco. Depois caiu o padrão, porque o povo já estava acostumado **com a novidade** e queria, agora, confrontos com a luta livre. Mas o mestre Bimba não queria fazer marmelada. Ele dizia que tinha de ser na lei do bode e o empresário não aceitou. Havia um contrato e virou caso para a justiça. Mas, como a gente ia se sustentar em São Paulo? Resolvemos o problema cumprindo o contrato sem envolver o mestre, que voltou para a Bahia com Edivaldo e **Brasilino**. Foi quando aprendemos que fazer marmelada é pior que lutar no duro, porque deixa extenuado. Fizemos seis ou oito lutas e aí o povo também cansou, porque queria ver sangue de verdade. Daí veio o desafio dos alunos do **Sinhozinho** e nos deslocamos para o Rio, onde foi pau para valer. Mas eu e o Garrido já estávamos quebrados das marmeladas em São Paulo e em condições só restaram o Jurandir, o Clarindo e o Perez.

O **Clarindo** nocauteou o **Piragibe** com uma joelhada. O **Jurandir** perdeu do **Luis Ciranda** (Cirandinha). O Perez tinha um deslocamento crônico no ombro e pegou o **Luis Aguiar**. Na hora da luta o ombro dele deslocou e se perdeu essa luta também. Depois de outras lutas, narradas em meu livro, eles retornaram para a Bahia e fiquei no Rio, trabalhando. Fiz exame para a Aeronáutica e passei”.

W – Havia diferença entre a Capoeira Regional e a do Sinhozinho? “O Sinhozinho foi campeão de luta livre e era apaixonado por capoeira, mas a “capoeira” dele era mais porrada. **Não era um sistema de ensino, de seqüências, como a Regional**, que tinha porrada também, mas no curso de especialização. Mas aí era briga. Então, **a ‘capoeira’ dele era briga**. Não era como a nossa”. **W** – Depois o senhor deu aulas em São Paulo? “Em **1950** voltei a procurar o Kid Jofre em S. Paulo, que me ofereceu a academia da Rua Santa Ifigênia para eu ensinar capoeira. Fui, mas como a Aeronáutica me tomava todo o tempo, dei aulas sábados à tarde e domingos de manhã, durante 8 ou 9 meses, **até o fim de 1951**. Tive de parar em virtude de transferência na Aeronáutica. Como eu, teve outros antes do Suassuna em São Paulo. Teve o **Paulo Gomes**, o **Ananias**... Agora, **quem consagrou a capoeira, deu o boom e implantou mesmo, para valer, foi o Suassuna**. Isso ninguém tira dele. Era ele o **Brasília**, o **Limão**, o **Pinatti**... E teve o **Augusto Marques Ferreira**, que deu aulas também no Kid e treinou meu irmão. Ele que projetou o Paulo Gomes”.

Jorge – Me dá licença mestre? O senhor deu aulas no centro de São Paulo... Aí chegou a enfrentar muito preconceito, como enfrentei em Sorocaba? “Você está brincando? Em tudo quanto era clube era só Judô e fim. Acabou. Nós já tínhamos demonstrado através de exposições o que era a capoeira, fizemos várias entrevistas explicando como a capoeira nasceu e o próprio Kid, com o **Valdemar Zumbano**, me arrumaram reportagem na Gazeta Esportiva; coisa de uma página inteira. Eu era aluno lá da Aeronáutica e tive boa cobertura. O Kid Jofre tinha um relacionamento tremendo e fazia minha propaganda; seus alunos também. Ele não me cobrava nada. Rapaz, eu tenho uma dívida de gratidão com ele! **E eram seis alunos**, então”.

Jorge – Seis alunos? / Damião – “Sete com meu irmão.

Numa ocasião eu fiz uma proposta para introduzir a capoeira no Tênis Clube aqui da cidade e um conselheiro se levantou dizendo: “O que? Trazer o morro aqui para dentro? A favela?”. Seis meses depois davam uma festa danada para a formatura de meninos do Judô. Depois, o **Lobão** e o **Esdras Filho** foram formados por Suassuna e fizeram uma grande exibição na inauguração da **Academia Besouro de Mangangá** (16/05/1971), aqui

em São José dos Campos. Vieram os **mestres Joel, Limão e Gilvan**, mais uns garotinhos que eram incríveis, e teve uma deslumbrante demonstração de navalha no pé. Aí, fomos mostrando como era a capoeira, estilo Angola, Regional, toda aquela coisa... Fomos embora debaixo de palma, e todo mundo queria matricular os filhos. Mas, levou 15 anos para o Lobão entrar no Tênis Clube". **Celso** – Em **1969**, quando fui conhecer quem estava fazendo capoeira em Sorocaba, conheci o Jorge, mas a primeira pessoa que vi, jogando com ele foi o mestre Limão, com quem a gente tinha amizade de S. Paulo... "Aquele Aú com Rolê que ele fazia era um monumento!". **Celso** – É verdade. Ele freqüentava a **Cordão de Ouro** e depois que o Suassuna incentivou ele a abrir a academia dele, em Santo Amaro, a gente ia jogar lá até que ele pudesse agregar... "Rapaz, o Suassuna foi o pai dessa turma! De todos eles". **Celso** – Também meu e do Jorge, que se uniu ao Suassuna para o programa do Silvio Santos. Aliás, os garotos que o senhor mencionou também estavam nessa apresentação. Tinha o **Almir**, o Lobão, o Esdras Filho... "Do Almir era a meia lua de compasso o forte...". **Celso** – Do Grupo Cordão de Ouro era o **Eli**, o **Nessin**, o Esdras Filho... "**O grupo de vocês era um deslumbramento**. Tinha para todos os gostos. O Suassuna fazia apresentação de navalha, facão, era um show completo". **Jorge** – Na apresentação do Silvio Santos o Esdras Filho não foi, nem o Lobão. Eles estiveram na apresentação que fizemos no Clube Recreativo, um pouco antes... "O Esdras começou a aprender capoeira comigo. Do pouquinho tempo que sobrava da Aeronáutica eu fui instruindo ele. Hoje em dia você o vê gingar... Olha, está saindo mais um artigo meu na revista, sobre o gingado. O Bimba ensinou que tinha de ser do tamanho do passo que você anda, pois mais do que isso fica difícil para dar golpes e até para se defender.

Agora, tem que ter parceria e jogar juntinho, um do outro, porque você não está lutando, está jogando. Capoeira é para jogar juntinho. **Eu estou jogando, não brigando. Luta é outra coisa.** Se a gente diz: vamos lutar porrada e o outro responde: vamos, aí tem porrada consentida na capoeira. Deu armada vai ter rasteira consentida e não pode ter briga, não pode ter. Aí nego toma até vôo do morcego (risos). É um show, rapaz, um show espetacular.

Para o **Adriano**, aquele menino da revista, eu digo: quando for para fazer acrobacia você avisa: "Pessoal, acrobacia agora, na capoeira". Digo para dar esse plá para o povo, porque ninguém ama o desconhecido. Aí todo mundo já sabe que se faz acrobacia. Um dia teve um que na hora

de sair para a “volta ao mundo” meteu o cocuruto no chão e vuuuu, deu uma volta. Eu disse: a hora que você encontrar uma tachinha ou um caco de vidro vai virar hindu, faquir. O cara é louco, não é verdade? Já viu esse vuuuu? Que diabo é isso? (risos) (...)”.

W – No livro, ‘Conversando sobre capoeira’, o senhor citou algo sobre a ingratidão de um ou dois alunos com relação ao mestre Suassuna... “Eu dei aquela porrada sem dizer nomes porque fazer ingratidão com quem ajudou é uma infâmia. É a coisa mais pusilânime do mundo o indivíduo se virar contra a pessoa que lhe ajudou. É traição... Todos nós somos irmãos pelo mestre: eu disse isso em S. Paulo, no simpósio, e fui aplaudido de pé, pois as relações devem ser sem raivinhas, sem ódio. Estou com 56 anos de capoeira e digo que o problema da capoeira é a união e a organização. Guardadas as devidas proporções e respeito, é normal cada mestre querer fazer melhor do que o outro, mas sem traição. Estou com 77 anos, lutando e vendo como as pessoas são. (...). Os maus se destroem por si próprios, mas o pior é que tem quem ache isso normal! E no caso citado do Suassuna, isso clama aos céus. Eu vi o Suassuna dar comida, dar tudo ao sujeito..”.

Jorge – Mas o aluno se retratou, admitiu que errou... “Eu ignoro. Mas a retratação é nobre. É nobre quem reconhece o erro”. **Jorge** – Se o reconhecimento é sincero é lindo! Representa autocrítica e aprendizagem. Aí é ir para o abraço e está tudo certo, porque a vida é cheia de recomeço. “Ódio só gera ódio e é bobagem. É de muita humildade e perdão que precisamos na capoeira, porque vocês sabem; a capoeira empolga. E há mestre que de vez em quando se vê como um Deus. É vaidade, muita vaidade que tem por aí. Isso chateia, mas temos de estar vacinados. (...)”.

W – Mestre, lendo o seu livro e também suas matérias na revista ‘Praticando Capoeira’, percebemos sua preocupação em fundamentar com documentos o que afirma... “A informação, para ser considerada veraz **depende de sérios depoimentos e documentos**, sem dúvida. Um exemplo foi o que escrevi sobre **Zumbi dos Palmares**. E mesmo provando, teve um cara que me telefonou e quando atendi perguntou: ‘Quem está falando?’, respondi: é o tenente Esdras. E ele, ‘é o mestre Damião?’. E eu: é sim. Ele, ‘sabe que o senhor é um grande filho da p...’. (risos). Os caras têm uma paixão doida e **botaram o Zumbi como capoeirista e isso é um absurdo**. Eu ainda disse para o cara do telefone: agora vai ter a pior, que é sobre a morte de Zumbi. Toda pesquisa feita na Torre do Tombo em todos relatórios que estão lá mostram que Zumbi não se atirou de despenhadeiro algum e que foi traído pelo “melhor amigo” dele, chamado Antonio Soares, que era chefe de grupo. Zumbi era um gênio da guerra, grande estrategista e guerreiro, e nisso está o merecimento dele. É ridículo o sujeito querer botar

capoeira no meio daqueles trabucos soltando chumbo. Já pensaram? Está estourando o diabo em volta e o sujeito dando aú e meia lua de compasso? É preciso ter documento para ser informação fidedigna... **‘É verdade, sem dúvida alguma’ só quando você apresenta as provas.** Aí sim. Um dia eu pego a revista de capoeira e lá tem um frei que só não disse ter sido guia de cego. É PHD disto, daquilo... Vou investigar para ver se era verdade o que ele declarou e era “chute”. Assim todo mundo diz também que foi **Rui Barbosa** quem mandou queimar os registros da escravidão provo em texto a ser publicado que não foi...”.



(119)

JORGE MELCHIADES CARVALHO FILHO

(entrevista: 14/11/2004). É escritor, advogado, dramaturgo, diretor de teatro, palestrante de Psicologia Racional (ciência criada e desenvolvida por ele), fundador do NUPEP, diretor de escola de ensino fundamental, professor, mestre pioneiro do ensino da capoeira em Sorocaba e criador do estilo da Capoeira Mística.

W – Mestre, o senhor é daqui mesmo de Sorocaba? “Sim. Nasci na Vila Leão, em **1940**”. **W** – Como conheceu a Capoeira? “Ouvi falar dela com 7 ou 8 anos de idade, em trem da Sorocabana que retornava de São Paulo. Um passageiro contava a meu pai que viu um capoeira frágil bater em vários homens ao mesmo tempo e fiquei muito interessado, porque eu vivia brigando com meninos maiores e muitas vezes apanhando. A partir de então, **passei a procura-la por toda parte, inutilmente.** Entre **1963 e 1965** trabalhei em São Paulo e apesar de circular pelas ruas centrais da cidade, só pude encontrar a primeira edição do livro de **Lamartine P. da Costa**, ‘Capoeira Sem Mestre’”, e passei a treinar os golpes ali descritos, enquanto **partes** isoladas de um **sistema** que continuei desconhecendo. Não tive a sorte do **mestre Pinatti**, por exemplo, que morava em São Paulo desde 1935 e também começou a aprender por esse livro, com a vantagem de ter presenciado um jogo de capoeira. Ele, num dos depoimentos mais honestos que já vi, sobre capoeira, contou isso numa revista (Ginga Capoeira n.14), e também que **foi em 1967 ou 1968** que o **mestre Suassuna** começou a ensinar capoeira Regional no quintal da casa da mãe dele. Para os pioneiros na capoeira do Estado de São Paulo foi dureza essa época, não só por causa dos preconceitos como também porque nas décadas de 60 e 70 as pessoas tinham hábitos sedentários; ainda não tinham sido convencidas pela mídia a freqüentar academias ou a **consumir** ginástica, e os raros que praticavam alguma, além da obrigatória

nos colégios, eram chamados “desportistas”. Comum era garotos e rapazes praticarem futebol antes de casar, quando então, a maioria parava. Poucos moços e moças praticavam basquete, natação ou outra modalidade atlética. Quando montei academia, em **1966**, no prédio da Rua Rodrigues Pacheco 140, que aluguei do senhor **Eleutério Moreno Pintor e senhora**, que possuíam um Supermercado na Rua 15 de Novembro, eu achava complicado explicar aos pais de alunos que pretendia ensinar os filhos deles a brigar, por isso criei uma exibição de luta em que incluí rasteira, meia lua, chincha etc., e a chamei de **Tudoeira**. Englobava seqüências de técnicas usadas em briga de rua e seu treino ora parecia *tele-catch* ora Vale-tudo. Foi por isso que alunos como **Antonio Pascoto, Ezequiel Mena, Natale Zuanette** e outros passaram a fazer exhibições públicas de luta-livre. Eu ensinava empresários, estudantes, comerciários, funcionários públicos etc., dois ou três dias por semana a se **defender** de ataques de valentões nas ruas, o que era muito diferente de preparar atletas para torneios. Mesmo assim, no modo de sintetizar movimentos eficientes a Tudoeira acabou sendo precursora do Vale-tudo atual. O **Hélio**, por exemplo, depois o **Carlson** e demais membros da família **Gracie**, que sempre admirei, viviam desafiando lutadores de qualquer modalidade pela televisão, para lutas de Vale-tudo. Mas na época, se opunha uma arte marcial à outra, porque o lutador de *Jiu-jitsu* enfrentava o pugilista, o judoca o carateca etc.

A Tudoeira foi precursora daquilo que os praticantes de Vale-tudo descobriram apenas recentemente, ou seja, que é melhor no Vale-tudo o lutador ser completo, ou saber trocar socos e pontapés, tanto quanto dar e receber quedas e lutar no chão. Hoje o lutador pode ter como base a modalidade do Jiu-jitsu ou outra, mas se quer participar do Vale-tudo também tem de aprender a usar o que há de melhor no Boxe, no Muai Thay, no Caratê etc. E isto eu já propunha **há 40 anos**, para o “vale-tudo” original, primitivo, da briga de rua”.

W – Devido à violência de hoje...(Esta pergunta e a resposta já foi publicada no NP 13).

W – A academia de Tudoeira foi em parceria com o judoca **Haruo Nishimura**? “Não no início. Montei academia em **1966** e o Haruo me procurou para propor parceria em **1967**. Aceitá-la foi um problema porque o Haruo fazia concorrência ao **Júlio Sakae Yokoyama**, judoca faixa preta de valor extraordinário, que era meu vizinho e tinha academia ao lado. Falei com o **Júlio** e ele não colocou barreiras. Dei graças a Deus, porque finalmente iria me livrar do dojo improvisado: uma lona cobrindo pó de serra... Meus alunos

viviam reclamando que o pó da madeira os fazia “cuspir sarrafo” após os treinos. O Haruo tinha academia no subsolo do antigo Hotel Vicente, na Rua Souza Pereira, e como todo abnegado tinha receita deficitária. Propôs-me parceria para dividir as despesas. Aceitei e ele trouxe os tatames dele. Tudo importado do Japão, bacana, de esteira trançada e lona nova. Aquilo era caríssimo! A academia ficou tão bonita que até aproveitei para treinar Judô com ele, junto com o **Guarda Civil Peralta**, o dentista **Rafael Pássaro**, o **Ary de Almeida**... Mas, ainda sonhava conhecer capoeira ao vivo e no segundo semestre de **1968** li um anúncio em jornal de São Paulo, de uma academia que funcionava no velho prédio Martinelli. Era a do **mestre Valdemar Angoleiro**. Corri para lá empolgado, mas já não era mais o menino encantado por lendas e mitos. Sabia que todas as modalidades de lutas apresentam alguns golpes que atendem ao propósito de exibição, mas são de pouca eficiência para a defesa pessoal. E o meu objetivo principal era o de extrair delas só as técnicas que funcionassem nas situações de conflito real. Mas terminei encantado e como criança, novamente, agora pela alegria, pela música, pela mística e poder de enfeitiçar e sociabilizar da Capoeira. Também achei incrível o exercício físico que proporcionava.

Mestre Valdemar nos acolheu com muita camaradagem e na academia dele ainda se aplicava o método da **oitiva**, isto é, você prestava atenção e depois imitava. Eu e o **Jorginho** passamos a treinar em São Paulo dois dias por semana. Como meu corpo era bem preparado e pelo fato de ter praticado os golpes desvinculados do sistema, aprendi rápido a integrá-los na ginga e a fazer um jogo simples, mas duro, que me permitia entrar e sair de rodas sem apanhar... muito (risos). Nessas alturas a parceria com o Haruo terminou e ele me deixou sem dojo, abandonado sobre um frio e rústico piso de concreto. Como em Sorocaba só tinha cego em capoeira e eu já tinha um olho, decidi abrir escola para ela e busquei alugar um salão revestido de ladrilho, pois era só o que sua prática exigia.

Fui para o prédio da Rua Dr. Arlindo Luz 98, que também pertencia ao senhor Eleutério. E foi ali que surgiu a **primeira academia de capoeira em Sorocaba**, no início de **1969**.

Devido aos compromissos empresariais, logo fiquei impedido de treinar em São Paulo e como havia conhecido o mestre **Paulo Limão** convidei-o para vir ensinar-me e ao Jorginho. Ele veio e passou a ficar nos sábados à tarde também, para participar das rodas que fazíamos com as portas da academia abertas ao público. O mestre **Silvestre** passou a vir junto e um dia também apareceu por lá o **garoto Celso Bersi**, que visitava parentes em Sorocaba. Foi conferir a academia e quando a achou reconheceu o



(120) Mestre Jorge jogando com Romeu (2004)

Limão, que o abraçou festivamente e nos apresentou. Aí aproveitou e entrou também na roda... Depois, sempre que vinha à cidade aparecia para conversar e jogar. O Limão, por sua vez, parou de vir porque procurava meios de montar a própria academia, que foi a **Quilombo dos Palmares** e o Jorginho, para aprimorar seu jogo de Angola passou a freqüentá-la. Parece que o **mestre Limãozinho** o mencionou, na “Homenagem Ao

Grande e Eterno mestre Limão” feita pela revista “Praticando Capoeira” (nº 06). Como minha preocupação era não dar moleza em brigas, meu jogo continuou simples, preservando a cautela das brigas de ruas e da Tudeira. Todavia, eu era empresário e encarava a capoeira como a Tudeira, isto é, como lazer e prazer, sem pretensão de profissionalismo. Inclusive, a via como **treino** para a defesa pessoal, para uma briga ou luta, e a amei como vadiação, diversão e arte de sociabilizar. Assim eu a ensinava a empresários, estudantes, comerciários, funcionários públicos etc. O meu amigo e ex-aluno **João Carlos do Amaral**, ao dar entrevista a você (NP 10.), declarou a situação dos meus alunos que eram da classe média e trabalhavam de dia e estudavam à noite, sem tempo nem intenção de fazer da capoeira uma especialização profissional. Aliás, só raros capoeiras de São Paulo tinham essa pretensão. Devo lembrar, que a capoeira só passou a ser visada como profissão na segunda metade da década de **70** e nos anos **80**, no grande “boom” que a levou à aceitação pública e à popularidade internacional.

Por outro lado, na época ninguém usava cordão nem era mestre. Mestre só tinha na Bahia e os cordões só foram adotados após **1973**. Isto tudo o Pinatti também declarou na revista. O sujeito era formado com dois anos de prática e já ia ensinar; ser professor. O mestre se formava era na **prática do ensino**”.

W - Li depoimentos de mestres antigos a esse respeito, inclusive uma matéria na revista Superinteressante (ano10, n.5: “Os ortodoxos não aceitam o sistema de graduação – o da Confederação Brasileira de Capoeira. Acreditam que alguém só pode ser chamado de mestre quando sua vocação de educador e sua sabedoria de conselheiro, além da habilidade aparecem naturalmente”). “Pois é! Se havia uma tradição era essa. E creio

que inspirei respeito, na ocasião, porque capoeiristas, jornalistas e pessoas em geral passaram a me tratar como mestre”.



(121) Grupo Capoeira Mística (2005)



13. NOSSA POSIÇÃO Nº 16

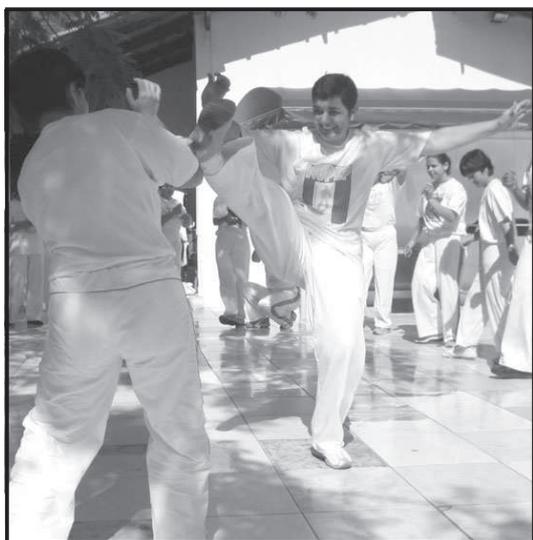
Dezembro/ 2005



(122)

MÁRCIA BRIZOLLA (entrevista: 07/11/2005). É formada em Direito, funcionária da Nossa Caixa e membro da diretoria do NUPEP. **W** - A senhora foi uma das primeiras mulheres a treinar capoeira na cidade? "Hoje sabemos que a professora de balé, **Janice Vieira** (NP 14), foi **a primeira mulher a treinar capoeira na cidade**, com o mestre **Jorge Melchiades**, juntamente com suas alunas de balé-teatro (1969-1970). Eu, minha irmã **Marlene** e as amigas **Malu** e **Marisa**, também irmãs, treinamos com ele **8** anos depois, entre **1977** e **1978**, na loja de roupas que ele possuía. Mas foi passageiro e por curiosidade, porque éramos próximas a ele e o grupo era fechado. Nós estudávamos e tínhamos outras prioridades. Eu parei na época em que vieram outros capoeiras para a cidade (**mestre Sabugo**) e começava uma aproximação com eles. Minha irmã e a Malu continuaram mais um pouco e "ficaram famosas", quando a foto delas, treinando na Academia que o Jorge abriu na Rua da Penha foi publicada nos jornais (NP 8). Em seguida, elas também pararam".

W - A senhora comentou antes, que assistiu ao debate da imprensa com os artistas, em 1984, na Biblioteca Municipal. Como foi? "Ah, esse debate...! Foi muito marcante! Na época eu trabalhava no escritório de



(123) Márcia (2004)

advocacia do Jorge e acompanhava sua dedicação a uma entidade representativa de artistas da qual era Presidente. Puxa! Lembro que esse foi mais um dos rebuliços que ele criou na cidade... Estive também em outro debate no **auditório do jornal Cruzeiro do Sul**, que ele teve com figuras importantes do teatro e da intelectualidade sorocabana, como **Osório Teodoro de Moraes, Armando de Oliveira Lima, Carlos Roberto Mantovani, Lourival Maffei**, na época Delegado Regional de Cultura, mais um representante

de entidade estadual, que não lembro o nome (**Maurício Pacheco Chagas**). O jornalista **Geraldo Bonadio** presidiu o evento. Este debate foi mais concorrido; torcidas se manifestaram e teve bastante barulho, vaias e aplausos. O Jorge provocou um “auê” na cidade, porque procurava mostrar aos jovens interessados em promover espetáculos, que podiam realiza-los sem a aprovação dos que faziam “pose de autoridade” e de “elite teatral” na cidade. Lembro que ele dizia respeitar esses artistas, mas questionava a inibição que causavam à expressão artística e intelectual dos mais novos. Lutando para diminuir essa influência inibidora o Jorge falou na Biblioteca. O recinto estava lotado e o Jorge se dirigiu aos jornalistas, falando que eles promoviam artistas de fora da cidade e espetáculos globais com bastante entusiasmo, o que não ocorria quando eram os locais, mostrando considerar “bons” apenas os de fora. Disse que, com exceção de um, ou outro privilegiado da “elite”, os artistas da cidade precisavam mendigar a divulgação de seus espetáculos... E concluiu dizendo que se os radialistas e jornalistas locais fossem julgados da mesma forma, também seriam de uma “elite” arrogante, mas sem serem “bons”, pois se fossem, trabalhariam em rádios e jornais de fora. Aí foi uma loucura! Um dos jornalistas, que hoje é alta patente em um dos jornais locais, esmurrou a mesa e esbravejou... Em vez de o discurso provocar reflexões quanto aos preconceitos denunciados, ou uma contestação com argumentos ponderados, revoltou a todos. Pensei que iam linchar o Jorge! Naquele dia, até eu achei-o bruto, agressivo, pois não tinha ponderado na lógica da sua exposição. Mas, sendo sua secretária, arqueei anotações do discurso que fez e pude revê-las anos depois e compreender, que nele não havia brutalidade, apenas lucidez!

Esse fato, porém, lhe rendeu perseguições injustas, de pessoas medíocres, cujos ressentimentos mesquinhos repercutem ainda hoje. Essas pessoas passaram a “abafar” o trabalho do Jorge, dando ínfima ou nenhuma divulgação aos eventos que ele realizava na direção da entidade, principalmente um festival de teatro amador, que igual a cidade nunca teve, nem antes e nem depois. **Sem depender de verbas públicas** ele trouxe palestrantes e grupos de várias partes do estado, em acontecimento grandioso. Também fizeram tudo para “apagar” a atuação do Jorge na memória do Teatro e da cidade. Você não viu isso acontecer com o pioneirismo da capoeira, em suas pesquisas?” **W** – É verdade. Quem pesquisar, ainda que superficialmente os jornais da época, e confrontá-los com os atuais, **percebe logo que os inventores de falsos “capoeiristas” na cidade, são amparados por jornalistas da época.**

“Não digo que houve um urdido complô para “boicotar” o Jorge, mas que pessoas frustradas e ressentidas se uniram para promover outras sem tantos méritos, na tentativa de “apagar” a incômoda atuação do Jorge. Ele é muito aberto e franco, por isso se expõe demasiado a quem não está acostumado com franqueza! Ele se propõe a **unir** pessoas e ao tentar, cria polêmicas. Aí, há pessoas que se **unem** a ele para realizar o projeto e outras que se unem contra ele e o projeto.! De qualquer modo se **unem**. O **Plínio Marcos** foi perseguido e considerado escritor **maldito** pela origem pobre, formação não acadêmica e franqueza ao expressar idéias e quando o Jorge o trouxe a Sorocaba para fazer palestras, logo vi que se pareciam, pois muitos também viam o Jorge como um **intelectual maldito**. Os que sabem, porém, dos ideais que ele persegue, deixam de estorvar e de dar vexame público, para colaborar. Eu e muitos outros preferimos tentar, ao lado dele, construir uma sociedade humana melhor, e por ter aprendido isso com ele, dedicar-lhe imenso respeito, carinho e eterna gratidão”.



(124)

O QUE DIZ O POLÊMICO MESTRE?

JORGE MELCHIADES CARVALHO FILHO

(entrevistas: 14/11/2004 e 20/11/2005). **W:** Na gravação de áudio, do programa do Silvio Santos, em que seu grupo de capoeira se apresentou em **1970**, pode-se ouvir grande aclamação do público. Foi um sucesso?

Jorge: Foi.

Essa gravação é faixa do CD que está aí na praça, o “Brincando na roda de Capoeira Mística”. Trata-se de documento importante, onde se verifica como a capoeira era desconhecida até do Silvio Santos. Nele você ouve jurado se gabando de saber mais que outros só porque a tinha visto, um dia, na Bahia!

Agora, no grupo tinha alunos meus e do **Jorginho**, do **mestre Suassuna** e ainda o saudoso **mestre Paulo Limão**. Em todo Estado de São Paulo, na época, só havia um grupo estável: o do Suassuna, e isto em razão de seus excepcionais talentos. Ninguém pode imaginar, tendo em vista a realidade de hoje, o quanto tudo foi difícil para os pioneiros! Antes do trabalho deles tornar a capoeira **moda**, no fim dos anos **70** e a partir dos **80**, ela era repudiada como coisa de vagabundo e de marginal. Pior no interior do Estado! Em Sorocaba, que parece ter sido a **cidade** interiorana **pioneira** no ensino dessa arte, tanto na academia da Arlindo Luz (1969 e

1970), como na do prédio da Caixa Econômica Estadual (1971 e 1972), na praça Cel. Fernando Prestes, só uns poucos alunos apareciam nas férias escolares e partiam quando elas findavam. Se eu ensinasse a desocupados, ou a pessoas com tempo maior para treinar, talvez fosse diferente, mas para fazer frente às despesas do aluguel eu precisava dos que trabalhavam e podiam pagar mensalidade. Tentei um acordo com a prefeitura para dar aulas gratuitas em praças da cidade, mas funcionários públicos com mania de grandeza tomaram minha boa intenção como **submissão** à arrogante pose de “poderosos”. Fui rude com eles e estraguei tudo (Diário de Sorocaba, 06/05/1970 - foto 67). De qualquer jeito, eu mantinha a academia só por teimosia, pois vivia no prejuízo, motivo pelo qual, depois de fecha-la em **1972**, parava aqui e voltava ali, sem assiduidade. Em **1973** o Jorginho se estabeleceu novamente, numa sala da Rua São Bento, mas não a conseguiu manter. Daí, desistimos de montar academia e fomos ensinar no Clube de Campo Jardim São Paulo. Paramos. Em seguida fomos para o Circulo Italiano. Paramos. Ficamos perdidos por aí, treinando de vez quando com alguns iniciantes esporádicos e quando possível com o **Celso Bersi**. Freqüentar rodas da capital exigia disponibilidade que como empresário eu não tinha, por isso a academia era o local ideal para reunir amigos e treinar. Mas virou um luxo caro que eu não ia sustentar! Os clubes ou locais cedidos para treinos, por sua vez, impunham regulamentos e exigências justas, mas que não atendiam nossas necessidades e disponibilidade. A tudo o que tornava inviável a continuidade, se somavam os problemas empresariais, pessoais e familiares, pois nessa época deixei empresas e a esposa, tudo o que havia construído até então, para recomeçar tudo da mais negra pobreza financeira... Só pude voltar a ter local próprio para capoeira no começo de **1978**, quando montei a **Escola Magnus** na Rua da Penha.

O MESTRE SABUGO

W: Toda dificuldade não foi por falta de divulgação? **Jorge:** Divulgação teve demais! Veja que o **Luiz Sabugo** chegou em meados de **1977**, dedicando-se totalmente ao ensino da capoeira. Cobrava, mas para formar logo um grupo aceitou alunos que não trabalhavam nem pagavam, e até **1982** não conseguiu alugar prédio algum. Começou e permaneceu nos clubes e locais cedidos. No desenvolvimento industrial e comercial a partir de **1975**, os imóveis valorizaram e o valor dos aluguéis subiu assustadoramente, principalmente na área central.

E em **1977**, o mestre Sabugo, apesar de encontrar menos preconceito, de ser ótimo capoeirista e pessoa muito carismática, e de levar um trabalho magnífico e muito divulgado na cidade, até **1982**, ainda enfrentou enormes dificuldades. Fotos dele jogando com o acrobático **Marcus Sérgio** eram tão bonitas que foram aproveitadas pelos jornais para ilustrar matérias sobre capoeira e folclore, muitos anos após ele ter saído de Sorocaba.



Capoeira já foi mandinga de negro. Hoje é escola

Em pé, os homens que fazem a música: o do berimbau, o do pandeiro. Quem puxa o canto. Os versos, não importa se tenham métrica ou rima.

(125) No 1º plano o Jorginho faz parada de mão, e ao fundo, com o berimbau, Juraci B. Martins

Capa do jornal Diário de Sorocaba
24/10/1969 - 130mm x 210mm
(continuação na pág 2)

Primeiros Capoeiras serão batizados no mês de dezembro

A Academia de Ginástica | Essa cerimônia, chamada Nacional, a primeira em Sorocaba, especializada para o estágio que antecede à for-

(126) Jornal Cruzeiro do Sul
13/11/1969 - pág. 8 - 90mm x 150mm

capa. Foi ao programa do **Silvio Santos**, quando só havia três ou quatro canais de tevê no Brasil e ele era líder absoluto de audiência. Além disso,

E olha que também recebeu apoio da Prefeitura Municipal, pegou o início da capoeira moda e foi assessorado por **iniciados** de outros mestres, que vieram para Sorocaba atraídos pela grande oferta de empregos provocada pelo desenvolvimento industrial a partir de **1976**, como o **Falcon**, o **Escravo**, o **Baiano Velho** e os que ele mencionou na entrevista (NP 9). Você pesquisou e sabe, que minhas academias foram amplamente divulgadas. A de Tudosieira foi bem sucedida. Atraiu muitos alunos, mas era como o atual Vale-tudo, na época considerada pancadaria interdita pelos bons costumes. Era ótima para a defesa pessoal, mas lhe faltava a motivação do esporte, que integra atletas dentro e fora

da academia. Achei que a capoeira possibilitaria a integração, e esta foi uma forte razão para eu parar seu ensino e começar o de capoeira, cuja academia foi divulgada mais do que qualquer outra posterior, da cidade. Publicava grandes anúncios periódicos, foi assunto nas rádios e jornais e muitas vezes matéria de

E' tanta coisa bonita que só vendo! Vá ao Recreativo e conheça a caoeira, sua beleza, sua técnica, seu prodígio. O espetáculo será dado pela Academia Nacional de Ginástica, do jovem mestre Jorge Melchades, com renda total para o Natal dos Pobres da Casa Transitoria André Luiz.

(127) Capa do jornal Diário de Sorocaba
14/11/1969 - 140mm x 260mm



Que é capoeira?

E dança? E' folelore? E' luta? Você terá as respostas para estas perguntas no Espectáculo de Capoeira, dia 23 próximo, com início às 21 horas, no Clube União Recreativo.

Capoeira, no entanto, adquire que a capoeira não tem ligação com macumba ou folclore. Mas apresenta aspectos curiosos, com um mundo estranho e exótico. E' muito difícil assistir-se, a uma luta de capoeira sem se empolgar com seu ritmo e beleza coreográfica. O lutador, quando guiado pelo som do berimbau, transforma-se estranhamente, assumindo o aspecto de transe, e executa movimentos prodigiosos e acrobáticos. Sua beleza rítmica escondida a violência dos golpes que, em sua maioria, podem produzir a morte do oponente.

Nunca a capoeira foi analisada e hoje, agora, cientificamente, tenta-se. Para se aguilatar o seu valor. Lasta notar que, na segunda metade do século XIX, o malandro habitador de capoeira brasileira, ao procurar para correr uma patrulha italiana de polícia. Por esta razão é que com o advento da República, o marechal Doodoro da Fonseca iniciou o combate à capoeira, fazendo com que o código penal previasse cadeia para os praticantes de exercícios de agilidade e destreza corporal conhecidos pela denominação de capoeiragem. Hoje, no entanto, a capoeira tem outro sentido, um outro conteúdo, é cultura física, é ginástica, é educação, é espetáculo, é academia. E' tanta coisa bonita que só vendo! Vá ao Recreativo e conheça a capoeira, sua beleza, sua técnica, seu prodígio. O espetáculo será dado pela Academia Nacional de Ginástica, do jovem mestre Jorge Melchades, com renda total para o Natal dos Pobres da Casa Transitoria André Luiz.

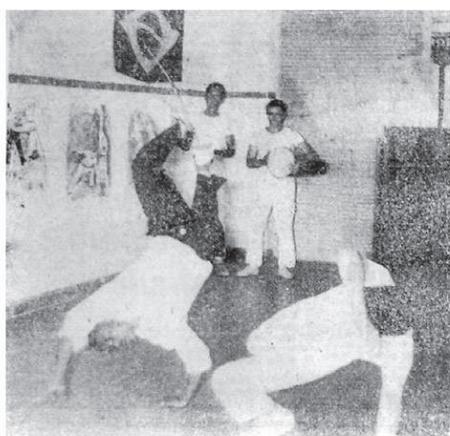
A capoeira era briga, agora é espetáculo

No começo, a capoeira era luta mesmo, era briga mortal. Por isso não podia ser esporte. Cada golpe matava. Uma «chapa-de-frente» no peito era um dos golpes mortais, que fazia parar o coração na hora. Não é como o judô, que uma chave de braço pode ser apertada

passou a ser também defesa.

Hoje em dia, entretanto, a capoeira obteve ainda outros novos coloridos e deixou de ser briga e passou a ser ginástica, cultura física, agilidade, demonstração de destreza, coreografia, espetáculo emocional.

(128) Jornal Cruzeiro do Sul
20/11/1969 - pág. 9
150mm x 170mm



Capoeira foi briga, agora é espetáculo

Vai ser apresentado no Clube União Recreativo, na próxima quarta-feira, às 21 horas, um espetáculo de capoeira, com toda a sua emoção, suspense, coreografia e destreza. O espetáculo, que é inédito em Sorocaba, estará a cargo da Academia Nacional de Ginástica, do jovem mestre capoeirista Jorge Melchades. Estarão também presentes figuras de realce dentro do capoeirismo nacional.

O jogo será feito sob a música rítmica dos berimbaus e sob o ritmo exaltante dos atabaques, da caixa e dos tambores instrumentais afro-brasileiros.

Será um espetáculo beneficente, cuja renda total será entregue à Casa Transitoria André Luiz, de Sorocaba, para o Natal de seus pobres.

Quem deseja ver este espetáculo curioso pelo seu desartífice transformado em cultura, poderá obter convite (NCR\$ 1,00) nos balões dos jornais, no Recreativo ou com os diretores da Casa Transitoria.

(129) Capa do jornal Diário de Sorocaba 23/11/1969
170mm x 140mm
(continuação na contracapa)



A capoeira era briga mortal; agora é um grande espetáculo

No começo é que foi bom — comenta um capoeirista fanático e completa dizendo que «a capoeira era luta mesmo, era briga mortal. Por isso é que não podia ser esporte. Cada golpe matava. Uma «chapa-

de-frente» no peito fazia parar o coração na hora. Não é como judô. Uma chave de braço pode ser apertada aos poucos. Para o capoeirista

(Conclui na última página)

(130) Contracapa do jornal Diário de Sorocaba
19/11/1969 - 140mm x 230mm

todas cidades da região foram mobilizadas pela imprensa escrita e falada para assistir ao feito grandioso, que graças ao saudoso **Salomão Pavlovsky**, da Rádio Vanguarda, rendeu publicidade difícil de ser conseguida e impossível de ignorar. Eu e o Jorginho, juntamente com Celso Bersi, mestre Suassuna, e seu grupo, mais o Paulo Limão e o Silvestre, também nos apresentamos no programa da **Xênia**, na antiga TV. Bandeirantes, em praças públicas e em clubes da cidade e região.

W – Foi o mesmo grupo da TV, de **1970**, que se apresentou no Recreativo? “Em **1969** eu queria batizar alunos e dar um espetáculo na cidade. Achava que esclarecendo o público sobre a capoeira atenuaria o preconceito que impedia a freqüência na academia e me prejudicava, social e profissionalmente. Era ingênuo! Ainda não sabia que o preconceito mantém pessoas “em segurança” diante de algo **diferente** dos velhos **padrões mentais** e que exige aprendizagem ou **mudança**. Tudo que destoa dos **padrões habituais** perturba e o preconceito é como o travesseiro com o qual a criança “se protege”, encobrindo a cabeça e tampando os ouvidos quando está com medo. É refúgio que impede o indivíduo de **ver, ouvir e aprender** sobre o que inconscientemente teme. Eu queria dar um grande espetáculo, mas com os poucos inexperientes da minha academia só faria um jogo sem graça. Os menos experientes não tocavam nem cantavam, e se os mais experientes, no caso eu e o Jorginho, tocássemos e cantássemos, não havia ninguém para fazer um jogo mais atraente. Por isto, resolvi trazer capoeiristas da capital, que naquele tempo não era fácil achar. Eu tinha perdido o contato com **Valdemar Angoleiro** e o Paulo Limão levou-me para conversar com o mestre de uma academia em travessa da Av. Brigadeiro Luiz Antônio, cujo nome não digo para não criar embaraços. Acertamos, e ele prometeu reunir outros capoeiristas e vir. Anunciei na imprensa que o evento seria em sábado de Novembro, de **1969**, no Recreativo, às 21 horas. Como era novidade na cidade, o clube, sob a direção do saudoso **Pedrinho Salomão**, encampou o evento. Toda renda que o amigo **José Luiz Pereira da Silva**, levantaria com a venda antecipada dos ingressos, era para a Casa Transitória André Luiz da cidade, da qual era dirigente. Na noite aprazada, passava do horário quando me dirigi ao público que lotava o clube, para pedir paciência que o pessoal da capital já viria...

Na época, as pessoas podiam ficar sem medo nas ruas até de madrugada e os espetáculos começavam tarde. Ninguém atendia ao telefone do mestre, e já eram quase 22 horas quando, “morrendo de vergonha”, pedi perdão a todos e devolvi os ingressos. O espetáculo foi adiado. O mestre, um dos

pioneiros paulistas, não veio, porque, apesar de ensinar na capital, onde já existiam capoeiristas, também não tinha grupo formado nem conseguiu reunir um eventual.

O MESTRE SUASSUNA EM SOROCABA

Jorge: O Kiko, do jornal Cruzeiro do Sul, não perdoou e escreveu na sua coluna que “já esperava isso de capoeiras”. Foi dureza! Sentindo-me desmoralizado falei com o então menino **Celso Bersi**, que vinha sempre de São Paulo, jogar em nossas rodas de sábado. Não faltava, pois começou namoro com a também menina, **Cleusa Maria Miliani**. Ele me levou à academia da Rua das Palmeiras para conhecer seu professor, **Reinaldo Ramos Suassuna**, moço que jogava Angola e Regional lindamente e fazia arrepiar a todos que o assistiam. Esse mestre é um baiano alegre, gozador e de riso largo, que sempre inspirou sabedoria, paz, amizade, lealdade, humildade e integridade. Cantando como um verdadeiro “canário da Alemanha”, irradiava tanto fascínio que logo o vi se tornar líder dos capoeiras no Estado e mestre dos mais importantes no Brasil e exterior. Veio, e apresentou os alunos formidáveis da sua primeira turma de formados e do grupo paulista pioneiro: **Lobão, Anande das Areias, Esdras Magalhães Filho, Celso Bersi, Freguesia, Dirceu, Bentinho, Eli, Caio, Terval e outros. Também vieram os mestres Paulo Limão, Silvestre e Joel.** Agradeço sempre a todos, por ajudarem a resgatar meu compromisso com a cidade, dando um show inesquecível. Desde então, depois dos mestres Valdemar, Paulo Limão e Silvestre, o Suassuna também tentou tornar-me um bom capoeira. A despeito de ter conseguido, ou não, credenciou-me a ensinar na filial do **Grupo Cordão de Ouro** em Sorocaba, **a primeira** das muitas hoje espalhadas pelo mundo. Honrado pelo encargo, fiz o melhor que pude, tendo a capoeira como **modo festivo e alegre de treinar** defesa pessoal, razão pela qual dispensei saltos acrobáticos e firulas. Nunca me ocorreu a capoeira como profissão, pois via nela a dança deliciosa capaz de manter o corpo saudável e a brincadeira cativante que alegrava o espírito, a ser ensinada e aprendida nas horas de folga ou de “vadiação”. Com esta visão e um desempenho “que dava para o gasto”, respeitei e fui respeitado por todos que me viram jogar ou comigo jogaram.

W: Como foi o primeiro nome da sua academia? **Jorge: Academia de Ginástica Nacional.** Com esse nome eu visava atenuar o preconceito do público, pois apelava ao **nacionalismo** exaltado pelos militares no poder. Você lembra da música de **Don e Ravel**, “Eu te amo meu Brasil”? Então!

Antes, a capoeira foi chamada “ginástica nacional” por alguns nacionalistas, e o termo “nacional” tinha uma razão de ser, coerente com a época em que eu fazia de tudo para vencer preconceitos. Devo ter conseguido algo, porque esse trabalho inicial resultou nas **duas academias mais antigas** e tradicionais da cidade! O nome de “Ginástica Nacional” está aí, apesar de “meio maquiado” pelo filho que projetou o próprio nome obedecendo ao **padrão psicológico** de conservar o sobrenome do pai. Está aí, **36 anos depois**, para quem **quiser ver**, ao lado da gloriosa filial do Grupo Cordão de Ouro, hoje conduzida pelo **José Lucas Neto**, competente contramestre do mestre Suassuna.

W: Outros ensinavam lutas na cidade, nesse começo?

Jorge: Até o final da década de **60** Sorocaba foi cidade acanhada. Nela, a maioria dos bairros periféricos de hoje não existia e as pessoas ainda se cumprimentavam nas ruas. Em volta da área central havia muito mato e terrenos vazios. Nessa cidade pacata dos meus sonhos, cujas lembranças provocam fortes emoções, quase todos os cidadãos terminavam se encontrando no *footing* da praça, nos cinemas, nas igrejas, no mercado, no centro comercial...

Só para você ter idéia, na rua 7 de Setembro, onde é o Clube Ipanema, até quase o largo 9 de Julho, era mato. Na Rua Artur Gomes, da rua sete para baixo, até a rua Pernambuco, tinha verde dos dois lados, e do lado do “buracão”, o mato se prolongava quase até a rua Rio de Janeiro. Os que tentavam algo menos tradicional, antes do desenvolvimento incrementado nos meados da década de 70, sofriam. O valente pugilista paraguaio, **Alberto Júlio Alcalai**, por exemplo, embora muito abnegado, penou ora aqui e ali, desde **1950**, para ensinar boxe. Por volta de **1960** o “**Cigano**” ensinou boxe e promoveu lutas de marmelada, bailes de carnaval, forró, festas, tudo o que se pode imaginar, na academia que montou no início da rua Cel. Nogueira Padilha, mas nem assim passou de dois anos.

JUDÔ, JIU-JITSU, VALE-TUDO E TUDOEIRA

Jorge: Os abnegados do Judô se deram melhor e a modalidade vingou após a **colônia japonesa** ensinar na Avenida Afonso Vergueiro, em frente ao Scarpa, desde a década de **50**; o **Hugo Kluppel** surgiu depois, na Rua da Penha, ao lado de onde hoje é a Biblioteca Infantil e em seguida os valorosos **Júlio Sakae Yokoyama** e **Toninho Rizado**. **W** - O senhor não gostava de Boxe e Judô? “Certamente! Até treinei! Mas uma **modalidade**

só usava os punhos e a outra criava dependência de quimono. Nas ruas ninguém usava quimono ou só os punhos, e para a defesa pessoal eu procurava algo como o Vale-tudo atual, que na época não existia como **especialidade**, pois quando acontecia era visto como briga e execrado pela moralidade pública. Hoje, 40 anos depois, tendo vários campeões brasileiros brilhando no exterior, ainda tenta se firmar no Brasil. Foi o notável **Hélio Gracie** que notabilizou o Vale-tudo no exterior, na década de **90**. Na minha época, ele chegou a promover algumas do tipo em São Paulo e no Rio, para divulgar o Jiu-jitsu como um preparo eclético, por isso, quando uma das academias locais anunciou seu ensino corri para lá, mas era propaganda enganosa, pois o confundiram com o Judô. Não tinha o que eu queria. Como eu havia aprendido algumas **técnicas de defesa** contra agressões nas ruas, onde não havia juízes, regras etc., em **1966** decidi montar escola para treiná-las e ensiná-las a quem mais quisesse aprender. Montei-a e com o tempo desenvolvi a Tudoeira, método que abrangia vários golpes da capoeira. Apesar disto, nunca a chamei de capoeira, porque os golpes obedeciam a **princípios** da briga de rua.

W: O senhor correu riscos sérios abrindo academia com tal autonomia, porque praticantes de artes marciais com **técnicas** desenvolvidas por séculos ou milênios poderiam ir lá e desafiá-lo! **Jorge:** Bom, sabendo que entrava “na chuva para me molhar” usei um bom “guarda-chuva”: o meu sobrinho, **Valter Barbosa**, que eu tinha ensinado a brigar desde menino e se tornou um trocador valente. Quem vinha me desafiar, primeiro tinha de enfrenta-lo. Se o vencesse, podia me encarar. Com o tempo preparei mais alunos e os desafiantes “paravam” também em **Antônio Pascoto, Toninho Galvão, Abdala Dipsie, Ezequiel Mena, Joel Augusto Rufino, Natale Zuanette, Gerson “Ascensorista”, Jair “Metalúrgico”, Guilherme Grams, Tonhão** e outros aos quais peço desculpas por não lembrar no momento. O Gerson ascensorista, como o Valter, era ótimo na troca de socos e pontapés, e o Jair, que trabalhava na Metalúrgica Nossa Senhora Aparecida, tinha as mãos tão calejadas e fortes, que só de pegar na gente já machucava. Tinha força descomunal e dispensava técnicas ao encurtar espaço e arrancar o sujeito do solo, elevá-lo acima da cabeça e arremessa-lo contra a parede ou chão. Foi um dos que



(131) Mestre Jorge e mestre China
(2004)



(132) Mestre Jorge e mestre Risadinha
(2003)

apareceu para me desafiar e foi “amansado” pelo Toninho Pascoto, judoca faixa preta que era faixa marrom quando entrou na Tudoeira. Ele tinha físico atarracado e foi Mister São Paulo duas vezes e terceiro colocado em campeonato de Mister Brasil. A luta entre eles foi realizada com as portas da academia abertas ao público, e depois dela o Jair se tornou meu aluno. **W** - Soube que dois desafiantes burlaram o teste... **Jorge: É.** No horário que vieram só havia alunos novos e despreparados para o teste. Agora, o pessoal do Judô era disciplinado

e não buscava lutas fora do esporte, por isso estranhei quando apareceu na academia o estudante de Medicina **Haruo Nishimura**, judoca faixa preta, peso pesado e campeão sul-americano de nível olímpico. Ele era enorme e ainda por cima com fama de bom de briga (NP 15)... Ficou lá, me observando treinar preocupado. Aí, me convidou – Graças a Deus – para a parceria na academia. Se me desafiasse, seria um desrespeito deixar a “bomba explodir” sobre alunos e aceitaria para não “amarelar” diante deles, mas não usaria quimono e não sei se sobreviveria para contar. Quando ele propôs parceria, vi que estava de bom humor e aproveitei para convencê-lo a me ensinar Judô de graça. **W:** Pelo jeito sobreviveu aos dois que burlaram a barreira dos alunos? **Jorge:** São pessoas conhecidas na cidade! **W:** Um ex-aluno seu me pediu discipulação, mas contou que um atravessou a rua com clavícula e costelas quebradas, carregado em maca, para ser internado no **Hospital Samaritano**, e outro foi nocauteado, e quando acordou, já estava na maca, para ser levado... **Jorge:** Ora, esse ex-aluno falou demais..

E LÁ VAI PERNADA!

W: A propósito, aviltando o sacrificado trabalho pioneiro, um livro sorocabano de folclore, afirmou que havia capoeira em Sorocaba antes de 1969... **Jorge:** Bobagem! uns constroem a verdade outros a destroem. Jesus disse: “Eu sou a verdade..”. e os puxa-sacos do poder trataram logo de se reunir para destruí-lo. Mas a verdade, como Jesus, permanece disponível para quem quiser vê-la.

W: Esta obra equivocada inspirou uma porção de “pesquisadores” e “historiadores” mais preocupados em justificar os erros iniciais do que em verdades históricas! Depois que denunciei o engano e solicitei prova documental sobre a existência de capoeiristas na cidade, antes de 1969, eles “lembraram” de pesquisar e foram até o século **XVIII**, sem provar a existência de nem um. Entretanto, para não terem que admitir **erros** publicaram outros... E, finalmente, para “provar” que estão “com a razão”, **avacalharam** de vez com a arte e a **profissão da capoeira**, denominando a qualquer um que se **diz ter usado as pernas** antes de 1969 de “capoeirista”. Fabricando convenientes arranjos com “papos” de alguns ingênuos e de outros nem tanto, sobre “rodas de pernadas”, a cidade de antes de 1969 “se encheu” de capoeiristas. **Jorge:** Isso não é divertido? **W:** Não acho! Com eles, até respeitáveis e discretas donas de casa das décadas de 40, 50 e 60, “lembram” de técnicas que até **iniciados** em capoeira têm dificuldade de identificar! Um entrevistado chegou a “lembrar” como a capoeira nasceu, afirmando que foi no século XVI! É repugnante ver como dão “espaço” para besteiras, em oposição à seriedade científica e documentos existem. Oram porcarias na cara do povo sorocabano e educam as novas gerações a “fazerem história” enviando “lembranças” e “depoimentos” com nomes falsos a funcionários de jornais, que de má fé os publicam e ao mesmo tempo rejeitam publicar contestações. (nota do autor: um dos “saudosos”, inclusive, possui um site de pornografia na Internet). O senhor acha isso divertido? **Jorge:** Bom, quem não gosta de ser “enrolado” verifica se existe documento, notícia em jornais, etc., sobre capoeira ou “pernada” em Sorocaba. Se não encontra, desconfia de “rolo”. Eu nasci e cresci nesta amada terra, esquadrinhando suas ruas, em meio de briguentos e praticantes de luta, e **nunca** ouvi falar de “rodas de pernada” na cidade. Mas, como eu dei pernada antes de 1969, não acusaria de mentiroso quem dissesse que trocou pernadas em alguma roda de samba ou fora dela, na época! Só não foi **prática regular** nem **notável**. Aliás, foi coisa foi coisa **insignificante**, sobre a qual alguém só falaria hoje por ter muito interesse.

Observe que **demonstro** tudo que afirmo, com documentos e provas racionais... Lembro que nas décadas de **50 e 60**, por exemplo, o extraordinário artista negro, **Grande Otelo**, aparecia, entre outros, nas antigas chanchadas do cinema nacional, dando rasteiras e pernadas e simulando o surgimento de imitadores em todo país. Mas ele também dava soco, cutilada, mordida e chorava, de modo que as rasteiras e pernadas eram insignificâncias nesse contexto. E cada ato desses ocorria em **conexão** com a seqüência cênica do papel representado e não com uma exibição

de **sistema especializado de dança folclórica**. Quando um pugilista dá um soco, o carateca uma cutilada, realiza o movimento que é **parte** de um conjunto de **conhecimentos técnicos de sua especialidade**. Quando você pergunta a um sujeito, se deu, viu ou soube de alguém dando queda de judô, golpe de caratê, soco de pugilista ou rasteira de capoeira em outro, a probabilidade de ele responder “sim” é enorme, porque é induzido a isso. Mas ele viu realmente um judoca? Um carateca? um boxeador? Ele viu um **praticante** regular **profissional** ou **diletante** de um **sistema técnico**? Ele pode responder que sim por não ter compromisso **com a verdade** e por ser ingênuo e **incompetente** para distinguir golpes banais dos de dada especialidade ou corretamente aplicados. Mas o entrevistado pode falar o que quiser, porque a **competência** e a **responsabilidade** histórica deve ser do pesquisador, e ele dispensa tais virtudes por ter um **interesse**, como por exemplo, o de “provar” que existia carateca na cidade antes de 1969, aí vai dizer que socos, tapas e pontapés dados antes desta época eram do “caratê sorocabano”, o precursor do caratê oriental e da a essas coisas uma importância eu na época não teve. Com tal “responsabilidade histórica” vai achar depoimentos até sobre saci carateca e com um pouco de ajuda seus entrevistados cantam até hinos ao caratê. Só não provará **nada** com **lógica racional** nem **documentos** porque não é pela **verdade** e sim contra ela, ou seja, estar sempre em **contradição**. Ele põe no livro algo assim: “Fulano e beltrano (segue lista de dados pessoais de fulano e beltrano **aparentando** seriedade), declararam, junto com os vizinhos (novas listas), que se cicrano (outra lista) treinava caratê de quimono, de manhã, numa área de sua casa, com a esposa (mais uma). Cicrano e a esposa são entrevistados e confirmam o fato”. Mas não apresentará documentos sérios deste “fato”, porque revelariam que o “quimono” era um pijama e o cicrano um vagabundo que espancava a mulher quase toda a manhã, pois ela não o deixava dormir até tarde. Eu treinei pernada e rasteira no campinho do Buracão da rua Artur Gomes, sem nunca as ter visto em “roda”. E assim como lá, deve ter tido troca de mordidas, de socos, e de pernadas em outra parte, entre pessoas brincando, dançando, lutando ou brigando. Mas as mordidas não foram precursoras das do cão **pit bull**, nem os socos do pugilismo e as pernadas ocorridas no Buracão, nas brigas ou em algum bairro ou desfile carnavalesco, se houve, não foram precursoras de **nada**.

Tais pernadas se existiam, foram **eventuais**, insignificantes e nada notáveis, pois não eram apresentadas em conexão com dança folclórica, luta ou ginástica praticada com **regularidade** e de modo **coletivo**. Se não me engano, os próprios pesquisadores já declararam por aí que elas aconteciam uma

ou duas vezes por ano em ensaios de desfiles de carnaval. Ora, uma prática **regular** de povo cria **adeptos** que terminam se **especializando** nela e a mantendo “viva”. Pela constância da prática a tornariam notável pois despertariam a curiosidade dos folcloristas, dos historiadores, dos jornalistas, pintores, poetas, fotógrafos e escritores, **da época**, que a documentariam, pois eram **competentes** e **responsáveis**. O problema é que **reunir pessoas** para realizar uma regular atividade não é fácil. É preciso alguém que trabalhe muito como líder e na função de “mestre”. E tanto as pernadas de Sorocaba foram eventuais, que não formou **lideres especialistas** nem adeptos capazes de passá-las a outras gerações, e que a preservariam em algum reduto, nos bairros, nas ruas, nas praças ou em salões, como aconteceu com a Folia de Reis, a Capoeira, o Batuque, a Umbigada, o Cururu, o Judô, o Boxe, etc. Por outro lado, qualquer **mentecapto sabe** que a capoeira da cidade não se desenvolveu da “pernada de Sorocaba”, e se esta não existe, sendo desconhecida do povo a ponto de “pesquisadores” terem de “resgatá-la”, não foi **precursora** de **coisa alguma**. Certo?

BRIGUENTOS DOS ANOS 40, 50 E 60

W: O senhor ainda é briguento? **Jorge:** Não no sentido da sua pergunta! Eu defendo com firmeza certos princípio e idéias! Aliás, **todos** pugnam na defesa de algum valor material ou imaterial, cada qual a seu modo. Uns com consciência, de modo franco, aberto e leal, outros dissimulando, **traíndo, mentindo**. Sempre há quem use coisa pior que força bruta. O **ideal** seria que **todos** se realizassem na vida sem prejudicar ninguém e quando ocorressem conflitos de interesses, se acertassem, em conversa **honestas**, para se reavaliar e compor os erros. Mas, isto não é possível, pois a maioria acha que **interesse** é ideal, e honestidade é ter “ficha limpa” nas instituições do **poder** ideológico, e para não ver o que realmente defende, evita discutir idéias. Se insistirmos em discutir, reage com ódio, não com razão. **W:** Deve achar que quer brigar no braço! Entrevistados disseram que brigou muito no passado! **Jorge:** Mas aí me defendia da agressão física, não de desafios intelectuais!

W: Pode falar das brigas no braço? **Jorge:** Lembro de uma troca de sopapos aos 4 anos de idade, e depois, isso se repetiu muito, na minha infância, adolescência e mocidade, porque na rua, vila ou cidade, muitos

forçavam **reação compatível**: “no braço”. Porém, a lei era mais respeitada e os briguentos eram inofensivos frente aos **desumanos** agressores atuais, que ficam impunes pela **falta de respeito estatal** aos **direitos humanos** do cidadão trabalhador, e descarregam um revólver em você sem pestanejar. Qualquer pivete raquítico faz isso, só para ver de que lado você vai cair, porque não teme **reação compatível e justa**. Naquele tempo, o menor inimputável da classe média para baixo, era educado a desprezar o mau caráter e a enaltecer o cavalheiro heróico e **defensor da justiça**, exemplificado pelos mocinhos do cinema e das revistas em quadrinhos. Quase todo jovem brigava imitando heróis **éticos** dos filmes, como Tom Mix, Gene Autry, Roy Rogers, Brick Bradford, Charles Starrett, Tex Ranger, Tarzan, Jim das Selvas



(133) Engraxates brigando...
Jornal Cruzeiro do Sul - 13/03/1973

e outros, que não bebiam nem fumavam, combatiam o mal, **não mentiam** e eram cidadãos exemplares. O “mocinho” **não traía**, não era ingrato, não abandonava amigos nem matava a esmo, não cheirava pó, não assaltava, como os que hoje são dados para a juventude se identificar. Como prêmio, no fim dos filmes ele recebia a gratidão pública e “a mão” da recatada, bela e virginal mocinha, enquanto o bandido ia para o xilindró, virar “boneca de preso” e ser execrado publicamente. Ninguém queria ser preso nem execrado, por isso os garotos viviam fantasias quixotescas nos confrontos de rua; eram mocinhos em luta contra vilões. Brigava-se, então, mais por **educação** cultural do que em razão de inclinações, tanto que as brigas estão registradas nos filmes nacionais e estrangeiros da época. Hoje, o jovem reproduz “lavagem cerebral” da **moral inversa**, que iniciou nos anos **50** e se desenvolveu nos **60** e seguintes, quando os heróis reverenciados pela mídia passaram a usar drogas e a fazer coisas piores. Ídolos desorientados e individualistas foram usados como fantoches para ampliar o mercado de consumo e levar garotos embriagados a disputar “rachas” automobilísticos, a serem **irracionais, rebeldes e ingratos** frente aos pais, família, professores, e a se tornarem adultos imunes à reflexão ponderada. A **ordem** que esses ídolos **obedeciam e ensinavam** era a de gerar **conflitos** nas famílias, desagregar pessoas, **dividir**, para criar fraqueza de caráter e **escravos do mercado**. Durante a década de **70**, e após ela, induziram à promiscuidade sexual e a irresponsável gravidez, que conduz à explosão demográfica, à indiferença imoral do individualismo patético e patológico,

ao aumento da miséria, à degradação ambiental, ao assalto, ao roubo de carros, ao latrocínio frio e ao terrorismo suicida que explode famílias e cidades. Hoje, portanto, crianças são levadas à irreverência rebelde, típica da barbárie instintiva e animal, identificando-se com exemplos adultos de uma geração retida na superficialidade mental do **consumidor de drogas**, incluindo-se entre estas todo tipo de **porcaria** e idéias idiotas.

Quando exponho isto, sempre tem alguém para me rotular de “pessimista” ou “saudosista” e “explicar” os problemas atuais pela “proporcionalidade” ao crescimento populacional. Quer que aceitemos como “normais”, fatos **porcos** que não o incomodam e com os quais se dá bem, pois nos diz que, “antes também existiam corruptos, malandros e vagabundos”. É claro que existiam! Mas eram em pequeno número, exceções entre pessoas educadas para ter “vergonha na cara”. Por isto, a cadeia representava uma esperança de regeneração! Por ter “vergonha na cara”, por exemplo, havia descendente de japonês praticando *hara-quiri* quando pilhado em escândalo e pessoas falidas se suicidando por causar prejuízos ao alheio. Devido ao pequeno risco, tinha gente emprestando dinheiro e alugando imóvel sem documento algum. Hoje, a confiança no próximo e a esperança de regenerar bandido na cadeia aumentaram com o aumento populacional? **W** – Não. **Jorge** – Então é absurdo se falar em proporcionalidade.

Aliás, O sujeito pode alegar que esses problemas decorrem do **progresso**, pois “existem nos países de primeiro mundo”. Quando ele fala em **progresso**, aqui, se refere ao aumento da degradação moral, ética e humana, e quer que nos conformemos com a perda dos valores civilizados, dizendo: “Ah é? Então está bom!”. Esse sujeito não tem consciência do que é **liberdade humana** e **soberania**, por isso acha “normal” a bandalheira, ou tem **interesse**, quer que continuemos **escravos** e “macacos”; **imitando** estrangeiros até nas **porcarias**. Na minha juventude interiorana, a **educação** ainda tinha algo de conservador e imputava covardia a quem se aproveitava da ajuda de terceiro em disputa de dois, ou usasse armas como pau, pedra, faca ou revólver, contra outro desarmado. Éramos educados nessa moral **exemplificada** por bisavós, avós e pais. Alguém poderia alegar que essa moral era hipócrita e ter alguma razão nisso, mas, deixa de raciocinar quando defende como **solução** para a hipocrisia, esta **educação** que levou ao aumento da **mentira** e da **porcaria**. Ela foi incrementada com o aperfeiçoamento dos meios de comunicação de massas, durante e após a

segunda grande guerra, e com a divulgação safada de teorias psicológicas deformadas. Tal **educação** neutralizou a moral conservadora, que contrariava os amplos interesses de expansão do mercado consumidor. Com ela, a “moral hipócrita” foi substituída pela “revolucionária” liberação dos costumes, cuja “saudável liberdade” é o “presente de grego”, que leva na animalidade irracional a força que é amestrada e escravizada, pois burla a **consciência** e aniquila a disciplina que poderia preparar para as responsabilidades sociais.

A liberdade humana e autêntica, meu amigo, nenhum mercador oferece a escravos que explora e dos quais depende, e muito menos com tanta publicidade! Ao contrário, ela é **conquista** da mente que **raciocina** sobre o que realmente **significa a liberdade humana**.

Na infância, quando ninguém pode racionar no que é **educado**, são instalados os **padrões habituais** de pensamentos culturais que viram vícios de **condutas** na idade adulta. E, assim como é difícil ao viciado em álcool, fumo ou tóxico, atender a apelos contrários aos vícios, também o condicionado não **sente** disposição alguma para discutir **sobre os padrões que aprendeu**.

SOBRE EDUCAÇÃO... E PERNADAS, DE NOVO

O mau caráter virou “mocinho” de cinema e a exceção da minha juventude virou regra. Com o desleixo irracional dos costumes, do aparato repressor da polícia e dos poderes constituídos, a busca pela satisfação animal e egoísta foi liberada e incentivada, levando à corrupção desenfreada, escancarada e sem pudor. Há uma terrível contradição sabotando os esforços dos que **educam** a juventude para a **decência**, porque precisam **oferecer exemplos** compatíveis e a mídia é que fornece os mercadologicamente “certos” e **mais atraentes** para serem imitados. Por outro lado, quando a pessoa condicionada na educação “libertária” tenta educar, **não sabe o que ensina**, se **nunca buscou raciocinar** sobre os **reais objetivos** que a **educação cultural e ideológica** o leva a concretizar. Ensinando sobre “**verdade relativa**”, por exemplo, ensina “**decência**” tão maleável quanto essa “verdade” e, portanto, **indecência**. Então, quando eu era menino detestava brigar, pois era magricela e a estatura não ajudava. Mas era **obrigado**, se queria ser o “mocinho”. E por querer, **virei alvo dos que queriam o mesmo e viam no meu físico discreto a chance de vencer o “bandido”**. Lembro aos que **aprenderam** preconceitos, que nem todo

briguento era necessariamente grosseiro, boçal e arruaceiro. Havia os que brigavam por não terem outra alternativa. Em geral, contudo, os briguentos buscavam admiração, amor e amigos, tanto quanto quem evitava confrontos. A alternativa de ser “mocinho” sem brigar havia, mas não chegava enquanto **exemplo** para todas as classes sociais e personalidades. Para muitos, como eu, só restou a alternativa “heróica e valente” de superar o medo, **reagir**, e se fosse o caso apanhar. Naquele tempo, os pais de família menos abastados foram **educados** para se orgulhar do filho trabalhador, de mãos calejadas e macacão sujo de graxa, e eu queria que os meus se orgulhassem de mim, por isto, desde os 8 anos vasculhei a cidade atrás de fregueses, para engraxar seus sapatos.

E quando meu tio, **Júlio de Campos Garcia**, instalou, **no início dos anos 50**, a banca de revistas do **largo do Mercado**, no terreno vazio deixado pela demolição da **Igreja de Santo Antonio**, fui vender jornais para ele e saía pelas ruas aos gritos, anunciando as notícias de manchete.



(134) Peterson Ramos recebe um tombo do veterano mestre Jorge e passa para a 3ª graduação... (06/12/2003)



(135) Patrícia Ramos também cai e vai para a 3ª graduação (06/12/2003)

Mas anunciava também a invasão que fazia a locais que outros meninos consideravam “territórios” deles. Sentindo-se afrontados pela invasão dos “territórios”, seus “donos” me atacaram tanto que os conflitos se tornaram rotina na minha vida diária. Observe que eu não invadia **propriedades** alheias, e só ultrapassava os **limites** a mim fixados pelos que se julgavam donos de “territórios”. Foram muitas as vezes que tive de **resistir** e me defender com a caixa de engraxate e **esfregando jornais na cara dos agressores**. Tais confrontos me preparavam, certamente, para mais tarde compreender a **perturbação espiritual e psicológica** dos que fazem da arte, da cultura,

da política, do esporte, da profissão, das religiões e das ciências, territórios para o exercício de **poder** de uma “elite”, cujos “donos” só não os demarcam com fezes e urina porque foram **educados** a usar **sujeira** melhor dissimulada. Bolas! Eu brigava tanto que deixou de importar se apanhava ou batia. Só importava **resistir** aos que, conscientes ou não, tentavam me deter nos estreitos limites de seus **padrões arcaicos**. Vendi a **Gazeta** e a **Gazeta Esportiva**, jornais distribuídos na Rua Dr. Braguinha, na sucursal do senhor **João Carone**, e outro que me dava mais prazer, talvez porque pagava melhor e atraía mais encrencas: o **Notícias de Hoje**, que se dizia “da panela vazia” e comunista.

W: Como foi sua passagem pelo Boxe? **Jorge:** Aos 11 ou 12 anos, no recém inaugurado ginásio dos esportes, assisti a luta entre os profissionais, **Júlio Alcalai** e **Arnaldo Pacheco** (19/07/1952). O Júlio tinha envergadura bem menor e perdeu, mas deu um show de agilidade, técnica e valentia. Fiz dele meu ídolo e mestre, passando a treinar a “nobre arte” com ele, na quadra da Escola Normal Municipal, hoje Getúlio Vargas. Apesar de treinar Boxe, entendia que precisava de mais para enfrentar valentões que desenvolviam modos de derrubar, de estrangular, de dar poderosas cabeçadas, pontapés, joelhadas, cotoveladas, rasteiras, mordidas e pernadas. Ih! Eu disse pernada de novo, não foi? Exatamente como disse joelhada, cotovelada etc., não foi? Só uma “cabeça dura” pode imaginar briguento que não usava pernas ao brigar. O briguento usava tudo: dentes, cabeça, unhas, cuspe, gritos, barba, cotovelo, punhos, e se usava as pernas, estando em pé, de cócoras, deitado ou sentado, era para chutar e desequilibrar o outro com rasteiras e pernadas, oras! Dois dos mais famosos briguentos do meu tempo, **Maurício Gagliardi** e **Humberto Del Cistia** explicaram isso (NP 15). No Kung-fu e no Caratê dão rasteiras. No Judô tem o deashi-barai e na Tudeira também, entre outros golpes ditos “de Capoeira”, pois **não é preciso ser capoeirista para realizá-los**. Há muitos golpes que são comuns em várias artes marciais.

Por isso, **quem diz que pernada é capoeira ainda não raciocinou** na bobagem que diz e na **ofensa** que faz, ao capoeirista, que após treinar vários anos **regularmente**, passa a ser comparado com o que é intitulado “capoeira”, porque **diz** ter dado “pernadas” em outros tempos. É preciso **raciocinar**, pois alguns destes “capoeiristas” talvez só tenham exercitado **regularmente** o levantamento de copos de cachaça em botequins, se tornando **notáveis especialistas** só nisso.

No campinho do “Buracão”, eu e outros garotos também treinávamos golpes de *Jiu-jitsu*, mas **nunca** dissemos que fomos praticantes amadores nem profissionais desse **sistema técnico** e **especialidade**. Afirmar isso seria ridículo, pois a prática **regular** de uma luta, folclore ou arte impõe obediência a seus **fundamentos** e preceitos. E nela, o aprendiz passa por **níveis** de aperfeiçoamento até atingir o de instrutor ou **mestre**, que é **respeitado pelas conquistas das técnicas ou conhecimentos**, não pelo que diz ou dele dizem. Então, para se dizer que pernada é capoeira é preciso **ignorar** tudo isso. **W:** E como um capoeirista pode afirmar isso? **Jorge:** Ignorando! Ou então, querendo assunto para realizar algum interesse alheio ao âmbito da capoeira. Pense comigo e verifique que quem sabe ter tido valor como passista de escola de samba, sambista e pernadista, ou ainda briguento, se orgulha disto e não precisa ser visto como “capoeirista”. E o capoeirista que aceita ser equiparado a quem não vê valor no que fez, se é que fez, admite **incompetência**, pois equipara seus **conhecimentos técnicos** com os dele. Aceitando como **seu precursor**, quem **diz** ter dado pernadas na juventude, deve aceita-lo também como **seu** “antigo mestre”, se ele ou alguém **disser** que **foi**. Ai é só ter a coragem de assumir a aceitação crédula, e apesar do **seu exclusivo mestre** não ser admirável pelos **conhecimentos** e não ter **nada** a ensinar das **técnicas** de capoeira, pode saudá-lo na ladainha, mais ou menos assim, “lê, viva meu mestre, iê, viva meu mestre camará, iê, que me ensinô, iê, que me ensinô, a fazê **xixi**, e a fazê **cocô**...”. Como eu, parece que jornalistas, fotógrafos, historiadores, folcloristas, escritores e pintores, que viveram em Sorocaba **nunca** viram as ditas “rodas de pernadas” na cidade, pois **nada** registraram, **na época**. Registraram, quando viram algo realmente **notável**, em **1970**: os capoeiristas **Joel Augusto Rufino**, hoje conhecido médico do trabalho, e **Juraci Martins**, Delegado de Polícia aposentado e respeitado advogado (NP 4) em desfile **inédito e pioneiro** de carnaval, realizado pelo glorioso **28 de Setembro**, que nesse ano foi o grande vencedor, com esses alunos meus e do Jorginho (Cruzeiro do Sul, 12/02/1970).

Mas, voltando ao tema principal, os briguentos de rua aprimoravam golpes, força, explosão, resistência e agilidade. Talvez não com a disciplina e a tenacidade de atletas, esportistas ou profissionais, mas cultivavam bom desempenho na troca em pé, nas quedas e no solo, e partiam ferozmente para cima de qualquer um. Em **1953**, o meu pai, que era guarda civil, instalou uma banca de revistas, jornais e livros usados na Rua São Bento, na calçada dos Correios, para eu tomar conta, e passei a pesquisar tudo o que podia sobre lutas. O material era escasso, raro mesmo, mas colecionei as aulas semanais de *Jiu-jitsu*, do **Hélio Gracie**, na revista “O

Cruzeiro” e adquiri um ou dois livros com raras ilustrações. E para aprender a me defender cada vez melhor convidava colegas de portes físicos diferentes, para treinar no galinheiro dos fundos de minha casa. Na verdade, sempre tinha de convencer um parceiro novo, porque o anterior desistia logo após cair no duro chão de terra batida e se sujar com títica de galinha. O que eu treinava ali testava nas brigas de rua, e como tinha adquirido certa tranqüilidade nelas, aprendi a cair sem me ferir de qualquer modo que fosse jogado. Aprendi a socar, chutar, cabecear, unhar, morder, cuspir e até a peidar, se isto ajudasse a não apanhar. **W:** (Imaginei a cena, não pude me conter e comecei a rir...) **Jorge:** Você pegou o princípio! Se o oponente ria, vacilava, e perdia o jeito de me bater (risos)! Com 14 ou 15 anos comecei a ensinar o que havia aprendido a amigos, em um pequeno campo gramado no “buracão” da Rua Artur Gomes, e me aperfeiçoei de modo que depois disso nunca mais apanhei em brigas. Ensinava a jovens como **Nelson Cotrique, Antonio Galdino, Luiz Alfaiate, Valfrido Alemão, Gaúcho, Vital Brasil** e a outros que me procuravam. Tive amigos inseparáveis, com os quais saía e que viram algumas brigas da minha juventude. Aproveito aqui para enviar meu agradecimento comovido a **Rubens Martins**, Nelson Cotrique e Antonio Galdino (NP 12), pela inesquecível amizade e amparo que me dedicaram nessa juventude.

W: Os senhores **Nelson Mena** e **Afonso Barchi** (NP 5,12) disseram que continuou ensinando e brigando lá no quartel... **Jorge:** Mas eu já evitava brigas, porque namorava firme. Quando saí do quartel estava casado, e depois de desenhar para o **Jornal Diário de Sorocaba**, a convite dos queridos e saudosos, **Vitor Cioffi de Luca, Dona Terezinha Grosso de Luca e Heitor da Costa Nunes**, fiquei tão doido para vencer no comércio que com 22 anos tentava conciliar a propriedade de dois açougues e uma marcenaria. Trabalhava muito, mas era ingênuo, e em **1963** perdi tudo. Depois de trabalhar alguns meses, com o **Luís Freitas Júnior**, ao qual o senhor **Domingos Oréfice** me apresentou, fui para São Paulo e em **1965** voltei com representação de vendas de livros no **Edifício Rosa Maria**, como contou o **Ezequiel de Assunção Mena** (NP 5). **W:** O que o senhor acha do mestre de capoeira formar outro? **Jorge:** Ótimo! “Mestre” significa o mesmo que “professor”, pessoa que guia, que ensina um conjunto de **técnicas** ou de **conhecimentos**, arte ou ofício. O problema é que, esses títulos também são usados, com o fim de **diferenciar** o status **superior** do “mestre” frente ao **inferior** “professor” e aos ainda **mais inferiores** alunos. Ora, se “mestre” não significa apenas quem ensina, mas alguém **superior** em certa hierarquia de **poder**, podemos confundir **ensinar** com o exercitar **poder** e manter as pessoas **submissas** a tal **poder**, acreditando que ensinamos **liberdade**. Aí,

confusos, convocamos pessoas a **lutar por liberdade** ensinando-as a dócil **submissão** a arcaicas estruturas irracionais de **dominação**. Então, o problema é: “Quem forma outro “mestre”, ou “professor”, **autoriza-o** a ensinar técnica, arte, ofício ou a realizar os **interesses** do **poder** que **autorizou**?

UM INCÔMODO E POLÊMICO MESTRE

W: Tem gente que o acha polêmico, muitos rejeitam suas idéias e outros não gostam do senhor. Isso não incomoda? **Jorge:** Muito! Sempre quis que as pessoas gostassem de mim. Mas, uns não gostam porque os magoei sem pretender, e como “nunca” pecaram ou erraram como eu, me condenam sem perdão. Afastam-se, e de onde estão atiram pedras, sem me permitir desculpar-me por tê-los magoado. Fogem do diálogo conciliador e de discutir a mágoa comigo. Como tento realizar coisa mais importante na vida do que ficar correndo atrás de “crianças emburradas”, aguardo a reconciliação para mais tarde e continuo trabalhando. Outros não gostam de mim, por rejeitarem minhas idéias! Gostaria que não as rejeitassem **por preconceito** e as criticassem de modo racional, franco, aberto e honesto, expondo os meus erros, pois fariam a caridade de ensinar-me a reavaliá-los e conserta-los, mas nem todos se propõem a fazer caridade! Tem também os que não gostam de mim porque ao procurar verdades questiono contradições e isto contraria mentirosos. Eles sentem-se denunciados e, em vez de aproveitar para aprender a evitar contradições, ficam com ódio. Estes, só me incomodam quando me aprovam, pois vejo na aprovação o perigo de estar compactuando com as **mentiras** que eles julgam “certas” e me **submetendo** às mesmas **autoridades** mentirosas que os **submetem**.

W: A capoeira de **1968** era diferente da atual? **Jorge:** Capoeira é uma atividade coletiva, que envolve rituais e técnicas específicas, de música e de movimentos obedientes a **princípios**, que tornam sua prática distinta de outras especialidades. Definida em suas particularidades, logo se verifica que só existe uma capoeira e que toda prática que não deriva dos seus princípios, não é capoeira, é outra coisa. A Capoeira que se considera original é chamada de Angola e a ela **mestre Bimba** imprimiu sua personalidade sem alterar seus princípios, criando o estilo Regional. Tem o Miudinho do mestre Suassuna, a Capoeira Mística... Todas são meros estilos derivados da original.

Apesar de tudo indicar que a capoeira surgiu na Bahia, tem pessoas reivindicando a paternidade da Capoeira para os cariocas. É preciso esclarecer isso com documentos, sem

transformar a linda arte da Capoeira numa **bastarda** com pais difusos **interessados** em dizer que tem capoeira formal e informal, baiana, carioca, amazonense, paulista, sorocabana, boituvense etc., porque na mesma linha, virá a capoeira francesa, australiana, chinesa, japonesa, egípcia etc., e todas “provadas” com depoimentos de cidadãos estrangeiros com “boa memória”. É preciso **acordar** capoeirista brasileiro, enquanto é tempo. Seu ouro, suas florestas e riquezas já foram e você não está trocando bruxa por saci, só dando...

Então, em **1968**, o pessoal da capoeira que conheci eram pessoas modestas, integradas na comunidade total e sem preocupação de aumentar a massa muscular, pois esta é uma **moda recente** importada dos fisiculturistas e halterofilistas. Não acho “errado”. Só digo que na época se entendia que a prática da



(136) Mestre Jorge (2003)

capoeira era suficiente para dar saúde e físico atlético proporcional, natural. O desenvolvimento artificial dos músculos, os cordões, uniformes e muitas outras coisas de hoje decorrem dos padrões **mentais instalados** após **1968**. Como as pessoas mudam em função das pressões culturais, alteram, muitas vezes, o **objetivo** antes dado às atividades. Assim, por exemplo, quem cantava para puxar respostas na roda de capoeira, hoje talvez cante para gravar CD e fazer sucesso como cantor; quem jogava capoeira por vadiagem, hoje pode ter a vadiagem como profissão... Eu diria que a capoeira é uma matriz fecunda e passível de ser **usada** de muitos modos, como folclore, auxiliar da educação, em processos de terapia fisiológica e psicológica, como luta marcial, exibição acrobática e prática esportiva. Estes últimos modos de praticá-la a tornaram muito **diferente** da que conheci, menos folclore e mais profissional, mais competitiva e mais exigente de técnica. Antigamente era menos exigente e mais acolhedora. Era mais festa, mais solta, envolvente, espontânea, alegre e carinhosa. Com menos exigências as pessoas desenvolviam gingas e estilos mais variados. Sem achar uma melhor que outra, digo que a capoeira ganhou a agressividade da competição incrementada por torneios, rivalidades entre grupos, academias e federações.

Essa diferenciação de comportamento dos capoeiristas se consolidava, quando parei com a capoeira e fui dar outras voltas ao mundo. Bem mais tarde, com 60 anos, percebi que devia voltar aos exercícios físicos e achei que não teria condições de atender às exigências dessa capoeira que aí está, uma prática de titãs e de musculosos acrobatas, que criaram a própria comunidade e parece distante do alcance dos cidadãos comuns. Por isso fui treinar **Aikido**, na academia do simpático **Sensei Costa**. Treinei pouco lá, mas o suficiente para “ouvir” o **mestre Muhirey Ueshiba** me alertar sobre o que eu ainda tinha para **fazer** na capoeira. Sabendo que, toda **atividade pode** ser desviada de seus **objetivos** humanitários originais, para servir à estrutura de **poder** dos mercadores de escravos, entendi que deveria **voltar à capoeira para discutir** sobre sua especial **função libertadora** do espírito. Aí voltei e **teve gente que não gostou nada dessa volta**.



(137) Uma delicada baianada do mestre no prof. Diógenis... (2005)

W: Voltou porque viu que ainda poderia fazer muito pela capoeira?
Jorge: Não. Também não voltei para lutar nas ruas, nas praças ou Olimpíadas! Voltei porque percebi que podia **ensinar** o que aprendi, e tendo isto claro, verifique que o “ainda” de sua pergunta revela o equívoco que retardou minha volta, pois insinua que capoeira é apenas prática **física**, acrobática e corporal, portanto vedada ao sexagenário. Mas, a capoeira só é física para quem não usa o cérebro, já que ela é um **conjunto de conhecimentos** que encaminha movimentos do corpo para dado **objetivo**. E não voltei para fazer algo pela capoeira, porque quem diz que faz, é prepotente e se ilude, já que a capoeira não é entidade capaz de desfrutar benefícios. Quem a pratica é que se beneficia de muitas maneiras. Logo, **fazer** algo pela capoeira é perder tempo. Mais inteligente é **fazer** algo em favor das pessoas, que desfrutam.

W: Pode falar sobre sua passagem pela **FADI**, Federação de Teatro, Faculdade de Psicologia e PT? **Jorge:** Por volta de 1971 tive sonhos premonitórios que abalaram minha visão materialista da vida, e passei a procurar explicações racionais e científicas para eles. Foi numa “crise” dessa busca, em **1975**, que encontrei o **José Desidério** na porta da antiga **rádio PRD7**, hoje **Boa Nova**, e ele chamou de “zen” (NP 7) meu estado de dúvidas. Eu ainda buscava, em **1977**, quando fazia a Faculdade de Educação Física

à noite e de manhã a de Direito na **FADI**, onde conheci o **Clodoaldo Rodrigues Nunes** (NP 11), Físico e Cientista Político que com paciência ímpar procurou dar refinamento acadêmico aos poucos conhecimentos que obtive nas lides da vida ou “no bico da bigorna”, como ele dizia. Foi um mestre com quem muito aprendi e a quem sou muito grato. Ganhar a vida e estudar é difícil e problemas diversos me fizeram abandonar as faculdades no meio do ano. Quando retornei a FADI, o encontrei novamente e agora eu cursava a Faculdade de Psicologia no **IUP** (Instituto Unificado Paulista), em São Paulo. Quanto a FADI, espero não ter sido dos piores alunos que passaram por esse venerando e prestigioso templo de saber jurídico, e honrar, com **meus atos**, os eméritos mestres e amigos que lá me assistiram, como os doutores **Ademar Adade** (NP 13), **Cármine Atílio Graziozi** (NP 14), **Aristides Junqueira**, os saudosos **Orlando Bastos** e **Hélio Rosa Baldy**, entre outros... Fui levado ao PT por essa época, pelo Rodrigues. Depois de participar dos eventos que o formaram o Partido na cidade, pedi desligamento em **1984**, quando era primeiro suplente de vereador e após ter sido Vice-presidente da Executiva. O fiz por concluir que não encontraria o que buscava na política partidária. Mas, ao sair não decepcionei ninguém, pois não saí falando mal de companheiros nem abandonei tarefas sob minha responsabilidade, **não traí princípios** nem os grandes amigos que fiz e preservei, entre eles a Deputada Federal **Iara Bernardi**, o Deputado Estadual **Hamilton Pereira** (NP 5, 6), o médico **Antonio Sérgio Ismael** entre outras pessoas admiráveis pela probidade, retidão de caráter e dedicação ao que acreditam. Sobre a **FESTA**, os amigos **Benão, Ismael Hergezel, Matilde Santos e Claudinel Renato** (NP 8) já disseram tudo.

W: Encontrei notícia no Jornal Cruzeiro do Sul (25/04/1982), informando que o senhor foi cogitado para ser candidato a prefeito do PT em Sorocaba? **Jorge:** Sim. Mas, o amigo e admirável médico, **Fausto Carneiro** foi escolhido em convenção e foi o nosso candidato em **1982**.

ANARQUISTA, GRAÇAS A DEUS!

W: Daí o senhor tornou-se anarquista? **Jorge:** Não mesmo! Na realidade temos a prova de que a maioria das pessoas não possui **consciência** necessária para uma sociedade de auto-gestão. Se possuísse, já teria essa sociedade e não seria arrastada para buracos da direita, do centro e da esquerda. É lamentável, mas as massas seguem líderes “certos” que a mídia oferece. Com suficiente **consciência**, seguiriam a **verdade** e se deixariam governar por ela...

Aliás, aproveitando o ensejo, um dia eu disse a uma pessoa que, raciocinando cheguei ao **amor e à verdade** anunciada por **Jesus Cristo** e ela perguntou se eu era kardecista. Respondi ser jorgista e ela fez uma expressão de não ter entendido nada. **W:** É cristão, né? **Jorge:** Quem quer conhecer alguém deve se dedicar em conhecer, não em **enquadra-lo** nos limites de seus **prévios conceitos**, rótulos ou **padrões mentais**, só para **acreditar** que já conhece.

W: O senhor parou com a capoeira quando? **Jorge:** Pouco tempo depois da roda que inaugurou a sala em frente ao Objetivo, em fins de **1980**. O mestre Luiz Sabugo a comentou em entrevista dada a você. Como lá a locação era nova e o preço do aluguel alto, a capoeira teve de voltar para a rua da Penha poucos meses depois, criando um **problema** de incompatibilidade com a nova organização da escola. Nessa época era o **Eduardo** que me auxiliava e o apresentei ao mestre Suassuna, para me suceder na condução da filial do Cordão de Ouro. O Suassuna exigiu dele um estágio na matriz de São Paulo e como solução provisória os treinos foram transferidos para uma quadra alugada do clube Vasco da Gama, até que, **em meados de 1981 ele levou os alunos para o clube "Sorocabinha" e depois a um barracão no Além Linha (Cruzeiro do Sul, 28/03/82).**

W: Por notícias em jornais verifiquei que, em Julho de **1982** a escola Magnus mudou para a rua Monsenhor João Soares e o Grupo Cordão de Ouro retornou ao prédio da rua da Penha. Os cursos de manequim e de balé deixaram de aparecer nos anúncios da Escola Magnus para continuar nos da Penha. Você os deixou para o Eduardo...? **Jorge:** Não lembro deles. Entretanto, se alguma vez fiz algo que o competente empresário e capoeirista, **mestre Falcon**, aproveitasse foi pouco, diante do apoio e da colaboração que dele recebi.

Você me lembra de agradecer, pois temos um **vício** de esquecer, em época de vacas gordas, o amargor das incertezas, os medos e angústias que nos assolam nos tempos difíceis das vacas magras. Aí começamos a nos sentir o máximo e a dizer: "Eu me fiz sozinho, por mim mesmo!". Esquecemos dos que nos ajudaram no começo e a chegar onde estamos. Nada justifica essa torpe **ingratidão**, por isso **agradeço**, acima de tudo a **Deus**, pela **luz** que nutre, ilumina caminhos e aquece, pela saúde e por tudo enfim, depois, aos pais amados que me geraram e com tantos sacrifícios e muito amor cuidaram de mim, me ampararam, até que eu pudesse prosseguir, sempre sustentado por outras mãos, na direção que me indicaram pelo exemplo. Agradeço aos educadores

que me influenciaram a ser o que sou, aos patrões que me ofereceram salários e oportunidades, momentos de segurança e lições valiosas, aos empregados que me serviram, aos que preferem me trair e atacar, porque me estimulam a desenvolver atenção, tolerância e perdão, e a crescer. Agradeço com muita ternura aos amigos, que me ampararam nas horas de tristeza, me encorajaram com palavras, gestos, dinheiro e até com a presença tranqüilizadora.

Em todos os meus livros não esqueço de agradecer **publicamente** aos amigos, que dão alento e esperança à minha vida. Ora, ao Eduardo amei como a um filho, desde que o conheci em **1979**, quando acompanhava o mestre Luiz Sabugo e apareceu na minha academia para assistir a um treino que eu fazia com o **Marcus Sérgio** e alunos. Nesse dia conversamos e ele tornou-se meu aluno no curso de supletivo de primeiro grau, passando também a treinar conosco, até substituir o instrutor **Pipoca**. Tornou-se também um membro de valor do NUPEP, onde conheceu sua esposa, a **Lourdes Caetano**. Ambos me ajudaram durante quase **25 anos** e a eles agradeço de coração.

Jorge: Sua pergunta também me faz lembrar do senhor **Nassib Stéfano**, cujo caráter grandioso e desprovido de ganância mesquinha, suportou com galhardia e **sem nos oprimir**, até **1988**, um contrato de **locação comercial** feito em **1978** com preço atualizado, mas que tornou-se baixo a partir de **1980**, devido a desvalorização inflacionária difícil de recuperar nas locações ditas velhas. Não só por isto, mas pela lição de elegância, cavalheirismo e bondade, agradeço comovido: muito obrigado, querido amigo **Nassib Stéfano** (NP 12), rogo a Deus que o abençoe e a sua família sempre.

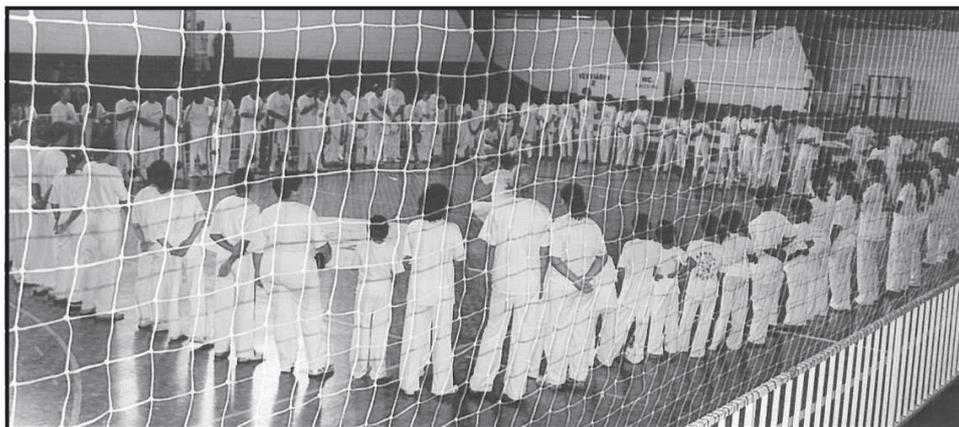
W: Aí parou de vez? **Jorge:** Sim, porque trabalhava muito e queria recuperar tempo. Buscava urgentes **luzes** e já não encontrava tempo para treinar ou ensinar capoeira. Foi só com a eficiente parceria da **Carmen Teresa Almeida**, pedagoga, psicopedagoga, fundadora e atual Presidente da Associação das Escolas Associadas, que pude dirigir a escola, dar aulas, estudar Direito na FADI e Psicologia em São Paulo, participar do PT em Sorocaba, escrever, dirigir e levar peças de teatro, futebol feminino, cine-clubes e outras coisas.

W: Em **1982** apareceram capoeiristas ameaçando fechar academias rivais para **monopolizar** o ensino da capoeira na cidade, soube disso? **Jorge:** Sim. O Eduardo comentava a respeito. O grande “boom” da capoeira se refletiu na cidade, prometendo dinheiro e prestígio que “subiu à cabeça” dos professores de capoeira na época, e muitos passaram a adotar essa atitude, afrontando seu princípio fundamental de **liberdade**.

Observe, que os primitivos **criadores** da capoeira eram oprimidos fisicamente pela **força maior** e **resistiram** à escravidão, mantendo o espírito livre através de práticas culturais **não autorizadas** pelo **poder** que **autorizava** somente o **fazer escravo**. Ora, a resistência cultural só pode ser coletiva, razão pela qual a capoeira, entre as outras atividades, tinha a função de promover coesão e **paz** entre os oprimidos. A **competição** e a **discórdia**, entre escravos, só interessam aos seus donos, que sempre **dividem para dominar**. Sendo assim, encenqueiros na capoeira entristecem sua prática, tornando-a doentia, pois cheia de ressentimentos, medo, desconfiança e ódio. Os mestres antepassados, que criaram e legaram essa maravilha para nós com tanto desvelo e carinho, devem se “revirar nos túmulos”, entristecidos com os que fazem isso. Então, muitos dizem resgatar as **raízes** da capoeira ignorando que o resgate só é autêntico se preservar seus **princípios libertários**.

W: Tem sujeito dizendo que você não deu continuidade e por isso perdeu o direito de... **Jorge:** Como alguém pode me negar um direito que nunca pedi? Deve ser mais um “dono de território” **desautorizando** o que **faço**, por não ser o que ele **quer**! Se quem o ouve é inteligente, percebe logo que ele acredita ter poder, mas confessa total impossibilidade de se impor a mim e só consegue ser fofoqueiro e fanfarrão. Quem percebe isso vê também, **se quiser**, que exército **liberdade** que fofoqueiro nenhum terá, enquanto não aprender que no mundo há coisas melhores para **fazer**, do que fofocas.

W: E a Capoeira Mística? **Jorge:** Nela sigo a filosofia amorosa e procuro **integrar** a todos: gordos, magros, idosos, atletas e crianças na **feita** da capoeira mãe, e ensinar, que dar a “volta ao mundo” não é só girar na roda, mas também na vida, tendo como **mestra maior** a humildade de **aprender** com **todos**, principalmente com o maior de **todos** os mestres, **Jesus Cristo**, que foi torturado e crucificado defendendo a **verdade** que as “elites donas do território religioso” diziam ser “errada”. Obrigado, querido Wellington, e parabéns pela coragem de realizar este trabalho.



(138) Batizado da
Capoeira Mística em
Salto de Pirapora
(08/05/2005)

FINALMENTE, O MEU DEPOIMENTO.



(139)

Eu, **Wellington Tadeu Figueredo**, desde a infância me interessei por artes marciais, tendo iniciado no caratê Shobu-Ryu com o **Sensei Pedro Gattaz**, passado pelo Kung Fu estilo Louva-A-Deus, na academia da Av. São Paulo, com **Sifu Amaral**, depois no estilo Fei-Hok-Phai na rua da Penha, com **Sifu Celso**, tendo recebido algumas graduações nessas artes. Também treinei Aikido com **Sensei Costa**, quando sua academia era próxima ao terminal Santo Antonio e Caratê Kyokushim com **Sensei Zenildo**. Fui formado em Capoeira pelo **mestre Cuco** e pesquisei artes marciais acumulando livros, fitas de vídeo, apostilas, fitas de áudio etc.

Em **1988** conheci o **Jorge Melchades**, ao freqüentar um curso que ministrava, sem imaginar que se tratava do **mestre pioneiro** do ensino da Capoeira em Sorocaba. Como ele nunca se vangloriou disso eu só via nele o fundador do NUPEP, advogado e proprietário de uma escola particular, que dava aulas de Psicologia Racional. Sabia também, que ele havia sido dono de uma rede de lojas famosa, mas por minha prima que trabalhou numa delas, pois nunca se vangloriou disso também. O único indício que tive, do seu envolvimento com lutas, nesse curto contato, foi quando vi em sua estante o livro, "Capoeira sem mestre" de **Lamartine P. da Costa**, mas nada inferi disto porque logo percebi que amava a leitura de assuntos variados e tinha uma biblioteca vasta. Um fato que me causou grande admiração, na época, foi sua franqueza. Era direto, incisivo e com uma argumentação que, às vezes, intimidava. Não pude deixar de perceber também, sua preocupação com o destino dos homens, porque procurava discutir propostas para a melhoria própria e do coletivo.

Parei o curso, mas continuei praticando capoeira e pesquisando sobre ela. Em **1999** tomei contato com um livro de folclore lançado nesse ano por um folclorista da cidade, que dissertou sobre a capoeira como se tratasse de saci, mula sem cabeça, lobisomem e outras coisas fictícias, sobre as quais se **inventam** o que se quer. No livro ele dá várias informações inverídicas, inclusive passando como mais antigo, um capoeirista que os praticantes mais velhos viram iniciar aprendizagem com mestre Sabugo, aí por **1979** ou **1980**. Comentei com dois mestres a respeito e ambos confirmaram as falsidades. Um disse que escreveria um livro no qual elucidaria o erro e o outro afirmou que era normal se fazer "história" na capoeira espalhando boatos aqui e ali. Frustrado, senti-me desafiado a

desvendar a verdadeira história perdida em meio dos boatos mentirosos e um dia, encontrei o livro a “Bibliografia Crítica da Capoeira”, editado em **Brasília, 1993**, pelo Programa Nacional da Capoeira, de **César Alves de Almeida**, o famoso **mestre Itapoan**, capoeira baiano formado do **mestre Bimba**, e consagrado escritor brasileiro. Para minha surpresa, ele mencionava o “jovem mestre Jorge Melchiades”, em Sorocaba, na capoeira desde o ano de **1969**. A partir de então, procurei encontrá-lo novamente, e um dia o vi caminhando na rua da Penha, acompanhado do escrivão de polícia, **Miguel Maciel de Pontes**. Parei-o e disse que gostaria de entrevistá-lo, pois queria escrever um livro sobre a História da Capoeira na cidade. Expliquei que dava aulas de Capoeira de Angola na Academia Nagata, na Av. Afonso Vergueiro, e ele, fazendo referências carinhosas a seu amigo e mestre de caratê, **José Koey Nagata**, convidou-me a visitá-lo. Fui, e ele disse: “Se você está interessado na **verdade** o ajudarei”. Ele havia iniciado um trabalho de capoeira no NUPEP, junto com mestres **Falcon** e **Bujão** (Celso Bersi), no fim ano de **2000** e logo descobri ter encontrado um mestre **admirável em todos os sentidos**, que a partir de então tem sido fonte incessante de surpresas para mim. Logo que comecei a participar das rodas de capoeira do NUPEP, por exemplo, vi, pela primeira vez na vida, um mestre puxar o canto totalmente de improviso. Fiquei encantado, pois só havia lido sobre mestres antigos que o faziam. Fomos nos apresentar em entrevista na **TVCOM**, no programa “**Cantinho da Amizade**” e ali, ignorando meu nervosismo e de outros companheiros, ele desatou uma ladainha improvisada para homenagear seu amigo dileto, o notável radialista **José Desidério**.

Um dia, chegou no treino e perguntou se queríamos gravar um CD. Diante da resposta afirmativa de mais de 40 pessoas, cuja maioria era inexperiente, instalou uns microfones, gravador, e foi logo abrindo a roda do



(140) Jorge e Wellington (2006)



(141) Jorge e Wellington (2006)



(142) Jorge, Wellington e Celso Bujão

treino domingueiro com ladainha improvisada, que ironizava a arrogância e a vaidade... O CD foi lançado e é incrível como ele torna viável, coisas que consideramos inatingíveis.

Hoje, sou mais um capoeirista orgulhoso de ter tido o privilégio de jogar com o **mestre pioneiro do ensino da capoeira em Sorocaba**. E foi realmente emocionante vê-lo, com mais de sessenta anos, enfrentar sorrindo, graduados e mestres bem mais jovens com uma vivacidade, malícia e oportunismo que o tornam ainda, extremamente perigoso. Também tive o privilégio de conhecer alguma coisa sobre a

Tudoeira, prática também **pioneira** e histórica da cidade. Pois bem, esse mestre de espírito inquieto e de **personalidade pioneira**, se preocupou em me ajudar nas pesquisas, a redigir textos e ainda me deu forças para enfrentar diversos problemas emocionais e particulares, revelando meus potenciais e ajudando-me a desenvolvê-los. Um resultado disso foi este trabalho. Outros vieram, e mais virão. Hoje, sinto-me honrado por ser um dos contramestres da **Capoeira Mística** criada pelo **mestre Jorge Melchiades**, que uma vez entendida em seus **objetivos** será abraçada por todos os mestres e professores interessados na paz e na alegria **integradora** dessa arte tão linda.

Fim



Índice

Entrevistados

Ademar Adade	148
Afonso Barchi	132
Antonio Carlos Alves (Pixe)	140
Antonio Galdino Leite Filho	125
Benedito Augusto de Oliveira (Benão)	58
Carlos Alberto Pires (mestre Escravo)	143
Carlos Andrade (Baiano Velho)	37
Cármine Atílio Graziosi	164
Celso Bersi (Celso Bujão)	87
Claudinel Renato da Silva	61
Clodoaldo Rodrigues Nunes	106
Dante Lório Filho	94
Eduardo Alves dos Santos (Falcon)	40
Elisete Ramos Schiezaró (Lia)	157
Esdras Magalhães dos Santos (Damião)	180
Ezequiel de Assunção Mena	32
Geraldo Pedro da Silva	71
Gilson Oliveira Pereira	70
Guyma Baddini	161
Hamilton Pereira	39
Humberto Del Cistia	171
Iara Bernardi	30
Ismael dos Santos Hergezel	55
Jaime Balbino da Silva	29
Janice Vieira	163
Jeová Silva do Nascimento	30
Jessé Loures de Moraes	45
João Carlos do Amaral	95
Joel Augusto Rufino	21

Jorge Melchiades Carvalho Filho	139 / 185 / 193
José Aparecido Mendes (Cupim)	29
José Carlos Barbosa	178
José Desidério da Silva	46
José Lucas Neto	20
José Roberto Ferri (Zeba)	145
Júlio César Oliveira Alves (Risadinha)	29
Juraci Benedito Martins	20
Jurandir Alves dos Santos	25
Luiz Carlos Rafaldini (Sabugo)	64
Luiz Gonzaga Rodrigues	72
Manoel Troiano dos Santos (Cuco)	52
Márcia Brizolla	191
Marcus Sérgio Monteiro Prestes	36
Matilde Santos	45
Maurício Gagliardi	171
Mauro Robles Poiato	24
Nassib Stéfano	132
Natale Zuanette Filho	31
Nelson Mena	33
Nestor Claudio dos Santos (China)	28
Paulo Batista (Tainha)	25
Paulo Sérgio Franzoni	53
Pedro Feitosa de Almeida	44
Pervite Carvalho dos Santos	117
Reinaldo Ramos Suassuna (Suassuna)	101
Rosemil Ferreira de Melo	130
Rubens Martins Mendes	120
Sérgio Robles Poiato	23
Ulisses Nunes	124
Valdenor da Silva Santos	115
Wellington Tadeu Figueredo	219
Wilson Chelles (Cheba)	30



Referências Bibliográficas

ALBINO, Hermes. Atenção a capoeira está chegando aqui!. *Jornal Cruzeiro do Sul*. Sorocaba, 30 jul.1969. p.5.

ALBINO, Hermes. Capoeira: Um Novo Esporte praticado em nossa cidade. *Jornal Cruzeiro do Sul*. Sorocaba, 30 jul.1969. p.1.

BADDINI, Guyma.Em assunto de Capoeira.... *Jornal Cruzeiro do Sul*. Sorocaba, 21 fev.1970. p.9.

BADDINI, Guyma.Capoeira.... *Jornal Cruzeiro do Sul*. Sorocaba, 24 fev.1970. p.9.

CARVALHO, Letícia Cardoso de. Homenagem ao Grande e Eterno Mestre Limão. *Revista Praticando Capoeira*. São Paulo, Ano 1. n.6. p.44.

GONÇALVES, Adelto. A Capoeira Escrava. *Jornal da Tarde*. São Paulo, 6 out.2001.

GRAZIOSI, Cármine Atilio. *Jornal dos Desportos*. Sorocaba, 14 set.1953. 1a.Edição.

GUEDES, Alcir.No Cartaz, espetáculo classico de capoeira inédito em Sorocaba. *Jornal Diário de Sorocaba*. Sorocaba, 9 nov.1969. p.1.

GUEDES, Alcir.Capoeira desafia sempre. *Jornal Diário de Sorocaba*. Sorocaba, 20 abr.1970. contracapa.

GUEDES, Alcir.Capoeira pode ser atração turistica em nossa cidade. *Jornal Diário de Sorocaba*. Sorocaba, 6 mai.1970. contracapa.

GUEDES, Alcir.Estas festas estão agonizando.Se não acudirem elas morrerão. *Jornal Diário de Sorocaba*. Sorocaba, 22 mai.1973. contracapa.

RODRIGUES, Luiz Gonzaga.Coluna do Leitor. *Jornal Cruzeiro do Sul*. Sorocaba, 19 dez.2003. p.A-3.

SANG, Gay.Pioneiro na prática da capoeira lança CD para difundir a arte. *Jornal Cruzeiro do Sul*. Sorocaba, 29 nov.2003. p.b-2.

SANTOS, Esdras M..Zumbi dos Palmares, Capoeirista?. *Revista Praticando Capoeira*. São Paulo,n.28.

QUARENTA pugilistas inscritos até o momento para o I Campeonato Popular de Box de Sorocaba. *Jornal Cruzeiro do Sul*. Sorocaba, 20 jan.1953. p.5.

O "ABISMO" da rua Artur Gomes. *Jornal Cruzeiro do Sul*. Sorocaba, 23 abr.1957. p.12.

EFEITO da Fotografia, segue-se a impressão causada.. *Jornal Diário de Sorocaba*. Sorocaba, 10 mar.1968. p.2.

DEFESA Pessoal Físico Atraente. *Jornal Diário de Sorocaba*. Sorocaba, 28 abr.1968. p.5.

A VIDA é outra com um físico ideal. *Jornal Diário de Sorocaba*. Sorocaba, 26 mai.1968. p.9.

CAPOEIRA já foi mantinga de negro.Hoje é escola. *Jornal Diário de Sorocaba*. Sorocaba, 24 out.1969. p.1.

PRIMEIROS Capoeiras serão batizados no mês de dezembro. *Jornal Cruzeiro do Sul*. Sorocaba, 13 nov.1969. p.8.

CAPOEIRA Defesa Pessoal Ginástica. *Jornal Diário de Sorocaba*. Sorocaba, 14 nov.1969. p.2.

QUE é capoeira?. *Jornal Diário de Sorocaba*. Sorocaba, 14 nov.1969. p.1.

CAPOEIRA foi briga, agora é espetáculo. *Jornal Diário de Sorocaba*. Sorocaba, 19 nov.1969. contracapa.

A CAPOEIRA era briga, agora é espetáculo. *Jornal Cruzeiro do Sul*. Sorocaba, 20 nov.1969. p.9.

A CAPOEIRA era briga mortal; agora é um grande espetáculo. *Jornal Diário de Sorocaba*. Sorocaba, 23 nov.1969. p.1.

ASSISTA Hoje no Recreativo tôda história da Capoeira. *Jornal Folha de Sorocaba*. Sorocaba, 26 nov.1969. contracapa.

ESPETÁCULO de capoeira é hoje no União Recreativo. *Jornal Cruzeiro do Sul*. Sorocaba, 26 nov.1969. p.8.

DEBAIXO de chuva, o "28" mostrou que era melhor. *Jornal Cruzeiro do Sul*. Sorocaba, 12 fev.1970. p.3.

ELA pode matar, já matou!. *Jornal Diário de Sorocaba*. Sorocaba, 14 fev.1970. p.1.

CAPOEIRA luta com navalha no pé. *Jornal Diário de Sorocaba*. Sorocaba, 19 fev.1970. p.contracapa.

CAPOEIRA no Recreativo para todo povo conhecer. *Jornal Cruzeiro do Sul*. Sorocaba, 20 fev.1970. p.3.

ESTA valentia é respeitada. *Jornal Diário de Sorocaba*. Sorocaba, 21 fev.1970. p.contracapa.

HOJE tem capoeira. *Jornal Folha de Sorocaba*. Sorocaba, 21 fev.1970. p.pág 3.

E O PROGRAMA de TV continuou na alegria incontida de tôda Sorocaba. *Jornal Cruzeiro do Sul*. Sorocaba, 31 mai.1970. p.1.

SOROCABA já se acostumou a brilhar na televisão. *Jornal Diário de Sorocaba*. Sorocaba, 31 mai.1970. p.1.

UMA cidade impressionada com a vitória: Sorocaba. *Jornal Folha de Sorocaba*. Sorocaba, 31 mai.1970. p.3.

AULA de Judô em Brigadeiro. *Jornal Diário de Sorocaba*. Sorocaba, 25 ago.1971. p.12.

INTERACT Club abriu curso de Comunicações Sociais. *Jornal Diário de Sorocaba*. Sorocaba, 5 nov.1975. p.3.

SALTO de Pirapora já tem a sua biblioteca. *Jornal Diário de Sorocaba*. Sorocaba, 1 set.1976. p.9.

CAPOEIRISTAS sorocabanos vão hoje a Santos. *Jornal Cruzeiro do Sul*. Sorocaba, 18 fev.1978. p.12.

CLUBE Recreativo promove curso de capoeira. *Jornal Cruzeiro do Sul*. Sorocaba, 9 abr.1978. p.23.

CAPOEIRA: em Sorocaba uma filial da Cordão de Ouro. *Jornal Diário de Sorocaba*. Sorocaba, 7 set.1978. p.13.

CAPOEIRA: esporte a serviço da saúde. *Jornal Diário de Sorocaba*. Sorocaba, 22 set.1978. p.contracapa.

No ESTRADA, o batismo no ritual da capoeira. *Jornal Cruzeiro do Sul*. Sorocaba, 28 mar.1982. p.8.

PT definirá hoje os rumos da campanha eleitoral. *Jornal Cruzeiro do Sul*. Sorocaba, 25 abr.1982. p.5.

CAPOEIRA, um brilhante espetáculo. *Jornal Cruzeiro do Sul*. Sorocaba, 1 mai.1982. p.15.

MAGNUS inaugura cineclub. *Jornal Diário de Sorocaba*. Sorocaba, 9 abr.1983. p.4.

REUNIÃO de Mulheres. *Jornal Diário de Sorocaba*. Sorocaba, 23 abr.1983. p.4.

MESA Redonda: Os Rumos do Teatro Amador em Sorocaba. *Jornal Cruzeiro do Sul*. Sorocaba, 25 jan.1984. p.10.

AS MULHERES mostram que também entendem de bola. *Jornal Folha da Cidade*. Sorocaba, 5 fev.1984. p.16.

ESTRÉIA no Municipal "Beijos da Traição". *Jornal Cruzeiro do Sul*. Sorocaba, 17 nov.1984. p.15.

NO FANTOCHE dança e capoeira. *Jornal Cruzeiro do Sul*. Sorocaba, 24 nov.1984. p.15.

INCIDENTE acaba com Unidos do Cativoiro. *Jornal Diário de Sorocaba*. Sorocaba, 01 mar.1990. p.1 e p.5.

PETTA, Rosangela. Capoeira o jeito brasileiro de ir à luta. *Revisa Superinteressante*. São Paulo, Ano 10, n.5. Maio 1996. p.49.

ACADEMIA Liberdade faz batismo de capoeira. *Jornal Cruzeiro do Sul*. Sorocaba, 03 mai.1998. p.20.

LEGÍTIMA capoeira de angola em CD. *Revista Combat Sport*. São Paulo, out/nov/2000. p.9.

Há 35 anos, o jogo da capoeira chegava a Sorocaba. *Jornal Cruzeiro do Sul*. Sorocaba, 11 abr.2004. p.A-8.

GRUPO lança CD de Capoeira Mística. *Jornal Cruzeiro do Sul*. Sorocaba, 3 set.2005. p.b-6.

